

ARTURO
PÉREZ-REVERTE

REVOLUÇÃO₅



Uma viagem aos meandros
do coração humano.

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ARTURO

PÉREZ-REVERTE

REVOLUÇÃO



Uma história de
revolução

1938

Capa

Ficha Técnica

1. O Banco de Chihuahua
2. As pontes de Ciudad Juárez
3. O ouro do coronel Villa
4. O barranco do Fraile
5. A Casa dos Azulejos
6. Encontro no Zócalo
7. Notícias da revolução
8. Um assunto de cavalheiros
9. Dez dias de fevereiro
10. A estrada de Veracruz
11. Para lá do rio Bravo
12. As colinas de Zacatecas
13. Um pequeno-almoço no Sanborns
14. As planícies de Celaya
15. A última missão
16. Epílogo

Arturo Pérez-Reverte

REVOLUÇÃO

Tradução Cristina Rodriguez e Artur Guerra

ASA

Ficha Técnica

Título: Revolução
Autor: Arturo Pérez-Reverte
Tradução: Cristina Rodríguez e Artur Guerra
Revisão: Catarina Sacramento
ISBN: 9789892362755

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2022, Arturo Pérez-Reverte
© 2024, Edições ASA II, S. A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.
www.leya.com

Já sei para onde a vida te empurrou. Tu mesmo escolheste o teu caminho. Mas pareceu-nos, aos que deixaste para trás, que entravas por um deserto sem trilhos. Sempre te considerámos um homem que era preciso dar por perdido. Mas voltaste a aparecer, e embora talvez não nos voltemos a encontrar, a minha memória dá-te as boas-vindas, e confesso-te que gostaria de conhecer os incidentes do caminho que te levou aonde te encontras agora.

Joseph Conrad, *A Flecha de Ouro*

Para Julio Mínguez, pela lealdade e pela memória

1. O Banco de Chihuahua

Esta é a história de um homem, de uma revolução e de um tesouro. A revolução foi a do México, no tempo de Emiliano Zapata e Francisco Villa. O tesouro foram quinze mil moedas de ouro de vinte pesos das chamadas *maximilianos*, roubadas num banco de Ciudad Juárez, a 8 de maio de 1911. O homem chamava-se Martín Garret Ortiz, e tudo começou para ele na manhã desse mesmo dia, quando ouviu um disparo distante. *Pam*, fez o disparo, seguido de um eco que se foi apagando na rua. E depois ouviram-se mais dois seguidos: *pam, pam*.

Deixou sobre a mesa o livro que estava a ler – *A energia elétrica na moderna exploração mineira* – e espreitou pela janela de sacada afastando as cortinas. Pareciam tiros de espingarda disparados a dois ou três quarteirões dali. *A un par de cuadras*, como diziam os mexicanos. Após alguns momentos ouviram-se outros, desta vez mais perto. Sobre os telhados das casas baixas e rasteiras levantou-se uma coluna de fumo, primeiro cinzento e depois negro, que a ausência de vento mantinha verticalmente no azul ofuscante da manhã. Agora o tiroteio era mais intenso, tornando-se um estralejar de estampidos; *pam, crac, crac, pam, crac, pam*. Assim se ouvia, e o eco voltava a multiplicar o som. Era um crepitar intenso, semelhante ao arder de madeira seca, que parecia estender-se por todo o lado.

Já começou, disse para si mesmo, excitado. Já os temos aí.

Era Martín Garret, um jovem curioso, ainda naquela idade – vinte e quatro anos feitos dois meses antes – em que uma pessoa julga estar a salvo dos imprevistos do acaso e das balas perdidas que zunem nas ruas. Mas, sobretudo, aborrecia-se no seu quarto do hotel Monte Carlo à espera da reabertura das minas de Piedra Chiquita, fechadas pela insegurança política no norte do país. Por isso, a novidade pôde mais do que a prudência. Abotoou o colete e ajustou a gravata, pegou no chapéu e no casaco e meteu neste um pequeno revólver Orbea niquelado com cinco cartuchos calibre 38 no tambor. Aquele peso no bolso direito inspirava uma certa segurança. Depois, desceu dois a dois os degraus das escadas, passou junto do assustado rececionista, que mal assomava o bigode atrás do balcão do vestíbulo, e saiu para a rua.

Queria olhar, ver tudo com os seus próprios olhos ávidos. Desde que chegara de Espanha, o jovem engenheiro de minas tinha seguido a evolução dos acontecimentos através dos jornais nacionais e norte-americanos. Todos falavam da iminência do conflito, da instabilidade do presidente Porfirio Díaz, de como os descontentes se uniam em volta do opositor Francisco Madero. Nos últimos meses tinham-se sucedido tensões políticas, factos execráveis, incidentes que incluíam cada vez mais sangue. Inclusivamente verdadeiros combates. Os grupos de bandidos, pequenos rancheiros ou camponeses desesperados agrupavam-se agora em brigadas com organização quase militar, sob cabecilhas que reclamavam justiça e pão para o povo, mergulhado na miséria por fazendeiros arrogantes e por um gabinete presidencial alheio à razão. Para qualquer mexicano das classes médias e baixas, a palavra *governo* era sinónimo de inimigo. Por isso, os insurretos queriam Ciudad Juárez, passagem fronteiriça principal para os Estados Unidos. Tinham-se aproximado nos dias anteriores, ocupando posições em torno da cidade. Acumulando forças. Começava agora a verdadeira luta e talvez a revolução.

Um homem jazia morto ao fundo da rua deserta, diante do salão de bilhar Ambos Mundos. Estava deitado de barriga para cima e certamente alguém o arrastara até ali depois de lhe terem dado um tiro, procurando pô-lo a coberto, pois havia um longo regueiro de sangue meio coagulado na terra da rua por alcatroar. Martín nunca tinha visto ninguém morto de forma violenta, nem mesmo nas minas; por isso, ficou um momento a olhar para ele. Chamava-lhe a atenção a desordem da roupa, os bolsos do avesso, os pés só com meias – os sapatos tinham desaparecido – e o rosto contraído olhando para o céu, os olhos abertos e velados por uma fina camada de pó neles depositado. Sobre a boca entreaberta revolteavam moscas, zunindo entre ela e o buraco pardacento que o morto tinha no peito. Era um homem de idade indefinida, entre os trinta e os cinquenta anos, com roupa de cidade. Não parecia um combatente, mas sim uma vítima do acaso, talvez de alguma bala perdida. Então, Martín intuiu porque é que o tinham arrastado até o porem ao abrigo dos edifícios próximos e baixos. Não com a intenção de o tratarem, pois seguramente já estava morto, mas para despojar o cadáver com calma.

Caminhou mais um pouco, até à esquina e depois em frente, procurando fazê-lo colado às paredes. As ruas continuavam desertas. Fora do seu olhar, continuava o tiroteio, agora muito violento, que parecia multiplicar-se em vários lugares. Avançou a guiar-se pelo barulho dos disparos mais próximos. A sua intensidade era maior de noroeste, na direção do rio Bravo e das pontes que atravessavam a fronteira para o lado norte-americano de El Paso, Texas.

Sentiu sede. A tensão secava-lhe a boca. As casas diminuía em altura naquela zona da cidade e o sol batia com força: cada vez mais alto, deixava poucos espaços de sombra. Aliviou o nó da gravata, secou o suor da testa e da aba do chapéu com o lenço e olhou em volta. Nem viva alma. Nunca tinha imaginado que a guerra despovoasse tanto a paisagem.

Do outro lado da rua, o letreiro «El As de Copas», pintado numa

fachada, indicava uma *cantina*. A sede continuava a torturá-lo, por isso fez rapidamente um cálculo de prós e contras. Depois de se decidir, desatou a correr para chegar àquele lugar; trinta metros que se tornaram longos, mas ninguém disparou contra ele, embora os tiros se ouvissem não muito longe. A porta da *cantina* estava fechada. Bateu várias vezes sem resultado, até que por fim se entreabriu um palmo e um rosto enxuto e bigodudo apareceu na abertura.

– Deixe-me entrar – disse Martín. – Tenho sede.

Uma dúvida silenciosa, lá dentro. Sobre o bigode, dois olhos muito negros observavam-no com receio.

– Tenho dinheiro – insistiu o jovem. – Pagarei o que beber.

Após uma curta hesitação, franquearam-lhe a entrada. O interior estava na penumbra por causa dos postigos fechados: a luz penetrava por uma claraboia alta, iluminando muito mal uma sala com mesas e cadeiras desengonçadas, um balcão e vários vultos imóveis, sentados. À medida que os seus olhos ofuscados se habituaram, Martín conseguiu distinguir os pormenores. Estava ali meia dúzia de homens e todos o observavam com curiosidade.

– O que é que lhe sirvo, senhor?

– Água.

– Mais nada? – O taberneiro olhou para ele, admirado. – Não quer *sotol*, ou tequila?

– Depois. Agora, por favor, dê-me água.

Bebeu com vontade até esvaziar o jarro. Um dos homens levantou-se e foi até ao balcão, apoiando-se nele diante do taberneiro. Era pequeno, pançudo, com o casaco de dril entreaberto, e um bigode frondoso ensombrecia-lhe a boca. Examinava Martín devagar, que tinha tirado o chapéu ao entrar e enxugava o suor da cara com o lenço.

– Espanhol? – perguntou.

– Sim.

– O *gachupín*, nota-se na fala.

Martín assentiu, inseguro sobre se aquilo era bom ou mau. Com frequência era associado aos espanhóis afetos ao regime de Porfirio Díaz.

– Cada um é de onde é – disse ele.

– É claro.

Sem perguntar mais, o taberneiro tinha posto diante de Martín um copo de tequila. Levou-o à boca, bebeu um golo e o álcool ardente fez-lhe crispar a cara. Tequila transparente como a água e forte como o diabo.

– Hoje não é dia para andar a passear – opinou o pançudo.

Continuava a olhar para ele com curiosidade. Lá fora, ouviam-se, abafados, os tiros distantes.

– São os rebeldes? – perguntou Martín.

Um sorriso sem humor retorceu a bigodaça do outro.

– Isso de rebeldes, senhor, é conforme... O que eles são é maderistas

que andam às turras com os *mochos*. E vice-versa.

– Os *mochos*?

– Quero dizer, os soldados. Os *pelones*.

– Chamam-lhes assim porque têm o cabelo rapado – quis esclarecer o taberneiro.

– Simples infelizes contra infelizes... Obrigados por aqueles que mandam a procurar no outro mundo o que aqui não têm.

O barrigudo do bigode falava bem, educado. Via-se que era um homem de alguma instrução. Indicou a porta da rua.

– Eu se fosse a si, senhor, acabava tranquilamente a tequila. Se espreitar lá para fora, podem fazer-lhe mal.

– O que é que está a acontecer?

– Há rixas em vários lugares, e também na estação. – O mexicano apontou para os que estavam sentados. – Aqui os rapazes podem dizer-lhe melhor do que eu. Fica perto e eles vêm de lá.

Martín fixou o olhar nos quatro: roupa de ganga azul, suja de gordura, bonés sebentos, bigodes em rostos sujos de fuligem. Ferroviários. Ou *ferrocarrileros*, como diziam no Norte. Fez um sinal ao taberneiro.

– Tenho muito gosto em convidá-los para uma bebida, se aceitarem.

– *Pa* logo já é tarde – disse um.

Levantaram-se devagar, com dignidade, e aproximaram-se do balcão. O taberneiro foi enchendo os copos.

– Os maderistas caíram-nos em cima de madrugada pelo poente e pelo sul – disse o ferroviário que tinha falado antes. – Começaram pouco a pouco e foram-se aproximando mais, em força com cavalaria e tudo, até começarem a brigar a sério. – Apontou para os seus companheiros. – Nós tivemos de zarpar da estação, porque lá já arreavam forte e feio.

– Quem está a ganhar?

– Ah, pois, isso ainda não se sabe. De um lado dizem que vem *don* Francisco Madero com os senhores Orozco e Villa, que são muito duros. E do outro, os federais são comandados pelo general *don* Juan Navarro, que já são palavras com peso.

– *El Tigre de Cerro Prieto* – salientou o barrigudo dos bigodes.

Não parecia um elogio. Fazia pensar em paredes picadas de tiros e homens pendurados das árvores como cachos de fruta.

– Por isso, quando isto acabar – concluiu outro dos ferroviários –, vão sobrar chapéus.

Beberam todos, aplicados. Lá fora, o tiroteio resvalava para o silêncio e voltava a crepitar intensamente ao fim de uns momentos como o vaivém de uma onda nas rochas. Martín pediu outra rodada e ninguém disse que não.

– Ouça lá, amigo...

Com o sobrolho franzido e um copo na mão, o barrigudo observava Martín. Este olhou para ele.

– Diga lá.

- Perguntar é ofender?
 - De maneira nenhuma.
 - Porque é que anda perdido por estes lados?
- O jovem hesitou, um pouco desconcertado.
- Trabalho numas minas, perto daqui.

O outro lançou-lhe um olhar súbito, desconfiado, como quem de repente fareja um inimigo. Esvaziou o copo de um trago e voltou a olhar para ele, reparando agora no lado direito do casaco, mais pesado do que o esquerdo. Depois examinou-o devagar de cima a baixo, avaliando a sua posição social.

- Administrador?
- Engenheiro.
- Ah. – O mexicano relaxou.
- Sinto curiosidade. Nunca vi uma revolução.
- Pois dizem que a curiosidade matou o gato, não é verdade? – disse um dos ferroviários. – É melhor ficar aqui um bocadinho, até abrandar.

Martín pensou naquilo. O seu empenho continuava a pesar mais do que a prudência. Pôs umas moedas em cima do balcão.

- Na realidade, eu deveria...

Não acabou a frase. Ouviam-se pancadas na porta: repetidas, violentas, ameaçadoras. Não eram de pessoas que pedissem licença para entrar, mas das que exigiam passagem franca. À força.

- Abram, filhos da puta!... Ou entramos a disparar!

*

Entraram com a luz de fora a brilhar nas carabinas e no metal dos cartuchos metidos nas cartucheiras cruzadas sobre as camisas de algodão branco, blusões amarelos e jaquetas *charras*². Eram uma dúzia e vinham cansados, violentos, a cheirar a suor e a terra. Alguns calçavam botas com esporas que ecoavam nas tábuas do soalho. Sob os chapéus de aba larga traziam os olhos avermelhados e os bigodes acinzentados pelo fumo da pólvora.

- Todos para a parede – ordenou o que mandava.

Martín obedeceu com os outros. Só o taberneiro continuou atrás do balcão, seguro de que iam requerê-lo ali. Resignado, tirou outro cântaro de água e duas garrafas e alinhou os copos à frente. Não parecia a primeira vez que a revolução entrava no El As de Copas.

Martín foi revistado como os restantes. Um momento depois, a sua carteira e o Orbea de calibre 38 estavam nas mãos daquele que parecia o chefe.

- E isto, amigo?

Mostrava-lhe o revólver na palma da mão, a examinar Martín com desconfiança irónica. Este encolheu os ombros.

- É uma arma de propriedade minha... Nunca se sabe.
- Nunca se sabe, o quê?

– O que uma pessoa pode encontrar na rua.

– É boa pessoa – interveio o barrigudo.

O outro, que tinha umas calças às riscas descoloridas e jaqueta curta, não se virou para o atender. Trazia uma enorme pistola ao lado, um cinturão cheio de balas e uma cruz de pesadas cartucheiras sobre o peito. Tinha deixado a carabina 30/30 em cima do balcão e, sob a aba larga do chapéu nortenho, os seus olhos negros e duros continuavam a olhar fixamente para Martín.

– Boa como?

– Pagou uns copos com muito gosto – indicou o outro. – É engenheiro.

– Espanhol?

– Sim, mas de Espanha.

O maderista assentiu enquanto tirava o chapéu para limpar o suor com a manga. Tinha o cabelo e o bigode, que lhe cobria completamente o lábio superior, salpicados de cabelos brancos prematuros, e uma cicatriz como que de uma machetada, da têmpora até ao maxilar direito, que ainda se mostrava violácea, fresca, quase recente.

– Pois tem sorte em sê-lo. Se fosse espanhol daqui, se calhar já estaria pendurado de uma corda.

Os seus homens tinham-se aproximado do balcão misturados com os ferroviários. Tinham deixado no chão dois bornais que traziam, e também uma caixa grande, aberta, com asas de corda e pintada de vermelho. O taberneiro tinha-lhes posto à frente um molho de cigarros La Paloma, que eles acendiam uns nos outros. Deitavam fumo e todos pareciam mais descontraídos.

– E o que é que faz vossa mercê andar em *cantinas* no meio desta balbúrdia toda? – quis saber o chefe.

– Saí para ver o que se passa. – Martín permitiu-se um esboço de sorriso.

– Vivo no hotel Monte Carlo, a quatro quarteirões daqui.

O outro continuava sério.

– É um hotel elegante?

– Não é mau.

– De lá para cá há muitas balas que vão e vêm. Arrisca-se a que lhe espichem a canela.

– Perdão?

– A esticar o pernil. Uma carga de chumbo.

– Foi por isso que me meti aqui dentro.

O maderista ainda o observou mais um pouco, dubitativo. No fim, com uma das mãos devolveu-lhe a carteira enquanto com a outra guardava o revólver no bolso. Um dos seus aproximou-lhe um copo de água, que ele bebeu em golos pequenos. Depois deu uma palmada seca.

– Preparem-se, rapazes, que vamos embora.

Os outros acabaram as suas bebidas, deixando os copos em cima do balcão, e começaram a sair sem que ninguém fizesse o gesto de pagar alguma coisa. O taberneiro parecia acolher aquilo com resignação: uma garrafa de

tequila e outra de *sotol* não eram um preço alto para que o deixassem em paz. O chefe pegou na carabina, e então indicou a Martín a caixa pintada de vermelho, sobre a qual caía a cinza do cigarro de um dos maderistas.

– Posso dizer-lhe uma coisa, senhor?

O outro parou, olhando para ele, displicente.

– Foi *pa* isso que Deus nos deu a língua, amigo, *pa* dizer coisas...

Depois a responsabilidade já é de cada um.

Martín voltou a apontar para a caixa.

– Isso é dinamite?

– E depois, se for?

– Eu, se fosse a vocês, não andaria a fumar por perto. Os cartuchos são velhos e parecem suados.

– E?

– Aquilo que suam é nitroglicerina. Arriscam-se a voar pelos ares.

O maderista pestanejou.

– *Újole*... Você percebe disso?

– Já lhes disse que é engenheiro – interveio o barrigudo.

O outro fez um ar desdenhoso.

– A minha gente – apontou para as suas caras sorridentes e ferozes – não tem medo de dançar com a morte.

– Também não devemos facilitar-lhe assim tanto o trabalho – replicou Martín. – Não acha?

O mexicano pareceu pensar naquilo. Depois voltou-se de novo para os seus.

– Já ouviram. Deitem fora esses cigarros, não nos mandem ainda para o maneta.

Saíram todos. Passado um momento, o chefe apareceu outra vez à porta. Olhava para Martín.

– Sabe de explosivos e essas coisas?

– Um pouco – admitiu ele. – Faz parte do meu trabalho.

– Disse que era engenheiro... de quê, disse-me?

– De minas.

O outro passou, pensativo, a unha do polegar pelo bigode.

– Sabe como manusear a dinamite *pa* partir uma coisa sem a partir totalmente?

– Não compreendo.

– *Pa* rebentar um sítio, mas só um pouquinho... O necessário.

– Depende do que se tratar, mas suponho que conseguia.

Um sorriso amplo iluminou a cara do mexicano.

– Pois palpita-me que nos vai acompanhar, amigo. Se não se importa.

Martín sentiu um vazio no estômago. Olhou, confuso, para o maderista, mas a expressão do outro não admitia réplica. Por isso, pôs o chapéu, saiu atrás dele e caminharam com os outros pelo lado direito da rua. Não se atreveu a perguntar para onde se dirigiam, e ninguém lho disse.

O barulho dos disparos vinha de três pontos cardeais, observou, olhando para o sol: norte, oeste e sul. E continuava intenso. Só o lado oriental de Ciudad Juárez parecia tranquilo. De vez em quando, num cruzamento, os seus acompanhantes paravam, cautelosos, olhando mais além e disparavam um tiro ao acaso, como que para tatear o perigo, antes de atravessarem a correr um a seguir ao outro e se agruparem do outro lado. De cada vez, o chefe dava uma palmada nas costas do jovem e animava-o a correr.

– Acelere, homem... Não se demore, que ainda lhe acertam.

Dispararam contra eles só uma vez. Chegaram dois tiros do fundo de uma avenida, nas proximidades da praça de touros, e passaram sobre as suas cabeças com um *ziiiang*, *ziiiang* que arrepiava a pele. Nessa ocasião, os homens pararam por instantes, levaram as carabinas à cara e responderam com uma descarga desordenada. Só o chefe atravessou devagar, erguido, indiferente. E ao verificar que Martín olhava para ele da esquina, demorou-se para acender um charuto com parcimónia antes de continuar a andar.

– E diz que lida bem com a dinamite, amigo?

Avançavam de novo, colados às casas. O jovem assentiu.

– Estou habituado a ela por causa do meu trabalho. Nas minas são frequentes os rebentamentos.

O mexicano parou, agachando-se para tirar as esporas, e, ao levantar-se, pendurou-as no cinto ao lado do coldre do revólver.

– Caramba, isso do suor dos cartuchos teve o seu quê. Você tem bom olho.

– A dinamite é nitroglicerina absorvida numa argila especial, para lhe dar estabilidade.

– Ah, vejam só... E sua como os cristãos?

– Mais ou menos. O tempo, o calor, a humidade ou o frio podem fazer com que essa argila exsude. – Apontou com o queixo para os que carregavam a caixa vermelha. – Até transportá-la assim é perigoso.

– Bom, pois já nos falta pouco – riu-se o mexicano. – Era preciso ter muito pouca sorte.

Às vezes, o grupo parava para se orientar. Deixavam a caixa no chão e o chefe desdobrava um papel que levava anotado a lápis com desenhos de ruas. Ao fim de uns passos, Martín verificou que ele olhava para ele de soslaio, curioso.

– Está há muito tempo no México, amigo?

– Desde janeiro. Vim trabalhar numa mina, mas fecharam-na por causa da revolução.

– Que chatice... Veio de Espanha *pa* isso?

– Isso mesmo.

– Não há engenheiros mexicanos, ou quê?

– É claro que também os há. Mas a companhia exploradora tem sócios e capital espanhol. Foi por isso que me enviaram de lá.

O maderista apontou para os seus companheiros.

– Isso do capital e sócios exploradores soa muito mal. Nós fazemos a revolução *pa* que os fazendeiros capitalistas não nos chupem o sangue aos pobres... *Pa* que as terras se repartam entre quem as trabalha e as minas sejam *pró* povo que deixa a vida nelas.

O mexicano falava com um tom convicto, com ardor áspero. E Martín achou aquilo razoável, até certo ponto. Diferente da imagem de bandoleiros desalmados que o governo e a imprensa porfirista apregoavam dos rebeldes. Era interessante espreitar e ver para lá da colina.

– Sejam as minas de quem forem – respondeu –, alguém terá de dirigir o trabalho... Alguém que saiba.

O outro olhou para ele, gozão.

– E você sabe?

– Foi para isso que estudei.

– Ou seja, mande quem mandar no México ou em Espanha, não lhe faltará trabalho?

– É o que eu espero.

O olhar do maderista tornou-se um vago respeito.

– Pois teve sorte em poder estudar. – Voltava a apontar para os outros. – Nenhum destes mortos de fome conheceu a escola. E eu, que lá fui alguma coisa, só cheguei a ler um bocadinho e a escrever meios pauzinhos.

– E as quatro regras?

– Duas: somar e diminuir. *Pás* outras já não tive tempo.

– Suponho que a revolução mudará tudo isso, não é?

O mexicano olhou para Martín muito fixamente, como que a verificar se ele falava a sério. No fim, pareceu ficar satisfeito.

– Cada coisa a seu tempo, amigo. *Nem o mundo acaba nem os índios vêm atrás de nós.*

Por fim, ao entrarem numa rua, encontraram-se perante um edifício de dois andares com um enorme letreiro sobre o dintel da porta principal. Pelos sorrisos dos acompanhantes, Martín compreendeu que era aquele o seu destino. Ele tinha esperado um fortim federal, uma ponte ou algo parecido, e imaginava-se a si mesmo com a cabeça agachada, obrigado com a ponta da pistola a colocar cartuchos e a acender os rastilhos sob uma chuva de balas, possibilidade que ao mesmo tempo o excitava e atemorizava. Mas o que viu deixou-o de boca aberta. No letreiro de letras pretas sobre fundo amarelo podia ler-se *Banco de Chihuahua*.

.

Martín Garret nunca tinha feito pessoalmente um rebentamento, embora os tivesse presenciado com frequência. Por causa da sua profissão, conhecia os princípios básicos do manuseamento de explosivos, cálculo de cargas e a colocação destas; tinha estudado tudo aquilo na Escola de Engenheiros de Minas de Madrid, e, nos dois anos em que exercera a profissão em Espanha e

no México tinha dirigido equipas de dinamiteiros em galerias subterrâneas e explorações a céu aberto. No entanto, uma coisa era introduzir cartuchos de dinamite numa perfuração e fazê-los explodir segundo as regras canónicas do ofício, e outra, muito diferente, o que lhe acabavam de propor. Por isso, estava perplexo perante a enorme porta blindada que se interpunha ao fundo do corredor, na cave do edifício do banco.

- Como é que vê isto, amigo?
- É o que estou a fazer... A ver.
- Vai conseguir?
- Pode ser que sim, e pode ser que não.
- Então mais vale que sim. Tem as mesmas letras.

O jovem engenheiro examinava, constrangido, as rodas impressionantes e os trincos de metal cromado enquanto os madeiristas, formando um grupo à sua volta, de carabinas na mão e chapéus deitados para trás, olhavam para ele com uma expressão nova, quase reverencial, nos rostos. A sua segurança revolucionária tinha-se desvanecido, e até o chefe observava Martín com um misto de receio e respeito. Confrontados com os mistérios alheios ao seu conhecimento, aqueles homens rudes esperavam um sinal tranquilizador como os que estavam habituados a esperar de um médico ou de um sacerdote.

– Não teria sido mais fácil trazer o diretor, ou um empregado que conheça o mecanismo?

– Fugiram todos, não viu?... Não há outro remédio senão fazê-lo à macho.

Martín tinha tirado o chapéu e coçava a cabeça, inseguro.

- À macho, diz.
- Já me ouviu.

O jovem suspirou para si mesmo. Na realidade, não tinha opção; todos o sabiam, e ele melhor do que ninguém. Portanto, por fim, decidiu-se.

- Vou precisar de sacos cheios de terra e de tábuas grossas.
- Ouviram, rapazes?... Embora lá!

O chefe tinha acendido um charuto cubano – tirado de um gabinete do andar de cima mobilado com couro e mogno – e não afastava os olhos do engenheiro. Este aproximou-se dos bornais, que tinham marcas do exército federal mexicano, e verificou o conteúdo: rolos de rastilho lento Bickford e de rastilho rápido detonante, alicates e outras ferramentas. Onde quer que o tivessem requisitado, tinham feito uma boa escolha: nos bornais e na caixa vermelha havia tudo o que era preciso. Oxalá, desejou o jovem, também alguma boa sorte.

– O senhor vai conseguir? – insistiu o chefe do grupo.

De amigo a senhor. Começava a infiltrar-se no tom algum respeito. Também inquietação, e Martín compreendeu porquê. Uma coisa era ir ao Banco de Chihuahua com dinamite, decidido a rebentar com a caixa-forte, e outra era ver-se diante de uma porta de aço de um palmo de espessura cheia de mecanismos estranhos, rodas e alavancas. Aquilo fez o jovem sentir-se

insolitamente seguro. Pela primeira vez desde o El As de Copas, era ele quem tinha a chave das coisas. Por fim, ele sabia uma coisa que aqueles indivíduos ignoravam.

– Talvez consiga – arriscou, num tom autoritário. – Mas não se aproxime de mim com esse charuto.

O outro encolheu os ombros. Retorcia o bigodão com um ar ambíguo.

– Você é que manda... Aqui, a sua palavra é puro evangelho.

Trouxeram sacos de serapilheira carregados de terra, pranchas e tábuas, e Martín mandou amontoar alguns dos dois lados da porta blindada, ao mesmo tempo que ele, agachado sobre a caixa vermelha, extraía cuidadosamente os cartuchos e os alinhava no chão, procurando que nem sequer o suor da testa pingasse sobre eles. Fez os cálculos técnicos enquanto tirava e sopesava um a um os cilindros envolvidos em papel gorduroso. Depois agrupou-os em dois blocos atados com barbante, limpou com muita precaução os dedos húmidos de nitroglicerina amarelada e cevou cada bloco com um metro de rastilho rápido. Fez as junções com o rastilho lento como tinha visto fazer os dinamiteiros, à espanhola, cortado em bisel e enrolando as pontas uma sobre a outra. O rastilho lento ardia à razão de um centímetro por segundo, por isso colocou mais de três metros. Suficiente para lhe dar lume e sair dali.

– Vão pondo os sacos onde eu indicar. Com imenso cuidado.

Os homens obedeceram. Uma carga de dinamite ficou encostada à porta blindada na zona das dobradiças e a outra na dos trincos. Depois, Martín supervisionou o modo como uma e outra se iam cobrindo de sacos cheios de terra, reforçados pelos esteios que ele mandou apoiar noutros sacos. E quando tudo ficou pronto, voltou-se para os que olhavam para ele.

– Saíam daqui.

Todos obedeceram, menos o chefe, que se manteve quieto, com as pernas abertas e o charuto na mão. Martín foi em direção a ele e enfrentou os olhos negros e duros do revolucionário.

– Com licença – disse-lhe.

Pegou no charuto fumegante entre os dedos, e, inclinando-se, encostou a brasa à ponta do rastilho. Este silvou ao acender-se, desprendendo cheiro a pólvora e a guta-percha queimada. Martín devolveu o charuto e afastou-se com calma pelo corredor, sem se virar para verificar se o mexicano o seguia. Ao chegar às escadas, ouviu os passos dele atrás de si.

Os outros aguardavam no andar de cima, junto das mesas, escrivaninhas e guichês. Tinham remexido nas gavetas, aberto arquivos e espalhado papéis pelo chão, para se entreterem. Dois deles, carregados de armas e balas, urinavam dentro dos guichês reluzentes gradeados dos funcionários das caixas.

Martín indicou-lhes a rua.

– É melhor sairmos todos lá para fora... Nunca se sabe.

Olharam uns para os outros, incomodados e quase inocentes, como se

ninguém quisesse apressar-se à vista dos outros. Martín foi até à rua, com as pálpebras semicerradas sob a luz forte que reverberava na cal das paredes, e respirou o ar quente do meio da manhã. Numa casa próxima havia um cartaz publicitário de calças de trabalho americanas Levi's e outro de máquinas de coser Singer. Continuava a ouvir-se tiros ao longe.

Todos saíram atrás dele. O último foi o chefe, que se deteve no umbral, deu uma última e desdenhosa chupadela no charuto e atirou-o para o chão.

A explosão ecoou surda, subterrânea, fazendo vibrar as paredes do edifício e partindo as janelas. Quando os vidros pararam de cair e o pó assentou, os maderistas irromperam aos gritos de entusiasmo e deram palmadas nas costas de Martín.

Nunca tinha visto tanto dinheiro junto. Havia taleigos de moedas de prata e maços de notas de pesos mexicanos: uns novos, com as cintas intactas, e outros usados. Também havia uma boa quantidade de dólares norte-americanos. Os homens estavam num alvoroço, de bom humor, enquanto levavam tudo pelo corredor e pelas escadas, que a explosão tinha coberto de pó e entulho, para deixarem o saque no andar de cima. À luz de um candeeiro de petróleo, carregavam sacos e caixas dizendo piadas com o que se podia fazer com o seu conteúdo: quantas casas e fazendas comprar, quantas cabeças de gado, quantas joias para as mulheres ou brinquedos para os miúdos. Os seus olhos brilhavam de cobiça, e Martín intuiu que, se tivessem tido oportunidade, muitos teriam guardado alguma coisa nos bolsos. Mas o olhar do chefe, que ia e vinha impassível, aparentava tê-los debaixo de olho. O jovem engenheiro tinha esperado um saque em toda a linha, bandoleiros dando tiros para o ar e coisas assim; não aquela confiscação, tirando o rebentamento de caixa, formal e quase administrativa. Para revolucionários, comportavam-se com muita disciplina. Talvez pela fé honrosa na causa do povo; ou quiçá, e isso era o mais provável, por respeito para com a mão que quase por acaso, sem lhes tirar a vista de cima, o seu chefe apoiava na culatra do revólver que trazia no cinto.

– Apressem-se, que está a chegar o coronel – urgia este.

Havia dez caixas de madeira precintadas com selos de lacre e chumbo num canto da câmara acouraçada, e Martín reparou que o chefe não ficava surpreendido de as encontrar ali. Pelo contrário, aproximou-se delas para lhes bater um pouco com a ponta da bota, como que a calcular-lhes o peso, agachou-se para verificar as marcas e depois, sem as abrir, designou dois dos seus para as vigiarem de perto. Dirigiu-se a eles como se fossem mais da sua confiança, e os escolhidos colocaram-se junto das caixas, com a aba do chapéu levantada e a carabina na mão. Um deles tinha duas fitas vermelhas nas mangas, como galões.

– Não se mexam daqui se eu não vier em pessoa.

– Às suas ordens.

– Sejam boas águas, rapazes. E quem tocar nestas caixas, morre... Fui claro?

– Clarinho, meu major.

Foi deste modo que Martín confirmou a graduação militar do chefe do grupo. Major equivalia a comandante: num exército convencional suporia o comando de três centenas de homens; mas, tratando-se de revolucionários no México, onde coronéis e generais brotavam como cogumelos depois da chuva, podia significar qualquer coisa. O que ninguém lhe podia negar era a autoridade: bastava ver a sua cara sulcada pela cicatriz ainda fresca, os olhos frios e tranquilos que pareciam talhados em pedra negra. Uns olhos que agora pousava em Martín, pensativos. Os dois estavam no andar de cima, a ver como os homens acabavam de empilhar numa mesa os pesos e os dólares.

– Fez um bom trabalho, senhor – concedeu o mexicano, passado um momento.

O jovem observava com curiosidade renovada. A sua disposição já era diferente: benevolente, talvez amistosa. Embora fosse difícil decifrá-la naquela cara nortenha e impassível.

– Abusei um pouco na carga. – Martín tirou importância àquilo, embora secretamente lisonjeado. – Quase fazíamos o edifício ir pelos ares.

– Como disse um marinheiro, mais vale que *soçobre* do que *sofalte*.

Saíram para a porta do banco. Agora havia mais maderistas na rua: sujos, esfarrapados, suados, passavam devagar e sem parar, segurando a Mauser ou a carabina pelo cano em cima do ombro, em filas ou em grupos cada vez mais numerosos. Alguns, com *huaraches*⁴ ou meio descalços. Caminhavam em direção ao barulho do combate, que continuava vivo embora mais distante. O major ficou quieto e atento aos sons, farejando o ar como um cão de caça. Parecia satisfeito.

– É bonito ouvir aqueles horizontes, não acha?... De tanta porrada.

Martín concordou só pela metade, dubitativo.

– Depende de quem a leve – respondeu ele.

O outro dirigiu-lhe um olhar trocista.

– *Pa* ser espanhol, tem tomates. Quantos anos diz que tem?

– Vinte e quatro.

– E como é que vê isto?

Apontava para os homens que passavam na rua. O jovem sorriu.

– Espantoso. É toda uma experiência.

– Na sua terra não se vê uma coisa assim?

– Não, de todo.

– Pois deveria ver-se... Lá, na Gachupia, não têm revoluções?

– Há muito tempo que não.

– Parece-me mal perder os bons costumes. Se os ricos assentam, custa movê-los. É preciso dar-lhes o que merecem, *pa* que vejam *pa* que é que nasceram.

Tirou do bolso o pequeno revólver de Martín, e depois de lhe calcular o

peso durante um bocado devolveu-lho.

– Isto é seu, acho eu – disse ele.

– O que é que vocês vão fazer com o dinheiro? – aventurou o jovem, guardando a arma.

O outro pensou uns instantes, considerando a oportunidade, ou não, da pergunta.

– Combater contra o governo sai muito caro – disse por fim, devagarinho. – O senhor Madero precisa de recursos: há que pagar à tropa e comprar armas e munições na União Americana. Tudo isso custa um dinheirão.

– Aquelas outras caixas – começou a dizer Martín, atrevendo-se a ir mais longe. – As de baixo...

O outro calou-o, seco. Um meio sorriso nada simpático espreitou por baixo do bigode.

– Você não viu ali nenhuma caixa.

Ao fundo da rua cavalgava um grupo de homens de aspeto feroz: chapéus largos, polainas de couro a protegerem as pernas, cartucheiras carregadas de balas. Vinham cansados, cheios de pó, as rédeas frouxas, as espingardas atravessadas nas selas de montar. Havia neles algo ao mesmo tempo esfarrapado e solene. Detiveram-se diante do banco, e um dos cavaleiros olhou interrogador para o maderista que estava com Martín.

– Como é que vais, meu Geno? – cumprimentou.

Secava o suor com o lenço vermelho que trazia ao pescoço. Por trás da máscara de pó, os seus olhos vivos sorriam rapidamente sob o chapéu texano. O major levantou-se, quase fazendo a continência.

– Às suas ordens, meu coronel – disse ele.

– Correu tudo bem?

– Nenhum problema. – O major apontou para Martín. – Em parte, graças aqui ao amigo.

– Estava lá o que esperávamos que estivesse?

– Estava.

O outro retorcia o bigode, examinando Martín com curiosidade. Era poderoso de ombros, que suportavam duas cananas cruzadas cheias de cartuchos. Montava um cavalo *flor-de-caña* com sela de estilo *cowboy* da terra, erguido e com os estribos baixos. Tinha o pescoço largo, a cabeça grande e os dentes fortes. As suas íris cor de café olhavam com intensidade e firmeza entre umas pálpebras grossas, semicerradas.

– E o que é que aconteceu com o teu amigo, meu major? – perguntou por fim.

– O homem sabe de rebentamentos e deu uma ajuda.

O outro tirou um pé do estribo e descansou um cotovelo no pomo da sela.

– E de onde sai esta joia, pode saber-se?

Martín avançou um passo.

- Sou engenheiro de minas, senhor coronel.
- Espanhol?
- Sim.

Viu a expressão do rosto do cavaleiro mais sombria, que se virou por momentos para os seus acompanhantes, em especial para um magro, alto, imberbe, de rosto trigueiro e cruel, que se cobria com chapéu de palma. Este tinha cara de índio nortenho e observava Martín como uma serpente observa um rato que tivesse diante de si: seco e de muito olhar, com olhos mais amarelos do que negros.

– Aqui não gostamos de espanhóis – disse por fim o coronel, de novo virado para o jovem. – Lixaram-nos há três séculos e continuam a fazê-lo. Têm as melhores fazendas, as melhores terras, o melhor gado, e apoiam o tirano Porfirio Díaz e o seu pessoal... Só servem *pa* serem enforcados.

O da cara de índio concordava silencioso, apalmando a arreata que trazia enrolada junto do pomo da sela. Por alguma estranha razão que não se deteve a considerar, Martín sentia-se mais incomodado do que assustado.

– Da minha família sou o primeiro que vem para o México – disse ele, com firmeza.

Olharam-no com surpresa, como se tivessem esperado protestos temerosos em vez daquele tom. O chefe voltou a retorcer o bigode e olhou para o major, trocista.

– O teu amiguito, o *gachupín*, é engenhoso, compadre.

O major encolheu os ombros.

– Ainda por cima ele tem boa mão, meu coronel... Devia ter visto como ele despachou aquilo lá em baixo. – Apontou para um amplo espaço entre as duas mãos abertas. – Uma porta de aço assim, ou mais. Se não fosse por ele, teríamos deitado abaixo o edifício, mas a caixa-forte continuaria inteira.

– Incólume, como dizem os que têm estudos – sorriu o outro.

– Mais ou menos.

– E dizes que conseguiram fazer o *chilorios*?

O major esboçava uma expressão que não chegava a um sorriso.

– Todinho, meu coronel. Só carinha muito saborosa.

– A outra coisa também?

– As caixas estão lá em baixo, como a sua mãe as trouxe ao mundo.

– Bem vigiadas?

– Não me ponha à prova, meu coronel. A dúvida ofende.

– Então vamos lá ver, meu Geno, que depois já é tarde.

O coronel e o da cara de índio desmontaram, enquanto os outros cavaleiros lhes seguravam os cavalos. Um momento depois, após terem revistado, satisfeitos, os pesos e os dólares amontoados na mesa, os dois desceram para a cave seguidos pelo major.

– Fique aí um bocadinho e não se mexa – disseram a Martín.

Este manteve-se sentado numa cadeira e vigiado por dois tipos de aspeto patibular, armados até aos dentes. Passado um bocado chamaram-no da cave,

por isso pôs-se de pé e desceu as escadas. O coronel, o major e o da cara de índio estavam ali, junto da porta da câmara blindada. A luz do petróleo iluminava as caixas de madeira agora abertas, repletas de grossos cartuchos de cartão cheios de moedas: havia vários rasgados e deixavam à vista peças de ouro reluzentes.

– Foi você que fez isto? – perguntou o coronel, apontando para a enorme placa de aço arrancada dos seus trincos e gonzos.

O seu tom era de admiração. Martín disse que sim, moderado. Utilizar explosivos faz parte do meu trabalho, disse ele. Ou do que se supõe que eu devo conhecer. O outro examinava-o de forma diferente, como tinha acontecido antes com o major. Uma mistura de curiosidade e respeito insólito.

– E se lhe dermos dinamite, pode fazer rebentar mais coisas?

– Quando?

– Agora mesmo, não sei... Hoje ou amanhã.

– Mais caixas-fortes?

– Não, homem. Sítios, coisas. Encostar um petardo e mandar tudo para o maneta.

O jovem pensou naquilo brevemente.

– Pode-se tentar – concluiu.

– Faria isso?

– Porque não?

– A vossemecê a revolução não lhe diz nada.

Martín refletiu de novo. Sentia uma excitação nova, ou muito recente. Um formigueiro de mundos por descobrir. De expectativa e aventura.

– Vim de Espanha – disse ele, por fim – para trabalhar numas minas que estão há semanas encerradas. Não tenho nada que fazer.

O coronel estalou a língua, grave.

– Nós somos pobres, amigo. O que conseguimos vai mesmo *pró* povo. Pouco lhe poderíamos pagar.

– Não é preciso que me paguem nada.

– Então?

– Curiosidade, suponho. Sinto curiosidade por tudo isto. Por vocês. Pelo que está a acontecer no México.

A máscara de suor e pó gretou-se num sorriso.

– Vai ter algo para conversar com os seus netos, não é verdade?

– Se eu viver para os ter.

O outro soltou uma gargalhada sonora, enfática, cheia de força e de vida. Tinha-se virado para o major.

– Gosto do teu amiguito, compadre – disse ele, e depois olhou para o da cara de índio. – Tu, o que é que achas, Sarmiento?

Os olhos de serpente não se afastavam de Martín, inexpressivos e frios entre as ranhuras das pálpebras.

– Eu não gosto dele como o senhor, meu coronel. Nem um bocadinho assim.

O outro voltou a rir-se.

– Porque és um apache cabrão que desconfia até da sua sombra... Mas, ó homem, fica tranquilo. Aqui o major Genovevo Garza dá-lhe o seu apoio. – Deu uma palmada jovial no ombro do aludido. – Não é verdade, compadre?

– Podemos experimentar – respondeu este.

– Muito bem. E se o *gachupín* nos sair retorcido, tu pendura-lo e assunto arrumado.

– Como o senhor mandar.

O coronel piscou o olho ao da cara de índio.

– E tu não te entusiasmes, Sarmiento, que em breve darás arreata a outros. Não te vão faltar pescoços.

Dito isto, ficou calado, meditando. Por fim, como se tomasse uma decisão, foi até às caixas abertas, pegou numa moeda reluzente e olhou para ela devagar antes de a atirar ao ar. Depois de a apanhar na palma da mão, atirou-a a Martín, que a apanhou em pleno voo.

– Aí tem, engenheiro. Uma recordação do Banco de Chihuahua e do que você ainda se vai dedicar em Juárez, desde que os federais nos deixem.

O jovem olhou para a moeda. Eram vinte pesos mexicanos em ouro, com data de 1866. No anverso tinha o perfil de um homem barbudo e a legenda *Maximiliano emperador*.

– E como vai estar alguns dias com o major Garza, que é responsável por si, eu gostaria de conhecer o seu nome... *Pa* não me esquecer se lhe limparem o sebo e elogiá-lo no velório.

O jovem assentiu com a moeda na mão.

– Chamo-me Martín Garret.

– Então, muito gosto, amiguito. O meu nome é Villa... coronel Francisco Villa.

1. Pessoa natural de Espanha, em particular a que vive no México. (*N. dos T.*)

2. Roupa típica de cavaleiros que exibem a sua destreza com a utilização do laço, doma de cavalos e outros exercícios equestres, segundo as tradições mexicanas. (*N. dos T.*)

3. Expressão mexicana para indicar surpresa. (*N. dos T.*)
4. Espécie de sandálias cuja origem remonta aos tempos pré-hispânicos. (*N. dos T.*)
5. Prato mexicano de carne de porco picada a que se acrescenta chili e especiarias. (*N. dos T.*)

2. As pontes de Ciudad Juárez

O sol pesava nos ombros como um lastro de chumbo. Martín Garret secou o suor das mãos nas pernas das calças, riscou um fósforo e acendeu o rastilho. Depois tirou o relógio do bolso do colete, viu o ponteiro dos minutos e pôs-se de pé procurando fazê-lo devagar, consciente de que o major Genovevo Garza não lhe tirava os olhos de cima.

– Vamos proteger-nos – disse ele, com calma forçada.

Os olhos escuros do maderista examinavam-no com muita fixidez. Demorou a concordar, como se tivesse considerado a conveniência do conselho. Voltou-se depois para os seus homens, situados atrás do muro de adobe e nas casas próximas. Tinham amontoado móveis e colchões como parapeito depois de chegarem ali casa a casa, partindo com picaretas os tabiques para se aproximarem do edifício de dois andares que os federais tinham convertido em fortim. Pela rua e a descoberto era impossível: atiravam dos terraços e havia uma peça de artilharia junto da praça de touros, na enfiada da avenida da Ferrovia, que tinha causado muitos danos.

– Já ouviram! – gritou o major. – Afastem o focinho, rapazes!

Retrocederam todos disparando uns últimos tiros antes de irem para trás, para provarem que não se afastavam por medo. Garza fez um gesto com a mão que segurava a carabina, ironicamente cortês, indicando a Martín o caminho de retirada. Afastaram-se juntos enquanto atrás deles o rastilho silvava fumegante pelo chão, parecido com uma cobra maléfica. Algumas balas federais passaram zunindo. O jovem engenheiro agachou-se um pouco ao ouvi-las, mas o seu acompanhante manteve-se impassível.

– Calma, homem, já devia saber. Essas já foram... As que não se ouvem vir é que são as que nos deitam abaixo.

Martín estava a par disso, pois nas últimas horas tinha-as ouvido de todos os calibres, maderistas e federais, e até tiros de canhão. Mas uma coisa era habituar o ouvido, e outra os reflexos nervosos habituarem-se, o instinto de conservação que continuava a reagir por sua conta.

– Acha que deitaremos abaixo a parede? – perguntou o major Garza.

– É o que eu espero.

– Pois eu também, senhor engenheiro.

Os olhos denotavam um receio frio. Também advertência. De cada vez que o maderista pronunciava a palavra *senhor*, parecia mais sinistro do que uma ameaça.

– Esperar e confiar – disse Martín.

O mexicano olhou para ele confuso, sem captar a citação.

– O Conde de Montecristo – esclareceu o jovem.

– Quais condes, nem meios condes. – Sob a aba do chapéu, o major franzia o sobrolho. – Não se arme em esperto comigo.

Tinham-se protegido atrás de um bebedouro de animais, junto de outros homens que cheiravam a terra, a suor e a pólvora. Martín voltou a olhar para o relógio. Doze metros de rastilho numa carga de cinco quilos de dinamite deviam ser suficientes para fazer ir pelos ares a parede de adobe e tijolo entre a última casa e o fortim federal, e tudo o que houvesse do outro lado. Reviu os cálculos, esperando não se ter enganado: estimativa da espessura, gramas por decímetro quadrado, raio de fiabilidade, alcance do embude. A ciência ao serviço da violência. Com um esgar interior perguntou a si mesmo o que diriam os seus professores da Escola de Engenharia de Minas se o vissem a dinamitar bancos e fortins em plena revolução mexicana. Com os do governo em frente, a dispararem tiros contra eles.

Guardou o relógio e agachou a cabeça.

– Aí vem – disse ele.

Abriu a boca para que o estoiro iminente não lhe danificasse os tímpanos, e quase ao mesmo tempo ecoou a detonação. Como um soco de ar denso, a onda expansiva fez estremecer o chão e sacudiu nos muros fortes chicotadas de pó. Entre a fumarada, sobre os homens agachados que seguravam os chapéus, caíram com estrépito terra, telhas e estilhaços. Ainda estavam no ar os últimos escombros quando Genovevo Garza se pôs de pé.

– Embora, rapazes! Acabem com esses cagarolas!

Depois de gritar isto, e empunhando a 30/30, o major desatou a correr metendo-se por entre a poeira, sem ver se o seguiam ou não. Surgidos de todos os lados, os seus homens puseram-se de pé e foram atrás dele. Num crescendo intenso, o crepitar dos disparos apoderou-se de tudo. Entre o pó ainda não dissipado ecoavam os tiros e os alaridos de quem matava ou morria.

– Viva Madero! – distinguiam-se os gritos. – Abaixo a ditadura!

O ar cheirava a terra e a explosivo queimado. Com os olhos e a garganta a arder, levado por um impulso alheio à razão, Martín levantou-se e seguiu os maderistas. Fê-lo devagar, cauteloso, um pouco agachado, olhando em volta com avidez. A sua mão direita no bolso tocava no revólver que lhe tinha sido devolvido pelo major Garza, mas nem sequer lhe ocorreu empunhá-lo. Era absurdo, no meio daquele caos. Para quê e contra quem?

Havia dois corpos caídos entre os escombros. Um estava quieto e o outro arrastava-se entre queixumes débeis. Tinham os blusões cor de areia dos federais. Martín estava tão atordoado que nem pensou em socorrê-los. Passou

junto deles a olhá-los com espanto, evitou-os e seguiu em frente. A sensação de perigo, de arriscar a vida, era menos poderosa do que a sua curiosidade, e também do que a excitação que acelerava o pulso fazendo bater o sangue nas têmporas, nos pulsos e nas virilhas. O troar das balas, as cintilações de disparos entre a fumarada, o cheiro a pólvora, o chumbo quente que passava com zumbidos rápidos, a desordem que parecia apoderar-se do mundo, davam ao jovem a sensação de se embalar numa suave bebedeira, como quando o álcool ainda não atordoa mas estimula os sentidos. Naquele momento sentia-se invulnerável, capaz de absorver tudo, a vida e a morte, como uma poção mágica; uma droga que permitia aceder a lugares insuspeitados. Mergulhar na guerra, pensou fascinado, era deambular pela treliça de uma estranha geometria onde o sangue, a carne ferida, o ser humano eram só fatores secundários.

A parede tinha saltado em pedaços. Havia um buraco enorme e, através dele, Martín alcançou o pátio da casa fortificada que os federais tinham estado a defender. O tiroteio já se apagava. Os sobreviventes agitavam lenços brancos e os maderistas desarmavam-nos ameaçando-os de espingarda apontada. Eram uns vinte e rendiam-se com as mãos no ar: com as fardas esfarrapadas, saíam titubeantes a descoberto, enfarinhados de pó de tijolo e defumados da pólvora, uns ilesos, outros maltratados, a olharem aturdidos para os cadáveres que encharcavam o chão de sangue. Um oficial, a cambalear, com o boné posto e botas altas, segurava o braço ferido por uma bala.

Quase todos os soldados eram novos, magros e pequenos. Os seus rostos morenos, com traços de índio, iam do medo à resignação. Os maderistas andavam entre eles empurrando-os com o cano das espingardas depois de lhes revistarem os bolsos para lhes tirarem o que levassem, e liquidavam a tiros e golpes de baioneta os feridos que ainda se agitavam no chão. Aqueles disparos soavam isolados entre o silêncio dos homens vencidos. O ar cheirava a sangue, vísceras sujas e enxofre.

– Fuzilem de sargento *pa* cima! – ordenou o major Garza.

Martín não esperava aquilo. Estupefacto, viu como se apartavam os soldados para um lado do pátio e os oficiais e suboficiais para o outro. Estes eram o ferido, que tinha estrelas de capitão, um tenente e dois sargentos. Os quatro agrupavam-se inquietos, conscientes do que ia acontecer.

O tenente devia ter pouco mais de vinte anos e estava muito pálido. Benzeu-se duas vezes e olhava com olhos desorbitados para as bocas dos canos que apontavam para ele. Um dos sargentos soltou um sonoro escarro, chamando filhos da puta aos maderistas. O capitão tinha-se erguido e com a mão sã tentava abotoar a gola do blusão. Antes de consumir este gesto, ouviram-se disparos e os quatro caíram uns sobre os outros. Encostando-lhes a carabina, um dos executores foi dando a cada um, sem pressa, o seu tiro de misericórdia.

O major Garza voltara-se para os outros prisioneiros.

– Nós *semos* a brigada Villa – disse ele, alto e rude. – Os que quiserem juntar-se *pa* lutar contra os que exploram e humilham o povo, venham *pa* este lado.

Apontava para a sua direita. Os soldados olharam uns para os outros, indecisos, avaliando as consequências de uma recusa. No fim, mais de metade saiu do grupo. Este ficou reduzido a cinco homens.

– Cada um é livre de escolher – disse Garza.

Levantou a carabina, abriu fogo e os seus também dispararam. Caíram os cinco federais e foram liquidados no chão, como os chefes. Devagar, o major tirou os cartuchos das cananas cruzadas e recarregou a carabina. *Clic, clac*, fez ele, acionando a alavanca. Ao levantar o olhar, encontrou Martín diante dele.

– Que tal, engenheiro? Vejo que continua por estas paragens.

Disse isto sério e seco, cravando nele as pupilas duras. O jovem, que observava com espanto os fuzilados, não respondeu. Ainda não conseguia assumir que aquilo tivesse ocorrido diante dos seus olhos. Agora vão pôr-se de pé, pensou, e tudo terá sido uma farsa. Uma piada de mau gosto que decidiram fazer-me. Mas ninguém se levantava.

– Era preciso matá-los? – perguntou.

O outro pôs cara de não gostar da pergunta. Depois pareceu pensar melhor.

– Eles também o fazem – respondeu.

– E quanto à...?

Martín começou a dizê-lo, mas interrompeu-se, abalado. Tinha estado prestes a dizer «compaixão», mas ali parecia ridículo. Por isso, preferiu manter-se em silêncio. O mexicano inclinava a cabeça, encostando um dedo na cara para tirar um salpico de sangue alheio que tinha em cima da cicatriz. Olhou para o dedo, pensativo, e secou-o na fralda curta da sua jaqueta *charra*.

– Temos de ganhar este lance, porque quem o perde morre – disse, por fim. – A questão é verificar de que couro saem mais correias.

Não era uma justificação, mas sim um comentário objetivo. Martín ficou a olhar para ele, no princípio confuso, e acenou que sim devagar, compreendendo ou querendo compreender. Sentia que, passo a passo, penetrava num lugar desconhecido que talvez não tivesse caminhos de volta. Surpreendia-o não estar assustado. Nem sequer preocupado. Era como um jogo infantil que por momentos deixasse de o ser.

Garza continuava a observá-lo com olhos sérios e um trejeito sarcástico sob o bigode. Apontou com a sua carabina para onde ainda se ouviam os disparos distantes.

– Continua connosco ou regressa ao seu hotel?... Ainda temos rastilho e dinamite.

Martín olhou em volta: os maderistas que recarregavam as suas espingardas, os federais que acabavam de mudar de lado, os cadáveres deitados no pátio, sobre cujo sangue começavam a congregar-se enxames de

moscas. Sentia uma paz singular. Uma lucidez tranquila e estranha, tão próxima da felicidade, que foi atravessado por uma pontada de remorsos.

– Continuo – disse ele.

O combate prolongava-se e no caos da refrega zuniam balas e rumores. Eram três as colunas de fumo negro que se erguiam agora sobre Ciudad Juárez: a biblioteca municipal está a arder, afirmavam uns, e outros diziam ter visto saquear as farmácias e algumas lojas. O certo era que os pontos de resistência governamental caíam um após outro e os federais recuavam para o quartel do Quinze, para a missão de Guadalupe e para o centro da cidade.

Atiradores dispersos, deixados para trás para fustigarem os atacantes, disparavam dos terraços. Havia inúmeros mortos nas ruas, cobertas de escombros e postes com fios elétricos e telefônicos caídos, e nas zonas asseguradas pelos maderistas começavam a aparecer moradores que tinham estado escondidos em casas e caves. Uns, pelo entusiasmo ou prudência, davam vivas aos insurgentes, e outros observavam-nos calados, apreensivos, inseguros de como aquilo iria terminar. As mulheres, mais decididas do que os homens, saíam à porta das casas envoltas nos *rebozos*, trazendo cântaros de água que os combatentes se aproximavam para beber com ânsia. E a verdade, verificou Martín, era que estes atuavam com disciplina inesperada. O major Genovevo Garza tinha-lhe explicado o motivo: as ordens dadas pelo general Orozco e pelo coronel Villa de respeitarem as pessoas e as propriedades eram cumpridas com todo o rigor. Matar civis sem motivo, violar, roubar ou embebedar-se pressupunha a pena de morte imediata. Disse isto ao jovem enquanto este observava dois enforcados num poste da luz, cada um com um cartaz pendurado ao pescoço: *Por não respeitar molheres*.

– Quem não andar direito, tem de morder o pó – cortou seco o major. – Quem tem rabo de palha não deve brincar com o fogo.

Os acasos da luta tinham levado o grupo de Garza para o lado norte da cidade, perto do rio Bravo. A zona edificada clareava ali em cabanas, pastagens e edifícios soltos, junto do começo das pontes internacionais que uniam a margem mexicana e a norte-americana. O combate tinha sido duro: as casas mostravam impactos de bala e numa trincheira amontoavam-se de qualquer maneira, conforme tinham sido lançados lá para dentro, muitos cadáveres com uniforme federal. Os corpos dos maderistas mortos, tratados com mais respeito, estavam alinhados à sombra, cobertos com mantas, casacos e ponchos: só se viam os pés calçados com botas ou *huaraches*. Perto deles, um médico vestido com roupa de cidade atendia os feridos ajudado por dois enfermeiros de bata branca que o seguiam com uma caixa de maços de algodão envoltos em papel azul, rolos de ligaduras, frascos de iodo, bisturis e pinças para comprimir veias. Não havia clorofórmio para ninguém. Alguns queixavam-se cuspidando saliva manchada de vermelho, e a todos o médico repetia o mesmo antes de lhes meter um pedaço de couro ou um lenço entre os

dentos e remexer nos destroços:

– Vamos lá ver se és assim tão macho, compadre.

Os homens do major Garza descansavam, sentados com a espingarda entre as pernas, à espera de ordens que este tinha ido receber ao edifício da alfândega do caminho de ferro, onde parecia estar o comando das forças insurgentes. Martín tinha-se acomodado com eles na exígua sombra de um telheiro com paredes de adobe. Tudo lhe continuava a parecer irreal. O rio ficava perto, corria com pouco caudal e havia quem o vadeasse com a água pela cintura, ou a cavalo. De onde se encontrava, o jovem podia ver grupos de curiosos que, situados na margem oposta, seguiam os combates com binóculos e lunetas. O lado norte-americano convertia-se em lugar turístico para desfrutarem do espetáculo. Segundo contavam, algumas balas perdidas tinham atravessado o rio, matando ou ferindo mais do que um observador ávido de emoções.

Várias mulheres que tinham estado a apanhar ramos e raízes de algarobeira para as fogueiras conversavam, desenvoltas, com os insurgentes. Levavam saias até aos pés, o cabelo atado em tranças gordurosas ou apanhado com lenços ou chapéus de palma, e algumas traziam às costas uma criança enfaixada com o *rebozo*. Outras, verificou Martín, traziam cananas de cartuchos cruzadas no peito ao jeito dos homens. Via-se que estavam sujas, esforçadas, adaptadas à tropa. Duas delas amassavam tortilhas de milho, e em cima de chapas de metal onde crepitavam bolas de manteiga fritavam batatas e carne. O cheiro chegou até ao jovem, incitando-lhe o estômago. Tinha estado o dia todo sem comer nada.

– Chingatumadre! – gritou uma.

Martín julgou que insultava alguém, mas pouco depois viu um maderista do grupo levantar-se: um nortenho pançudo, baixo e gordo, com chapéu *charro* de copa alta pontiaguda e o inevitável bigode a tapar-lhe meia boca. Cosidas a uma manga da jaqueta tinha duas fitas vermelhas: divisas de sargento.

– O que é que se passa, minha senhora?

– Passa-se que vossemecê e os rapazes se venham aproximando daqui, porque temos umas tortilhas grossas e saborosas *pa* aquecer a tripa.

– Ouça, nem é preciso repetir.

O insurgente ria-se, a salivar, enquanto acariciava a barriga. A mulher pôs as mãos na cintura, apertada pelo cinturão reluzente de balas, de onde pendia um coldre com um pistolão enorme.

– Ande lá depressa, que arrefecem.

Os homens foram-se levantando para se aproximarem da fogueira, e cada um regressou com duas tortilhas de milho quentes com os seus pedaços de carne em cima. O sargento pançudo veio sentar-se perto de Martín. Cheirava a suor azedo.

– E você não tem fome, senhor?

Olhava para ele com curiosidade amigável. O jovem já tinha reparado

nele antes. Era um dos insurgentes que estiveram perto quando dinamitou a caixa blindada do Banco de Chihuahua, e que o ajudara a estender o rastilho para fazer explodir a parede do fortim federal. Também, o primeiro a ter seguido Genovevo Garza quando o major se lançara ao ataque depois da explosão.

– Tenho alguma – admitiu.

O outro mastigava com prazer o seu bocado, que lhe sujava o bigode.

– Então não se demore, que vão acabar. – Chupou um dedo. – Estão uma maravilha.

Martín levantou-se, aproximando-se das *soldaderas*. A do pistolão na cintura olhava para ele a aproximar-se delas. Era de tez morena, com cara de índia em que não assomava nem uma gota de sangue espanhol. Usava o cabelo apanhado numa trança tão negra e brilhante de gordura que parecia reluzir ao sol. Sem dizer uma palavra nem deixar de o observar, estendeu a Martín duas tortilhas de milho com carne e pedacinhos de batata por cima.

– Obrigado.

A mulher continuava calada, a observá-lo com curiosidade. Tinha os lábios grossos, o nariz ligeiramente achatado e uns olhos negros grandes e muito vivos. Devia andar pelos trinta e poucos anos, calculou o jovem. Talvez menos, pois no México as camponesas envelheciam rapidamente.

Regressou para junto do sargento, para comer a sua ração. Um cântaro de água circulava por entre os insurgentes, e ele bebeu um bom trago para tirar o pó da garganta e ajudar a engolir os pedaços de tortilha. O outro tinha despachado a parte dele, e, com a carabina atravessada sobre as pernas, amolecia e retorcia uma folha de milho para enrolar um cigarro. O jovem apercebeu-se dos grupos de curiosos amontoados na margem norte-americana do rio. Viam-se mulheres com sombrinhas, crianças, carruagens e até alguns automóveis.

– Grande espetáculo que lhes estamos a dar – disse ele.

O sargento concordou, assumindo com naturalidade que Martín se incluísse no plural.

– Houve algum chumbo que se escapou para o outro lado. – Pôs tabaco na folha e acabou de enrolar o cigarro. – Os chefes disseram que tivéssemos cuidado *pa* não chatearmos os *gringos* cagões de lá. Mas as balas têm ideias próprias.

O jovem olhou para o edifício da alfândega do caminho de ferro e para as pontes mais próximas. O barulho das espingardas afrouxava daquele lado, embora continuasse no centro da povoação. Grupos de maderistas armados controlavam o acesso às passarelas, e juntamente com os soldados norte-americanos situados na outra ponta vigiavam-se mutuamente. Corria o boato de que as tropas dos Estados Unidos estavam prontas para intervir se as coisas saíssem da normalidade, e inclusivamente o governo de Porfirio Díaz tinha pedido que o fizessem; mas, até ao momento, tinham-se limitado a desarmar os federais fugitivos que ali procuravam refúgio.

Entre os insurgentes sentados circulava debaixo do telheiro uma garrafa forrada de vime. Passou pelas mãos do sargento, que bebeu um golo, acariciou com prazer a pança e ofereceu-a a Martín. Este bebeu um golo curto que lhe queimou a garganta, pois era um *sotol* espesso e forte. Tossiu, passou a garrafa ao seguinte e respirou fundo para recuperar o fôlego. O sargento sorria, ao observá-lo.

– Dá-se melhor com a dinamite do que com a pinga, senhor.

O jovem encolheu os ombros, sem saber o que dizer.

– E o que é que pensam de tudo isto em Espanha? – perguntou o outro.

Martín duvidou enquanto repetia o gesto.

– Não sei... Há muito tempo que não estou lá.

– Ah, pois.

– Sim.

O maderista continuava a observá-lo, curioso.

– E você, o que pensa?

– Do México?

– Da nossa revolução.

Martín olhou para os homens sentados à sua volta. Limpavam e recarregavam as armas. Os seus rostos morenos e ferozes pareciam interessados na conversa.

– Suponho que era inevitável.

O maderista riu-se entre dentes.

– *Pa* que é que vou dizer que não? – Expulsou o fumo. – Era mesmo verdade. Acabar com os patrões, com os que mandam... Com os que tiveram a sorte de se educar em vez de serem simples desgraçados como nós.

Apontava em redor, para os seus companheiros, com o cigarro fumegante. A *soldadera* da pistola tinha-se aproximado do telheiro para ir buscar a garrafa vazia. Ficou de pé com ela na mão, a olhar para eles. Não era bonita segundo os cânones europeus, pensou Martín, mas podia intuir-se nela um atrativo peculiar, muito físico e duro, quase animal. Tinha o mesmo cheiro dos homens, acre e forte. A suor, terra e pólvora.

– Quem é o loiro, Chingatumadre?

O outro deixou sair uma baforada de fumo.

– Um amigo que se juntou a nós esta manhã.

– Da União Americana?

– De Espanha – interveio Martín.

– E porque não tem armas? – Ignorando o jovem, a mulher continuava a dirigir-se ao sargento. – Com que é que ele atira aos federais?

– Atira-lhes chamando-lhes filhos da puta, que também dói.

Os que estavam perto riram-se. Até o rosto meio índio da *soldadera* se permitiu um vislumbre de sorriso.

– É dinamiteiro – esclareceu o sargento quando cessaram os risos. – Engenheiro, ou assim.

– E o senhor engenheiro já mandou pelos ares uns quantos *pelones*?

– Um monte deles, minha senhora. Parece um *bocadinho* verde, mas maneja os cartuchos como os anjos.

– Pois muito bem.

– É o que lhe digo.

A *soldadera* foi juntar-se às outras mulheres. O sargento deu umas passas ao cigarro enquanto piscava um olho a Martín.

– Chama-se Maclovía Ángeles... Saiu respondona, brava, e é o puro diabo quando dá ao gatilho. Ali onde a vê, acabou com mais de um e de dois.

Calou-se por momentos, pensativo, acabando por esboçar um sorriso retorcido. O fumo do cigarro fazia-lhe semicerrar as pálpebras, quase fechadas.

– Mas sim, aceite o meu conselho – acrescentou, provocador. – Ande bem à coca e não se arrime muito, *pa* evitar mal-entendidos. Ela não é das que rodam pela tropa, é companheira do nosso major Garza. Não é que o major seja ciumento, mas aqui cada galo debica o seu milho.

.

Apareceu um batedor novo, quase criança, com chapéu de palma, espingarda e cananas. Vinha suado e cheio de pó. Mandam chamar *gachupín*, disse ele. O dinamiteiro espanhol. O sargento perguntou para quê e o rapaz respondeu que não sabia. Só lhe ordenavam que o levasse. Martín pôs-se de pé e foi atrás dele pela margem do rio, passando junto das pontes. À sua direita, para sul, a cidade fumegava e continuava o tiroteio, intervalado por tiros de canhão esporádicos.

– Como é que vão as coisas?

O rapaz nada disse. Chegaram ao edifício da alfândega do caminho de ferro, meio quilómetro rio abaixo. Entravam e saíam oficiais e mensageiros, partiam chefes de brigada com ordens e vinham outros buscá-las. Havia gente armada à porta e nos corredores; animação de chapéus, cartucheiras, revólveres e carabinas. Todo o edifício ecoava com o som de esporas e coronhas de espingarda nas tábuas do chão, vozes e conversas. No corredor, Martín encontrou o índio mal-encarado a quem tinha ouvido chamar Sarmiento no Banco de Chihuahua, e que estava apoiado numa parede a conversar com Genovevo Garza e dirigiu-lhe um olhar pouco amistoso. Depois de abrir passagem com a segurança de quem tem ordens superiores, o batedor introduziu Martín numa sala cheia de fumo de cigarros, com um retrato do padre Morelos e outro do presidente Díaz na parede e que ninguém se dera ao trabalho de retirar. De pé, em volta de uma mesa coberta de papéis, conversavam quatro homens.

– Aqui está o nosso espanhol – disse um ao vê-lo chegar.

Tratava-se do coronel forte e de cabelo encaracolado e olhos cor de café, o chamado Villa. Os outros eram um indivíduo alto, magro, sério, com o inevitável bigode, que Martín não conhecia, e dois que identificou pelas fotos que publicavam nas revistas ilustradas. Um deles vestia casaco de viagem e

polainas de montar: o chefe da revolução, *don* Francisco Madero. O quarto homem era o seu irmão Raúl, com óculos de aço, pistola ao cinto e roupa de campanha.

– Aproxime-se, amigo – ordenou Villa.

Martín foi até à mesa, com a mão direita metida no bolso para evitar que lhe tremesse. Estava impressionado e quase não o ocultava. Todos olhavam para ele, notou; uns com curiosidade e outros com receio. Quanto a Francisco Madero, tinha um rosto bondoso. Era pequeno de corpo, quase frágil, com menos altura do que o seu irmão. Ao vê-lo de perto, o jovem reparou que tinha uma barba cuidada e se penteava com o risco muito em baixo para dissimular uma incipiente calvície. Apesar do pó da roupa e do colarinho coçado da camisa, mantinha uma aparência limpa, esmerada. Cheirava, insolitamente, a água-de-colónia.

– Dizem-me estes senhores que prestou serviços valiosos à revolução.

Martín olhava para ele sem saber o que responder àquilo. Os seus valiosos serviços mal chegavam a oito horas de duração e limitavam-se ao saque de um banco e ao rebentamento de um fortim federal.

– É uma honra para mim – disse ele, para dizer alguma coisa.

– O seu nome?

– Martín Garret.

– Isso não soa a espanhol, parece-me.

– Sou Ortiz de segundo apelido.

– Ah. Especialista em explosivos, creio.

– Engenheiro de minas. E, pronto. Tenho algumas noções.

– Algo mais do que noções, pelo que nos disseram – interveio Raúl Madero. – Não abundam homens como você.

Tinha um rosto bem barbeado e o queixo retraído, mas os seus olhos eram firmes, decididos. O sorriso simpático. Com expressão amável, o seu irmão apontou para Villa.

– O coronel elogiou-o muito – acrescentou. – E eu agradeço-lhe a simpatia pela causa do povo mexicano.

Sabe-se lá o que terá contado, pensou Martín, olhando de soslaio para o aludido. Agora Francisco Madero oferecia-lhe a mão, cortês, e ele tirou a sua do bolso, diligente, para o cumprimentar. Foi um aperto de mãos mais para o frouxo: o chefe revolucionário não parecia de impulsos vigorosos. A sua famosa tenacidade, concluiu o jovem, devia ser mais intelectual do que física.

– O general Orozco, o coronel Villa e o meu irmão Raúl têm uma coisa para lhe pedir... Deixo-o com eles.

Então aquele alto de faces encovadas era nada mais nada menos do que Pascual Orozco, o outro cabecilha insurgente: tinha olhos ariscos e imóveis. Martín começava a sentir tonturas. Levantara-se no seu hotel a ouvir tiros distantes e agora estava perante o estado-maior da revolução mexicana. Que, pelos vistos, agradecia os seus serviços e se preparava para lhe pedir mais.

Aquilo era um disparate, concluiu quase assustado. De um momento

para o outro vou acordar e tudo voltará ao normal. Nada disto terá alguma vez acontecido.

– Olhe para este mapa – disse o general Orozco. – Está a ver as pontes?

Inclinaram-se sobre a mesa. Havia ali um plano desenhado a tinta com as curvas de nível dos outeiros próximos e a cidade entre eles, traçado com muito pormenor: o caminho de ferro, a praça de touros, avenidas e lugares principais. As posições governamentais estavam assinaladas com quadrados e as insurgentes com triângulos. No Norte, sobre a curva do Bravo, marcas retangulares indicavam as pontes que faziam a comunicação entre a margem mexicana e a dos Estados Unidos.

– Os *gringos*, arrogantes como sempre – prosseguiu o general –, ameaçaram invadir o México se a situação em Ciudad Juárez os incomodar. Sabemos que têm tropas concentradas em torno de El Paso, e isso inclui carros blindados. Se cumprissem a sua ameaça, atravessariam por aqui. Não excluamos o caminho de ferro, que lhes permitiria trazer efetivos e munições para o centro da cidade... Compreende a situação?

– Perfeitamente.

– A nossa gente pode enfrentar uma infantaria que atravesse o rio a vau, mas a sua chegada pelas pontes colocar-nos-ia em dificuldades. Por isso, convém tomar precauções.

– Mais vale prevenir do que remediar – interveio Raúl Madero.

– Querem rebentar as pontes?

– Por agora bastará preparar a sua demolição, para o caso de ser necessário – disse Orozco. – Acha isso possível?

Martín refletiu por um momento.

– Vi-as de longe e penso que sim – admitiu. – Mas teria de estudar os pilares para fazer cálculos. Dispomos de suficiente dinamite?

– Não há problema. Encontrámos várias caixas num depósito federal e estamos a mandar trazer mais das minas de Piedra Chiquita.

O jovem sorriu debilmente.

– É lá que eu trabalho, mas estão fechadas. Toda a gente fugiu.

– Vamo-nos desenvencilhar, não se inquiete com isso. – Orozco olhava para ele seco, desabrido. – Se lhe proporcionarmos o material adequado, pode garantir?

– Suponho que se poderia tentar.

– Há uma coisa que deve ficar claro. Se se comprometer, não será suficiente tentar. Deve fazê-lo. Não nos podemos permitir erros.

Não nos *podemos* permitir. Aquele plural era simples cortesia, captou Martín. Se alguma coisa corresse mal, a quem não iriam permitir erros era a ele.

Francisco Madero interveio, impaciente. Tinha tirado um relógio do colete e via as horas. Era óbvio que já tinha a cabeça longe dali.

– O general Orozco, o meu irmão e eu temos outros assuntos a tratar. – Indicou a porta a Martín, e no mesmo gesto incluiu Villa. – Deixo-o nas mãos

do coronel.

Quando saíam, o chefe revolucionário pareceu recordar qualquer coisa, ergueu o olhar do plano da cidade e sorriu para Martín.

– Estou-lhe muito agradecido, estimado amigo. E prometo que o povo do México não esquecerá aqueles que o ajudam nas suas horas decisivas.

Quando iam pelo corredor, Genovevo Garza e o índio de ar sinistro, o tal Sarmiento, juntaram-se a eles. Os quatro saíram assim para o exterior. O sol ainda alto batia com força e Martín semicerrou os olhos, encandeado. Para lá dos amplos chapéus e dos cavalos dos guerrilheiros que estavam em todo o lado viam-se as pontes sobre o rio.

– Você é que sabe, amigo – disse o coronel Villa.

Os três mexicanos olhavam atentos. Martín moveu a mão para indicar os seus objetivos.

– Tenho de as ver de perto. Fazer cálculos, como eu disse. Têm a certeza de que teremos dinamite e rastilho suficientes?

Villa disse que sim.

– É como ouviu ao general Orozco.

– Pois... Quando vamos?

O outro indicou Genovevo Garza com um movimento do queixo.

– O major vai acompanhá-lo agora mesmo. Já se conhecem. Será a sua gente a dar-lhe proteção.

– Ainda há um bocado de luz – objetou Garza. – Do outro lado vão ver-nos a pôr as cargas.

Villa sorriu, mexendo no bigode.

– Palpita-me que isso é o que o senhor Madero procura: que os *gringos* nos vejam e cheirem os *feijões*. Que andem com o rabo apertado.

– E se alguém disparar ao engenheiro quando ele se aproximar?

– Então mais vale que não lhe acertem.

Villa voltou-se para o índio, que continuava calado e sem afastar os seus olhos sombrios de Martín.

– E tu não olhes assim para o rapazinho, Sarmiento. Que ainda o impressionas.

O outro demorou a responder.

– Não gosto dos *gachupíns* – disse ele, por fim.

– Eu também não, mas o melhor é gostares deste. Pelo menos, para já. – Agora Villa olhava para Garza. – Tu gostas dele, não é verdade, meu Geno?

O major tinha um sorriso retorcido.

– Vou-lhe apanhando o jeito, meu coronel.

– Roçar gera carinho.

– É o que dizem.

– Então cuida dele, pois embora seja de lá, tem de alinhar com a gente.

Villa tirou do bolso um relógio de prata e abriu a tampa com muito cuidado, como se receasse estragá-la. Depois ergueu os olhos para o índio.

– E tu, Sarmiento... Há notícias do nosso assunto?

O outro disse que sim, impassível.

– A esta hora tem de estar em lugar seguro.

O coronel franzira o sobrolho. Tinha tirado o chapéu para secar o suor com uma manga do casaco.

– *Tem* de estar?

Em vez de pergunta, parecia uma ameaça. O índio voltou a dizer que sim.

– Estará.

– Todinho?

– É escoltado por gente de confiança. Não haverá problema.

– É o que eu espero. Porque é muito papel, não é?... E eu empenhei a minha palavra. Fazer a revolução custa um dinheirão, e temos de afastar a má fama. Não é a mesma coisa o povo em armas que um grupo de bandoleiros.

– Descanse, meu coronel. Está tudo assegurado.

O outro suspirou, passando a mão pelo cabelo encaracolado e sujo. Apesar dos ombros fortes, do pescoço largo e da sua corpulência, parecia cansado.

– Isso queria eu, compadre, poder descansar um bocado.

.

O sol roçava já no horizonte, avermelhando os outeiros de poente e tingindo de escarlata a corrente mansa do rio. Sentado no chão, de costas contra a parede de uma cabana com marcas de disparos, Martín observava a margem norte-americana, convertida em quermesse turística.

Quase ninguém o tinha inquietado enquanto colocava as cargas explosivas. Coberto pelas carabinas de Genovevo Garza e dos seus homens, o engenheiro tinha estudado a estrutura de cada ponte, a grossura dos pilares e o seu assentamento no leito do rio, e, depois dos cálculos oportunos, mandou colocar os pacotes de cartuchos de dinamite, os rastilhos lentos e o cordão detonador, colocando-os para que fosse suficiente aplicar a brasa de um cigarro. Depois, e a fim de evitar imprevistos, o precavido Garza tinha posicionado junto de cada chicote de rastilho dois homens de confiança com a ordem de dispararem contra qualquer um, inclusivamente mulher ou criança, que se aproximasse a menos de vinte metros.

– Mais vale, por via das dúvidas – argumentou o major –, quem havia de dizer.

O único incidente tinha-se produzido no viaduto do caminho de ferro, quando Martín supervisionava a instalação das cargas. Estava a meio da ponte, assomando ao peitoril de ferro enquanto os homens de Garza, metidos na água até à cintura, encostavam a dinamite aos pilares, e do lado norte veio um militar norte-americano de meia-idade e grande bigode loiro, com as insígnias de capitão no uniforme que, em mau espanhol e piores modos, perguntou que diabos estavam a fazer ali.

– É uma *international bridge* – acrescentou. – Você não ter direito.

Martín, que nessa altura estava cansado e só ansiava acabar de uma vez por todas, encolheu os ombros.

– Se reparar – respondeu em inglês –, verá que só estamos a minar o lado mexicano.

– *Excuse me?*

– Lado mexicano. A dinamite, só aqui. Está a ver?... No lado do México.

O outro voltou ao seu péssimo espanhol, como se nada tivesse ouvido.

– Retira isso imediata, eu digo.

– Você diz?

– Eu te digo. *Hurry up*.

Martín olhou para a cintura do capitão. Vinha sem armas. Os seus soldados traziam espingardas, mas mantinham-se no extremo da ponte, sem a pisarem. Não havia dúvidas de que tinham ordens de evitar incidentes. O engenheiro apontou para os mexicanos próximos: meia dúzia de tipos artilhados até aos dentes que olhavam sinistramente para o militar.

– Diga-lhe a eles isso do *hurry up*.

O norte-americano observou os maderistas: estes acariciavam o travão dos gatilhos das suas espingardas saboreando a possibilidade de deitar abaixo um ianque. Genovevo Garza, que tinha visto a cena, aproximava-se devagar do lado sul.

– O que se passa, amigo? – perguntou a Martín, ignorando o outro.

Este apontou para o ianque.

– Os *gringos* estão preocupados com o que estamos a fazer.

– É só por isso que o fazemos, não é?... *Pa* que eles se preocupem.

Dito isto, insolente e calmo, Garza olhou para o capitão de cima a baixo.

– E tu, loiro grande filho da tal, podes ir para o caralho.

Sublinhou-o com uma palmada na coronha da sua carabina. Era difícil saber se o outro percebia as palavras, mas o gesto não precisava de tradução. Martín viu que ele hesitava.

– Informarei de *this stupid atrocity* – disse ele, por fim.

E, depois de dar meia-volta, afastou-se pisando com arrogância as travessas da via. Garza piscou o olho a Martín, cúmplice.

– Esse cabrão que informe e eles que andem com juízo.

Sentado agora com as costas na parede de adobe, de pernas estendidas, Martín sorria ao recordar a cena. Tinha feito o seu trabalho com eficácia: as pontes sobre o Bravo estavam minadas, e só era preciso esperar que não fosse pegar fogo aos rastilhos. A revolução maderista tinha outro motivo para lhe estar agradecida. Genovevo Garza tinha adiantado o seu reconhecimento com uma palmada amistosa no ombro.

– Bom trabalho, engenheiro. *Pa* coisas de dinamite, você é o mais porreiro.

Por enquanto, deixavam-no em paz. O major e a sua gente andavam nos seus assuntos e Martín descansava, de novo indeciso, tentando imaginar qual

seria o seu futuro imediato. Ouviam-se tiros à distância: o combate continuava, embora languidescendo com a luz decrescente do dia. De vez em quando, os homens que estavam perto dele comentavam pormenores da luta: o êxito nos assaltos aos bairros sul e este, o controlo da margem do rio, os danos que a artilharia e as metralhadoras federais causavam, o avanço lento pela avenida Juárez em direção à prisão e à praça de touros, e os inúmeros mortos de ambos os lados. Os três mil e quinhentos federais do general Navarro batiam em retirada e retrocediam mordendo como coiotes acossados.

Junto das pontes, no entanto, tudo estava calmo. Havia cápsulas vazias, pentes de metralhadora, ligaduras ensanguentadas e caixas de munição abertas à coronhada, mas o tiroteio ecoava noutros lugares. Também se viam insurgentes caídos no chão ou sentados com as espingardas na mão, feridos que estavam calados ou se queixavam, cadáveres amontoados numa valeta que não se queixavam de todo e *soldaderas* que iam e vinham com cântaros de água. Já nada de álcool, observou Martín. Passado o primeiro momento de confusão, as ordens do general Orozco e do coronel Villa cumpriam-se com todo o rigor: fuzilar imediatamente quem combatesse bêbedo.

Um casal estranho aproximava-se da margem do rio que as sombras alcançavam. Era um homem e uma mulher, e não pareciam mexicanos. O homem vestia umas calças caquis com polainas, uma velha camisa azul arregaçada até aos cotovelos e cobria-se com um chapéu militar semelhante ao do capitão que tinha interpelado Martín na ponte. Trazia o rosto barbeado, mas ostentava longas patilhas avermelhadas. Tinha o peito cruzado por uma cartucheira, transportava um revólver no cinto e nas mãos uma espingarda de repetição. O seu aspeto era insolitamente anglo-saxónico para se poder mover com aquela desenvoltura entre os maderistas. Martín sabia da presença de alguns combatentes estrangeiros no norte do México, aos quais chamavam flibusteiros, ou algo semelhante. Voluntários, mercenários ou simples aventureiros que se tinham juntado à revolução.

A mulher era mais estranha ainda, ou parecia sê-lo. Ainda tinha um ar jovem, a meio dos trinta. Usava um vestido de viagem cinzento aos quadrados, cuja bainha inferior da saia estava contornada de lama e pó, e mostrava ao caminhar umas botas de couro cru, fortes e muito sujas. Tinha, observou Martín, as axilas escuras do suor. Magra, morena, alta, de olhos grandes, o corpete cingia-lhe uma cintura elegante, de bom aspeto. Apanhava o cabelo na nuca com um carrapito meio desmanchado, ou improvisado, e trazia uma malinha de viagem Gladstone pendurada ao ombro. Ao cruzar-se com ela, as *soldaderas*, pequenas e enegrecidas com os seus *rebozos* e tranças engorduradas, voltavam-se para a mirarem com curiosidade.

Martín continuava a observá-los quando chegaram aonde ele estava. Foi o homem que primeiro reparou nele.

– Você não é daqui – disse com naturalidade, parando diante dele.

Apesar do sotaque, o seu espanhol era bom. A sombra dava na cara de Martín. O jovem olhou para a mulher e depois outra vez para ele.

– Vocês também não – respondeu.

O recém-chegado viu uma botelha com água que alguém tinha deixado no chão, perto.

– Não se importa, companheiro?

– Claro que não. Além disso, essa água não é minha. E mesmo que fosse.

O outro sorriu: um gesto lento e cansado. Tinha-se posto de cócoras e deixado a espingarda – uma Remington de corredeira calibre 12 – no chão, à mão. Quando tirou o chapéu, via-se o cabelo encaracolado, ruivo e curto, húmido do suor. Pegando na botelha, tirou-lhe a rolha para a oferecer primeiro à mulher. Esta sacou da mala um copinho dobrável prateado, deixou que ele lho enchesse e levou-o aos lábios, alheia à curiosidade que despertava entre os maderistas que contemplavam a cena.

Martín tinha-se posto de pé. Depois de beber um grande golo, deitando a cabeça para trás, o homem de cabelo ruivo deixou a botelha no chão e pegou na espingarda.

– Chamo-me Tom Logan e sou norte-americano.

Estendia a mão direita. O seu sorriso, agradável, enrugava-lhe as pálpebras em torno de uns olhos quase metálicos, da cor do aço. Martín apertou-lhe a palma da mão magra e forte.

– Martín Garret.

– Espanhol?

– Sim. Martín olhou para a mulher, mas esta nada disse. Tinha guardado o copo na mala e observava o jovem engenheiro, inexpressiva. Este reparou que além das axilas húmidas, lhe brilhavam minúsculas gotas de transpiração na testa e no lábio superior. Também ela parecia cansada.

O homem apontou para os mexicanos próximos.

– Está com eles?

Martín hesitou um momento. Aquilo era mais complexo dito em voz alta.

– Assim parece – disse ele, por fim.

Um relâmpago de curiosidade atravessou os olhos do norte-americano.

– Parece, foi o que disse?

Martín não respondeu. O tal Logan tinha-se virado para a mulher para verificar se partilhava o seu desconcerto, mas esta mantinha-se calada.

– Eu estou com os maderistas desde o combate de Casas Grandes – disse o homem.

Martín sorriu.

– Eu, há onze horas.

– A sério?

– É como está a ouvir.

O outro desatou a rir. Um riso simpático que revelava uns dentes algo cavallares.

– Como dizem aqui, mais vale tarde do que nunca.

Mudou a espingarda de mão e olhou em volta. Parecia indeciso sobre se continuar o seu caminho.

– Ela é a senhora Palmer... Jornalista do *New York Evening Journal*.

A mulher estendeu a mão.

– Diana Palmer – disse ela.

Um contacto breve e firme: unhas curtas, dedos sem anéis. Tinha, verificou Martín mais de perto, o rosto anguloso e reflexos de palha nas íris cor de canela. O seu atrativo era seco, um pouco masculino.

– Fala espanhol? – perguntou ele.

– Perfeitamente.

O sol acabava de se ocultar e a paisagem passava do vermelho para o cinzento. Debaixo das pontes, o rio era uma larga faixa de cor violeta. Como se se tratasse de um sinal, os disparos distantes foram-se apagando ao mesmo tempo que a última luz. Na margem, as *soldaderas* começavam a espalmar tortilhas e a juntar lenha para acender as fogueiras. De um lado ficava Ciudad Juárez às escuras e do outro El Paso, iluminado como se fosse Natal.

O homem chamado Logan olhou em volta e depois apontou com a espingarda para a cabana.

– Está alguém lá dentro?

Martín respondeu que não, que era só uma casa miserável com chão de terra, saqueada e vazia. O norte-americano consultou a mulher com o olhar e esta concordou.

– Não parece um mau lugar – disse ele – para passar a noite.

.

O senhor *don* Francisco Ignacio Madero não quisera atacar a cidade, disse Genovevo Garza. Vira-se obrigado. O chefe da revolução julgava Ciudad Juárez muito bem defendida, de modo que o seu plano era deixá-la para trás e avançar para o Sul. Mas Pascual Orozco e Pancho Villa tinham contas pendentes com o general Navarro desde a matança de Cerro Prieto. Por isso, pondo-se de acordo, tinham provocado um tiroteio contra os federais para, com o pretexto de socorrer os seus homens, começar a batalha a sério. E Madero, embora furioso ao ver que desobedeciam às ordens, não tivera outro remédio senão pôr toda a carne no assador. Mas como ia correndo bem, agora estava feliz. Tinha a vitória ao seu alcance.

– Madero é um grande homem, dizem que pacífico – resumia Garza. – Por isso, basta empurrá-lo um bocadinho, só *pa* que o homem macho se avive.

Falava à luz de uma fogueira, a comer os *tacos* com carne salgada e feijões que Maclovía, a sua *soldadera*, lhe preparava. O major tinha convidado Martín e os dois norte-americanos, pois conhecia Tom Logan desde que este se juntara aos insurgentes. Além disso, sentia curiosidade, como todos ali, pela mulher escoltada pelo voluntário ianque. Esta tinha atravessado o rio dois dias antes, apresentando-se no estado-maior em busca de autorização para enviar crónicas para o seu jornal nova-iorquino; e

Francisco Madero, um pouco cavalheiro, mas também interessado na imagem da revolução nos Estados Unidos, permitiu que ela acompanhasse os combatentes.

– É preciso tomates *pa* andar por estas paragens, sozinha e mais ainda sendo mulher – acrescentou Genovevo Garza.

– Não estou sozinha. – Ela apontava para Logan, para o próprio major e para os homens sentados ou deitados nas sombras ou à contraluz das fogueiras. – Todo o seu exército me protege.

– Ande lá, minha senhora – sorria o mexicano, lisonjeado. – Ande lá.

Estavam à volta do lume, porque depois do calor diurno a noite começava a ficar fria. Os homens que se encontravam perto, vultos escuros ao redor de outras fogueiras que salpicavam a neblina até à margem do rio, envolviam-se em mantas e ponchos. Diana Palmer referiu-se com um gesto à silenciosa Maclovía, que ainda com a canana de balas e a pistola no cinto, ajoelhada junto do *comal* de ferro posto em cima das brasas, fazia crepitar os feijões em manteiga e a carne salgada antes de os envolver em finas tortilhas de milho.

– Também não sou a única que anda nisto – disse ela. – Eu só estou de visita... Tenho, por assim dizer, um bilhete de comboio no bolso. As suas mulheres não têm essa possibilidade.

Maclovía não levantou o rosto nem se deu por aludida, atenta ao seu fogão. Genovevo aprovou, mastigando um *taco* enquanto limpava os dedos à camisa.

– Que prazer, não é verdade?... Uma *gringa* muito tagarela. E ainda por cima com calças.

Ela olhava para a sua saia, divertida.

– Suponho que devo entender isso como um elogio.

– Elogio? – estranhou o maderista.

– Piropo – esclareceu Logan, rindo-se.

– Ah, sim. Isso mesmo. – Garza indicou a sua impassível *soldadera* com uma expressão orgulhosa. – Mas nem se compara com a minha velha, hã?

Os dois norte-americanos interessavam-se pela presença de Martín entre os revolucionários, e Genovevo pô-los a par: a taberna El As de Copas, os cartuchos que suavam nitroglicerina, o recrutamento quase forçoso do engenheiro de minas. Sobre o Banco de Chihuahua não disse uma palavra, mas alongou-se sobre o bom trabalho que o espanhol tinha feito no fortim ou minando as pontes.

– E ele vai ficar com vocês?

– Pois não sei. Pergunte-lhe a ele, pois tem-no aqui de corpo presente.

Martín verificou que Diana Palmer o observava, curiosa. Tinha ouvido o relato da boca de Garza com um leve sorriso, talvez um pouco irónico.

– Estou a pensar – disse ele.

– Então e as suas minas? – insistiu Logan.

Tinha tirado de uma cartucheira um punhado de marijuana e um

pedacinho de papel e enrolava-os com desenvoltura ao estilo rancheiro, em cima do joelho. Martín fez um gesto de impotência.

– Fechadas.

– Não parece lamentar muito isso.

– Não sei. A verdade é que estou um pouco atordoado.

Diana Palmer falou, por fim. Tinha comido um dos *tacos* de Maclovía. Cobria os seus ombros com um xaile de lã tirado da mala de viagem que estava dentro da cabana.

– Como é nas suas minas? – perguntou ela, neutra. – Não tenho boas referências das mexicanas.

Martín olhou para o duplo reflexo da fogueira nos olhos dela e demorou uns momentos a responder.

– Conheço explorações de Espanha, França e Estados Unidos, e nenhuma é o paraíso terrestre. Mas é verdade que aqui o trabalho é especialmente duro e perigoso: homens e crianças a rebentarem e a picarem centenas de metros debaixo de terra, às vezes metidos na lama até à cintura, expostos a ficar sepultados por um derrubamento ou a morrer numa explosão do gás acumulado. A respirar pó entre pedra, terra e escuridão... Não é um mundo agradável.

– No entanto, converteu isso na sua profissão. – A norte-americana continuava a observar Martín. – Gosta do que faz?

Este disse que sim. A mineração, afirmou, era um recurso económico imprescindível e alguém tinha de a gerir. O futuro garantia-se melhorando as condições de vida dos trabalhadores. Aplicando recursos modernos.

– O que faz falta é humanizar o trabalho – concluiu. – As técnicas mais atuais oferecem essa possibilidade, e o meu trabalho é conhecê-las e aplicá-las.

– E porquê em Ciudad Juárez?

– Estou empregado numa empresa espanhola associada a uma mexicana, e enviaram-me para cá.

– Como chefe?

– Não, de todo. Só sou engenheiro em Piedra Chiquita. O administrador é mexicano e desapareceu com a confusão.

Garza interveio, agora que limpava a sua carabina com a arma atravessada sobre as pernas. Tinha acionado a alavanca, estalido metálico após estalido, até que todos os cartuchos brilharam no chão, em cima do seu poncho.

– As minas – disse ele –, tal como as terras, foram roubadas ao povo pelos caciques e pelos advogados. Aqui no México só mama quem tem mamas. Por isso, ouçam, fomos *pá* revolução. Os donos são sanguessugas, e vamos deixá-los que nem carne podre *pa* engordar os abutres.

– Receio que os donos a sério estejam demasiado longe.

Garza encolheu os ombros. Depois de verificar que a câmara da arma estava vazia, soprou para dentro do cano e introduziu uma baqueta com um

pedaço de trapo.

– Talvez sim ou talvez não, mas algum cairá. A cada santinho lhe acendem a sua vela – dirigiu-se a Martín. – Tal como aconteceu com esse administrador das suas minas que foi lixado pela sua própria gente, não?

O jovem sorriu. O administrador de Piedra Chiquita chamava-se Pánfilo Castillo e tinha desaparecido perante a proximidade dos insurgentes, levando o dinheiro todo da caixa.

– Duvido. Esse não é dos que esperam. De certeza que se pôs a salvo em El Paso... Quanto ao representante da sociedade, vive na cidade do México.

– E porque é que você não foi? – perguntou Diana Palmer.

Pensou.

– Não lhe sei dizer. Curiosidade, suponho.

– De onde é?

– Nasci num lugar chamado Linares, na Andaluzia.

– E o apelido Garret?

– Um bisavô inglês.

Ela assentiu levemente.

– Conheço a Andaluzia: Sevilha e Málaga. Estive lá durante uma viagem à Europa.

– O meu pai era capataz numa mina, poupou algum dinheiro e pôde dar-me estudos. Depois de algum tempo de experiência, a sociedade proprietária decidiu mandar-me para aqui.

– Você deve ser muito competente, para ter essa responsabilidade sendo tão novo.

Depois de olear a câmara da carabina e limpar com cuidado os cartuchos, Genovevo Garza empurrava-os de novo para dentro da arma.

– *¡Jole!* – interveio, exultante. – Ele é o melhor dos melhores. Deviam vê-lo a manejar a dinamite, esse filho da.

Do rio chegava o coaxar das rãs. Alguém, perto, tocou as cordas de uma guitarra. Pouco depois elevaram-se vozes com uma canção: primeiro uma só voz – Martín julgou reconhecer a do sargento Chingatumadre –, e depois foram-se juntando outras num coro rouco, masculino e melancólico:

No tiene fruto la mata,

Ni mais el paredón,

Ni chiches tiene la rata.

Con qué se cría el ratón?7

Daquele lado do Bravo, por cima das suas cabeças e da cidade escurecida, via-se o céu cheio de estrelas. Martín olhou para o alto. A Via Láctea era um clarear nebuloso e infinito lá em cima.

– E o que é que vai fazer agora? – interessou-se Tom Logan, fumando

depois de acender o cigarro com um tição da fogueira.

Martín não respondeu. Realmente não sabia. Foi Garza quem respondeu em vez dele.

– O que fizer depois é lá com ele. Mas oxalá fique connosco... Não é assim, engenheiro? – Olhava para ele com afeto. – Embora *gachupín*, estamos a afeiçoar-nos a ele.

– Não sei – disse, por fim, Martín.

Logan esboçou um sorriso que a luz da fogueira tornava lúgubre.

– Ia ser bonito se lhe dessem um tiro antes de ele pensar bem nisso.

– Essas são coisas da sorte – suspirou Garza, filosófico. – As balas são disparadas pelos homens e é Deus quem as reparte.

Martín observou que Diana Palmer tinha tirado da mala um caderno com capas plastificadas e um lápis, e que tomava notas. Ignorava se se referiam a ele, mas não gostou da ideia.

– Prefiro que não me mencione nos seus artigos – disse ele, cauteloso. – Suponho que compreende a minha situação.

Ela ergueu os olhos do caderno para olhar para ele, inexpressiva.

– Claro, não se inquiete... Porque é que haveria de o mencionar? – Apontou com o lápis para Garza, para Maclovía e para as fogueiras próximas. – Comparativamente com tudo isto, você não é grande coisa.

6. Espécie de xaile retangular e tradicional usado pelas mulheres mexicanas. (*N. dos T.*)

7. Em português: Não tem fruto a mata, / Nem milho o paredão, / Nem tetas tem a rata. / Com que se cria o ratoão? (*N. dos T.*)

3. O ouro do coronel Villa

O combate por Juárez foi reatado ao alvorecer, e nessa altura a sorte das tropas governamentais parecia selada. A prisão, a alfândega central e a praça de touros caíram a meio da manhã nas mãos dos insurgentes. Mesmo assim, os homens do general Navarro resistiam ferozmente, vendendo caro cada palmo de terreno que se viam forçados a abandonar. Os últimos fortins federais encontravam-se protegidos por metralhadoras e canhões cujas granadas causavam muitos estragos. Aquele matadouro reclamava mais carne, e a gente do major Genovevo Garza foi rendida nas pontes e recebeu a ordem de avançar até ao centro da cidade para se juntar ao combate.

– Prepare-se que vamos embora, engenheiro – disse Garza a Martín Garret, enquanto enchia as cartucheiras de cartuchos e as cruzava sobre o peito. – Vem connosco ou fica?

– Posso escolher?

– Pois claro que pode. Acompanhar-nos ou esperar que voltemos. Cumpriu tudo como os melhores e por isso tem esse direito.

Martín refletiu, indeciso. Olhava para o rio, para as pontes e para as pessoas agrupadas na margem norte-americana do Bravo, mais numerosas do que no dia anterior. Também os mortos amontoados na valeta próxima, já enegrecidos pelo sol e cobertos por enxames de moscas, e os feridos caídos de qualquer modo, entre ligaduras sujas de sangue, sem outro socorro senão a água que as *soldaderas* traziam do rio e o amparo dos toldos que lhes montavam com paus, canas e mantas. A jornalista norte-americana e o mercenário que a escoltava tinham-se ido embora ao amanhecer, sem se despedirem. Aquele não era um lugar agradável para esperar.

– Vou com vocês.

– Muito bem – satisfeito, Garza oferecia-lhe a Mauser e as cartucheiras de um morto. – Quer artilhar-se?

Martín apalpou o bolso onde levava o revólver.

– Vou bem, obrigado.

– Então corra, que já estamos atrasados.

Os insurgentes puseram-se em marcha, vestidos de ganga desbotada,

caqui ou roupa andrajosa de algodão, sujos e por barbear sob os grandes chapéus, mas com o tronco reluzente de munição, espingardas e carabinas. Com dois dias de combate estampados na cara. Eram quase uma centena e caminhavam pela avenida Juárez colados às casas, seguindo o traçado das linhas do elétrico. De vez em quando encontravam cadáveres com a farda azul ou cor de areia dos federais, e também de algum maderista ou de um local apanhado entre dois fogos. Nos tramos a descoberto ecoavam tiros soltos, de longe, respondidos com descargas cerradas que arrancavam espirais de fumo às espingardas. Só um do grupo é que foi alvejado nesse trajeto: num cruzamento de ruas foi atingido por um disparo – uma bala expansiva rebentou-lhe o pescoço – e ficou no chão enquanto os seus companheiros crivavam de balas a janela de onde tinha partido o ataque. Depois entraram na casa e tiraram de rastos dois homens ensanguentados, moídos de pancada, vestidos com a jaqueta *charra* e as calças apertadas com botões de prata do corpo de *rurales*.

Genovevo Garza apontou para os postes do telégrafo.

– É pendurá-los e já. Para que aprendam a não emboscar cristãos.

Penduraram-nos. Quando o grupo continuou pela rua adiante, os dois *rurales* pendiam enforcados, ainda a balançar.

– Esses filhos da mãe são *inda* piores do que os *pelones*.

Martín olhava para tudo fascinado, sentindo pulsar com força o sangue nas veias. Respirava o cheiro a pólvora e o suor dos homens que tinha à sua volta, devorava com o olhar cada cena, cada gesto, cada momento. Ouvira zunir as balas perdidas com curiosidade quase científica, calculando calibres, trajetórias e distâncias, considerando o lugar que ele próprio ocupava naquela estranha situação. O jovem engenheiro, o técnico que havia nele, sentia-se ao mesmo tempo horrorizado e excitado: a aventura em que estava imerso sobressaltava o seu espírito e acelerava-lhe o pulso. Tinha conhecido o perigo e a incerteza debaixo de terra, nas minas: eram fatores profissionais vinculados ao seu trabalho, mas aquilo era diferente. Nunca antes tinha considerado a violência, a vida e a morte, os elementos que tornavam possível ou negavam uma e outra, como uma trama geométrica de linhas retas e curvas, de acasos equívocos entrevistados no caos da guerra. Um caos, intuição espantado, que era só aparente. Como se no seu interior, desmentindo isso, houvesse regras tão sólidas e implacáveis como um fio de aço. Leis cósmicas insinuadas debaixo do sol, em Ciudad Juárez, entre explosões e balas.

De vez em quando, Genovevo Garza virava-se para o ver.

– Tudo bem, engenheiro?

– Tudo bem.

– Não se me descuide e morra, hã?... Os cabrões estão muito duros.

Ao chegar à avenida 16 de Setembro e ao edifício da alfândega viraram à direita. Ao longe ardiam os saqueados armazéns Ketelsen & Degetau, levantando uma densa fumarada negra. Havia outra coluna de fumo junto da torre caiada da missão de Guadalupe, que se erguia à distância depois dos

telhados achatados das casas de onde disparavam atiradores federais. Ali o combate era encarniçado: de vez em quando rebentavam granadas que enchiam o ar de metralha e impactavam nas paredes, e uma metralhadora governamental batia a rua a partir de um reduto feito com travessas do caminho de ferro e sacos cheios de terra.

– Para cima, rapazes! – gritavam os chefes. – Não se deixem ir abaixo, que eles já estão a afrouxar e temos de dar cabo deles!

Não era verdade, verificou Martín enquanto esfregava os olhos irritados por causa da pólvora. Ali ninguém afrouxava. Os madeiristas agrupavam-se nas esquinas e nos alpendres à procura de proteção, assomando-se para disparar e colocando-se a coberto para recarregar de novo. Cada ataque, dos vários realizados sem êxito, tinha acrescentado mais cadáveres aos que, atirados como fardos de roupa suja, se viam naquele tramo da rua, no meio dos levantamentos de pó das balas perdidas. Os canos das carabinas estavam quentes e cheiravam a trapos queimados.

– Cuidado, agachem-se!

Uma granada chegou assobiando para rebentar no ar, sobre a casa mais próxima, e a nuvenzinha cor de enxofre projetou dúzias de fragmentos acerados, brilhantes ao sol, que batiam na açoteia e na fachada. Depois outra voou, e depois outra. Os homens apertavam-se entre si querendo furtar o corpo ao granizo de metralha, mas nem todos o conseguiam. Dois tombaram, ensanguentados. Martín retrocedeu até ao alpendre contíguo e procurou resguardo. Ali havia móveis estilhaçados, apetrechos sujos, papéis, louça pisada e partida. Sentado muito calmo numa cadeira coxa de uma perna, o sargento Chingatumadre ligava com um lenço, sem ajuda de ninguém, um braço ferido.

– É só uma roçadura na pele – disse ao verificar que Martín olhava para ele.

O jovem sentia uma sede atroz. Meteu-se na casa saqueada à procura de água, mas não havia lá nada para beber. No pátio, viu o coronel Villa com outros homens junto do poço, todos armados até aos dentes.

– Eh pá! – disse aquele. – Aqui vem o nosso engenheiro.

Um sorriso fatigado iluminava-lhe o rosto, coberto de suor amassado com terra e pólvora que tornavam cor de ocre o seu bigode de bandoleiro, as sobrancelhas e o cabelo revoltado e encaracolado. Tinha o chapéu pendurado do coldre da pistola e os polegares no cinto.

– Você veio com Genovevo Garza?

Martín respondeu que o major estava lá fora, com a sua gente, e Villa mandou um homem chamá-lo. Observava o jovem com interesse, pensativo.

– O que é que perdeu por aqui? – disse, no fim.

– Procurava água.

– Refiro-me ao tiroteio.

– O major Garza veio, e eu com ele.

– Por prazer?

– Ninguém me obrigou.

O coronel apontou para um cantil pendurado do cano da sua carabina, apoiada no parapeito do poço.

– Sirva-se um pouco, mas deixe-me alguma coisa. O poço está seco.

– Obrigado.

Martín bebeu com ânsia um golo curto, mantendo-o na boca um bocado antes de o engolir. Quando se virou, Genovevo Garza já estava ali.

– Temos problemas com o fortim – disse-lhe Villa. – Os *pelones* ficaram mesmo lixados.

– E então, meu coronel?

– Pois temos de lhes arriar forte e feio, não?... Devolver-lhes a porrada com a porrada.

Olhava para Martín ao falar, e o major também o fez.

– Que tal o *gachupín*, meu Geno?

– Cumpridor como um verdadeiro macho.

– A sério?

– Vem connosco porque quis.

– Ele já me disse.

Villa passou a mão pela cara. Debaixo da sujidade e do bigode despontava-lhe a barba de dois dias. Permaneceu ainda um momento pensativo e depois fez um gesto a Martín para que se aproximasse mais.

– Tenho um problema, talvez vossa mercê mo resolva.

Pediu a um dos seus acompanhantes uma pequena caderneta e um pedaço de lápis, molhou a ponta com a língua e desenhou um croquis da rua. Marcou uma cruz perto da missão de Guadalupe.

– Os federais cortam-nos a passagem com um fortim. Há uma gaga...

– Perdão?

– Uma metralhadora Hotchkiss, caralho. E atrás, um canhão que nos aventa essas cabronas das granadas. Lançámos vários ataques, mas lixaram-nos... Temos de procurar a artimanha de fazer com que a barricada vá pelos ares.

Levantou os olhos para ver Martín, como se a partir de então o problema passasse a ser exclusivamente dele.

– Concordas, amiguito?

O jovem demorou um momento a compreender. Por fim, hesitou, desconcertado. Tinha-se-lhe aberto um buraco no estômago do tamanho de um tiro de espingarda.

– Não sei se serei capaz...

– Segundo diz o meu major Garza, até agora foi, e muito bem.

O jovem ainda refletiu um pouco.

– Há com que fazê-lo?

– Diga-me.

O coronel mostrava uma esquina do pátio onde havia duas caixas de dinamite e rolos de rastilho, cordel e arame. Martín aproximou-se para ver,

pondo-se de cócoras. Os cartuchos pareciam em bom estado e tinha suficiente rastilho e cordão detonante. Levantou a cabeça para olhar para Villa, que estava de pé ao seu lado.

– Isto vai-lhe custar outro golo de água.

Villa soltou uma gargalhada jovial, mostrando-lhe o cantil.

– Sirva-se você mesmo... E se realmente me lixar esses filhos da puta, vou com um cântaro e eu mesmo lha trago do rio Bravo.

.

Do outro lado da rua, os Correios estavam a arder, sob uma fumarada negra onde flutuavam faíscas que cobriam de cinza os arredores. O fortim federal ficava perto, na Praça de Armas, sob a pequena lombada da missão de Guadalupe. Distava cerca de trinta metros da casa mais próxima, e chegar até ela tinha custado um bom bocado a caminharem agachados ou a arrastarem-se.

Deitado no chão, Martín não via o canhão dos federais que estava enfiada da avenida 16 de Setembro, cujas granadas uivavam sobre a sua cabeça depois de cada estampido para virem a rebentar por trás, nas posições avançadas maderistas; mas sim a metralhadora, ou melhor, as cintilações do fogo desta, cujo relampejar se mostrava por uma fresta entre travessas de caminho de ferro empilhadas e sacos de terra.

– Até aqui era a parte fácil – disse Genovevo Garza.

Estavam colados um ao outro, atrás da proteção de uma parede meio destruída. As balas soavam *ziaaang, ziaaang, ziaaang* quando passavam altas, como se arames de aço açoitassem o ar, e as mais baixas impactavam na fina parede de adobe, demolindo-a um pouco mais. Projetando pedaços de barro seco sobre a cabeça dos dois homens que aguardavam.

– Filhos da mãe... Essa metralhadora nunca se cansa.

Martín, que tinha tirado o chapéu e deixado para trás o casaco com o revólver no bolso, sentia o corpo encharcado em suor. Debaixo do colete desabotoado, a camisa colava-se-lhe ao tronco, e levava a toda a hora a mão à testa para afastar as gotas que lhe deslizavam sobre os olhos. Um sol impiedoso incidia verticalmente na sua nuca, fazendo-lhe arder o cérebro, e a língua sedenta colava-se ao céu da boca como se fosse grude.

– Estão a atrasar-se – disse ele, impaciente.

– Calma, amigo. Tudo leva o seu tempinho.

Martín verificou de novo o bernal que tinha cruzado sobre o peito. Dentro dele havia quatro quilos de dinamite. Tinha juntado os cartuchos de seis em seis em dois pacotes, unindo-os bem atados com cordel e arame para inserir em cada um as escorvas com corda detonante ligada a três palmos de rastilho lento. Isso dava quarenta segundos de tempo entre o acender e a explosão, se tudo corresse bem. Nem muito nem pouco, calculou. Suficiente para se afastar depois de colocada a carga, se nenhuma bala federal o impedisse.

Atrás de si, por fim, o tiroteio das posições maderistas intensificou-se. Uma saraivada de balas começou a estrepitar nos muros de madeira do fortim federal, silenciando um pouco o fogo vindo das aberturas. Cumpridor, o coronel Villa honrava a sua palavra. Aproxime-se o mais que puder, a bem, tinha dito. E quando já não puder mais, nós vamos ajudá-lo a aproximar-se.

– Corra, engenheiro – animou-o Garza. – Vá lá acabar com isso.

Ao mesmo tempo que disse aquilo, deu-lhe uma palmada de ânimo, levantou-se descobrindo-se um pouco, engatilhou a arma e, com a 30/30 colada à cara, começou a disparar contra a posição inimiga. Nessa altura, Martín arrastava-se sobre os cotovelos e os joelhos em direção a um canal seco que lhe permitiria aproximar-se do fortim com relativa segurança, desde que mantivesse a cabeça agachada. Os tiros que o cobriam ecoavam no ar atrás de si e as balas assobiavam agudas por cima, distraindo os federais. Deste modo chegou ao fim do canal, onde um tanque de cimento fornecia alguma proteção. Nessa altura estava molhado de cima a baixo, sujo da lama que o seu próprio suor formava com a terra do chão.

Ao espreitar para ver, compreendeu que tinha cometido um erro. Para lá do tanque e até ao muro de travessas e sacos de terra ficavam uns quinze metros de terreno aberto: mais do que tinham calculado ao olharem da casa. Se quisesse colocar o bernal com a dinamite junto do próprio muro, ou dentro, não ia poder lançá-lo dali. Longe demais. Para o conseguir, teria de se levantar e avançar um bocado a descoberto. E por mais que os maderistas o cobrissem, os federais iriam vê-lo.

O medo atingiu-o como um soco no ventre e nas virilhas, fazendo-lhe perder o controlo de si mesmo. Ouviam-se tiros por todo o lado, e atrás dele, mais próximos, os estampidos quase tranquilos da carabina de Genovevo Garza. Todo o seu instinto o empurrava a colar-se ao chão depois da proteção de cimento e a não se mexer dali até ao fim da sua vida, fosse o que fosse que restasse dela. Respirava fundo e rapidamente, muito seguido, tentando encontrar fôlego e aclarar a cabeça.

– O que é que faço aqui? – repetia para si mesmo, aturdido. – Que diabo estou a fazer aqui, se eu nasci em Linares?

Passado um momento, serenando-se um pouco, tirou o bernal por cima da cabeça e procurou o chicote do rastilho. Os dedos tremiam-lhe quando tirou o isqueiro de bolso. Tinha a palma da mão tão húmida de suor que a rodinha escorregava nela, sem girar o suficiente para fazer faísca. Por fim, o cordão amarelo ardeu, com fumo picante e acre. Aplicou-o ao chicote, respirou fundo outra vez, cerrou os dentes e pôs-se de pé. Teria gostado de acreditar em Deus e rezar qualquer coisa, mas não era o caso.

Correu cego, já sem pensar, tal como um animal assustado. Cinco passadas largas de ida, a correr, e outras tantas de regresso. Os do fortim tinham-no visto, é óbvio, mas a saraivada de balas que os mantinha com a cabeça baixa tornou difícil afinar a pontaria. Algo fugaz e vibrante roçou pela maçã do rosto direita de Martín, como um moscardo que passasse ou uma

breve queimadura. Atirou o bernal para tão longe quanto pôde, com tanta força que julgou que tinha deslocado o ombro. As balas começaram a ser mais frequentes, procurando-o, quando a dinamite ainda estava no ar a cair do outro lado das travessas e dos sacos, e ele corria de volta à proteção do tanque, que transpôs de um salto, aterrando no canal com uma pancada tão forte que ecoou no seu corpo como se partisse os ossos.

Protegeu a nuca com as mãos, e logo ouviu o estampido: um *bang-tump* sonoro e seco que fez estremecer o chão e levou aos seus tímpanos e pulmões uma pancada de ar tão denso que parecia sólido. Todos os barulhos do mundo se extinguíram de repente, e do céu silencioso caíram pedaços de travessa, pedras e pazadas de terra envoltas numa fumaça que cheirava a madeira queimada e a enxofre.

Ensurdido e cego, de barriga para baixo, imóvel e ainda com as mãos na nuca, Martín respirava e tossia pó, inseguro sobre se continuava vivo ou estava morto.

O coronel Villa observava satisfeito os federais rendidos. Encontravam-se de pé, sentados ou deitados pelo chão, uns queixando-se das suas feridas, outros agonizando. Todos sujos e negros de pólvora. Na sua maioria, observou Martín, eram jovens e abundavam os de aspeto camponês, entre eles muitos com cara de índio: levadas forçadas, carne para canhão alistada pelos fazendeiros para se verem livres dos jornaleiros mais rebeldes ou menos úteis. Os que se aguentavam de pé agrupavam-se como um rebanho desfeito, desmoralizado, olhando com receio para as espingardas dos mal-humorados maderistas que lhes metiam as mãos nos bolsos para tirarem o que traziam. Postos à parte estavam os *rurales*, que eram quatro ou cinco, e outros tantos oficiais do exército. Um era um major de barba cerrada que levava uma ligadura à volta da cabeça. Tinha uma manga do blusão azul rota e as mãos com crostas de sangue coagulado e pardo.

– Esse filho de vinte mães é o Santos Ahumada – disse Villa. – Esse cão desgraçado jurou que me iria pendurar de uma árvore com a linguinha de fora... O que mandou enforcar, em Ojo de Agua, o meu compadre Melquíades López, com oito dos seus homens, depois de lhes arrancar as plantas dos pés e obrigá-los a caminhar todo o dia pela serra.

Sorria, vingativo, como um puma a espreitar para um curral de cabras. Martín, que estava com Genovevo Garza e outros maderistas, viu-o pôr o chapéu para a frente, sacudir o pó da roupa e ir devagar até ao federal, que, ao vê-lo perto, procurou levantar-se, embora a perda de sangue parecesse debilitá-lo muito. Apoiava-se com a mão no ombro de um oficial enquanto Villa lhe dirigia a palavra. Martín não conseguia ouvir a conversa, mas as atitudes eram eloquentes: o revolucionário falava pausada e tranquilamente, sem perder o meio sorriso que no seu rosto era sinistro como um presságio, e o federal respondia com monossílabos e expressões de indiferença, resignado de antemão com um destino acerca do qual não tinha muitas ilusões. Villa terminou a conversa, virando as costas e andou uns passos para se afastar;

mas, a meio caminho, pareceu pensar melhor, porque se voltou bruscamente e, regressando para junto do prisioneiro, tirou o revólver e fez ir pelos ares a tampa dos miolos. O outro caiu entre os seus oficiais assustados. Com muito sangue-frio, Villa meteu a arma fumegante no coldre e voltou para junto de Martín, de Garza e dos outros. Não parecia minimamente alterado.

– Fuzilem-me os oficiais – ordenou –, e os *rurales* enforcem-nos um em cada poste da luz, *pa* que os corvos lhes comam os olhos.

Passeava o olhar em redor, satisfeito com tudo o que via: o fortim destruído, a metralhadora e o canhão nas mãos dos seus homens, os federais mortos e prisioneiros, o chão reluzente de cartuchos vazios e as fachadas das casas picadas pelos tiros. Agora estava tudo calmo ali, sob a fumarada dos Correios, que continuavam a arder. O tiroteio deslocava-se para outros lugares, onde o combate continuava, mas languescia devagar. Ciudad Juárez estava nas mãos da revolução.

O sorriso que Villa dirigiu a Martín era muito diferente do que tinha oferecido, como uma sentença, ao defunto Santos Ahumada. Este era amistoso e agradecido.

– Fez tudo como deve ser, amiguito. Vi-o com os binóculos dali... Agora, sim, até os seus tomates se encolheram.

Martín não soube o que dizer. Tinha as fossas nasais atapetadas de pó e pólvora e estava sob os efeitos da bebedeira do combate, atordoado como no meio de um sonho estranho. No entanto, o elogio do coronel encheu-lhe o coração de prazer. Levou instintivamente os dedos à maçã do rosto direita, que lhe ardia muito, e retirou-os com sangue.

– Golpe ou bala? – perguntou Villa, solícito.

– Não sei... Senti uma queimadura quando ia a correr com o bernal. Foi como se passasse um besouro a roçar por mim.

Villa riu-se, dando-lhe palmadas nas costas enquanto piscava um olho ao major Garza.

– Foi só uma bala, então. Não foi, meu Geno?

– Assina por baixo – concordou o outro.

– E passou-lhe muito perto.

– Pois seria assim, meu coronel, que até pensei que aqueles cabrões de merda ainda rebentavam com ele.

– Ponham-lhe alguma coisa aí, não?... iodo, ou *sotol*. Não vá infetar.

Martín viu que se aproximavam três homens. Um deles era o de cara de índio chamado Sarmiento. Vinha sinistro e grave, como costumava. Talvez mais do que das outras vezes. Villa esqueceu-se do jovem espanhol para prestar atenção ao recém-chegado.

– Diz-me que não trazes más notícias, Sarmiento. Pela tua avó!

Havia ansiedade repentina no seu tom, como se intuíisse desastre na expressão do outro. Este concordou, confirmando temores.

– O ouro esfumou-se, Pancho. Foderam-nos.

O coronel estava a ficar transtornado.

- Estás a brincar, índio cabrão?
- Já me viste enganar-te alguma vez?
- Nunca.
- Pois então.

Villa ficou calado, boqueando como se lhe faltasse o ar. Depois passou os dedos pelo bigode e olhou em volta. Apoiava a mão na coronha do revólver, carrancudo, como se procurasse alguém a quem dar outro tiro.

- E a escolta?... Era gente de confiança, não?
- Muito. Mas mataram-nos.
- A todos?
- Uma emboscada no caminho do cerro pequeno... Seis homens, seis mortos. Crivados de balas, com espingardas colocadas nas rochas.
- E o carro?
- Apareceu meia légua mais longe, vazio. Tinha pegadas de cavalos ou mulas, mas confundiam-se com outras. O chão é pedregoso e não ajuda.
- Porra.
- Sim.
- Manda uma patrulha de índios yaquis. Os melhores rastreadores que tivermos.
- Foi o que eu fiz. Já veremos.

Villa continuava desconcertado. Abria a boca para dizer mais alguma coisa, mas nunca chegava a fazê-lo. De repente, agarrou no índio pelo braço, com violência insólita, e levou-o à parte, afastando-se uns passos. Discutiam sem que Martín nem Genovevo Garza conseguissem agora ouvir as suas palavras. De repente, Sarmiento apontou para Martín. Fê-lo três vezes, sombrio e venenoso, e Villa sentiu o rosto tenso. Então foi em direção ao jovem, e a sua expressão tinha deixado de ser amável com ele. Agora olhava-o com desconfiança enquanto interpelava Garza.

- O *gachupín* esteve o tempo todo contigo?
- Não descolou de mim nem um bocadinho, meu coronel – respondeu o outro. – Quase não tirei os olhos de cima dele.
- Tu achas que...?

Deixava aquilo no ar: acusação não formulada, mas óbvia pela mão que voltava a apoiar na coronha do revólver. O major voltou a negar, convencido.

- Impossível – disse ele.
- De certeza, compadre?

Os olhos honrados de Garza suportavam tranquilamente o escrutínio. Assentiu, firme.

- Como de mim mesmo.

Iluminou-se por fim o rosto do outro. Suspirou fundo, reflexivo, e o seu olhar de novo franco ao pousar em Martín era uma desculpa.

- Ainda tem aquela moeda, amigo?... A que lhe dei no Banco de Chihuahua.

Martín meteu, confuso, dois dedos num bolso do colete. O *maximiliano*

brilhava ao sol, polido e reluzente. Villa pegou nele, fazendo-o dar voltas no ar. Depois guardou-o no casaco, sob as cananas quase vazias de cartuchos.

– Vai-ma emprestar um bocadinho, se não vir inconveniente. Já lha devolvo.

O jovem assentiu. A moeda tanto lhe fazia. Continuava a sentir-se a flutuar naquela aventura, onde tudo parecia irreal exceto o olhar sinistro, perigoso, que Sarmiento lhe dirigia atrás do coronel Villa.

Desceu pelas escadas a sentir-se outro homem, corretamente vestido e com o chapéu recém-escovado nas mãos, com o cabelo húmido depois de um longo banho quente. Meia hora imóvel no meio do vapor de água não só lhe tinha tirado a terra e o suor, a sujidade acumulada nos últimos dois dias, como também lhe descontraía o corpo e o espírito. Sentia-se como o marinheiro que, passada a tempestade, chega ao porto e dali volta a considerar o vento, as ondas e as cristas de espuma que deixou para trás.

Era estranho relembrar o ocorrido, pensou. Examinar-se a si mesmo com uma nova lucidez fruto da distância, da reflexão e de uma certa estupefação. O jovem que minutos antes, diante do espelho, fazia o nó de uma gravata em volta do colarinho limpo de uma camisa não era o mesmo que ele julgava recordar, ou não totalmente. Além da ferida no lado direito da cara, alguma coisa tinha mudado nele. Notava isso no rosto mais magro e queimado do sol, nas faces afundadas, nas pequenas rugas que antes não se notavam junto das pálpebras. Na nova expressão dos olhos castanhos, mais dura e opaca, velada por um verniz de fadiga. Marcada por cenas que nem sequer tinha imaginado ver. Aqueles olhos, chegou a pensar ao vê-los no espelho, teriam necessitado de dez ou vinte anos de uma vida, ou talvez de uma vida inteira, para perceber o que tinham visto em menos de quarenta e oito horas. E desse modo, enquanto deslizava a mão pela varanda das escadas do hotel Monte Carlo, Martín Garret compreendeu que nunca seria capaz de ver o mundo como antes de descobrir como era fácil partir-se em pedaços. Embora não lamentasse essa descoberta, até antes pelo contrário. A sua inteligência, adestrada na técnica científica, desejava ir mais além; decifrar a trama oculta que intuía, espantado, na revolução e na guerra.

Uma guerra e uma revolução vitoriosa que tinham chegado até ao próprio hotel. Amedrontado, o pessoal observava com inquietação os insurgentes instalados no andar do baixo. O rececionista-porteiro entrincheirava-se atrás do balcão da entrada, os empregados fugiam e o gerente tinha desaparecido. Os vencedores apoderavam-se da sala de estar e da sala de jogos: guedelhudos, sujos, alguns ainda com as cartucheiras de balas a cruzarem-lhes o peito, ocupavam cadeirões e poltronas, dormitavam na alcatifa e jogavam às cartas sobre os tapetes agora cheios de queimadelas de cigarros e nódoas de comida. O ambiente estava denso de fumo, barulho de conversas, roçar de *huaraches* e arrastar de esporas no soalho. As armas

apoiavam-se nas paredes, nos móveis e na mesa de bilhar, e tinham tirado as cortinas a fim de fazerem xairéis para os cavalos. Ainda assim, mantinha-se a disciplina. Ninguém bebia álcool e o bar do hotel estava fechado, com uma sentinela recostada no balcão e de espingarda na mão. O mesmo acontecia nos outros hotéis da cidade, o Porfirio Díaz – cujo nome era previsível que durasse pouco – e o México. O general Orozco e o coronel Villa continuavam a castigar a embriaguez com o pelotão de fuzilamento.

Genovevo Garza esperava sentado num cadeirão perto da entrada: parecia dormir, com a carabina no chão, as pernas esticadas e o chapéu sobre a cara. Martín ia ter com ele quando viu Diana Palmer. A norte-americana acabava de chegar: usava o mesmo vestido cinzento aos quadrados e levava a mala grande de couro do dia anterior, e estava diante do balcão da receção a tentar conseguir um quarto. Suada, cheia de pó, cansada, discutia com o rececionista, que alegava não ter nada livre.

– Pagarei o que for preciso – insistia ela. – Preciso de uma cama e de um banho quente.

– Impossível, senhora. Estamos completos. É impossível.

Martín interveio. Conhecia bem o empregado, um mexicano pequeno, descuidado e venal. Desde que era cliente do Monte Carlo que o mantinha do seu lado com gorjetas generosas.

– Tenho a certeza de que podes conseguir, Pablo – disse ele.

O outro encolhia os ombros, evasivo.

– Está muito difícil, senhor Garret. É tudo uma loucura, metade do pessoal não aparece. – Apontou disfarçadamente para os insurgentes. – E esses cavalheiros não param de pedir coisas de que não disponho.

Tinha pronunciado com relutância a palavra *cavalheiros*, baixando a voz. Martín sorriu.

– A senhora é uma jornalista famosa e tem o aval de *don* Francisco Madero em pessoa.

– Isso mesmo – disse ela, tirando da mala uma folha de papel dobrada.

O rececionista leu o documento. Depois tocou na cara, dubitativo.

– Talvez possa arranjar daqui a duas horas.

Martín apertou-lhe a mão, deslizando discretamente nela duas notas de dez pesos.

– Antes que se faça noite, espero.

– Farei o que puder.

– Sei que farás, Pablo. Não defraudemos a senhora.

O outro fez desaparecer o dinheiro com celeridade de prestidigitador.

– Sempre ao seu serviço, senhor Garret.

Ele virou-se para a mulher, que tinha presenciado, divertida, a operação. Olhava para ele fixamente, tal como na tarde e na noite anteriores. Avaliando-o, incluindo a pequena ferida da cara. A marca parecia agora mais alta.

– Desenvencilha-se bem aqui – disse ela.

Martín olhava para a rua.

- Onde está o seu amigo?
- Qual amigo?
- O *gringo*. Esse tal Logan.
- Oh, não sei. Por aí... Não é meu amigo.

Disse aquilo, desvoluta, quase indiferente. Ele indicou as escadas que conduziam ao piso superior.

– Enquanto não consegue um quarto, posso oferecer-lhe o meu? Talvez queira refrescar-se um pouco e descansar.

- Fala a sério?
- É evidente.
- O que é que lhe aconteceu na cara?

Martín tocou na ferida coberta com tintura de iodo. A *soldadera* do major Garza tinha-lhe dado um ponto de sutura com agulha e linha de coser.

- Nada importante.
- Dizem que fez não sei o quê, e que o fez bem.

Não respondeu àquilo. Diana Palmer dirigia-lhe um olhar lento. Pensativa.

– Realmente preciso de um banho – disse ela, por fim. – Vejo que você já o tomou.

– Deverá desculpar-me. Há uma banheira no quarto, mas ainda contém a água que utilizei. Mandarei que a troquem por água limpa e quente.

– Agradeço-lhe muito.

Tinha emitido um suspiro ao dizer aquilo. Ele fez um gesto em direção à mala, mas ela adiantou-se.

– Não, deixe lá... Posso levá-la eu mesma.

Subiram as escadas e detiveram-se diante do quarto. Martín tirou a chave, fazendo-a girar na fechadura.

– Com licença – disse ele.

Ela manteve-se no umbral enquanto ele garantia que tudo estivesse em ordem. Estendeu a colcha sobre a cama desfeita, deixou a janela aberta e as toalhas húmidas penduradas no toalheiro, junto da bacia de porcelana, do espelho e dos utensílios de higiene. Meteu no armário o colarinho da camisa sujo de que se tinha esquecido em cima da cómoda, e, depois de uma última vista de olhos, virou-se para a mulher.

– Entre, por favor.

Ela obedeceu devagar enquanto olhava em redor, calma, segura de si. Era claro que não era a primeira vez que se via num quarto ocupado por um homem. Ao fazê-lo, passou perto de Martín, quase roçando nele, e ele sentiu o seu cheiro a terra e a suor, que no corpo feminino adquiria uma condição diferente das pessoas entre as quais se tinha movido nos últimos dias. Neste caso era um cheiro áspero, obscuro, talvez misto e de certo modo ambíguo; como se tanto denunciasses sujidade como a carne de mulher cansada e, apesar disso – ou talvez por isso –, turvamente atrativa. Nunca antes Martín tinha vivido algo semelhante. Sentiu uma estranha pontada de desejo: um impulso

mais para o vago, desconcertado e animal, e ruborizou-se porque Diana Palmer parecia ter notado e olhava para ele com uma curiosidade nova. Com uma seriedade súbita. Depois, ela desviou o olhar para a banheira de zinco situada debaixo da janela, ainda cheia de água ensaboada e cinzenta, e ele corou um pouco mais.

– Vou pedir que a mudem – repetiu. – Vai ser uma coisa rápida.

A mulher mal sorriu: um leve trejeito no rosto anguloso e duro enquanto deixava a sua mala no chão, junto da batinha da saia e das botas manchadas de pó e de lama seca. A claridade da janela aberta, em cujos vidros incidia a luz da tarde, arrancava outra vez reflexos cor de palha, dourados, aos seus olhos cor de canela.

– Obrigada – disse ela.

Tinha tirado os ganchos que seguravam o cabelo e este caiu-lhe sobre os ombros. Com aquele gesto parecia mais nova, ou pelo menos foi isso que Martín pensou. Um pouco menos direita e invulnerável. Ele deixou a chave em cima da cómoda, movendo-se em direção à porta.

– Não é preciso dar-lhas... Suponho que o seu quarto estará disponível em breve. Até então, considere-se no seu.

– Obrigada – repetiu ela.

Olhava-se ao espelho e tinha começado a desabotoar o vestido, como se já estivesse sozinha. Martín saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si.

.

A avenida 16 de Setembro era um formigueiro de maderistas. Até onde se podia ver, havia cavalos, armas de todo o tipo, chapéus de aba curta e larga, roupas brancas folgadas de camponeses, ganga azul desbotada de operários e ferroviários, casacos amarelos e pardos de rancheiros. Aquela maré humana de aspeto sebento e feroz descansava apoiada nas paredes, conversava com os vizinhos que se atreviam a sair à rua ou que espiavam diante das portas fechadas de comércio e *cantinas*.

Martín verificou que a disciplina continuava em vigor e o saque se mantinha em limites razoáveis: além do incêndio dos Correios e da loja de ferragens e da armaria Ketelsen & Degetau, só algumas mercearias tinham sofrido o assalto das ávidas *soldaderas* que chegavam depois da tropa com os seus embrulhos e crianças enfaixadas às costas, que agora preparavam os fogões e os *comales* na rua para alimentar os seus homens. Também a grande farmácia situada na esquina com a avenida Juárez tinha os vidros das janelas partidos, a porta desengonçada, e dela saíam revolucionários com pacotes de ligaduras, medicamentos e frascos de iodo.

– Aí os tem, engenheiro. – Genovevo Garza apontava com o cano da carabina para uma longa fila de federais que caminhavam sob custódia de maderistas armados. – O que é que acha?... De perto e com o espinhaço partido, não parecem tão galarotes como quando nos atiram balas.

– O que é que vão fazer com eles?

– Ah, pois, já se sabe. Os zés-ninguém, ou seja, os *pelones* da tropa, podem juntar-se a nós se lhes apetecer. Ao fim e ao cabo, são simples infelizes que tiraram das prisões ou alistaram à força.

Martín olhava, compassivo, para aqueles homens pequenos de rostos meio índios e morenos, olhos opacos e bocas secas, defumados de pó e pólvora. Alguns coxeavam apoiados nos companheiros.

– E os outros?

– Ah, bom. Pois também já se sabe. Afinal de contas, eles e os seus chefes roubam-nos os nossos pobres porcos e galinhas, queimam-nos as casas e levam as nossas mulheres... Não os vamos levar, nem devolver ao governo *pa* que no-los atirem *pa* cima outra vez, não é?

Perto da alfândega central encontraram-se com Tom Logan. O norte-americano estava sentado à sombra com outros maderistas, e ao ver Martín e o major pôs-se de pé e foi ter com eles. Trazia a espingarda numa mão e com a outra mordiscava um bocado de carne seca.

– Sabem o que aconteceu ao general Navarro? – perguntou.

Não sabiam, e, enquanto caminhavam, pô-los a par da situação. Dizia-se que o chefe da guarnição se tinha rendido com os seus últimos quinhentos homens impondo condições, uma das quais era que respeitassem a sua vida e a dos chefes e oficiais que continuassem vivos. Pelos vistos, *don* Francisco Madero tinha aceitado os termos, e isso enfurecia o general Orozco e o coronel Villa, que tinham contas a ajustar com o militar que havia mandado fuzilar os seus homens em Cerro Prieto.

– Vamos ver – disse Genovevo Garza, cujo rosto tinha ficado sombrio.

Logan olhava para Martín com curiosidade.

– Viu a Diana, companheiro?... Deixei-a à porta do seu hotel, parece-me.

– Sim. Andava por ali.

– E sabe se conseguiu alojamento?

– Talvez. Andava à procura disso.

O outro mastigou um último pedaço de carne salgada e escarafunchou os dentes com uma unha.

– Mulher interessante, não acha?... Pelos vistos, foi ela quem pediu ao *New York Evening Journal* que a mandasse para aqui. E não é das que se encolhem, sem dúvida. Entre ontem e hoje ouviu assobiar umas quantas balas.

– E você? – inquiriu Martín.

– Eu? O que é que quer saber de mim?

– O que faz um *gringo* na revolução?

Logan inclinou a cabeça, surpreso.

– A mesma coisa lhe poderia perguntar eu... O que faz um espanhol?

– Nós é que solicitámos o senhor engenheiro – esclareceu o major Garza. – E ele veio porque quis, sem protestar.

– Não me diga.

– Bolas! Sabe mais de dinamite do que os próprios militares.

– Ah.

Continuavam a andar. Garza piscou o olho a Martín, indicando de soslaio o norte-americano.

– O cabrão do louro conhece bem as metralhadoras.

Logan sorriu pondo a espingarda ao ombro. Entre as suas patilhas avermelhadas, a aba do chapéu acinzentava-lhe mais os olhos metálicos.

– Tenho jeito para as reparar quando se avariavam. Manobrei uma Gatling na guerra contra Espanha.

Martín olhou-o com interesse renovado.

– Esteve em Cuba?

– Na ilha de Puerto Rico, lombas de San Juan... Os seus compatriotas defenderam-se bem. Desde então, respeito os espanhóis.

Genovevo Garza ria-se entre dentes, ao ouvir aquilo.

– Pois aqui onde o vê, que ainda parece um miúdo, o engenheiro é totalmente de muito respeito. – Bateu com afeto num ombro de Martín. – Ganhou o respeito à macho.

Diante da alfândega central havia alvoroço, zumbir de conversas e caras sérias. Amontoava-se ali uma multidão de insurgentes que olhavam com expectativa para o edifício, sob custódia da guarda pessoal de Francisco Madero. Um quantas cotoveladas de Genovevo Garza abriram passagem até à porta quando por ela saía o coronel Villa com alguns membros do seu estado-maior. Ainda estava vestido com roupa de campanha, com as polainas cheias de pó, as esporas a ecoarem e a pistola no cinto. Caminhava a passos largos, trazia o chapéu inclinado sobre os olhos e mexia na cara com gesto sombrio. Parecia furioso. Ao ver Garza, parou à sua frente.

– Olá, compadre... Onde andavas?

– A acompanhar o engenheiro, meu coronel.

O revolucionário nem olhou para Martín.

– Qual engenheiro qual porra. Era aqui que me fazias falta.

– O que é que se passa?

– O que é que se passa? – Ao ver que os homens se juntavam, Villa olhou em volta e ergueu a voz: – Pois falta-me à palavra. O general Navarro vai passar entre os pingos da chuva.

– E como é que foi isso?

– O senhor Madero mudou de ideias. Prometeu entregar-me esse criminoso se tomássemos Juárez, e tomámos. Mas agora diz que é impossível. Que a humanidade, que a clemência...

– E o que é que diz o general Orozco?... Ele também queria ajustar contas com o Navarro.

– Pôs-se do lado do Madero e da cambada de unhas de fome que o rodeiam, a que ele chama o seu gabinete: os que estavam a coçar a barriga enquanto nós tínhamos de nos aguentar com os tiros... E agora dizem que dar

cabo desse filho de vinte pais é impolítico.

– Impolítico?

– Com todas as suas letras, as que tiver. Eles não querem saber de nós para nada, e eu fico lixado com isso.

As últimas palavras despertaram a indignação dos villistas que estavam perto. Recordavam os seus companheiros executados por Navarro e davam palmadas nas espingardas pedindo para ir fuzilar à força o Tigre de Cerro Prieto. Na porta da alfândega, os da guarda maderista olhavam uns para os outros com inquietação. O clamor cresceu tanto que o próprio Villa ergueu as mãos para apaziguar os ânimos.

– Acalmem-se, rapazes – disse ele, por fim, silenciando os seus homens.

– Vão com as vossas mulheres, quem as tiver. Comam e descansem, que bem merecem. E portem-se bem. Prometo que tudo se irá compor.

Afastaram-se da alfândega. Villa, Garza e Martín iam juntos, acompanhados por Sarmiento e mais dois homens. Com parcimónia, de espingarda ao ombro, Tom Logan seguia-os de longe.

– Deviam ter visto aqueles maricas – lamentava-se Villa. – Governo do México democrático, dizem eles. E nem um jornaleiro, nem um combatente há entre eles: fazendeiros, advogados... Até um ministro da Guerra que nunca puxou um gatilho.

– E o que é que vai fazer, meu coronel? – inquireu Garza.

– Apresentei a minha renúncia. Vou-me embora.

– Vai-se embora como?

– Pois, vai-se embora – disse Sarmiento, sombrio.

Villa assentia.

– É o que diz aqui o índio. Vou-me embora para o meu rancho de San Andrés.

– Assim, a bem?

– A bem, não, a mal. Mas cada aranha na sua teia. Dão-me dez mil pesos e a licença.

– Ai, mãe. – Garza coçava a nuca, confuso. – E nós?

– Subscrevam-se, ou prescrevam-se, ou lá como se diz, na tropa de Raúl Madero, o irmão do presidente... Ele é agora o seu chefe militar.

– E se não quisermos?

– Pois aquele que não quiser, vá para casa e amigos como dantes. Também lhe darão alguma coisa, foi *pa* isso que lutámos, não é?

– E a revolução, meu coronel?

Villa deu meia-volta, olhando para o edifício da alfândega.

– Segundo aqueles senhores lá de dentro, a revolução está feita. Já se imaginam na capital. Segundo parece, com isto de Juárez, ao velho Porfirio Díaz só lhe falta um pequeno-almoço, e mudarão as coisas. Ou é isso que dizem, embora mudanças eu por agora veja poucas.

Garza negava, abatido. Tinha tirado o chapéu e a luz do sol parecia afundar-lhe a cicatriz da cara. Olhou com apreensão para o índio.

- O Sarmiento também fica?
- Não, vem comigo. Como escolta.
- E eu o que faço, meu coronel?

Parecia tão desvalido que Villa lhe dirigiu um sorriso de alento.

– Daqui a nada farás o que te dê na real gana; mas por enquanto continuas a cumprir ordens. Não podemos ir todos embora.

– Mas, ouve, Pancho...

– O que é, compadre? Não te ponhas com ar de funeral.

A Martín não escapava o repentino tutear nem a mudança de tratamento, de graduação militar para nome próprio do chefe insurgente. Genovevo Garza inclinava a cabeça, esquivo, olhando para as botas cheias de pó. Como se lhe custasse dizer o que dizia.

– Estamos juntos há uma porrada de tempo, desde que expulsámos os *rurales* na Sierra Azul, não é?

– É isso mesmo, meu Geno.

– Antes de nos metermos na revolução. Quando apenas nos chamavam simples bandidos.

– É verdade... E depois?

O major não disse mais nada. Continuava a olhar para as botas, condoído. Villa passou-lhe o braço pelos ombros, apertando-o com força. *Don* Francisco Madero, garantiu, era um homem honrado. Ainda que não soubesse ver certas coisas.

– Demasiado boa pessoa – concluiu. – Compreendes, irmão? Se eu me vou embora, também não é para deixar a coisa só nas mãos de Orozco e dos outros corvos, não é verdade?... Dessa caterva de mortos de fome. É preciso manter gente boa, de confiança. Gente revolucionária e experimentada como tu.

– Mas levas o Sarmiento contigo.

– Isso é porque confio mais em ti do que neste apache de merda, que sem mim descarrila e mata quem não deve. Se o tiver por perto, vigio-o melhor. – Dedicou ao aludido um sorriso sombrio. – Além disso, ele e eu temos umas contas a ajustar.

Como se as suas próprias palavras o tivessem feito recordar Martín, Villa fixou a atenção no jovem. Olhava-o de cima a baixo e o seu sorriso tinha-se tornado sardónico.

– Por certo, senhor *gachupín*. Vejo-o muito penteado e limpo, mas vai sujar-se completamente outra vez.

Martín surpreendeu-se.

– A que é que se refere, coronel?

– A revolução continua a contar consigo?

– Pois não sei – hesitou, confuso. – O major Garza... Bom. Se ele ficar...

– Pois então você vai ficar, não?

– Sim, para já. Ou é o que acho.

Villa deu uma gargalhada. O antigo bandoleiro sempre se ria assim, confirmou Martín. Sonoro, vital. Excessivo como quase tudo nele: a sua cólera e os seus bons humores.

– *Órales*, meu Geno. Sempre juntinhos, não? – Piscou o olho a Martín. – É melhor não criar ciúmes na sua Maclovía, pois, a mal, ela é uma pantera.

Um meio sorriso iluminou o rosto de Genovevo Garza. Abanava, bonacheirão, a cabeça, voltando ao tratamento anterior e ao você.

– Não me tente, meu coronel.

Martín continuava suspenso de Villa.

– O que é que quis dizer com aquilo de me sujar? – quis ele saber.

O outro encolheu os ombros, apontando para sul.

– Dizem que os federais preparam o seu contra-ataque. Pelo que os telegrafistas contam, vem um comboio para Juárez com tropas frescas. E num lugar chamado barranco do Fraile, podemos atacá-los.

– Conheço o sítio – disse Garza. – Uma ponte ferroviária sobre um desfiladeiro fundo, a oito léguas daqui.

– Isso mesmo, sim... E vão pedir ao *gachupín* que a deite abaixo.

Villa parou de repente, e encostou um dedo ao peito de Martín, no sítio do coração.

– Mas tenha cuidado, amigo – acrescentou. – Se os *pelones* o agarrarem antes de isto acabar, fazem-no pagar bem caro.

– Tentarei que não me apanhem.

– É melhor. Depois dão-lhe as instruções. Mas ouça, responda-me a uma pergunta. Porque é que se meteu nisto?... Vossa mercê é mais dos de cima do que dos de baixo.

Martín hesitou. Continuava sem lhe ser fácil responder àquilo. Nem sequer para si mesmo.

– Pois não sei – disse ele, por fim. – Como lhe disse ontem, as minas onde trabalho estão encerradas.

– E aquela curiosidade de que me falou?

– Continua a haver alguma.

Villa fez o gesto de seguir caminho, mas Martín manteve-se quieto. Continuava à procura de respostas.

– Também, às vezes – acrescentou –, acho os de baixo melhores do que os de cima.

– Só às vezes?

– Muito frequentemente.

Villa aprovou, agradado.

– Agora acertou nisso, amiguito.

– Obrigado.

O coronel tinha pendurado os polegares no cinto da pistola e observava-o, atento.

– Ou seja e resumindo, gosta disto... De andar no meio da malta.

– Sim – admitiu o jovem, quase com candura. – Acho que gosto.

– Quando uma pessoa luta por uma causa, pelo povo, sente-se inteiro, não é verdade?... Mais homem.

– Talvez sim.

– E como espanhol, o que é que acha dos daqui? Sabemos morrer?

Martín pensou naquilo por um momento.

– Maltratar um mexicano não é uma injustiça – concluiu. – É um perigo.

– Tá bom isso.

– Sabem lutar, e são ao mesmo tempo cruéis e meigos.

Villa deu uma risada.

– Meigos, diz você? Bolas... Isso parece mesmo amarelado. – Olhou para Garza, brincalhão. – Digo-te aquilo de antes, meu Geno... Vigia as nádegas quando dormires, não vão eles tramar-te.

Martín continuava a olhar para o coronel. Por alguma insólita razão, sentia-se mais seguro do que antes. Até atrevido. E talvez insolente.

– Permite-me uma pergunta, coronel?

– É claro... Vá lá.

– Sabe alguma coisa do carregamento desaparecido?

Villa mudou de expressão. Os seus olhos cor de café ficaram pequenos, desconfiados.

– E o que é que você tem que ver com isso?

– Na verdade, nada. Mas também sinto curiosidade por esse ouro. De certo modo, ajudei a consegui-lo.

– De curiosos estão os cemitérios cheios – interveio Sarmiento.

Tinha manifestado aquilo em voz baixa, entre dentes. Martín olhou para o rosto impassível do índio. Nada se conseguia ler nele, o que inquietava mais do que um gesto ou uma ameaça explícitos. Por seu lado, depois do relâmpago de receio, Villa parecia relaxar.

– Não sei nada – disse ele com calma. – Mas assim que souber, dou cabo de mais do que um. E até mais de dois.

Deu a volta como que para continuar a andar, e de repente apalpou o bolso.

– Não me esqueço de que lhe devo uma moeda de ouro, senhor espanhol... Esta não se vai perder como se perdeu o resto. Por isso, procure continuar vivo *pa* recuperar, se nos virmos.

– E se não morrer antes – fez notar Sarmiento.

Villa voltou a rir-se, sonoro e brutal.

– Ah, claro... É isso mesmo! Se aqui o amiguito não morrer antes.

8. Interjeição comum no México, com vários sentidos, como aprovação, encorajamento. (*N. dos T.*)

4. O barranco do Fraile

Estava frio. Sob as estrelas que recortavam as silhuetas dos edifícios, as fogueiras salpicavam a noite de resplendores avermelhados. Havia muitas, e prolongavam-se desde a missão de Guadalupe até à alfândega, e ainda mais para lá. Toda a avenida 16 de Setembro era um imenso bivaque onde acampavam as tropas maderistas. Eram quase onze da noite e o ar ainda cheirava a fumo de lenha, a feijões fritos, a carne assada e a café de panela. Havia centenas de vultos humanos a dormirem encostados aos alpendres e às fachadas, imóveis em torno dos lumes ou a moverem-se devagar entre eles. Quase todo aquele exército de sombras se mantinha num silêncio que só era desmentido por um rumor de conversas, relinchos de cavalos amarrados e pela canção que uma voz masculina distante, à qual de vez em quando se juntava o coro de outras, espalhava na escuridão:

*Tanto mestuvo rogando
hasta que me sacó un rial.
Ay, qué mujeres ingratas,
no saben considerar!º*

Com uma manta sobre os ombros, Martín Garret observava aquilo da porta do hotel Monte Carlo, respirando o aroma da aventura que lhe remexia o coração e a cabeça de modo tão singular. Sensações e sentimentos entrecruzavam-se em desordem, impedindo-o de conciliar o sono. Por isso, apesar da fadiga do dia – dos dois dias decorridos e do que o próximo iria trazer –, o jovem mantinha-se imóvel recostado numa coluna do alpendre, atento a tão estranha noite. Pensava no seu momento ambíguo e no seu futuro incerto, e surpreendia-o a ausência de inquietação ou de medo. Nas últimas quarenta horas, a sua vida discorria por uma paisagem de limites impossíveis: geografia mental que estimulava, em vez de preocupar. Tinha lido histórias

parecidas em romances e livros de viagens, mas nunca imaginou vivê-las em pessoa. Agora sentia-se flutuar no tempo e no espaço, num lugar onde passado e futuro não tinham sentido; deixavam de ter importância, substituídos por essa estranha serenidade semelhante a uma droga tranquila. Talvez seja este o meu verdadeiro carácter, concluía, espantado. A minha vocação. Viver suspenso na aventura de um presente prolongado. E não soube disso até hoje.

Sentiu cheiro a fumo de tabaco de boa qualidade, roçar de roupas atrás de si e ranger de botas sobre as tábuas do alpendre, e, ao dar meia-volta, reconheceu Diana Palmer. A norte-americana deteve-se ao seu lado, e Martín advertiu na penumbra que ela levava o cabelo solto e se cobria com um xaile de lã. A brasa de um cigarro brilhava ténue entre os seus dedos.

– Que cidade insólita! – murmurou ela.

Não parecia dirigir-se ao jovem, mas sim falar para si mesma. E Martín nada disse. Mantiveram-se um momento calados um junto do outro, a observar os pontos vermelhos das fogueiras.

– Que tal o seu quarto? – disse ele, por fim.

– Oh, muito bem. Mais pequeno do que o seu, mas suficiente. O seu amigo Pablo portou-se lindamente.

O silêncio voltou entre ambos. À distância, a canção apagava-se com um último compasso de guitarra.

– A que horas saem para o Sul?

Martín quase se sobressaltou.

– Quem?

– Não se faça de parvo... Você e os que se vão encarregar do comboio federal.

Voltou a olhar para ela. Agora com desconfiança.

– O que é que sabe sobre isso?

– O suficiente. Saber isso faz parte do meu trabalho. E pedi para vos acompanhar.

– Não creio que a autorizem. Aquilo é...

– Não esteja tão seguro – interrompeu-o, áspera. – Solicitei isso hoje à tarde ao senhor Madero, e ele disse que talvez.

Martín pensou naquilo. Tanto faz, concluiu.

– Iremos cedo, de madrugada.

– O Tom Logan está encarregado de me avisar, se a autorização chegar a tempo.

– E se não chegar?

– Então ficarei aqui, a fazer outras coisas. Matéria não me falta.

– Já enviou uma crónica para o seu jornal?

– Sim, esta tarde, de El Paso: *Os revolucionários conquistam Juárez*.

A brasa do cigarro avivou-se quando ela o levou aos lábios. E não gosto das mulheres que fumam, pensou Martín. Nenhuma senhora autêntica o faz. É mais próprio de aventureiras e prostitutas, ou sempre pensei assim.

– Você não fuma? – perguntou ela, como se penetrasse nos seus

pensamentos.

– Não gosto.

– Faz bem. Conservará os dentes brancos e bonitos.

Por instantes, com desagrado, imaginou beijá-la.

E sentir o sabor do tabaco. A penumbra velava o rosto de Diana Palmer, mas Martín recordou a sua boca atraente, dura, embora sugestiva, ou talvez sugestiva precisamente por isso. Pela sua dureza. Aquela secura ambígua, tão diferente das mulheres que tinha conhecido antes.

Voltou a avivar-se a brasa no rosto da norte-americana.

– Posso tratá-lo por Martín?

– Faça favor.

– Não sente sono, Martín? Amanhã poderá ter outro dia duro.

– Não. – Negava com a cabeça como um rapaz que ignorasse demasiadas respostas. – É tudo tão...

– Estranho?

Observou-a, vagamente surpreendido.

– Também para si?

– Escrevo em jornais há algum tempo, viajei e fiz coisas, algumas muito excitantes. Mas esta é a minha primeira guerra.

– E a minha – confessou ele.

– Pois, segundo dizem, desenvencilhou-se como se tivesse feito outras. Essa ferida na cara...

Martín não respondeu àquilo. Olhava para os fogos que pontilhavam a noite. Passado um momento, a mulher falou de novo.

– Não se parece com os romances – disse ela –, nem com a música militar, nem com os monumentos que há nas praças, não é verdade?

Ele voltou a negar com a cabeça.

– De todo.

– E o que é que mais o impressiona?... A primeira coisa que lhe virá à memória quando tiver passado o tempo. Os mortos e o sangue?

– É esse o seu caso?

– Talvez seja. E o seu?

Pensou naquilo por momentos.

– O zumbido de moscas e o cheiro – decidiu ele. – Essa mistura de sujidade e coisas queimadas. – Tocava no nariz e na roupa. – Mantém-se aqui e dá a sensação de que nunca mais se apagará.

– Sim, é verdade.

Uns cavaleiros passaram diante do hotel, calados, apenas com o barulho dos cascos das suas cavalgaduras. A contraluz das fogueiras e o céu estrelado recortavam os seus grandes chapéus e os canos longos das espingardas.

– O que pensa deles? – quis saber Diana Palmer.

Martín assentiu. Era fácil responder àquilo.

– Ingénuos e valentes, diria eu... Comovem até na sua ferocidade.

Pareceu-lhe que ela suspirava, embora não soubesse porquê. A brasa do

cigarro tinha voltado a avivar-se na penumbra.

– Acha que vão conseguir? Finalmente, serem livres.

– Não consigo adivinhar o futuro – respondeu ele –, mas merecem-no.

– Conversei com os seus chefes: Madero e os outros. Têm boas palavras e intenções, mas não tenho a certeza de que os seus objetivos e os do povo que dizem representar sejam idênticos. – Deteve-se como se procurasse argumentos. – Você leu alguma coisa de História, acho eu.

– Não muito. Sou mais de livros técnicos e romances fáceis: Dumas, Júlio Verne, Blasco Ibáñez... Coisas assim.

– E aquela *Anábasis* que vi no seu quarto? Também gosta dos clássicos gregos? Xenofonte?

– Não sei – admitiu ele. – Estou a começar a lê-lo agora.

– Porquê esse livro?

– Mero acaso. Estava no escritório da mina onde eu trabalho.

Ouviu-a rir suavemente.

– *Thalassa, thalassa...* É uma boa história: dez mil mercenários gregos rodeados de inimigos, à procura do mar a fim de voltarem para casa.

– Ainda não cheguei a esse capítulo.

– Há de chegar. Todos chegamos, mais tarde ou mais cedo.

De mútuo e tácito acordo, tinham começado a caminhar. Afastaram-se do hotel e andaram pela rua adiante, em direção à alfândega. Ao passarem junto das fogueiras, o seu fulgor avermelhado iluminava-os. Homens e mulheres sentados erguiam o rosto e olhavam para eles com curiosidade.

– A história da humanidade tem abundância de comoções parecidas com esta – dizia Diana Palmer. – A Revolução Francesa, as independências americanas, a Comuna de Paris, os distúrbios políticos em Espanha... Tragédias heroicas que acabam em *vaudevilles* grotescos, beneficiando os de sempre. Poucos revolucionários continuam a sê-lo quando alcançam o poder.

– Talvez aqui seja diferente – objetou Martín. – Madero parece ser um homem honrado. E o México...

Ficou por ali, hesitante, e ela retomou o argumento.

– Demasiada injustiça e fome acumulada, demasiado desespero?

O jovem fez uma expressão simples, de evidência.

– Vai ser difícil que esta gente se resigne àquilo de antes.

A norte-americana voltou a rir. Agora com mais força. Mais irónica.

– Não me diga que tem ideias socialistas.

– Oh, não, nada disso – apressou-se a responder. – Pertencço a um ambiente que detesta o socialismo.

– Aos de cima, como dizem aqui?

– Aos do meio, mas vindo de baixo.

– Caramba... De onde sai, então, essa sua fé?

– Não sei. De qualquer forma seria uma fé nova, recente. Nunca imaginei isto até agora.

Parou um momento, pensando naquilo a sério. Concentrado na ideia.

– Não – disse ele, por fim, com uma firmeza ingênua.
– A que se refere?
– Que não se trata de fé em nada... Aprecio-os. Sinto-me bem entre eles.
– Tornou-se um revolucionário puramente prático? – A mulher parecia divertir-se com a conversa. – Um homem de instintos e ação, como o Logan?

A comparação desagradou a Martín.

– Também não – respondeu com súbita frieza. – Estou longe disso. Apaixonei-me por esta revolução e pela sua gente, o que é diferente.

– Apaixonado?

Ele pensou um pouco mais.

– Penso que sim – confirmou.

Emitindo outro riso suave, Diana Palmer deixou cair o cigarro no chão e esmagou-o com a sola da bota.

– Caramba. – Aquilo soava irónico na sua boca. – Ainda há poucos dias estava nas suas minas, suponho... Apaixona-se com facilidade?

.

Chamaram-nos de uma fogueira. Genovevo Garza estava sentado com a sua *soldadera* Maclovía Ángeles e outros homens e mulheres, com as espingardas e carabinas empilhadas. Os revolucionários abriram-lhes espaço junto do lume. Alguns preparavam bombas de mão com bolas de latão de cama e tubos cheios de pregos, porcas e pólvora. Martín tinha-lhes ensinado a fazer aquilo e eles adoravam.

– Então, engenheiro. Deveria estar a dormir, não é?... Saímos cedo, com os galos.

– Já vou.

– Ó homem, tem de cuidar de si. Precisamos de si bem inteiro.

Martín estava inseguro.

– Vamos a cavalo?... Não sou bom nisso.

– Não se preocupe, vamos ter um comboio: uma locomotiva e duas carruagens *pa* tropa e *pa* material.

O jovem apontou para Diana Palmer.

– Acho que a senhora também vem. Ou pelo menos foi o que ela pediu.

– Pois, se lhe derem licença, não há problema... Já jantaram? Um cafezinho?

Entregaram-lhes duas chávenas desiguais, rachadas. Martín bebeu da sua. Aromático e forte. Queimava.

– É bom.

– Do melhor, marca La Negrita. E acabado de moer. A minha Maclovía confiscou-o na mercearia que fica lá em baixo, aquela a que chamam do turco Hassan.

– Eu julgava que o saque era proibido – disse Diana Palmer.

– É que isto não é saquear, minha senhora. – Garza sorria, incomodado.

– Os revolucionários têm de se alimentar *pa* continuar a lutar... Repare que de

resto é aqui que estamos, ao relento, podendo entrar nas casas e dormir debaixo de um teto. Mas trata-se de respeitar as pessoas, ou não?

A norte-americana observava o rosto impenetrável de Maclovía.

– Trazem muitas mulheres convosco... Elas também combatem?

– Pois, se fizer falta, mais sim do que não; porque muitas sabem disparar chumbo como qualquer cristão. Mas para já não faz falta. Para isso estamos cá nós.

Alheia à conversa, como se não fosse com ela, Maclovía recolhia as chávenas vazias e deitava nelas mais café, entregando-as aos outros homens sentados à volta da fogueira. Martín reparou que a *soldadera* tinha tirado duas cartucheiras de balas que lhe cruzavam o peito sobre a blusa branca e suja, mas conservava a pistola no cinto. As brasas do lume iluminavam o seu perfil nortenho, duro e achatado, a grossa e engordurada trança negra nas costas.

– Não pensem que para as nossas mulheres é fácil – prosseguiu Garza. – Têm de garantir que tenhamos comida, lavar e cerzir a roupa, carregar com as nossas munições e armas, e tudo isso. Algumas trazem os miúdos, *pa* acabar de chatear. Algumas, coitadas, vêm como mulas.

– Acompanham-vos o tempo todo?

– Pois, se não como?... Ninguém atende melhor um homem do que a sua mulher. Por isso *semos* bem sortudos, os que temos uma. Devia tê-las visto hoje quando entraram atrás de nós, algumas com as suas carabinas e pistolas, metendo o focinho em todo o lado à procura de quem abater. Dispostas a dar cabo dos que lhes fazem frente.

O major tinha passado um braço sobre os ombros de Maclovía, apertando-a com afeto. Ela mantinha-se indiferente, atenta ao lume e à panela do café.

– Os federais também trazem as suas mulheres? – quis saber Martín.

– Muitos trazem, embora ontem e hoje, como lhes demos até por baixo da língua, uma data delas ficaram viúvas, não é?... Já andam por aí, a acasalar com os nossos. À procura de quem se ponha em cima delas e as proteja.

– Mudam tão facilmente de lado? – surpreendeu-se a norte-americana.

– Não têm lado, minha senhora. Federal ou revolucionário, um homem é um homem. Mas melhor connosco do que com eles. – Garza acariciava as costas da *soldadera*. – Não é assim, minha princesa?

A Martín não lhe parecia que Maclovía Ángeles fosse uma princesa. Pela sua expressão, Diana Palmer também não.

– Ela não tem lado? – inquiriu.

– O que tem que ver com isso? Ouça, aqui a minha morena é outra coisa. Tem motivos.

– E pode-se saber esses motivos?

– Diz-lhes, Maclovía. Vá lá.

A *soldadera* ergueu os olhos e olhou para Martín. Depois, sem vontade, os seus olhos grandes e escuros pousaram na jornalista. Mediam-na, receosos,

calculando se aquela estrangeira seria capaz de compreender o que ela ia dizer.

– Vivia tranquila lá para os lados das Casas Grandes – disse ela, por fim.
– Algumas vacas, um homem e dois filhos... E um dia chegaram os *rurales* do governo.

Ela tinha uma voz rouca, quase masculina, voltou a observar Martín. Queimada, imaginou, de álcool, tabaco e soluços antigos. Também de mais gritos de ódio mais recentes. A *soldadera* havia parado para recolher as chávenas de café. Pô-las juntas e secou devagar as mãos na longa e ampla saia.

– Quando se foram embora – concluiu –, eu já não tinha homem, nem filhos, nem vacas, nem nada.

Seguiu-se um silêncio. Genovevo Garza abanava a cabeça, afirmativo. Orgulhoso.

– Depois de a conhecer, ajudei-a a vingar-se. Eu andava já na revolução com Pancho Villa e tinha posto o olho no sargento dos *rurales* que lhe fez isso a ela... Epigmenio Fuentes, chamava-se o filho da puta. Por isso, uma noite, com muito sigilo, fomos à porta de uma *cantina* e levámo-lo a passear.

– Ela estava presente? – interessou-se Diana Palmer.

– Pois claro que estava. – Garza apontou para Maclovía com o polegar. – Foi quem puxou da corda quando pendurámos bem alto esse filho de uma cadela. À macho... Não é verdade, minha flor?

A *soldadera* levantou-se e pegou num cântaro.

– Vou buscar água.

Viram-na perder-se na escuridão, entre o resplendor das fogueiras. A norte-americana voltou-se para Garza.

– Pensam ter filhos?

O revolucionário encolheu os ombros.

– *Pa* quê trazer criaturas inocentes a este mundo, onde falta pão e sobram balas?... Quando a revolução terminar e cada um tiver o seu ranchito e a sua sementeira, então veremos.

– E se você morrer antes de acabar tudo?

Garza olhava para a escuridão onde Maclovía tinha desaparecido. De repente, deu uma gargalhada seca, brutal, desprovida de humor e de esperança.

– Ah, pois nessa altura o problema já não será meu, não é?... Ela tratará disso. As mulheres sabem sempre como.

.

A madrugada encontrou-os a bordo do comboio, que corria por entre as colinas recortadas num horizonte que passava devagar do negro ao violeta, sob um céu onde ainda resistiam as estrelas. Às escuras, embalados pelo sacolejar do comboio – locomotiva e dois vagões de mercadorias, um aberto e outro fechado –, os homens magros e muito queimados, com armas entre as

pernas ou penduradas perto, dormitavam à espera do seu destino. No meio de uma vintena deles, no vagão aberto contíguo ao tênder, Martín observava o lento romper do dia. O ar noturno, fendido pela velocidade, era muito frio. O jovem engenheiro trazia a manta sobre os ombros, convertida em xaile mediante uma abertura no centro, e semicerrava os olhos para evitar as fagulhas que o fumo acre trazia. Nas curvas podia ver a noite em retrocesso perante a forma escura da locomotiva, de cuja caldeira saltavam faíscas quando se abria o postigo para deitar as pás de carvão. Desde que o comboio saíra de Juárez, o major Garza permanecia ali com a pistola no cinto, carabina numa mão e cafeteira na outra, vigiando o fogueiro e o maquinista. Atento a que não houvesse más jogadas.

– Já deve faltar pouco para o Fraile – disse Tom Logan.

Este estava perto de Martín, apoiado num lado do primeiro vagão. Com o espaço da mão protegia um cigarro de marijuana para evitar que o ar levasse a brasa ou o consumisse demasiado depressa.

– Espero – acrescentou – que os federais não cheguem antes de nós.

– Isso já vamos saber – respondeu Martín.

– Vou gostar de te ver a colocar a tua dinamite. Ainda não te vi mandar nada pelos ares, herói... *The show must go on*, dizemos lá em cima. Vamos lá ver se és tão virtuoso como dizem.

Agora, ao falar espanhol, tratava-o por tu, sem que Martín lhe tivesse dado azo a isso. Este olhou para o vulto escuro de Diana Palmer, coberta com uma manta e adormecida aos seus pés entre os fardos do equipamento. A licença para que a jornalista estivesse ali, assinada por Francisco Madero, incluía Logan como escolta.

– A sério que você esteve nas lombas de San Juan?

Recalcou o *você*, mas o outro, indiferente, persistiu em tratá-lo por tu. No entanto, advertia Martín, o seu falar era o de alguém com alguma educação. Não de um simples homem rude de fronteira.

– Pois claro, já te disse... Estive no segundo ataque, quando aquele palhaço fanfarrão do Roosevelt nos lançou pela colina acima, dizendo que estava no papo e que à noite estaríamos em San Juan. Mas as nossas Springfield eram menos eficazes do que as Mauser espanholas, e os teus compatriotas arrearam-nos bem... Lutavam como tigres, colados ao terreno.

Ficou calado. Uma ténue claridade desenhava-lhe agora o perfil sobre as colinas negras do horizonte. Inclinou o rosto, observando a mulher adormecida no seu ninho de sombras.

– Depois da guerra, deixei o exército e estive uma temporada com os *rangers* do Texas – acrescentou, passado um momento. – Mas houve um problemazinho e tive de me ir embora.

– Problemazinho?

Logan ria-se entre dentes.

– É mais elegante chamar-lhe assim, companheiro.

– Ah, pois... Compreendo.

– Depois trabalhei um pouco por todo o lado, até que soube que aqui se estava a cozinhar uma coisa em grande. Por isso, tentando a sorte, atravessei o rio e, como dizem os mexicanos, *entré en la bola*¹⁰... Ao princípio, estive na Baixa Califórnia com alguns amigos, fazendo-me à vida com o Stanley Williams e os insurretos de Leyva. Gente bastante estranha.

– Mercenários – interpretou Martín.

O outro riu-se novamente.

– Bom, há muitas maneiras de o dizer: aventureiros, voluntários, soldados da fortuna... Flibusteiros é o nome feio que aqui nos davam. De qualquer forma, acabei por não gostar daquela história, que cheirava demasiado a socialismo. Por isso, juntei-me a Madero. Lutei em Casas Grandes, onde os porfiristas nos deram um bom baile, e na estação Bauche... A minha experiência com metralhadoras serviu para me respeitarem um pouco mais. Reparei algumas delas capturadas aos federais, e assim. Também me ajeito com elas. E pronto. Aqui me tens.

Ficou em silêncio, deu uma chupadela no cigarro e voltou a protegê-lo na concha da mão.

– Como se dizia antigamente – acrescentou de repente –, vivo da minha espada.

– Nasceste nos Estados Unidos?

– Na Irlanda. Num lugar chamado Moneygall, do qual nada recordo... Trouxeram-me para a América sendo eu muito pequeno.

O comboio continuava a sua marcha e o vagão estremecia monótono, sacolejando sobre os carris. A faixa de claridade do horizonte era maior e velava as estrelas baixas, passando do cinzento para o laranja pálido. Agora podia distinguir-se bem a locomotiva, o vagão da cauda e os revolucionários acorados entre os fardos e o equipamento do vagão aberto, embuçados com os seus xailes e grandes chapéus.

– E como é que foi com ela? – Martín apontou para a mulher adormecida, resignando-se ao tratamento por tu. – A tua passagem de metralhadora a escolta de uma jornalista ianque.

– Oh, isso... Foi por acaso, como tudo nesta vida. Mas, como vês, a Diana e eu damo-nos muito bem. Vai pôr-me nos seus artigos, diz ela.

– Parece que sabe desenrascar-se.

– Faz hoje quatro dias que apareceu no quartel-general provida de cartas de recomendação, com esse ar de rainha viajante que ela tem. E o anão, que é um vaidoso, deixou-se ir na conversa.

– O anão?

– O Madero, caralho. O chefe. E como o único norte-americano que andava ali perto era eu, encarregou-me de a escoltar. Tem graça, não é verdade?... E todos têm a certeza de que, como somos compatriotas e ela é mulher, me vou comportar como um cavalheiro.

– E comportas-te?

– O que é que dizes?

– Como um cavalheiro.

– Ah, isso. – Logan pensou naquilo por um momento. – O cavalheirismo é algo relativo, companheiro... Para mais pormenores, pergunta-lhe a ela quando acordar.

Martín olhou para a norte-americana adormecida.

– Não é normal ver uma mulher aqui. Uma estrangeira, quero dizer.

– Pois com esta tudo acaba por parecer normal. É muito desenrascada, habituada a viajar e a desenhencilhar-se sozinha. A senhora Palmer, garanto-te, não saiu ontem de um colégio de freiras.

– De qualquer forma, é preciso ser valente, não é verdade? – hesitou Martín. – Ela expõe-se a...

Deixou aquilo no ar, sem acabar de se referir a quê. Imaginar certas possibilidades fazia-o sentir-se perturbado. Muito incomodado.

– Oh, sim – concordou Logan, convicto. – Expõe-se a isso e a muito mais.

Depois ficou calado, como se considerasse as suas próprias palavras, e no fim deixou sair outro riso ácido que a Martín lhe soou desagradável.

– E ela até é jeitosa, não é verdade?... Seca e magricela, mas até é jeitosa. Não me importava de ser uma coisa dessas a que ela se expõe.

.

Abriu a tampa do detonador – era um Siemens-Halske em bastante bom estado, capturado no dia anterior às tropas federais –, ligou os cabos aos bornes e fez girar a chave para dar corda ao mecanismo, procurando não a retirar antes de tempo. Na ponta dos trezentos metros de fio telefónico que desciam para o leito seco do barranco, quatro cargas de dinamite minavam os pilares centrais da ponte do Fraile.

– Tudo pronto – disse ele.

Tinha tirado o chapéu para secar o suor da testa com a manga. Eram dez da manhã e o sol estava alto num céu sem brilho e sem nuvens, a castigar os homens que esfregavam as mãos com terra para as carabinas não escorregarem do suor; reduzindo cada vez mais a pouca sombra oferecida por algumas algarobeiras altas entre as quais esvoaçavam gralhas.

– Vamos lá ver se temos sorte – interveio Genovevo Garza.

Estava de joelhos, a observar com muita atenção a ponte de ferro e madeira e a secção de via-férrea que estava à vista. Meio quilómetro atrás dele, o comboio em que tinham vindo de Juárez permanecia oculto na curva de uma colina.

– Já se ouve – acrescentou, após um momento.

Martín também o ouvia; um resfôlego e um barulho ainda distantes do outro lado do barranco, aproximando-se entre as colinas sobre as quais começava a ser visível um penacho de fumo negro.

– Espere um bocadinho até estarem mesmo em cima – repetiu o major Garza pela enésima vez. – E então mande-os para a puta que os pariu.

Diana Palmer estava um pouco mais além, escondida numa nopaleira. Tinha o cabelo apanhado com um lenço atado na nuca. O suor escorria-lhe pelo perfil da cara suja de fuligem e terra, e molhava-lhe, escurecendo debaixo dos braços, o vestido aos quadrados cinzentos. A norte-americana entreabria a boca como se lhe custasse respirar o ar quente, crispada num esgar tenso de expectativa e quicá de avidez, alheia a tudo o que não fosse a ponte e a via-férrea. Tinha-se levantado para dar uma vista de olhos, e Martín viu que Tom Logan, que se encontrava atrás dela, lhe punha uma mão no ombro para a fazer agachar-se de novo.

– Esses cobardes já estão ali à vista – murmurou Garza.

O comboio tinha aparecido atrás da colina mais próxima, a duzentos metros da ponte: um vagão descoberto à frente, com tropas, precedia a locomotiva grande e negra que arrastava outros quatro. Garza deitou-se de lado e deu uma cotovelada a Martín.

– Agora é consigo, engenheiro.

Este olhou para o detonador, com a chave no máximo de voltas com a mola retida pela segurança. Depois de secar as mãos na roupa, extraiu com cuidado a chave do mecanismo de corda para a introduzir no de ativação. Agora bastava um quarto de volta para a direita para que o dínamo fizesse saltar a faísca que, induzida pelo cabo telefónico, faria estoicar as cargas. Calculou distância e velocidade do comboio escoltado, suspenso do momento exato. Em menos de um minuto, como dizia Genovevo Garza, tudo por água abaixo. Dois pássaros de um tiro, ou melhor três: ponte, comboio e federais.

– Ena! – exclamou Garza, surpreso. – Estão a parar.

Era verdade. Martín viu que o comboio diminuía a marcha até parar a uns trinta metros da ponte, imóvel como um monstro receoso cujo único sinal de vida fosse o fumo da locomotiva que subia na vertical para o céu. De repente, o apito emitiu dois toques agudos, esganiçados, e dos lados do comboio surgiram figurinhas vestidas de caqui que se dispersaram pelas bordas do barranco, de ambos os lados da via, procurando a proteção das pedras e das lagrobeiras.

– Desgraçados, filhos da puta! Farejaram a rasteira!

Os federais não se limitavam a ficar no outro lado, observou Martín com desconcerto. Uns cobriam com o seu fogo de cima e outros desciam ao leito seco, distribuindo-se em volta dos pilares. Levantavam pequenas poeiradas ao correr. Os maderistas também começaram a disparar da sua posição e o tiroteio tornou-se geral. Inesperadamente, do primeiro vagão do comboio ecoou uma metralhadora. Soava constante e rouca, quase monótona, alternando rajadas curtas e longas. *Tacatá*, fazia ela. *Tacatacatá*. Os disparos crepitavam como o estralejar de madeira seca, multiplicados pelo eco, e as balas zuniam pela ladeira acima ou soltavam estalidos vibrantes ao baterem nas rochas.

Indiferente ao chumbo, posto de pé, Garza carregava a arma várias vezes, disparando a sua 30/30.

– Aqui está o vosso pai, *pelones*!... E você, avance, engenheiro, senão eles caem-nos em cima.

Martín gritou para se fazer ouvir entre os estampidos, com a mão na chave do mecanismo de ativação. Seiscentos *watts* à espera do clique. Já era uma questão de segundos.

– Agache-se, major!

– Qual agache-se qual porra!... Corra já, ou sobem e lixam-nos!

O jovem dirigiu um rápido olhar a Diana Palmer. Teimosa, sem dar atenção às balas que passavam perto, voltava a levantar a cabeça para ver melhor o campo de batalha. Nesse momento, parecia menos atraente: a tensão envelhcia-lhe os traços angulosos e duros. Continuava a respirar com ansiedade, abrindo a boca. Isso fazia-lhe subir e descer o peito, dilatava as narinas e os olhos brilhavam excitados. A dois passos, desligado dela, de joelhos e com a espingarda colada à cara, Tom Logan disparava contra os federais.

Martín tinha os dedos a tremer. Procurando controlar-se, girou a chave para a direita, um quarto de volta.

– Aí vai! – avisou.

Durante três segundos angustiantes não houve nada. Com o coração parado, Martín temeu um fracasso, um cabo solto, uma ligação errada. Erguia o rosto para olhar para a ponte quando viu surgir quatro grandes clarões laranja e uma poeirada que se expandiu rapidamente pelo barranco, coroada por uma espiral de fumo. O estampido chegou um segundo depois: um retumbar seco e um soco de ar quente que agitou as pás espinhosas dos *nopales*.

O tenente federal tinha os olhos verdes, a pele pálida e o cabelo preto e espesso cortado à escova. Era muito novo, quase uma criança, e Martín supôs que ele tinha saído da Academia poucas semanas antes. De qualquer forma, era inútil perguntar-lhe a idade, pois não teria podido responder. Só proferia sons ininteligíveis sufocados por um gorgolejar líquido: uma bala arrancara-lhe o maxilar, cujos restos pendiam sobre o colarinho ainda corretamente abotoado do blusão, e outra ensanguentava-lhe uma perna abaixo do joelho, manchando a polaina coberta de pó. Os seus homens tinham-no posto à sombra de um dos pilares que ainda se mantinham de pé, entre ferros retorcidos e travessas partidas.

Martín olhou em redor, impressionado. Em cima, sulcando a contraluz do sol, planavam abutres pacientes à espera de se apoderarem do lugar. Em baixo, o estouro da dinamite e o derrube da ponte tinham jugulado a tentativa federal. O mato queimado ainda fumegava. O barranco estava salpicado de escombros e soldados mortos pela explosão e pelo tiroteio antes de os sobreviventes recuarem e o comboio governamental fazer marcha-atrás, retrocedendo pelo caminho entre as colinas. Para já, ganha para a revolução,

Ciudad Juárez estava a salvo. Os revolucionários moviam-se entre cerca de vinte cadáveres despojando-os de armas, roupa e calçado, finalizavam os feridos a tiros ou a machadadas e juntavam os prisioneiros – cinco homens sujos, aturdidos e assustados – perto do lugar onde agonizava o tenente.

– Belo trabalho, engenheiro – disse Genovevo Garza.

Martín anuiu, distraído, enquanto o major lhe dava pancadinhas nas costas. Olhava para o federal moribundo e para Diana Palmer, ajoelhada a seu lado, imóvel, exceto quando levantava a mão para espantar o enxame de moscas que atormentava as feridas.

Sentado numa pedra, com o chapéu atirado para trás, Tom Logan recarregava a espingarda com projéteis. Olhou brevemente para a norte-americana e piscou o olho a Martín.

– Impressiona mais quando o que vês morrer é novinho e bonito, não é verdade?

O jovem pensou naquilo.

– Suponho que sim – concluiu.

– Podes ter a certeza, companheiro... Sobretudo se fores mulher. Essa mistura de instinto maternal e sexo difuso torna-o irresistível para elas. Tocalhes na *panochita*, como dizem aqui.

Martín aproximou-se do ferido, que respirava cada vez com mais dificuldade. O sangue continuava a jorrar e encharcava a terra, enlameando-a de vermelho.

– Quer água – disse Diana Palmer.

O jovem observou-a com surpresa, enquanto se acocorava a seu lado: ela inclinava o rosto para o moribundo sem afastar os olhos dele.

– Não tem por onde a beber – disse Martín.

Apontava para a boca do tenente, convertida numa massa sanguinolenta de carne, ossos e dentes partidos. Era impossível introduzir água naquela garganta.

– Que horror – murmurou ela.

No entanto, não parecia horrorizada. Martín não se apercebeu, nem sequer no seu tom de voz, de indícios de espanto ou comoção. Observava impassível, tranquila, com uma curiosidade fria e quase científica. Afastou outra vez as moscas do ferido e abanou a cabeça.

– Nunca tinha visto morrer devagar... Por violência e assim, tão devagar.

De repente olhava inquiridora para Martín, como se esperasse dele uma resposta reveladora, ou fingisse esperá-la.

– Há muitas formas de morrer – disse ele.

– E está a ser-lhe útil conhecê-las todas? Educativo, talvez?

Era impossível perceber se ela falava a sério ou se era sarcasmo.

Martín pôs-se de pé, sem responder, mas Diana Palmer reteve-o com outro olhar.

– O México não é um mau sítio para aprender... Não acha?

Ele fez um gesto que abarcava o barranco.

– Este lugar não é para uma mulher – limitou-se a dizer.

Ouviu Tom Logan, que estava a ouvir a conversa, a rir. Um trejeito depreciativo curvou os lábios dela. Um lampejo súbito de cólera nos olhos.

– E para um engenheiro de minas espanhol, já é?

Foi o tom, mais do que as suas palavras, o que deixou Martín sem resposta. Passado um momento, ela abanou a cabeça e voltou a observar o moribundo.

– Sabe pouco de lugares apropriados para mulheres, parece-me.

Ele assentiu, quase inocente.

– Tem razão... Peço-lhe que me desculpe.

Diana Palmer voltou o olhar para ele, e a sua expressão tinha mudado. Já não parecia irritada. Agora examinava-o com curiosidade renovada, como na tarde anterior no hotel Monte Carlo.

– Você é sempre assim?

Martín surpreendeu-se, outra vez inseguro.

– Assim como?

A norte-americana hesitou, muito séria. Depois apontou para o tenente federal.

– Como ele.

– Não compreendo.

Ela entreabriu os lábios, mas não chegou a responder. A sombra de Genovevo Garza interpôs-se entre os dois.

– Temos de ir andando – disse o major. – O nosso comboio está à espera.

Martín olhou para os prisioneiros, temendo o habitual.

– E eles?

– Vêm connosco. – O outro tranquilizou-o. – Entram na revolução.

Tinha-se agachado sobre o tenente ferido para lhe revistar o blusão. Tirou dos bolsos uma carteira com documentos, um isqueiro e uma cigareira de prata. Também um canivete e um terço. Guardou tudo menos o terço, que deitou para o chão.

– E ele? – perguntou Martín.

O revolucionário encolheu os ombros.

– Estou-me nas tintas.

– Não podemos deixá-lo aqui, major – disse Diana Palmer.

Garza pôs-se de pé sem olhar para a mulher.

– Deixá-lo assim, quererá dizer – replicou. – Porque ficar, vai certamente ficar. – Indicou o dano da cara e a ferida da perna. – Depois digam-me se tem solução, ou não?... Cortado em pedaços como um cabrito.

Tom Logan tinha acendido um cigarro. Apontou para os cadáveres espalhados pelo barranco, que começavam a ficar enegrecidos e a inchar ao sol.

– De qualquer forma, é um oficial – interveio –, e não um desses

infelizes. Conhecia as regras.

O major Garza concordou. Tinha a carabina numa mão e apoiava a outra na coronha do revólver. De repente, dirigiu um sorriso de lado a Martín.

– *Pa* ser todo um revolucionário, engenheiro, só lhe falta aviar um daqueles... Que lhe parece?

Tinha tirado o revólver, um Colt de seis tiros, e oferecia-lho. Martín tardou a compreender o sentido daquilo. Tocou então no vulto da sua própria arma, que levava no bolso do casaco, e deu uma sacudidela.

– Parece-me que não.

Tinha a boca seca e soou roufenho. Erguendo o rosto, com o chapéu atirado para trás, Garza observou o voo planante dos abutres.

– Olhe, fazia-lhe um favor; porque quando calha, calha, e ninguém morre de véspera... Já sofreu a sua dor, e os de lá de cima esperam o seu momento. Ouça, não vai querer deixá-lo vivo.

– Eu não faço isso, major.

– Ai! – O outro ficou sério. – Não faz?

– Não.

Depois de olhar para ele fixamente durante alguns segundos, o maderista virou-se para Diana Palmer e ofereceu-lhe o revólver a ela...

– Se calhar aqui a senhora, que tanto se interessa... Não faria o seu favorzinho ao tenente?

Ela ergueu-se como se tivesse recebido uma pancada, sem responder. Os seus olhos ardiam de cólera.

– Vá lá, minha senhora – animou-a Garza. – Dê-lhe já.

Tom Logan tinha-se posto de pé, com o cigarro numa mão e a espingarda na outra.

– Eu encarrego-me disso.

O major dirigiu-lhe um olhar lento. Pensativo. De repente, Martín recordou que aquele revolucionário, a quem já apreciava, podia ser muito perigoso.

– Gosto assim dos homens: inteiros e bem machos – disse, por fim, Garza. – É todo seu, amigo.

Meteu o revólver no coldre enquanto se afastava. Logan pôs o cigarro na boca e moveu a cremalheira da espingarda, aproximando o cano da cara do ferido. Olhou para Martín e para a mulher.

– Afastem-se um pouco. Isto salpica.

.

O comboio corria de regresso a Juárez por um campo ermo onde nunca houve caminhos, entre colinas baixas e terra amarela. O sol declinante começava a alongar as sombras.

– Não era por si – comentou Genovevo Garza, como se se desculpassem. Martín anuiu.

– Foi o que pensei... Na realidade, era por ela, não é verdade?

Apontava com o queixo para Diana Palmer, sentada do outro lado do vagão junto do mercenário norte-americano. E mal disse aquilo, ouviu o major rir-se em voz baixa.

– Não tem nem um bocadinho de parvo, engenheiro.

Garza ficou a observar as franjas de nuvens douradas que se formavam no horizonte. Passado um bocado, coçou o bigode.

– Há uma coisa que me está aqui atravessada, sabe?... Alguns louros vêm passear ao México à turista e olham como que de longe. Julgando o que veem ou o que julgam ver, não com os nossos olhos, mas sim com os deles. Percebe?

Examinava Martín, penetrante. Este concordou.

– Acho que sim.

– Ei, não pense que é por si. Desde que nos encontrámos naquela *cantina* que você fez mais pela revolução do que muitos que eu conheço. Mais ainda, não se acobarda com facilidade: arriscou o couro como poucos, e eu aprecio e respeito isso. Até o meu coronel Villa o elogiou, lembre-se.

– Mas não sou um revolucionário – objetou Martín. – Só estava a passar por aqui. Também sou um turista nesta guerra.

– Há uma diferença: não fica a olhar. E o que pensa *pa* dentro não o diz ou não se nota. Guarda-o bem caladinho. Mas por fora arrisca-se como um verdadeiro macho, sem que ninguém o obrigue.

– Bom. É uma aventura...

– *Újole!* Como é que diz que é?

O jovem refletiu, à procura de palavras.

– Pitoresca – concluiu. – Espantosa.

– Pois seja o que for, paga o preço de a viver. Não anda como que a arrastar um saco de chatices. – Olhou para Tom Logan, que continuava sentado junto da jornalista. – Também não é como esse *gringo*, que vem como um coiote ao cheiro do sangue, porque gosta da desordem e ainda ganha dinheiro... Não, engenheiro. Você toca outra música.

Os postes telegráficos passavam rapidamente ao lado da via-férrea. O ar em movimento levantava a aba do chapéu do major. Fechou um punho para bater amigavelmente no ombro de Martín, mas não consumou o gesto.

– Eu compreendo-o, acredite – prosseguiu após um silêncio. – Sou meio analfabeto, mas compreendo... Não acredita na revolução e você lá sabe; mas sim nos que a fazem. Nos nossos séculos a trabalhar como animais *pa* que nos paguem com uma fome que nunca acaba... Isto desperta-lhe curiosidade e por ela se arrisca. Não vem como um *gachupín* esperto, armado em finório. Repara em tudo, tenta ser útil e pergunta quando não sabe.

– Bom, é assim que se aprende, não é?... Aprendi mais em três dias do que em três anos.

– Por isso é que simpatizo consigo. Porque, sabendo o que sabe, que é muito, e de pôr dinamite sabe tudinho, continua a querer aprender. Por isso é que o coronel Villa e nós, os que andamos na revolução, gostamos de si.

– Nem todos. Lembre-se de como me olha esse tal Sarmiento.

– Não ligue muito a esse índio covarde. Não vê que está louco?... Além disso, foi com o coronel.

A recordação desgostava Martín: o carregamento desaparecido e os olhares de Sarmiento. De um modo estranho, sentia-se vinculado a tudo aquilo.

– O que é que terá acontecido ao ouro do Banco de Chihuahua?

Garza passou, sombrio, uma unha pelo bigode.

– Ah, pois não sei. São tempos inseguros e não podemos confiar em ninguém. Mas de uma coisa tenho a certeza: assim que Pancho Villa averiguar quem nos meteu o lacrau na bota, vai deixá-lo mais cadáver do que o bichinho do *mezcal*.

Estalou a língua, abanou a cabeça e ficou a observar a paisagem. O comboio passava, sem parar, por um apeadeiro cujo telheiro eram tições pretos e o depósito de água uma desordem de travessas partidas e ferros retorcidos. Mais adiante havia um rancho em ruínas e depois, de novo, o deserto.

Martín apontou dissimuladamente para Diana Palmer.

– E ela, major?... Porque é que a provocou?

O mexicano olhou para ele com surpresa exagerada.

– Está a dizer que a provoqueei?

– Há pouco, com o tenente ferido.

– Ah, sim.

Garza sorria, irónico, recostado no murete oscilante do vagão.

– Não a viu olhar para ele e para nós? – respondeu. – Pense. Como é que fazia?

– É claro que a vi. Mas não compreendo...

– A senhora vem de cima – o major interrompeu-o –, e não digo do norte do Bravo. Chega a estas paragens para nos julgar e a contar tudo a quem lê o seu jornal. Com as mãos limpas, enquanto nós, os daqui, partimos o espinhaço... Compreende o que digo?

– Não totalmente.

– Ela tem liberdade, se lhe apetecer escrever que *semos* uns criminosos sebentos e uns selvagens. E vai fazer isso. Quis ensinar-lhe que quando alguém, *supônhamos*, é compassivo ou um cabrão ou muito pior, tem de sê-lo em tudo. Até para emporcalhar as mãos, não é verdade?... É fácil julgar-se acima quando os que emporcalhar as mãos são os outros.

Martín meditava nisto.

– Acho que é injusto com ela – decidiu.

– Ná, não se arme em parvo. Se eu quisesse ser justo, seria juiz.

– É uma mulher muito corajosa.

– Eu respeito isso, que ela o seja. Porque é que a íamos deixar estar aqui, se não fosse assim? Mas não gosto da forma como ela olha, repito. Como nos vê tão mal, a filha de tal. Toda bonitona, não é? Tão arrogante.

– É estrangeira.

– Qual estrangeira qual gaita. *Pa* ser mulher como é, devia ser mais humilde.

O comboio descrevia uma curva pronunciada que bordejava uns pedregais: a locomotiva apitou e o vento trouxe um penacho de fumo e fuligem que revolveu espirais negras pelo comboio. Empoleirados com as suas espingardas no tejadilho do vagão traseiro, meia dúzia de revolucionários vigiava a paisagem.

– E o que é que vai fazer agora, engenheiro? Porque isto parece que vai acabar. Segundo os chefes, o senhor Madero antes de um mês estará na capital.

– Pois não sei... Suponho que voltarei ao meu trabalho.

Garza sorriu, amistoso e cúmplice.

– A continuar a explorar o povo mexicano?

– Eu sei lá. – Martín devolvia-lhe o mesmo sorriso. – Também tenho chefes, por isso farei o que eles me mandarem.

– Ouça lá, amigo.

– Diga, major.

– Não lhe perguntei, mas já há confiança... Tem mulher ou namorada, aqui ou em Espanha?

Por instantes manteve-se em silêncio, pensativo.

– Havia alguém lá – respondeu, por fim. – Mas as cartas foram-se espaçando.

– As suas ou as dela?

– As dela, principalmente. A distância e o tempo matam muitas coisas.

– Essa é a verdade pura, sim! Mais do que as balas... Por isso não me separo da minha Maclovía, nem ela de mim.

– É um homem de sorte.

– E eu que o diga. Saiu-me uma boa mulher, o que nem sempre acontece. Prometi que um dia teríamos um ranchinho, e em breve vamos consegui-lo.

O sol estava mais baixo, tocando no horizonte. As sombras dos agaves e as pedras eram tão compridas que pareciam intermináveis. De um lado e do outro da via-férrea, o deserto inflamava-se de vermelho.

– Foi um gosto conhecê-lo – disse, de repente, o mexicano. – Embora tenha focinho de miúdo, é um homem por inteiro... Portou-se bem, e fico em dívida. Se alguma vez precisar de alguma coisa do Genovevo Garza, pergunte por mim e procure-me.

Uma inusitada nuvenzinha de afeto caldeava os seus olhos duros. Por alguma razão inexplicável, Martín sentiu-se comovido.

– Digo o mesmo, major.

Os dois homens deram um aperto de mão com simplicidade. O maderista assentia, quase melancólico.

– Parece-me, engenheiro, que depois de Ciudad Juárez e do triunfo da

revolução, não nos voltaremos a ver nesta situação, não é verdade?... Embora nunca se saiba.

Dito isto, manteve-se pensativo, muito sério, tocando na cicatriz da cara. O olhar endurecia-se-lhe de novo. Observou Diana Palmer e o mercenário norte-americano por momentos, e depois os revolucionários sentados no tejadilho do outro vagão.

– Sim – repetiu como que para si mesmo. – No México nunca se sabe.

9. Tanto me esteve a pedir / até que me tirou um centavo. / Ai, que mulheres ingratas, / não sabem ter consideração! (*N. dos T.*)

10. *La bola* era uma forma coloquial de dizer «o povo» durante a revolução mexicana. *Andar en la bola* significava participar em ações contra o governo federal. (*N. dos T.*)

5. A Casa dos Azulejos

— Escapa-se-lhe das mãos... Pouco a pouco, mas escapa-se-lhe.

Emilio Ulúa, presidente da Sociedade Mineira e Metalúrgica Nortenha, associado mexicano do consórcio hispano-belga Figueroa – corpulento, rosto barbeado, gravata de seda com alfinete de diamantes –, apontava em volta com o charuto cubano que segurava entre os dedos. Parecia que tudo o que ele contava acontecia ali mesmo, na sala principal do restaurante Gambrinus.

— E isso para onde leva o México? – interessou-se Luis María Aguirre, marquês de Santo Amaro.

O outro fixou os seus olhos achinesados e astutos no aristocrata espanhol. Depois olhou de soslaio para Martín Garret enquanto encolhia os ombros, evasivo.

— Não lhe sei dizer, *don Luis*.

— Ó homem, tente.

O mexicano pareceu pensar naquilo, visivelmente incomodado. Afastou com gesto desabrido um empregado que se aproximava da mesa e pôs os cotovelos sobre a toalha.

— Seja como for, para um lugar perigoso – baixou a voz. – Muito desagradável.

— E como assim, perigoso?

Ulúa fez como se pensasse um pouco mais.

— Demasiado, para que dure – concedeu, por fim. – Uns acham que o presidente Madero não cumpre as suas promessas; outros, que é fraco e perde o controlo da nação... As tropas revolucionárias do Norte, que foram desarmadas e dissolvidas depois da vitória, estão descontentes. E acrescentemos o problema de Zapata e dos seus índios no Sul, que ninguém resolve.

— E acha que o governo se vê ultrapassado pela situação?

— Não é uma opinião. É um facto.

Emilio Ulúa fez uma pausa para humedecer a ponta do charuto no cálice de conhaque e levou-o de novo à boca, enquanto se recostava na cadeira. Olhava, carrancudo, para Martín, como se dele receasse uma versão contrária.

– Aqui na capital – prosseguiu sem vontade, passado um momento –, a maioria do Congresso continua a ser porfirista e os jornais são cada vez mais agressivos: *La Tribuna*, *El País*, *El Tiempo*, até os anarquistas do *Regeneración*... Aproveitando a liberdade de imprensa concedida pelo nosso presidente pusilânime, dizem cobras e lagartos dia após dia. E até as revistas teatrais dão alfinetadas no governo para divertirem os espectadores.

Atento às suas palavras, Luis María Aguirre – proprietário de onze por cento das ações do consórcio Figueroa, chegado de Espanha no *Alfonso XIII* quatro dias antes – remexia com uma colherzinha de prata a chávena de café. Era um homem alto e calmo, de meia-idade, mais magro do que gordo. Óculos com armação de ouro, barbinha sedosa e rala, uma libra esterlina de adorno na corrente do relógio e um jasmim na botoeira do casaco. Um selo com escudo nobiliárquico luzia no dedo anelar da sua mão esquerda.

– Mas eu soube que a sua entrada na capital foi apoteótica – objetou. – Nunca se tinha visto aqui um entusiasmo semelhante... Não é verdade?

– Isso foi há oito meses. E também ganhou as eleições de outubro à vontade. Mas desde então dececionou demasiada gente. – Inclinou-se um pouco mais sobre a mesa, confidencial. – O Anão de Tapanco, é como lhe chamam agora os seus adversários.

– Anão?

– Dizem que mede um metro e quarenta e seis centímetros.

– E o exército? O que é que os militares pensam?

Ulúa esboçava um sorriso depreciativo.

– Oh, bom, é como sabe. Vocês também os têm lá em Espanha, não é?... Pensar não é exatamente o que eles fazem. Digamos que por agora olham e calam-se.

– Lá temo-los ocupados em Marrocos, onde também há minas.

– Sábia precaução. Aqui não estão ocupados com nada, e isso é um problema. Ou uma vantagem, depende de como se veja.

O marquês bebeu um golo de café e pousou a chávena com muito cuidado no pires de porcelana.

– Desde que desembarquei em Veracruz que ouço falar do general Huerta... É de confiança?

Depois de dizer isto, tocando nos lábios com uma ponta do guardanapo, observou Ulúa e Martín, mas este mantinha-se em silêncio. Oficialmente tinha sido convocado como único empregado espanhol do consórcio Figueroa no México, para ajudar o visitante a sentir-se atendido e cómodo. Mas o engenheiro intuía que naquele almoço estava em jogo algo mais do que isso. O seu passado recente flutuava no ar.

Ulúa deu uma longa chupadela no charuto.

– Enquanto Huerta continuar leal a Madero, que tem muita confiança nele, as águas não sairão do leito. É tudo uma questão de esperar e baralhar, para ver que cartas é que saem.

O mexicano voltava a assinalar em volta: os comensais sob os grandes

lustres de cristal, os quadros de boa qualidade nas paredes, os empregados de mesa impecáveis, o rumor discreto de conversas e a luz agradável que se infiltrava por entre as cortinas de veludo iluminando negócios, vaidades, infidelidades conjugais e conspirações políticas. *Quem almoçou aqui uma vez* – a frase encabeçava as elegantes cartas impressas da ementa francesa – *não frequenta outro restaurante.*

– Não se deixe enganar pelo que vê, *don Luis*. Este não é o México real, e esta nem sequer é uma cidade real. O ex-presidente Díaz projetou um centro urbano liberto de pessoas pobres: quis separar o poder e a riqueza dos problemas sociais, da saúde e da moralidade. Construir uma capital como Washington ou Paris, branqueada racial e culturalmente.

– Sem dúvida, os êxitos são espetaculares – admitiu o marquês.

– Mas a desastrosa gestão de Madero põe tudo isto em perigo. Acalmadas após a ameaça revolucionária, as massas protestam e agitam-se outra vez. E ninguém lhes põe limites com mão dura.

Aguirre olhava para Martín, incentivando-o a intervir.

– Estás muito calado, rapaz.

O jovem sorriu sem responder. Não era a primeira vez que estava com Luis María Aguirre: antes de o destinarem ao México, tinha trabalhado seis meses no escritório principal do consórcio Figueroa, na Gran Vía, de Madrid, onde tinham convivido um pouco. Apesar da distância social e da elevada posição do marquês de Santo Amaro, Martín gostava dos seus bons modos suaves e do seu olhar inteligente de jogador distinto. E a simpatia era mútua.

Aguirre insistia.

– Tu estás em contacto com o México real, não é verdade?

– Estou um pouco, por causa do meu trabalho – respondeu, por fim, o jovem, prudente.

– E tens a mesma opinião que *don Emilio*?

– Não lhe falta razão ao contar os factos.

– E quais são as causas, na tua opinião?

– Falta de mão dura – insistiu Ulúa.

Martín não entrou no debate. Sabia que penetrava em terreno perigoso, mas não podia evitá-lo.

– Demasiadas promessas não cumpridas... Os de cima continuam onde estavam, enquanto as pessoas que lutaram de verdade se sentem esquecidas. Até traídas.

O mexicano soltou, impaciente, uma densa baforada de fumo.

– E o que é que esperavam? Comer *canard à l'orange* no Gambrinus?

Martín continuava a olhar para o marquês.

– Há duas semanas, antes da minha viagem à capital, os mineiros de Piedra Chiquita e os camponeses das povoações próximas causaram distúrbios e foram reprimidos a tiro... Muitos deles combateram com as tropas de Villa e Orozco, mas continuam a passar fome e miséria.

– Como pode ver, *don Luis* – anotou, malévolo, Ulúa –, o nosso

engenheiro move-se numa paisagem de lealdades difusas.

– Ser leal à minha empresa não significa estar cego. O senhor vive aqui, *don* Emilio, e eu passo a maior parte do tempo lá em cima... Cada um vê o que vê.

O semblante do mexicano corou. De repente, a gravata e o colarinho alto de celuloide pareciam apertar-lhe. Mordeu o charuto, irritado.

– Alguns, segundo se conta, viram mais do que o devido.

Disse-o com má intenção, baralhando suspeitas, rancores e afrontas. E já entrámos no assunto, pensou Martín. Na realidade, trouxeram-me aqui para isto: um julgamento mais ou menos sumário com Ministério Público, com juiz e sem advogado. Confirmando as suas suspeitas, Aguirre tinha-se virado para ele muito devagar, dando-lhe tempo para preparar uma resposta.

– É verdade, Martín? – O marquês falava sossegadamente, severo, olhando-lhe para a pequena cicatriz da maçã do rosto direita. – O que me dizes desses rumores sobre o que fizeste em Ciudad Juárez?

– São mais do que rumores – frisou Ulúa, venenoso.

Sem pestanejar, espantado com a sua própria calma, o jovem aguentou o olhar de um e de outro. É muito possível, pensava ele friamente, que dentro de dez minutos me encontre sem emprego. No entanto, e para sua íntima surpresa, descobriu que não se importava nada. Por algum estranho motivo, sentia-se muito lúcido e livre. Tenho uma carreira e vou fazer vinte e cinco anos, concluiu estoico. Que diabo! O mundo é grande, e além disso falo inglês e alemão.

– Exageram – respondeu. – Eu estava lá quando foi o combate na cidade. Vivi-o de perto, e pouco mais.

O *pouco mais* não lhe saiu tão firme como pretendia. O marquês ouvia com atenção.

– Uma experiência pitoresca, imagino – comentou.

– Sim, bom, houve de tudo... Em todo o caso, interessante.

Disse aquilo sem desviar o olhar, simples e sincero, ou parecendo. Aguirre observava-o pensativo, e não se mostrava satisfeito. Foi Ulúa quem interveio.

– Para lhe ser franco, *don* Luis, desde o primeiro momento que considere retirar o seu engenheiro. Devolvê-lo a Espanha... Os rumores sobre a sua implicação nos distúrbios do Norte são inconvenientes.

O marquês continuava a observar, inquiridor, o jovem.

– Intervieste lá, como dizem?

Martín procurava aguentar o olhar. Sem pestanejar, pensou, estou perdido. E possivelmente mesmo que não o faça.

– Nem sempre se pode escolher, *don* Luis.

– Hum... Achas isso?

– Sei. Ou julgo saber.

– Voluntário, forçado, tanto faz – impacientou-se Ulúa. – Pôs-nos a todos numa situação delicada. Quando reabrimos as minas, quis enviá-lo de

volta, e só a negativa do gabinete em Madrid...

Aguirre interrompeu-o, levantando a mão.

– Não foi uma negativa – responde –, mas sim um adiamento.

– É a mesma coisa.

– Talvez sim e talvez não.

O marquês sorria vagamente. Tinha tirado o relógio do bolso do colete e, depois de abrir a tampa, consultava as horas.

– *Don Emilio*, o senhor sabia que o pai e o avô do Martín foram mineiros?

O outro vacilou, desconcertado.

– Não, ignorava isso.

– Suponho que ele não se importa que eu o mencione, e por isso é que o faço. Proveniente de uma família modesta, este rapaz fez-se a si mesmo com esforço e estudo. É brilhante, obstinado. Por isso se destacou em Espanha e enviámo-lo para o México. – Enquanto olhava para o relógio, Aguirre olhou com tristeza para Martín. – Tem um grande futuro à sua frente... Ou tinha.

As últimas palavras soavam a sentença. Seguiu-se um silêncio, como se o marquês concedesse de novo a Martín a possibilidade de se defender. Mas este nada disse. Estava atordoado, incapaz de argumentar em seu favor. Era tudo demasiado complicado para resumir em palavras. Nem Aguirre nem Ulúa tinham estado em Juárez. Não sabiam nada de Genovevo Garza, Maclovía Ángeles ou do Banco de Chihuahua. Dos homens mortos nas ruas, do cheiro a sangue e do retumbar das granadas.

O marquês de Santo Amaro parecia hesitar perante a condenação definitiva.

– Afinal, a insurreição foi um parêntese trágico – disse após um momento. – Mas já passou. E apesar de os revolucionários perseguirem os espanhóis, respeitaram o Martín. Ou talvez ele se tenha feito respeitar. Isso também ajudou os nossos interesses no Norte: as minas funcionam em pleno rendimento e todos os relatórios são favoráveis.

– Oh, claro – concordou Ulúa. – Eu refiro-me à vertente política.

Aguirre pensou um pouco naquilo.

– Interessa-nos mais a rentabilidade. E pelo que sei, as inovações técnicas que este rapaz aplicou em Piedra Chiquita são exemplares... É verdade?

– Não estamos a discutir isso – concedeu o mexicano a contragosto.

– Mas tem muito que ver com isso. Como eu disse antes, o Martín é competente. Retirá-lo poderia ser um erro.

– A decisão cabe-lhe a si – respondeu Ulúa, rude, deixando claro qual seria essa decisão se fosse dele. Depois tirou uma volumosa carteira de pele da Rússia e ergueu um dedo para pedir a conta ao empregado.

O marquês tamborilava com os dedos na toalha, indeciso. Pensativo.

– O seu estudo sobre a perfuração rotopercutiva, por exemplo, é extraordinário. A Escola de Engenheiros de Minas tem intenção de o publicar.

– A sério?... Caramba! – Ulúa tinha posto uns óculos e estudava a conta retorcendo, azedo, a boca. – Vou gostar de o ler.

Martín não conseguiu evitar a tentação. Era demasiado fácil, e tudo começava a ser igual para ele. Demasiado igual para poder sobreviver àquilo.

– Tem um exemplar datilografado no seu gabinete – respondeu. – Enviei-lhe uma cópia há dois meses.

O marquês sorria com ironia, apreciando as aguilhoadas. Talvez dilatasse a sentença. Da parte de Ulúa, o olhar que dirigiu ao jovem era enviesado e terrível.

– Ah, sim, claro. A cópia.

Levantaram-se da mesa e não se falou mais sobre o futuro de Martín. O júri, pensou este, pouco otimista, retirava-se para deliberar. Os três iam a descer as escadas quando tiveram de parar no patamar, pois vários cavalheiros subiam para um dos reservados. Um guarda-costas, corpulento – Martín reparou no volume de uma pistola debaixo do casaco – pôs-se diante deles e pediu-lhes que esperassem um pouco.

– Ah, olha – disse Aguirre. – Ali está o Raúl Madero, um dos irmãos do presidente.

– Conhece-o? – Ulúa ficou surpreendido.

– Veio de Havana para Veracruz no mesmo barco que eu apanhei em Santander... Tivemos a oportunidade de conversar durante um jantar, na mesa do comandante.

– Pois o presidente também está – disse o mexicano.

Era verdade, e os três tiraram o chapéu. Francisco Ignacio Madero subia com o grupo pelas escadas. Martín não o tinha voltado a ver em pessoa desde a tomada de Ciudad Juárez, e achou-o mais em baixo. Mais, até, do que nas últimas fotografias publicadas na imprensa. O antigo líder revolucionário tinha perdido cabelo e as marcas azuladas de cansaço notavam-se sob os olhos míopes.

– Senhor marquês de Santo Amaro – cumprimentou Raúl Madero, reconhecendo Luis María Aguirre.

O guarda-costas afastou-se enquanto os dois davam um aperto de mão, cordiais, recordando o seu encontro a bordo do *Alfonso XIII*. Emilio Ulúa também era conhecido do grupo presidencial, e trocaram cortesias. Raúl Madero apresentou o marquês ao irmão e entretiveram-se nas escadas enquanto Martín se mantinha discretamente à parte. De repente, o irmão do presidente reparou nele.

– Diabos me levem – disse ele.

Martín sorriu, assentindo com timidez. Com dois passos largos, Raúl Madero – garboso, desenvolto, penteado para trás com brilhantina – aproximou-se dele e deu-lhe um abraço.

– Que grande surpresa – exclamou, afetuoso. – É mesmo. Grande surpresa.

Todos olhavam para eles, desconcertados. Tanto o presidente como

Aguirre, Ulúa e os outros.

– Não te lembras, Pancho? – Raúl dirigiu-se ao seu irmão. – O nosso amigo de Juárez. Minou as pontes para dissuadir os *gringos* e deteve o comboio federal no barranco do Fraile.

Francisco Madero hesitava, puxando pela memória. Raúl insistiu.

– Conheceste-o na alfândega do caminho de ferro, com a gente do Villa. Em pleno combate. O espanhol a quem chamavam engenheiro.

O rosto do presidente iluminou-se.

– Ah, sim. Claro.

Adiantou-se, solene, sorridente, para apertar a mão a Martín. Aguirre e Ulúa ouviam, atónitos, e Raúl Madero dirigiu-se a eles.

– Não sei que relação têm, mas é um rapaz que prestou grandes serviços à causa. – Olhou-o com afeto. – Martín, parece-me. Não é verdade?

– Tem boa memória, *don* Raúl – confirmou o jovem. – Martín Garret.

O outro deu-lhe palmadas nas costas, jovial.

– Era o que faltava, entre camaradas de armas.

– É uma honra.

– Ó homem, a honra foi para nós. E quando acabou tudo, retirou-se com discrição, voltando para os seus assuntos. – Franziu o sobrolho, enquanto recordava. – Para umas explorações mineiras, não foi?

– Piedra Chiquita, em Chihuahua.

– E sem pedir nem reclamar nada. Ao contrário dos outros.

– Tinha o meu trabalho. Não havia nada a reclamar.

O mexicano suspirou.

– Quem dera que muitos que conheço dissessem isso... Mas diga-me lá, como é que vai? Mas se está a comer no Gambrinus, não vai muito mal... O que é que faz na capital?

Martín apontou para Aguirre e Ulúa.

– O senhor marquês e *don* Emilio são meus chefes. As minas pertencem-lhes.

– Pois então são afortunados de o terem com eles.

O presidente e os outros despediam-se, pois já estavam a entrar no reservado. O irmão pediu desculpa. Temos um compromisso, disse ele. Um almoço de trabalho.

– Se não fosse isto, teríamos o prazer de conversar um bocado.

Ulúa e o marquês continuavam sem sair do seu espanto. Raúl Madero dirigiu-lhes um olhar risonho e apoiou a mão num ombro de Martín.

– Agradeço-lhe, hã?... Tratem-no bem, porque este rapaz é ouro puro. E agora que me lembro, senhor marquês, o senhor e eu tínhamos combinado encontrarmo-nos um dia com o meu irmão.

– Assim é – reagiu Aguirre, por fim. – Obrigado por ter a amabilidade de recordar. Eu só esperava o momento oportuno para me pôr em contacto.

O outro pensou.

– Pois, já se pôs – decidiu. – Amanhã há uma homenagem ao Pancho no

Jockey Club: é aqui perto, na Casa dos Azulejos. Permita-me que o convide e lá haverá a oportunidade de uma conversa privada. Parece-lhe bem?

– Parece-me excelente, estimado amigo.

– Estupendo. – Raúl Madero dirigiu-se a Ulúa. – Este convite inclui-o a si, naturalmente. – Sorriu de novo para Martín. – E ao engenheiro, com quem terei muito gosto de tomar um copo e brindar aos velhos tempos.

Enquanto falava, tirou três cartões de visita e entregou um a cada um.

– Conto convosco, senhores.

.

Ao sair para a rua de San Francisco, tanto Luis María Aguirre como Emilio Ulúa demoraram a dizer fosse o que fosse. Só depois de deixarem para trás a montra de La Perla é que o marquês de Santo Amaro abriu a boca.

– Impressionante – disse ele.

Balançava a sua bengala de ébano com punho de prata, olhando de soslaio para Martín como se o visse pela primeira vez.

– Com que então rumores, há? – acrescentou depois de alguns passos.

Caminhavam em direção ao Zócalo¹¹ ali perto, por entre as pessoas que enchiam a rua repleta de transeuntes, cavalos e carruagens. Às vezes circulava, ruidoso, um automóvel. Ouvia-se música de acordeão – uma versão quase irreconhecível de *O Danúbio Azul* – de um cego cujos passarinhos engaiolados prediziam o futuro. Era mesmo o centro da cidade, e quase toda a gente vestia à europeia.

– Para se tratar de rumores – prosseguiu o marquês –, eles ficaram bem aquém.

– Que situação mais incómoda! – grunhiu Ulúa.

O mexicano debatia-se entre o desconcerto e a indignação. Aguirre concordou, pensativo.

– O nosso amigo de Juárez, chamaram-lhe os Madero.

– Minou as pontes e deteve o comboio federal – juntou-se Ulúa com má-fé.

– Espantoso.

– Ocorrem-me outros adjetivos.

O de Santo Amaro continuava a olhar para Martín.

– Que diabo, menino. Eu não estava à espera disso.

O jovem tentou justificar-se.

– Daqui é difícil compreender, *don* Luis.

– Daqui, dali e de qualquer ponto de vista.

– Não procurei voluntariamente misturar-me naquilo.

– Pois ainda bem. – Aguirre apontou para trás com a bengala. – Se fosse de propósito, talvez estivesse a comer com o presidente e com o irmão.

– Tudo isto nos prejudica – interveio Ulúa incomodado. – A Mineira Norteña e o consórcio Figueroa não devem...

O marquês interrompeu-o. Tinha parado e olhava para o chão. Quando

levantou os olhos, a sua expressão era diferente. Quase sorria.

– Não estou tão seguro disso. Já viu a cordialidade, não foi?... Talvez nos beneficie.

– Beneficiar-nos?

– Sim.

Aguirre caminhou novamente e viraram à esquerda quando chegaram à igreja da Professa, onde assavam espigas de milho numa bancada de rua. O hotel onde o marquês se alojava, o Gillow, ficava contíguo, na outra esquina. Também tinham reservado ali um quarto para Martín.

– O que é que lhe fazemos? – impacientava-se Ulúa.

Aguirre encolheu os ombros, trocista.

– Refere-se à sua ideia de o pôr na rua?

O mexicano dirigiu a Martín um olhar tão venenoso como sincero.

– Confesso que estou muito tentado a isso.

– Pois, repare, eu não tenho assim tanta certeza... É evidente que ele goza dos favores de Raúl Madero e da benevolência do presidente.

– E então?

– Bom, então isso também nos coloca a nós em boa posição. Abre um bocadinho mais a porta.

O mexicano franziu a boca.

– Desculpe, mas não compreendo.

– Eu não vim fazer turismo, como sabe. Qualquer jogada vale para mim. E mais quando o consórcio Figueroa está prestes a ser comprado pelos franceses da sociedade Peñarroya, que é a razão da minha viagem: explicar isso aqui e conseguir os apoios do novo governo... Compreende agora?

– Até aqui, não há dúvida.

– Qualquer tento que ganhemos pode ser útil. E hoje, no Gambrinus, este rapaz ganhou bastantes pontos no marcador.

– Pode meter-nos num grande sarilho, não se esqueça.

– Não esqueço, mas acabo de verificar que teve o efeito contrário. Uma aparente vantagem. Por isso, conservaremos por agora o nosso intrépido engenheiro. Se a si lhe parecer bem, e em Piedra Chiquita prescindirem dos seus serviços durante uma temporada, podemos mantê-lo aqui durante duas ou três semanas.

Ulúa contraiu o rosto.

– Na capital?

– Sim.

Pararam para deixar passar um elétrico. O marquês balançava a sua bengala com ar otimista. Por seu lado, Martín não dava crédito àquilo que estava a ouvir.

– Tenho de ficar?

– É isso mesmo.

– E com que objetivo, *don Luis*?

– Manter a maquinaria oleada.

– E o que é que eu posso olear?

– Iremos vendo.

Tinham chegado diante da fachada cinzenta do Gillow e pararam debaixo da dupla cobertura a observar o trânsito que corria entre a Plateros e a 5 de Mayo. Ulúa refletia, carrancudo.

– Não vejo inconveniente – concluiu, por fim, cauteloso –, se não for por muito tempo.

– Não será. Trata-se de uma gestão diplomática discreta, de carácter privado. O Martín é educado e competente, é agradável, e tanto é bom a escrever um tratado de minaria como, Deus me perdoe, a lidar com revolucionários. Já ouviu Raúl Madero. Por isso, aproveitemos as suas virtudes.

– Dando-me conta de tudo a mim, entendo – repisou Ulúa.

– Pois claro. O senhor, as suas relações e influências aplanarão o caminho. Trata-se de introduzi-lo onde for necessário.

Martín não estava a ver aquilo muito claramente.

– Eu só sei de minas e de metalurgia.

Aguirre emitiu um risinho sarcástico.

– E, pelos vistos, de minar pontes em Ciudad Juárez.

Ulúa mantinha-se receoso.

– Nisso estou de acordo com ele, *don* Luis... A sério que o acha à altura?

– Sem dúvida.

– Posso dizer uma coisa? – quis Martín protestar.

Aguirre estalou a língua.

– Se é para me contradizeres, não podes.

O mexicano despediu-se. Levando a mão à boina, um porteiro de uniforme com galões franqueou a Martín e ao marquês a porta giratória do hotel. Pelas escadas do luxuoso *hall* desciam três senhoras muito bem vestidas e os dois descobriram-se cedendo-lhes a passagem. Uma delas olhou para Martín com interesse fugaz antes de seguir o seu caminho. Aguirre sorria.

– Se tudo correr bem, rapaz, terás pela frente um futuro esplêndido.

– E se correr mal?

– Então, naturalmente, pagarás por isso. *Don* Emilio pedirá a tua cabeça e eu não farei nada para o impedir.

*

Viu-a no dia seguinte mal atravessou o umbral do Jokey Club, como se os azulejos que decoravam as velhas paredes espanholas, os janelões e as claraboias tivessem sido dispostos para que a luz incidisse no lugar onde ela se encontrava. Estava vestida de uma cor semelhante ao espantoso azul quartzo dos seus olhos, que pareciam recolher toda aquela luz ambiente e com ela iluminar ainda mais. Não era alta, mas sim esbelta; e as suas íris luminosas, quase minerais, contrastavam com o cabelo muito negro apanhado

em carrapito e com os traços índios onde não se notava nem uma gota de sangue espanhol. Só aquele olhar tão insolitamente setentrional desmentia a pureza indígena das suas feições.

Durante um bom bocado, Martín observou-a com dissimulação, de longe. Tinha chegado escoltando o marquês na companhia de Emilio Ulúa, a pé desde o hotel ali próximo, e a primeira meia hora correu com saudações e apresentações. O mais notável da capital, finanças, negócios, política e exército, estava ali representado. Tudo era de bom tom: os vestidos engomados das senhoras crepitavam, abanavam os leques, e o alto espaço até ao teto da Casa dos Azulejos, as escadas e os salões, ficava espesso de fumo de charutos e rumor de conversas.

Francisco Madero foi aplaudido à sua chegada e após um breve discurso que pronunciou agradecendo a homenagem – alguns lugares-comuns sobre justiça social e progresso –, antes de os corretos empregados de mesa servirem os aperitivos. Foi nesse momento, enquanto o marquês e Emilio Ulúa faziam vida social ativa em torno do presidente, que Martín se afastou deles. Nada lhe interessava ali. Pegou num copo de champanhe de uma bandeja e olhou em redor. A jovem dos olhos azul quartzo estava perto da fonte de pedra, num grupo onde se conversava com animação. Uma senhora de mais idade que a tratava com confiança, alta e vestida de preto, parecia acompanhá-la.

– Muito bonita, não lhe parece?

Martín virou-se. A seu lado, estava um jovem vestido de militar: enxuto de corpo, com bigode fino bem recortado, tinha o cabelo muito negro, lustroso como verniz, e os olhos a combinar. Traços de mexicano, elegante. Apoiava as costas numa coluna e sorria agradavelmente, talvez um pouco seguro de si, enquanto levava o copo aos lábios. Devia ter mais ou menos a idade de Martín, e ostentava as estrelas de capitão no seu blusão.

– Muito – concedeu o espanhol.

– Chama-se Yunuen Laredo.

– Yunuen?

– É um nome indígena. Maia, segundo parece. Significa rainha do lago, ou coisa parecida.

– Assenta-lhe bem – opinou Martín. – A não ser por esses olhos tão claros...

– Quer dizer que pareceria uma índia?

Não respondeu àquilo, incapaz de distinguir entre comentário casual ou provocação. Interpretando os seus pensamentos, o militar suavizou com uma expressão amável.

– Na realidade, tem muito de índia. Dizem que a mãe o era. – Continuou o olhar para Martín, que observava a senhora vestida de preto. – Não, aquela é a sua tia paterna. Está de luto porque o marido foi assassinado pelos insurgentes no passado mês de maio... A mãe da Yunuen morreu nova, no parto.

Bebeu um golo do seu copo, mantendo-o ainda um momento perto da boca, e estendeu o braço para apontar com ele para o grupo que rodeava o presidente.

– O pai é aquele alto e loiro que está a conversar com Madero e com o general Huerta. Compatriota seu, asturiano, embora esteja aqui há muitos anos: Antonio Laredo. Na sua juventude fez fortuna com a exportação para Espanha de couros, mogno e cedro... Agora é um ilustre com dinheiro e influências, ao ponto de Porfirio Díaz o ter encarregado de instalar a luz elétrica no Paseo de la Reforma por altura dos festejos do Centenário.

– Vejo que está bem informado – surpreendeu-se Martín.

– Sou amigo da família. – O militar mudou o copo de mão e estendeu a direita. – Jacinto Córdova, ao seu serviço.

Deram um aperto de mão. Fina, seca e fria, a do mexicano.

– Muito prazer, sou...

– Sei quem é. O engenheiro espanhol que andou por Ciudad Juárez.

Martín endireitou-se ligeiramente, desconcertado. Não esperava aquilo.

– Não se surpreenda – disse o outro. – Raúl Madero diz a toda a gente. As pontes do rio Bravo e um comboio federal, não é verdade?... A sua fama precede-o, amigo.

– Não tenho a certeza de que isso seja bom.

– O senhor é prudente, gosto de si. – O militar dirigiu-lhe um olhar diferente, valorativo e rápido. – Os prudentes vivem mais tempo.

O negro dos seus olhos tinha endurecido, agora quase pétreo. O bigode recortado acentuava um sorriso indefinido.

– Preparava-me para as cumprimentar, à Yunuen e à tia – acrescentou, como que pensativo. – Talvez o senhor me queira acompanhar.

Olhava-o de uma forma estranha. Fixo e quase provocador. O seu sorriso amável, que contrastava com a repentina dureza do olhar, insinuava um desafio sardónico. Isto fez Martín hesitar por um instante.

– Naturalmente – decidiu-se, por fim. – Agradeço-lhe.

Deixaram os copos na bandeja de um empregado e aproximaram-se da fonte de pedra, movendo-se na diagonal como dois bispos nas lajes do chão axadrezado. Enquanto o faziam, Martín, de repente tenso e cauteloso, teve a mesma sensação que na manhã em que ouviu disparos e saiu do hotel em Ciudad Juárez. Entrava em território desconhecido. Talvez perigoso. E nada voltaria a ser igual a partir de então.

Naquela noite, o sono demorou a chegar. Acontecia-lhe com frequência desde Ciudad Juárez: sensações, sons, recordações intensas que se atropelavam na imaginação. Não era uma coisa dramática, nem dolorosa, nem triste. Só incómoda. Um caudal desordenado que lhe alterava os sentidos até o impedir de dormir. Já estava habituado, e não conhecia outro recurso senão esperar paciente, imóvel, com a cabeça na almofada e os olhos fechados, até o

cansaço acabar por vencer. Ou, como aconteceu nessa noite, levantar-se para percorrer várias vezes o contorno do quarto, ir até à janela observar a rua deserta, vestir o robe por cima do pijama e, mantendo-o fechado com a mão sobre o peito, sair até à pequena varanda, ao frio noturno, para ver a rua amarelada iluminada por um candeeiro elétrico entre a 5 de Mayo e a Plateros.

Nem todas as recordações eram distantes. Misturados com as imagens habituais, na sua memória mais recente persistiam uns espantosos olhos de cor azul quartzo. E esses olhos contrastavam deliciosamente com uma fisionomia ao mesmo tempo sem rugas e acobreada, muito bela de traços presentes e passados, ancestrais em tudo o que evocavam. Olhos nórdicos num rosto de índia: a jovem do Jokey Club.

– Parece um milagre físico, não acha? – dissera o capitão Córdova, enquanto se aproximavam dela.

A definição era exata, e Martín, ao ouvi-la, tinha concordado, silencioso. Yunuen Laredo constituía, com efeito, um milagre esplêndido da mestiçagem. Uma gota ténue do espanhol tinha roçado na sua bela estirpe indígena, deixando só aquele olhar claro, luminoso. Marca subtil, delicadíssima, respeitosa na sua leveza, de outros sangues e de outras terras.

Na Casa dos Azulejos, Jacinto Córdova tinha cumprido a sua palavra como o homem educado que parecia ser. Tinham-se aproximado do grupo onde a rapariga conversava, e o militar fez as apresentações oportunas: um industrial mexicano e a sua esposa, um secretário da embaixada de Espanha chamado Tojeira e dona Eulalia Laredo, tia da jovem: asturiana corpulenta, gordinha, que não mostrava a menor parecença física com a sua sobrinha. Nem mesmo a cor dos olhos. A tia falava, desenvolta, faiscante, loquaz, reforçando cada expressão com movimentos da mão que segurava o leque. Meses antes, a revolução tinha surpreendido as duas no Norte, de visita a uns familiares, e só conseguiram regressar à capital depois de peripécias dramáticas.

– Uns cavalheiros, na verdade – dizia dona Eulalia com descaramento não isento de humor. – Apesar de tudo, aqueles insurgentes encardidos comportaram-se como cavalheiros. – Tocou com o leque no braço da rapariga, em cujo pulso reluzia uma pulseira de ouro. – Até respeitaram a menina, imaginem... Exceto o fuzilamento do meu pobre Paco, é como digo. Uns cavalheiros.

– O presidente Madero suavizou-os muito – disse a outra senhora.

– Sem dúvida nenhuma, minha filha... Sem dúvida nenhuma.

O capitão Córdova era homem de mundo e tinha apresentado Martín na conversa com naturalidade e cortesia: engenheiro espanhol, temporariamente na cidade, bem relacionado, etcétera. Testemunha dos acontecimentos de maio na fronteira, acrescentou sem concretizar pormenores. Esta última parte despertou o interesse do grupo, por isso o jovem teve de satisfazer – com prudência e tão esquivo quanto lhe foi possível – a curiosidade suscitada. Enquanto falava, a sua atenção dividia-se entre Jacinto Córdova, que ouvia

silencioso e com um esboço de sorriso – Martín observou que tia e sobrinha chamavam Chinto ao oficial, o que denotava familiaridade –, e Yunuen Laredo, cujos olhos continuavam a cegá-lo como labaredas.

No fim teve oportunidade de conversar com a jovem. A tia e os acompanhantes prestavam atenção a outro grupo próximo e o capitão Córdova ausentou-se por um momento à procura de mais champanhe. Perturbado perante a proximidade, Martín procurava que a voz não lhe tremesse. Permanecer sereno.

Yunuen Laredo mostrava-se menos intimidada do que ele. Ou mesmo nada.

– A sério que viveu os acontecimentos do Norte?

– Consegui ver alguma coisa. – Martín procurou outro enfoque, evasivo.

– Mas muito pouco, em comparação com o que você e a sua tia devem ter passado.

A jovem sorriu.

– Oh, bem... Ela conta tudo com humor, é o seu carácter. Mas foi terrível. E para finalizar, a tragédia do meu tio Paco. Voltávamos de Hermosillo quando os orozquistas detiveram o nosso comboio. Felizmente, como diz a minha tia, a nós respeitaram-nos.

– É espantoso. Você conta isso com muita calma.

– Talvez. No México acabamos por nos habituar à violência. Por a achar natural, como se fizesse parte da paisagem.

– Resignação?

– Realismo, diria eu. – Olhava para ele com um interesse benévolo. – O que pensa de nós, os mexicanos?

– A menina só é meio mexicana, parece-me.

– Já se informou?

– É claro que sim.

Ela abanicou-se e os finos aros de ouro tilintaram no seu pulso.

– Olhe bem para mim... Está a olhar?

Ambos mantiveram o desafio, muito sérios.

– Estou – disse, por fim, Martín.

– O que vê em mim que não pertença a esta terra?

– Os olhos. Nunca vi uns como os seus.

Ela ouviu, contida; o seu riso: cristal e prata. É uma metáfora pirosa, disse para si refletindo por instantes. Mas na verdade parecia cristal e prata. Quartzo azul, cristal e prata. Tudo naquela mulher parecia deliciosamente mineral, determinado durante séculos. Por momentos, imaginou homens cobertos de ferro numa paisagem fumegante de pirâmides aztecas e crepúsculos vermelhos de sangue; ele mesmo entre eles, e uma índia a olhá-lo com olhos de obsidiana que uma geração depois seriam azuis.

Estremeceu ao pensar naquilo e a jovem deve ter-se apercebido, porque o examinou de um modo diferente: com uma curiosidade nova e intensa que adoçava ainda mais os seus belos traços indígenas. Para se recompor, Martín

procurou o fio anterior da conversa.

– Gosto dos mexicanos – respondeu. – São cruéis e meigos.

A jovem abria e fechava o seu leque, pensativa. Parecia confusa.

– Caramba. Nunca tinha ouvido ninguém definir-nos desse modo, com as duas palavras juntas. – Olhou para ele quase com brusquidão. – Tem motivos para dizer isso?

– Tenho alguns... Sim.

Agora mostrava-se desconfiada, como se estivesse prestes a dar um passo atrás. Mas não o fez. Mantinha-se imóvel, sem deixar de olhar para ele.

– O que é que viu exatamente no Norte? – Voltou o olhar para o capitão Córdova, que regressava para junto deles seguido por um empregado. – Conheço o Chinto desde criança e sei que não dá ponto sem nó. É um mestre em deixar alusões no ar.

– Não fiz nada de especial – admitiu Martín, evasivo. – Assisti aos acontecimentos de lá, e foi só isso.

– Só isso?

– Mais ou menos.

– E o que é que faz na capital, se as minas onde trabalha se encontram em Chihuahua?

– É uma pergunta difícil de responder. Nem eu mesmo tenho a certeza.

– Vai cá ficar?

– Talvez sim. Algum tempo.

– Talvez queira visitar-nos em nossa casa. Recebemos às terças e às quintas.

– Será uma honra... E um prazer.

Jacinto Córdova já estava junto deles com o empregado e tinha ouvido as últimas palavras, mas não fez nenhum comentário. Estendendo a mão para a bandeja, entregou um copo de champanhe a cada um.

– A nós os três – propôs, por fim. – E a Ciudad Juárez.

Disse-o com um sorriso irónico, tranquilo, que contrastava com a seriedade dos seus olhos impenetráveis, levemente semicerrados. E, enquanto levava o copo aos lábios, Martín interrogou-se no seu íntimo, espantado, como seria possível sentir simpatia por um homem que estava prestes a converter-se em inimigo.

.

Apoiado no parapeito da varanda, Martín recordava aquilo enquanto observava a cidade adormecida. Havia numerosas estrelas e um afilado quarto de lua no fundo da rua, perto da praça do Zócalo, onde as torres da catedral se recortavam em contraluz sombria sobre as açoteias dos velhos edifícios coloniais.

Yunuen Laredo... Repetiu várias vezes o nome em voz alta, desfrutando ao articular os sons no céu da boca e na língua. Tinha um som eufónico, mestiço, doce e robusto; simbiose deliciosa, talvez perfeita, do mexicano e do

espanhol. Martín deleitava-se assim a pronunciá-lo, absorto na recordação dos traços puros indígenas. Do olhar claro e mineral.

Aquela hora da noite, na insónia, o jovem engenheiro julgava-se sincera, definitiva e completamente apaixonado. Teria sido difícil discutir aquilo, porque estava numa idade em que ainda era possível sentir seduções imediatas, fascínios e amor à primeira vista que, de improviso, pareciam arrebataram o coração para toda a vida. Que mudavam de maneira inesperada a percepção do passado, do presente e do futuro.

Já tinha roçado antes aquele tipo de sentimentos. Apaixonar-se, ou julgar que estava apaixonado, não era novo. Jogos infantis e aventuras amorosas de juventude prepararam o caminho, e a relação extinta em data recente tinha-o aproximado da palavra *amor* com os seus compromissos e consequências. Uma relação canónica: presente adequado, planos de futuro com os requisitos sociais e morais em uso, respeito mútuo e a paciência habitual. Tudo o que se esperava de um compromisso formal em Espanha e no mundo civilizado. No entanto, promessas, sentimentos, desejos, tinham-se diluído no tempo e na distância. Felizmente para Martín – para a sua consciência e paz interior –, tinha sido a outra parte a cansar-se de esperar. Depois de um vago ultimato que ele tinha fingido não notar, ela espaçou as suas cartas até as interromper por completo. Tudo se extinguiu de uma forma irrepreensível, serena, sem arrebatamentos nem estridências. Um final razoável entre pessoas educadas.

O que acabava de acontecer era diferente. Aquela eclosão de sentimentos, a contemplação do olhar azul deslumbrante, a pele suave acobreada e os traços delicados de Yunuen Laredo tinham conseguido sensibilizá-lo de um modo antes desconhecido, arrebatando-lhe a calma até lhe trincar ainda mais – e ali estava ele, sem dormir, debruçado sobre a cidade e a noite – o sono e o sossego. No entanto, tinha algo mais perturbador que deslizava com naturalidade espantosa do estético para o carnal, e que ele tinha captado na Casa dos Azulejos ao encontrar-se perto da jovem: uma corrente quente, quase elétrica, que saltava o espaço entre eles para se infiltrar na sua pele e no seu sangue fazendo palpitar o coração com mais força. Era, concluiu, o desejo físico sentido como nunca antes, de um modo terno e audacioso: a necessidade urgente de adorar aquele corpo de mulher e ao mesmo tempo apoderar-se dele sem escrúpulos. Juntá-lo ao seu, apagando o mundo impertinente que, ao rodeá-los, parecia interpor-se entre ambos.

Racional como era por carácter e hábito profissional, Martín tentava organizar tudo aquilo na sua cabeça enquanto olhava para as varandas e para as ruas vazias sob o luar escasso. É claro que conhecia a intimidade de algumas mulheres. Como outros jovens da sua idade e posição, tinha acedido da forma usual: bordéis visitados na companhia de colegas da Escola de Engenheiros de Minas – dois ou três lances rápidos, da sua parte mais para o ingénuo –, e uma viagem a Paris, no princípio do seu trabalho no consórcio Figueroa, em que tivera oportunidade de conhecer os cabarés do Pigalle. Não era alheio ao sexo no seu aspeto prático, no elementar, como também não o

era no âmbito dos sentimentos. Mas se até então considerara inconciliáveis um e outro, as últimas horas misturavam tudo de modo inquietante. Só uma vez tinha sentido algo parecido, e a recordação perturbou-o ainda mais, quase envergonhado por relacionar uma coisa com a outra. Tinha acontecido no final de um episódio mercenário, em Paris: uma prostituta jovem levantou-se da cama e, antes de se vestir, parou diante de um espelho, emoldurada no retângulo de sol que entrava pela janela. Do lugar em que se encontrava deitado, entre os lençóis, Martín tinha-a observado de costas e refletida de frente, delicada e sensual na sua nudez sob o cabelo apanhado na nuca e as meias pretas que atingiam o início das coxas, enquanto ela erguia os braços para tocar com a ponta dos dedos no pescoço comprido, elegante e pálido, e os estendia depois como que a espreguiçar-se do sexo rotineiro e da sordidez da vida. Naquele momento, com certeza intuitiva, Martín pensou fugazmente que era possível apaixonar-se por alguém assim, e que as fronteiras entre o ideal e o físico podiam desvanecer-se de modo espantoso. Se fosse possível – mais do que possível, habitual – desejar sem amar, também seria possível amar assomado ao lado obscuro de certos homens e de certas mulheres: carne e sentimentos convertidos em lugares complexos. Em territórios inexplorados, tão mestiços como o próprio México.

Era nisso que Martín Garret pensava naquela noite, confuso. Imóvel na varanda do hotel Gillow enquanto observava a cidade adormecida.

11. Zócalo é a designação informal dada à Praça da Constituição, a principal praça da Cidade do México. (*N. dos T.*)

6. Encontro no Zócalo

Estava há algum tempo na capital e tinha-se habituado a ela. Agradava-lhe o denso ambiente urbano, a música dos tocadores de realejo, as faíscas dos elétricos, o estrondo de automóveis que passavam pelas ruas evitando carruagens. E também a mistura de classes sociais e indumentárias que enchia os passeios: o contraste de transeuntes apressados ou indolentes, lojas de luxo e humildes quiosques, rostos e roupa europeus em ruas e praças do centro, tão elegantes como em Paris ou Madrid, indígenas que pareciam ídolos aztecas nos bairros dos arredores do lado oriental, onde ainda se iluminavam ao sol-pôr com candeeiros de azeite e lâmpadas de gás, eles vestidos com calções brancos de algodão, *huaraches*, chapéus enormes, elas com saias amplas e cabelo azeviche apanhado em carrapito entrançado ou tranças. No centro urbano, ao mesmo tempo moderno e antigo, cheirava a esterco de cavalos, fumo de pinheiro *ocote*, coentros, flores e sujidade. A pedra negra dos edifícios espanhóis alternava com construções recentes de aço coberto de gesso e cimento; a cidade inteira, com as suas novas avenidas iluminadas de noite com luz elétrica e os cada vez mais frequentes carros movidos a gasolina, era um formigueiro de vida em movimento, de claridade e sombra. Uma metrópole de luxo e miséria.

Era a última hora da manhã e Martín caminhava pela Plateros, esquivando-se das pessoas que se agrupavam perante as montras do comércio. Estava fatigado e precisava de descontraír com um passeio: tinha estado quase duas horas num gabinete do Departamento de Minas, a discutir com um funcionário governamental as cláusulas técnicas de um contrato relacionado com as explorações do Norte, embora a indolência nacional mexicana – o funcionário de Minas era dos inamovíveis, governasse quem governasse, e gostava de o demonstrar – tornasse as coisas intermináveis. Ainda assim, o resultado da reunião havia sido positivo. O marquês de Santo Amaro, de regresso a Espanha – tinha embarcado em Veracruz cinco dias antes –, ia ficar satisfeito quando recebesse o organigrama que a Mineira Norteña tinha acabado de lhe enviar. Quanto a Emilio Ulúa, obrigado pela conjuntura a conter receios ou reticências, continuaria a ruminar o seu despeito e a sorrir –

que remédio! – com os dentes de fora.

Quase ao desembocar na praça, perto da catedral, deu uma vista de olhos distraída à montra da ourivesaria La Esmeralda. E foi então que o viu: a sua presença ali era tão insólita, o chapéu um pouco deitado para trás e as mãos nos bolsos, com o casaco aberto sobre o colete bem abotoado onde reluzia a corrente de um relógio, que no princípio julgou tratar-se de uma simples parença. Parou, desconcertado, a examinar com atenção súbita o rosto curtido pelo sol, o bigode frondoso que se juntava a uma barba de meia semana, o rosto de bandoleiro que observava as peças de ouro e prata expostas na vitrina. E, por fim, decidindo-se, deu uns passos em direção a ele.

– Meu coronel – disse ele.

O outro voltou-se com receio súbito. Vestia uma camisa de colarinho branco, limpa, mas muito enrugada, e uma gravata de laço. Os olhos cor de café, duros, desconfiados, apontaram para Martín como o cano duplo de uma espingarda. De repente suavizaram-se, ao reconhecê-lo.

– Olha quem ele é!... O que faz por aqui, amiguito?

– Surpreende-me vê-lo, meu coronel Villa. Sozinho e nesta cidade, entre as pessoas.

O outro apontou para dois homens corpulentos, parados a poucos passos, que observavam, tensos, Martín.

– Não tão a sós como parece, veja... Pelo sim, ou pelo não.

O jovem continuava surpreendido.

– Imaginava-o no seu rancho de San Andrés. Pelo menos é isso que dizem os jornais.

– Procuro não me deixar ver muito. Estou aqui *pa* umas diligências. – Piscou o olho, cúmplice, tocando no chapéu. – Incógnito, como dizem.

– Particulares ou oficiais, se me permite a pergunta?

Villa deu uma gargalhada jovial.

– A pergunta permito-lha, mas a resposta guardo-a para mim... E você? O que faz por estas paragens?

– Assuntos de trabalho. – O jovem encolheu os ombros. – Estou aqui há algum tempo, e vou ficar mais um pouco.

O nortenho observava-o, admirado.

– Vejo-o mais elegante do que em Juárez, senhor *gachupín*. As coisas estão a correr-lhe bem?

– Não me queixo, meu coronel.

– Deixe de me chamar coronel. Estou na vida civil.

Martín sorriu com afeto.

– Não conseguiria tratá-lo de outra maneira.

O outro concordou, agradecido, e olhou em volta até acabar nos guarda-costas, a quem fez um gesto para relaxarem. Depois tirou o relógio do colete, abriu a tampa e viu as horas.

– Estava a fazer tempo, porque tenho uma conversa dentro de cinquenta minutos. Pensava comprar alguma coisa *pá* Lucita, a minha esposa. – Sorriu,

de repente, cálido, enquanto guardava o relógio. – Depois de uma carrada de casamentos, casei por fim pela Igreja, o que é que acha?... No final, até as torres altas caem e os bravos se acorrentam.

Martín desculpou-se. Tocou na aba do chapéu, preparando-se para ir embora.

– Então, não o entretenho.

– Ó homem, espere um bocadinho, não se vá embora. – Villa tinha-o agarrado pelo braço. – Fico contente por o ver, e as ourivesarias podem esperar. Ande lá. Damos um passeio.

Caminharam devagar pela margem da praça e da catedral em direção a Santo Domingo. O semblante do antigo guerrilheiro tinha ficado sombrio.

– Você, que é uma pessoa instruída e de fora, que opinião tem sobre a situação política?... O que acha de *don* Panchito Madero?

– Eu só estou de passagem, meu coronel. Sou estrangeiro. Não tenho um julgamento confiável.

– Não fuja ao assunto, amiguito. Já está há muito tempo no México e andou na revolução, como eu... Diga-me, de homem para homem, como é que o vê?

– Em situação difícil. – Martín abriu-se. – Perde apoios e tudo se complica. A imprensa ataca-o cada vez com mais ferocidade.

Villa estalou a língua, desalentado.

– Respeito muito o presidente. Parece-me o único honrado no meio de todo aquele bando de abutres.

– Receio que as boas intenções não cheguem para governar, meu coronel.

– Penso a mesma coisa, e isso preocupa-me. *Don* Panchito está preso entre os porfiristas, que nunca se foram embora totalmente, e as suas promessas ao povo, tão difíceis de cumprir. Uns e outros se afastam dele. Ficou sozinho... Não acha?

– Muito. Realmente está muito sozinho.

Villa virou a cara para observar com descaramento duas mulheres com quem se tinha cruzado. Depois fez um gesto desdenhoso que parecia abarcar a rua e a cidade.

– Ouça, tudo isso me ultrapassa... Sou um homem do campo. Estou melhor em cima de um cavalo do que entre carros a gasolina e elétricos.

Deu mais alguns passos, pensativo, para por fim parar, com a testa enrugada sob a aba do chapéu. Parecia hesitar.

– Vou contar-lhe uma coisa, senhor *gachupín* – decidiu-se. – É a segunda vez que venho à capital... Para o visitar.

Martín abriu muito os olhos.

– Visitar o presidente?

– O do topo, sim... Ele chama por mim. Confia em mim desde Juárez, fui-me embora sem pedir nada, e viu que eu era o único sem ambição política. Manda-me chamar, faz-me perguntas, conversamos e eu digo-lhe com a mão

no coração: olhe para todos esses filhos da mãe que o rodeiam, senhor presidente. Continuam a ser o inimigo, não vê?... Demos cabo deles, expulsámo-los do poder e vossemecê deixa-os entrar outra vez. Os porcos de antes não perdem o cheiro, são os porcos de sempre.

Andaram mais uns passos, e Villa reparou nos jornais expostos na caixa da esquina da rua Donceles. Os títulos do *El Imparcial*, *La Opinión*, *Nueva Era* y *Vida Moderna* eram os mesmos: «Ultimato do governo a Zapata».

– E nem lhe conto sobre os outros galos, não é?... O general Zapata pondo condições no Sul, o general Orozco a fanfarronar no Norte, a revolta do general Reyes...

– É claro que não consegue controlar – opinou Martín.

– Gerais... Reparou? Agora no México são todos gerais.

Villa tinha um ar de amargura rude. Aclarou a garganta e cuspiu para o chão, denso, sonoro e reto, diante dos seus sapatos.

– Pascual Orozco é o pior de todos – prosseguiu. – Vi isso claramente em Juárez, e conheço o coioate até pelo andar. Cada vez mais desleal, cada vez mais ameaçador... Palpita-me que, no dia menos esperado, esse filho da mãe não reconhecerá o presidente e levantar-se-á em armas.

– Acha que sim?

– Tenho a certeza. *Don* Panchito pergunta-me por ele, mas é tão bom homem que continua a acreditar na lealdade desse vira-casacas... Vai-lhe dar um desgosto, senhor presidente, repito-lhe. Mas ele sorri e abana a cabeça, tão inocente como sempre.

Tinham chegado à praça Santo Domingo, diante do antigo edifício da Inquisição espanhola. Debaixo das arcadas da esquerda alinhavam-se escrivãos e impressores que atendiam a modesta clientela que aguardava diante das suas banquinhas. Cheirava a resmas de papel e a tinta fresca, e repicava, a intervalos, o rumor monótono de uma máquina de escrever.

– E depois temos o general Huerta – prosseguiu Villa, baixando a voz. – *Don* Panchito dá-lhe confiança, mas eu tenho receio do cabrão desse índio. Já viu a cara dele?... Eu nunca me viraria de costas para uma cara como aquela.

– Mas ele proclama-se leal.

A última palavra suscitou um riso atravessado ao antigo guerrilheiro.

– Vou contar-lhe mais, amiguito. É de confiança e merece.

– Diga.

Villa inclinou um pouco a cabeça, confidencial.

– O presidente perguntou-me se em caso de necessidade eu serviria de novo, desta vez sob as ordens de Victoriano Huerta.

Martín ficou boquiaberto.

– E então? – perguntou, por fim.

– Disse-lhe que não confio no gajo; mas que se ele me ordenar, não serei eu a dar um passo atrás, nem agora nem nunca.

– O senhor voltaria para a campanha, meu coronel?

– Pois que remédio, jovem. Se *don* Panchito pedir, por ele voltaria para

o inferno.

Estavam diante de uma *cantina*: *Salón Madrid*, dizia o letreiro pintado no dintel.

– É pá... Se calhar são contrerrâneos seus.

– Talvez sim.

– Apetece-lhe um refresco, um copo?

– Se o senhor me acompanhar.

– Eu não bebo, mas um pirolito vai fazer-me bem. Esta cidade dá-me sede.

Entraram – os guarda-costas ficaram fora – e pediram gasosa e cerveja. Havia gente na *cantina*, que era modesta. Ninguém reconhecia o chefe nortenho. Foram sentar-se numa mesa livre, desengonçada e coxa, nuns assentos de couro cortados à navalhada. Por cima das suas cabeças havia um cartaz taurino espanhol: *Talavera de la Reina, 29 de septiembre de 1890, Fernando el Gallo y Antonio Jarana*.

– Pensei em abrir um talho em Chihuahua – disse Villa. – Boas reses e melhor carne... Mas há coisas e coisas. Se o presidente quer que lhe vigie o Orozco, pois nem dúvidas tenho. Vou logo vigiá-lo.

– Acha, a sério, que o Orozco trairá a revolução? – interessou-se Martín.

– Mas qual revolução qual carapuça. – Villa apontava em volta, para os homens de aspeto humilde acotovelados no balcão e nas mesas. – Onde é que você vê a revolução?

Bebeu um golo de gasosa e enxugou o bigode com o dorso da mão.

– Eu avisei o Orozco... Eu não procuro riquezas, mas sim felicidade e paz. Foi isso que lhe disse. Mas se um dia prejudicares *don* Panchito, vais-me encontrar à tua espera.

Neste ponto sorriu: uma contração dos lábios repentina e feroz que Martín já lhe tinha visto em Ciudad Juárez. O esgar de bandoleiro. Abriu um pouco o casaco e mostrou a culatra nacarada de uma pistola metida no coldre de couro, sob a axila esquerda.

– Não deixo de andar com arma, como vê. Nunca se sabe.

De repente pareceu recordar alguma coisa, pois remexeu com dois dedos no bolso do colete oposto ao do relógio.

– Também não me esqueci da sua moeda, está a ver?... Trago-a sempre comigo.

Mostrava ao alto o reluzente maximiliano de ouro. Fê-lo saltar por um momento na palma da mão e voltou a guardá-lo.

– Continuo a dever-lho, não se preocupe; mas é uma recordação... Assim que olho para ele, lembro-me de que há traidores. Lacraus debaixo das pedras.

– Averiguou o que aconteceu ao ouro do Banco de Chihuahua?

Os olhos cor de café detiveram-se em Martín com uma fixidez quase perversa.

– Não, mas não me esqueço. Continuo a averiguar... E juro-lhe,

amiguito, que quando puser nomes e caras aos que me armaram a cilada, nesse dia vão sobrar chapéus.

Emilio Ulúa, o presidente da Mineira Norteña, destilava veneno, mas não era parvo.

– Para quando o seu encontro com Raúl Madero, Garret?

– Vai receber-me amanhã no Palácio Nacional.

O outro encolheu os ombros, desabrido. Estava de pé diante da janela de um gabinete forrado a mogno do quarto andar – tapetes turcos e uma paisagem de José María Velasco na parede –, de costas viradas para Martín. Observava as árvores da Alameda, do outro lado da avenida Juárez.

– Aperte-lhe as cravelhas... Precisamos dessa redução de taxas para o trióxido de arsénico refinado. E também via livre para as novas concessões da pirite acobreada na Baixa Califórnia, onde os *gringos* estão a movimentar-se rapidamente. Temos de nos adiantar a eles ali seja como for.

Martín abanava a cabeça, inseguro.

– Os norte-americanos convencem todo o mundo. Regam com um jato de dólares e torna-se difícil ganhar-lhes.

– Parvoíces, parvoíces... Eles têm dinheiro, mas nós temo-lo a si. O herói de Juárez.

Ulúa sublinhou a última frase com sarcasmo de má intenção. Tinha-se virado bruscamente, enquadrado no retângulo da claridade da janela.

– Tem de convencer Raúl Madero – insistiu sem mais rodeios. – Tudo tem de estar assinado numa semana.

– Não é assim tão fácil, *don* Emilio.

– Pois faça o que for preciso. É para isso que o mantemos aqui.

Foi sentar-se do outro lado da mesa, olhou para os papéis que havia nela e passou a mão pelo queixo bem barbeado. Depois levantou o olhar para Martín como se se tivesse esquecido da sua presença.

– Sente-se – disse asperamente, indicando uma cadeira.

Aquele obedeceu. O assento era baixo e incómodo: deixava o interlocutor mais baixo do que Ulúa no cadeirão, pondo-o à sua mercê.

– Tem estes fundos à sua disposição. – O mexicano batia com os nós dos dedos num *dossier* de documentos. – Utilize-os.

Martín ergueu-se um pouco. Sentia a nuca rígida, a boca seca, e perguntou-se mais uma vez que diabo estava ali a fazer.

– Há coisas de que sou incapaz – respondeu.

O mexicano olhava para ele sem se incomodar em dissimular o desdém.

– Sim, estou de acordo. Ocorrem-me várias dessas incapacidades... A qual se refere agora, em concreto?

– Sou um técnico de minas, não um negociador. Esse tipo de pressões políticas fica fora das minhas competências.

– Pressões políticas? É assim que lhes chama?

– E como quer que lhes chame?

– Caramba! – Ulúa recostou-se no cadeirão. – O espanholado íntegro surge-nos com escrúpulos de consciência... Quem julga que é?

– Sei quem sou – atalhou Martín com calma. – Uma coisa é ter a benevolência do irmão do presidente, e outra utilizá-la com tanto descaramento.

– Tenha atenção às suas palavras.

– Falo do meu próprio descaramento, *don* Emilio. Há coisas que sou incapaz de fazer.

O outro emitiu um riso pouco simpático.

– Pois fê-las bem em Juárez.

– Foi outro tipo de coisas... Não é o mesmo que andar a subornar pelos gabinetes.

– A Mineira Norteña não suborna. Só persuade.

– Nesse caso, considero-me pouco persuasivo.

Ulúa tinha pegado numa caneta de tinta permanente. Tirou-lhe a tampa para escrever qualquer coisa – o gesto fez Martín pensar numa sentença de morte, talvez a sua –, mas voltou a pô-la e deixou a caneta no seu lugar, entre uma caixa de charutos e um cinzeiro de bronze que representava um *charro* a cavalo.

– Garret, isto é o México. Esquecer isso pode custar-lhe bem caro.

Martín pestanejou.

– Parece uma ameaça, *don* Emilio.

O mexicano sorriu, lúgubre, com péssima vontade.

– Pois claro que o ameaço. Não faço outra coisa desde aquele almoço no Gambrinus... Suportar as minhas ameaças e tê-las em conta está incluído no seu salário.

Tinha aberto a caixa de charutos, e depois de examinar o conteúdo escolheu um charuto cubano de tamanho médio. Acendeu-o devagar riscando um fósforo, minuciosamente, como se se tivesse esquecido novamente da presença de Martín.

– Há que aproveitar as oportunidades – disse, de repente, brusco, depois das primeiras baforadas de fumo. – Se os irmãos Madero lhe estão reconhecidos, a ocasião é boa para a Mineira Norteña. Você tem obrigações para com aqueles que o empregam. Aqueles que lhe pagam o salário, não é?

– Suponho que sim.

– Oh, caramba... Supõe?

– Tenho deveres para com a empresa – admitiu Martín.

– Então cumpra as suas obrigações para com ela. Já bem chegou aquela paródia revolucionária que tanto nos comprometeu. Se os seus joguinhos aventureiros lhe deram acesso ao palácio presidencial, utilizemo-los agora em nosso benefício.

– Não é o meu modo de agir, *don* Emilio. Eu não sirvo para...

Parou ali, incomodado. Ulúa franzia o sobrolho.

– Agir com luvas? – completou a frase.

Martín mantinha-se em silêncio. O outro fez o gesto de espantar moscas, ou coisas inconvenientes.

– Pode não ser necessário ir tão longe. Apenas que Raúl Madero o atenda por simples agradecimento ou simpatia... Caso contrário, sempre nos resta o eterno recurso: a infalível *auri sacra fames*, como dizem os clássicos.

– Temo não ter valor para isso.

– Você tem valor para o que lhe for ordenado... Lembre-se do marquês de Santo Amaro, que lhe expressou a sua confiança. Não irá dececioná-lo, não é verdade?

Ulúa deu uma chupadela no charuto e observou, satisfeito, a cinza compacta.

– Cumpra a sua obrigação, Garret – acrescentou passado um momento. – Não o retemos aqui para passar os domingos em Chapultepec ou ir ao teatro, que é a única coisa que faz... – Sorriu, de repente, velhaco. – Bom, isso e frequentar meninas casadoiras.

Deu outra chupadela, olhou para o aro de fumo a desfazer-se e apoiou os cotovelos no couro da mesa.

– Acha que não sei? Que anda a rodopiar em torno da filha do Antonio Laredo, essa indiazinha bonita? Que vai às tertúlias da casa e são vistos a passear, com a tia como acompanhante, pela Reforma e Chapultepec?

Martín demorou a responder. A impertinência tinha-o deixado sem fala.

– O senhor não tem o direito, *don* Emilio – reagi, por fim.

O outro deu uma gargalhada muito desagradável.

– Enquanto for meu empregado e estiver aqui em comissão de serviço, tenho o direito de tudo.

– Não lhe posso consentir...

– Ah, não?... O que é que não me consente?

Desdenhoso, dando por terminada a conversa, indicou a porta a Martín. Este pôs-se de pé, cumprimentou com uma inclinação de cabeça e dirigiu-se à porta, sufocado de indignação e vergonha.

– A sua vida privada não me preocupa – Ulúa reteve-o a meio do caminho –, quer frequente o salão dos Laredo quer visite os cabarés da rua Cuauhtemotzin... O que me interessa é a Mineira Norteña. Não sabemos o que esta conjuntura vai durar. Quanto tempo poderá o presidente manter-se no poder como até agora. Por isso, é urgente que assinem as nossas coisas. Que tudo seja legal antes de Madero ir para o diabo.

Disse-o num tom seco, brutal. Martín tinha parado em cima do tapete, perto da porta, De novo virado para o mexicano, ouvia em silêncio.

– Temos pressa. Compreende, Garret?... Muita pressa.

O jovem concordou, mortificado, sem descolar os lábios.

– Faça-me o favor – atalhou Ulúa. – Seja bom rapaz, agarre nos seus documentos e vá ver o seu antigo camarada de armas revolucionárias. Proponha o que for preciso, ofereça o adequado, morda o osso e não o solte

até ele ou o seu irmão pespegarem uma assinatura. Se não for assim, vamos ter problemas. – Deu outra chupadela no charuto e o fumo velou-lhe o rosto. – E você será o primeiro a tê-los.

Quando o elétrico parou junto da estátua equestre do rei Carlos IV, a que os mexicanos chamavam El Caballito, Martín saiu e caminhou por entre os carvalhos do Paseo de la Reforma. Estava muito corretamente vestido, fato escuro de flanela italiana com chapéu, luvas amarelas e bengala de bambu. Estava uma tarde luminosa, aquecida por um sol agradável, e a avenida fervilhava de passeantes e carruagens que passavam pela via urbana mais na moda da cidade, diante da bela arquitetura branca e cinzenta das casas ajardinadas. Imitando o estilo dos Champs-Élysées, de Paris, o México aristocrático, o poder e o dinheiro ainda porfirianos, ostentavam luxuosas residências alinhadas ao longo da avenida, onde nalguns destes edifícios ainda trabalhavam os pedreiros. Tudo à vista era novo, monumental e elegante.

A residência dos Laredo constituía uma exceção no duplo alinhamento de edifícios neoclássicos e modernistas: embora fosse de construção recente, tinha o estilo das velhas fazendas espanholas, com um grande pátio central circundado por uma galeria em torno do belo jardim com buganvílias roxas e vermelhas, uma fonte e um pequeno caramanchão de madeira e ferro forjado. Martín atravessou o átrio de pedra escura, deixou o chapéu, luvas e bengala nas mãos de um criado e saiu para o pátio, em direção ao caramanchão a cuja sombra, em poltronas de cana e entre vasos com fetos e gladiólos, conversava um grupo de pessoas a quem duas donzelas de coifa e avental serviam café, chá e chocolate. Cumprimentou, foi recebido com naturalidade amável – já era presença habitual na casa – e, com uma chávena de café nas mãos, foi sentar-se numa das poltronas.

– Sentíamos a sua falta – disse dona Eulalia Laredo, que cheirava a creme Simón e a água de Florida.

– Chego um pouco tarde – desculpou-se Martín. – Assuntos de trabalho.

A tia de Yunuen abria e fechava o leque, risonha e quase cúmplice, pois achava o jovem espanhol simpático. A viúva era a única contertuliana já de idade e gostava de fazer de mestre de cerimónias, controlando os criados enquanto dirigia a conversa como quem reparte cartas de um baralho.

– Há um momento para cada coisa.

– Oh, sim. Claro.

Os olhos azuis quartzo estavam diante de Martín, do outro lado da mesinha com serviço de prata e porcelana, e este sentiu uma emoção tranquila ao verificar que não o perdiam de vista. Yunuen Laredo estava tão linda como de costume, vestida de seda violeta com um xaile andaluz sobre os ombros e o cabelo apanhado na nuca, dividido simetricamente em dois, muito esticado e negro. Isto criava um contraste delicioso de tons entre a sua pele cor de canela, a claridade do olhar e os brincos de prata e água-marinha, como se

toda a luz do jardim contribuísse para ressaltar a sua beleza.

– O de seis cilindros é uma maravilha – estava alguém a dizer. – Um prodígio da mecânica.

Martín juntou-se à conversa. Falavam de automóveis, e um advogado ainda novo, casado com uma prima de Yunuen, comparava o Hudson a gasolina, que acabava de adquirir, com o Baker ou o Hupp-Yeats de baterias elétricas. Também estavam presentes duas amigas – as irmãs Rosa e Ana Zugasti, moradoras na mesma avenida –, a esposa do advogado, o secretário da delegação espanhola que Martín tinha conhecido no Jockey Club e dois trintões loiros, risonhos e informais, de nomes hispânicos, mas a quem, pelo seu aspeto germânico, todos chamavam Max e Moritz. O nono convidado era o capitão Córdova, que folheava com pouco interesse um romance de Xavier de Montépin e de vez em quando levantava a cabeça. Estava vestido à civil: sobrecasaca cinzenta e calças estreitas com botins, muito elegante.

– O engenheiro poderá esclarecer-nos sobre este particular – dizia dona Eulalia.

– Não sei muito disso – desculpou-se Martín.

O secretário da embaixada manifestou surpresa. Chamava-se Paco Tojeira e era um galego gorducho com ar simpático, bastante calvo, embora não tivesse feito trinta e cinco anos. Usava barbinha ruiva e óculos que pareciam achatar-lhe o nariz.

– Não se interessa por automóveis?

– Pouco.

Yunuen olhava para Martín com um sorriso terno, muito ao seu jeito. Ele ignorava se a jovem partilhava os seus sentimentos, mas a verdade era que ela não se mostrava alheia a eles, pelo menos até onde uma mexicana de boa família e educada podia permitir-se. Tinham conversado noutras tardes e passeado juntos sob o olhar tolerante da tia, a falarem sobre trivialidades e desfrutando de silêncios que a Martín lhe pareciam significativos e até românticos. A sua intervenção nos acontecimentos do Norte, que todos conheciam embora ele evitasse mencionar, conferia-lhe uma certa aura aventureira, quase heroica. Ali todos estavam conscientes de que ele se esquivava às perguntas diretas, por isso costumavam satisfazer o seu interesse por outras vias. Que diferença havia entre revolucionários e bandoleiros, por exemplo. Até que ponto Orozco e Pancho Villa eram violentos e assassinos, ou o que pensava das mulheres que acompanhavam as tropas, as chamadas *soldaderas*. Uma das Zugasti acabava de lhe perguntar isso, com os olhos ávidos e a boca desdenhosa, muito feminina na sua curiosidade temperada com falsa inocência.

– Fazem-no com naturalidade – respondeu Martín, após pensar por momentos. – Não concebem que a sua vida possa ser de outra maneira. Têm o homem, e seguem-no. Sem dramatismos, com simplicidade.

– Resignadas à sua dura sorte – concluiu Tojeira.

Yunuen suspirou.

– Que palavra tão triste, não é verdade?... Resignadas.

– Não são as únicas – indicou dona Eulalia. – A resignação numa mulher não depende da sua posição social. – Olhava em volta, deixando a ideia infiltrar-se. – Infelizmente, nós, as mulheres do México, sabemos bem o que é isso.

Tocava com o leque – talvez deliberadamente – no pingente de ouro onde, sobre o peito de musselina preta, tinha um retrato em miniatura do seu esposo fuzilado.

Ana, a segunda das Zugasti, interveio.

– Imagino que o sacramento do matrimónio seja desconhecido de quase todas elas.

Martín sorriu, sem responder, e dona Eulalia interveio de novo.

– Essa pobre gente tem pouco tempo para sacramentos... Está de acordo, Martín?

– Estou.

Yunuen ouvia com muita atenção.

– Vi fotografias nas revistas – comentou. – Atrás das tropas, entrando nos comboios carregadas de fardos e de filhos. Esses homens tratam-nas...

Deixou as últimas palavras no ar, estremecendo. Olhava para Martín como se pedisse consolo para pensamentos tristes.

– Que nem animais – rematou Tojeira, cru.

O jovem engenheiro concordou.

– É verdade. Mas eles também dependem dessas mulheres: procuram comida, saqueiam, despojam cadáveres inimigos, preparam o rancho e cuidam deles quando adoecem ou caem feridos.

– Abnegadas e submissas com esses mal-agraçados – sublinhou Rosa Zugasti, meio admirada e meio escandalizada.

– Sim.

– Mas essas tais mulheres da vida...

Martín remexeu-se, incomodado.

– Não creio que essa – interrompeu-a – seja a palavra adequada.

– Que vida tão terrível – exclamou a prima de Yunuen.

– Mas aliviam a fogsosidade dos seus homens, claro – anotou o marido com sorriso equívoco, suscitando um olhar severo de dona Eulalia. – Isso põe a salvo as mulheres decentes.

– Só até certo ponto – opinou Moritz.

– Bom, chega – impacientava-se a tia. – Mudemos de conversa.

– Às vezes também combatem – disse Martín. – Chegada a ocasião, podem ser tão duras e corajosas como eles.

Os olhos azuis quartzo observavam-no com espanto. Detiveram-se na pequena cicatriz da maçã do rosto direita.

– Viu-as a lutar?

– Por amor de Deus, menina – repreendeu-a dona Eulalia.

– Viu-as?

Tojeira, que limpava os óculos com um lenço, observou Martín, com sarcasmo.

– Diz-se por aí que, com efeito, as viu. E muito.

O jovem também não respondeu àquilo. Sentia o olhar silencioso do capitão Córdova, que fumava a sorrir ligeiramente, com ar de indiferença, o queixo afundado no colarinho duro da camisa e da gravata larga.

– E se essas mulheres perderem os seus homens? – insistiu Yunuen.

– Se os matarem, quer dizer?

– Sim.

Martín hesitou, procurando uma forma de o dizer. Não havia muitas.

– Juntam-se a outros – respondeu, por fim.

– Não fazem luto?

– Não podem permitir-se esse luxo.

Max arqueava as sobrancelhas quase albinas, escandalizado.

– Luxo, disse o senhor?

– Sim... Foi isso exatamente o que eu disse.

– Quer dizer que se juntam como animais, sem mais nem menos, de qualquer maneira? – insistiu a prima.

– Com qualquer um que as proteja e as leve consigo.

– E se também o matarem?

– Procuram outro.

– Carregando os seus filhos e tudo?

– Sim.

– Que horror!

Seguiu-se um silêncio incómodo. O dono da casa, *don Antonio Laredo*, não participava naquelas reuniões. Apareceu naquele momento, circunspecto e cortês, cumprimentou os presentes habituais e retirou-se a seguir para o seu escritório e para os seus afazeres, deixando-os a todos nas mãos da irmã. A conversa passou para outros assuntos, incluindo a recente abertura em El Centro Mercantil de uma loja especializada em moda inglesa para cavalheiros e as virtudes para sufocos femininos das garrafinhas de água espanhola de Carabaña. Rosa Zugasti fez referência aos tempos de Porfirio Díaz, lamentando que certos projetos urbanos não chegassem a ser postos em prática. Moritz comentou então a popularidade decrescente de Francisco Madero e a dura revolta de Zapata no Sul, e perguntou a Tojeira como é que na delegação espanhola consideravam a situação. O diplomata encolheu os ombros, prudente, tocando na gravata com o sorriso de raposa de quem sabe muito e diz pouco.

– *Wait and see* – limitou-se a dizer.

– Mas afirma-se que o embaixador Cólogan se dá muito mal com o nosso presidente – insistiu Moritz. – E que imita tudo o que o seu colega norte-americano propõe...

Uma rápida reprimenda da tia Eulalia interrompeu-o.

– Já sabem que a política é proibida nesta casa – sentenciou

rotundamente, abarcando com um semicírculo de leque a sua sobrinha, a prima e as Zugasti. – Nada há nela que interesse a senhoras ou a meninas. Por hoje já chegou o assunto das *soldaderas*.

– Mas o clima, dona Eulalia...

– A única temperatura que nos interessa é a do chocolate.

Martín mantinha-se atento a Yunuen, que continuava a suster-lhe o olhar com ternura. Isso fazia-o sentir-se descontraído e feliz, confiante no futuro imediato. A única sombra era o modo como Jacinto Córdova continuava a observá-lo.

Martín e o militar saíram juntos de casa dos Laredo. O sol tinha-se ocultado por trás do castelo de Chapultepec, e os candeeiros elétricos modernos salpicavam de luzes amarelas o Paseo de la Reforma, traçando uma linha dupla de pontos brilhantes que se recortava contra um céu distante, ainda avermelhado e azul-escuro como um incêndio indeciso.

Córdova apontou com a sua bengala para duas diligências paradas diante do café Colón, que acabavam de acender as suas lanternas de pescante.

– Vai apanhar uma daquelas?... Podemos ir juntos, se lhe parecer bem.

Martín admirava, com o chapéu deitado um pouco para trás, a beleza do anoitecer. A temperatura era agradável e a avenida iluminada convidava a um passeio.

– Vou a pé. É só pouco mais de meia hora até ao meu hotel.

– Ah, bom. – O militar consultou o seu relógio de pulso. – Então, acompanho-o... Se lhe parecer bem, pela Ciudadela encurtaremos caminho.

Martín hesitou. Isso significava ruas mais escuras. Não tinha motivos para desconfiar do militar, mas os seus olhares e silêncios, quando estavam na presença de Yunuen Laredo, aquele leve sorriso pensativo e frio, causavam-lhe um certo desassossego. No entanto, era espantoso continuar a simpatizar com Jacinto Córdova. E tinha a certeza de que essa simpatia era mútua.

– Está bem. Vamos.

Deixaram para trás a Reforma em direção a Bucareli e à Ciudadela, em cujas ruas próximas a iluminação pública era mais escassa. Caminharam um bom bocado em silêncio. Córdova balançava a sua bengala, e a aba do chapéu de coco deixava-lhe meio rosto na sombra.

– Você ama a Yunuen? – perguntou ele, de repente.

Disse-o assim, tal e qual, à queima-roupa, embora o tom fosse sereno, muito natural e calmo, como se se referisse ao estado do tempo ou do chão que pisavam.

– Espero que não leve a mal – respondeu Martín, quando recuperou da surpresa – se eu responder que isso é uma impertinência.

– Tem razão – admitiu o militar, equânime. – É mesmo.

Moveu os ombros esquivando vagas responsabilidades, e ao fim de alguns passos falou de novo.

– Sabe que o meu pai morreu por causa de uma impertinência?

Contou-lhe em poucas palavras, enquanto caminhavam quase ombro com ombro. O seu pai, um coronel da artilharia chamado Santiago Córdova, tinha lutado no lado republicano no tempo do imperador Maximiliano, a combater nas batalhas de Miahuartlán e da Carbonera. Em 1886, uma discussão com um amigo acabou num duelo em que ambos perderam a vida.

– Também foi por causa de uma impertinência – repetiu.

– Da parte de quem?

– Isso tanto faz... Eu tinha dois anos, e fiquei órfão.

Mergulhou num silêncio taciturno que só quebrou um momento depois.

– Uma questão de mulheres, disseram.

Voltou a calar-se. Atravessavam uma pequena praça cujos arbustos e bancos já estavam mergulhados nas sombras. A luz distante do candeeiro que iluminava uma esquina delineou meio rosto afilado do militar: bigode e queixo decidido e firme.

– Os dois eram grandes amigos – prosseguiu, por fim. – Na realidade, compadres. O outro também era coronel. Chamava-se Jacinto Carvajal e por isso tenho o nome dele. Conheciam-se desde que eram cadetes. Leais e valentes, homens de honra e mexicanos até ao tutano.

– E como é que isso foi possível?

– Este é um país singular. Um lugar violento e estranho, como pôde verificar.

Riu-se baixinho, ao dizê-lo entre dentes, e Martín não pôde deixar de se perguntar aonde iria parar tão inusitada conversa. A nada bom, receava.

– Discutiram – continuava Córdova a contar – e um deles disse uma coisa que não devia dizer. A mencionada impertinência. Os dois gostavam muito um do outro, mas há coisas que não... Bom. O facto é que acabaram por se sentar muito calmos, dando a mão esquerda, enquanto com a direita cada um apoiava o cano do revólver no peito do outro...

Martín parou de repente, apoiado na sua bengala. Nem queria acreditar.

– Isso que me está a contar é real?

– Absolutamente. O meu pai levou um tiro e deu-lhe tempo para dar dois. Ele e o amigo morreram nesse momento... O que lhe parece?

– Uma atrocidade.

Com uma cordial pressão num braço, Córdova convidou-o a continuar a caminhar.

– Oh, não. Nada disso. É só o México.

Uma vez apagado completamente o crepúsculo, no céu brilhavam as estrelas e no interior de quiosques, lojas e *pulquerías* começavam a acender-se lâmpadas e pequenos candeeiros de vidro ou de papel. Algumas lanternas elétricas de pouca intensidade, alternando com débeis luzes de gás, azeite ou petróleo, fendiam as fachadas com arabescos de claridade semelhantes a pirilampos amarelos, vermelhos e azuis.

– Permita-me agora que continue a ser impertinente... Está apaixonado

pela Yunuen Laredo?

Martín tinha a boca seca. A sua voz brotou rouca.

– E você?

– Sim, é claro – respondeu o outro com muita naturalidade. – E observo o a si.

– Com que objetivo?

– Estudar o momento. Sou um homem paciente. Desejo verificar se o interesse que ela mostra por si é eventual, ou algo mais sério.

O sarcasmo queimava os lábios de Martín.

– Quer dar-me uma oportunidade?... Que generoso, capitão Córdova!

– Por favor, chame-me Jacinto.

– Que generoso, Jacinto. E qual é o problema do meu interesse?

– Ah, é normal. Não posso censurar-lhe nada. Perante uma mulher assim, quem não o teria?... Até o Max e o Moritz, como se terá apercebido, albergam esperanças.

Deu uns passos em silêncio e no fim esboçou um sorriso desdenhoso. Frio.

– Eles não têm qualquer possibilidade.

Calou-se de novo, e um pouco mais adiante voltou-se para Martín.

– Isto irmana-nos a si e a mim, parece-me.

– Irmana-nos?

– Pelo menos até certo ponto.

– Talvez como o seu pai e aquele amigo?

– Talvez, sim. Algo parecido.

Tinham deixado para trás os muros negros da Ciudadela. A luz olivácea de uma mercearia iluminou o sorriso críptico do militar.

– Você está de passagem, Martín. Não vai ficar aqui. Mais cedo ou mais tarde, irá para outro lugar, ou para Espanha.

– Receia que eu queira levar a Yunen? Arrebatá-la?

– Admito que considere essa possibilidade.

– E se o interesse por mim fosse sério?... E se ela partilhasse os meus sentimentos?

– Nesse caso, receio que eu seria consigo mais impertinente do que sou.

Passaram perto de um candeeiro elétrico que alongava as suas sombras no empedrado. A claridade iluminou a figura magra e elegante de Córdova, que segurava a bengala com a mão direita. Ao verificar que Martín o observava, ergueu um pouco a outra mão, como se mostrasse que nada escondia nela.

– Rogo-lhe que não me interprete mal. Sou militar de carreira, valorizo o que você fez em Juárez e tem todo o meu respeito. Não parece dos que se comovem com ameaças, por isso não o encare por esse lado. Limito-me a comentar-lhe, do modo mais leal possível, uma situação... O que faria, se estivesse no meu lugar?

Martín pensou naquilo por momentos.

– Se a Yunuen se inclinasse claramente por outro, retirar-me-ia como um cavalheiro.

– Claramente?

– Sim.

Córdova retorceu a boca numa careta sarcástica. A luz amarelada empalidescia-lhe o rosto com tonalidades de cera.

– Pois, é claro. – A gargalhada pareceu metálica, perigosa como a lâmina de uma faca. – Mas é que você não é mexicano.

.

O secretário abriu-lhe a porta e voltou a fechá-la. Pela janela grande do gabinete de Raúl Madero, aberta para uma varanda do Palácio Nacional, via-se o Zócalo cheio de gente, elétricos e carruagens diante do duplo edifício da antiga catedral espanhola. Martín tinha chegado conduzido por um porteiro e depois pelo secretário, após subir escadas, percorrer corredores e esperar três quartos de hora na antecâmara, sentado numa cadeira debaixo de um retrato do padre Hidalgo.

– Que prazer em vê-lo, estimado amigo!... Tenho muito gosto em vê-lo!

O irmão do presidente tinha engordado um pouco. Demasiados almoços no Gambirinus, pensou Martín. Muito gabinete e pouco cavalgar por entre zumbidos de balas. Tinha a idade de Martín, mas aparentava mais. Deixara crescer um bigode fino que lhe acentuava o queixo recuado, e o seu elegante fato cinzento com colete, camisa de colarinho duro, gravata de seda e sapatos engraxados nada tinham que ver com o blusão amarrotado, as polainas poeirentas e a pistola que trazia na batalha de Juárez. No entanto, o calor dos seus olhos, tão parecidos com os do irmão, era o mesmo.

– Desculpe-me, mas só lhe poderei dedicar uns minutos. Há novos problemas no Norte.

– Graves?

Raúl Madero fez um gesto ambíguo.

– Podem ser. Pascual Orozco tirou por fim a máscara e não reconhece o presidente... Conto-lhe isto, porque não demorará a tornar-se público. Já chamaram alguns jornalistas.

– Espera consequências?

– Desse ambicioso desalmado pode esperar-se qualquer coisa. Por ter participado na mudança política, acha-se com direito a tudo. A arrogância cega-o.

Oferecia o assento a Martín com um ar meio amável e meio distraído. Este obedeceu, pois não se sentia mesmo nada cómodo. Não pela receção, que era afetuosa, mas sim pelo motivo da sua visita.

– Era o que nos faltava – disse Raúl Madero. – Depois da intentona do general Reyes e da insurgência de Zapata em Morelos, calha-nos isto.... Com Reyes, o presidente foi brando. – O seu semblante ficou sombrio. – Se tivesse sido fuzilado, como alguns de nós aconselhávamos, agora andariam todos

com mais tento. Mas já sabe como é o meu irmão: patriota, honrado e compassivo. Isso deixa-o agarrado entre gregos e troianos.

Martín pôs-se de pé. Até com alívio. Aquilo resolvia o assunto. Dava-lhe um excelente motivo para se ir embora e deixar tudo como estava. Uma boa desculpa perante Emilio Ulúa e a Mineira Norteña.

– Nesse caso, não o incomodo mais, *don* Raúl. Tem coisas importantes com que se ocupar.

– É verdade, mas não quero causar-lhe um desaire. Ó homem, sente-se.

Martín obedeceu novamente. O outro tinha tirado os óculos e remexia nos papéis que estavam em cima da mesa junto de uma fotografia emoldurada dos seus irmãos, tirada durante os combates da estação Bauche: Francisco, Gustavo, Emilio e ele próprio, todos com roupa de campanha.

– Não me esqueço de Juárez nem do que lá fez – comentou, enquanto lia. – Veio ver-me por causa de um assunto de concessões mineiras, não é verdade?

– Sim, na Baixa Califórnia. – A cara de Martín ardia-lhe de vergonha. – Também por causa das taxas sobre certos produtos relacionados com...

O irmão do presidente interrompeu-o, erguendo o olhar enquanto deixava o documento na mesa.

– Sim, estou a ver. Mas são tempos maus, como sabe.

– Sem dúvida.

Madero encostava-se no cadeirão, sério.

– Eu gostava de lhe dar uma ajuda, mas a palavra *taxas* não é oportuna. Não é coisa do meu departamento. Também não é do das minas, temo.

Martín concordou, ansiando terminar com aquilo.

– Compreendo.

O outro parecia refletir. Com boa vontade.

– No entanto – concluiu, animando-se –, o Azpiri, o secretário da Indústria, é meu amigo. Posso dar-lhe um cartão para ele, se isso servir de alguma coisa. Garantirá pelo menos que o receba.

– Agradeço-lhe muito.

Madero pegou numa cartolina, molhou a caneta no tinteiro e escreveu umas linhas.

– Nem imagina como vivo aqui... É tudo pedidos, demandas, requerimentos. As pessoas acham que bastam duas palavras ao presidente para se cumprirem todos os desejos imagináveis.

Aplicou o mata-borrão no texto e entregou o cartão a Martín, que o guardou na sua carteira.

– Eu gostaria de lhe ser mais útil no seu caso – acrescentou –, mas tenho as mãos atadas. E mais nestas circunstâncias. A questão militar tem prioridade absoluta. Agora que me promoveram a tenente-coronel, e com Orozco a dar problemas no Norte, acho que voltarei a vestir outra vez roupa de campo.

Tocava no colete, resignado, apalpando os botões demasiado tensos. Depois dirigiu um olhar depreciativo ao cómodo gabinete.

– E não me lamento, hã?... Vai fazer-me bem mudar de ares.

Pôs-se de pé e Martín imitou-o imediatamente. Madero sorria, evocador, enquanto o acompanhava à porta.

– Lembro-me de si sujo de pó e pólvora, lá nas margens do Bravo: os combates, as pontes e a ameaça *gringa*. E as coisas que fez por nós... Lamento não corresponder como os seus serviços merecem.

– Não faz mal – protestou Martín. – O prazer foi vê-lo. Que me tenha dado a honra de me conceder este tempo.

O outro olhava para ele com curiosidade amistosa.

– Permite-me uma observação, senhor Garret?

– Naturalmente.

– Estou surpreso por ser só engenheiro da Mineira Norteña.

– Porquê? – estranhou o jovem.

– Pois não sei. Julguei que a sua posição... Bom, imagine. No Gambrinus vi-o em excelente companhia.

Martín abanou a cabeça, desfazendo o equívoco.

– Oh, não, de todo. Só estou aqui de forma circunstancial. Em comissão de serviço.

– Mas bem considerado, pelos vistos.

– Não me posso queixar.

– Os seus chefes mandaram-no ter comigo, não? – Madero piscava o olho, cúmplice. – Para ver se dava sorte tocar as velhas teclas entre companheiros de armas.

Martín emudeceu, novamente ruborizado, a amaldiçoar para si mesmo a Norteña, Emilio Ulúa e toda a sua estirpe. Nesse momento teria desejado desaparecer debaixo de terra. Por fim, recuperado do desconcerto, sorriu com simplicidade. Com súbita franqueza.

– Tem a minha palavra de que eu resisti o mais que pude.

O outro desatou a rir, dando-lhe palmadas nas costas.

– Acredito. Não parece desses.

Estavam na porta do gabinete, que o próprio Madero tinha aberto.

– Voltou a relacionar-se com a gente do Villa? – interessou-se.

Martín hesitou, recordando o recente encontro no Zócalo.

– Não – mentiu. – O que sabe deles?

– Uns voltaram para as suas casas e outros continuaram com as armas na mão. – Ficou com um ar sombrio. – Talvez se tenha de recorrer outra vez a essa gente. Parece triste, não é verdade?... Que devam falar as espingardas.

– E que tal anda o coronel Villa?

O outro dirigiu-lhe um olhar rápido e desconfiado que, no entanto, resvalou sobre a expressão inocente de Martín.

– Pois parece-me que está lá no seu rancho, a criar vacas – repôs com indiferença forçada. – Aqui sabemos pouco sobre ele.

– Claro.

Deram um aperto de mão, e o mexicano fê-lo com um calor que parecia

sincero.

– A ação não o pica? – quis ele saber. – Voltaria lá acima, no caso de ser necessário?

Martín pensou naquilo durante três segundos.

– Não creio... Foi um episódio isolado. Casual. O meu tipo de vida é outro.

– Compreendo. E faz bem. A política é um mau caminho, e às vezes conduz ao paredão de fuzilamento.

Mantinha a porta aberta, sem acabar de se despedir de Martín. O secretário tinha-se levantado da sua mesa para se aproximar deles, mas Madero interrompeu-o com um gesto. Baixava um pouco a voz, confidencial.

– De certo modo, invejo-o a si: jovem, estrangeiro e com uma carreira promissora pela frente... Isso permite observar de outra forma este país desgraçado, sempre doente de si mesmo.

Suspirou profundamente enquanto punha um ar amargurado, como se lhe doesse por dentro.

– Receio que venham tempos difíceis, caro amigo – acrescentou, lúgubre. – E faz bem em manter-se à margem.

7. Notícias da revolução

Aquele verão foi de agitação e incerteza. Tudo piorava. A popularidade do presidente Madero continuava a diluir-se no desagrado de quem lhe censurava a timidez das suas reformas e no ódio dos elementos conservadores, que o tornavam objeto de uma campanha feroz de desprestígio. Já poucos jornais o defendiam. O Sul camponês era feudo do exército zapatista e a guerra tinha voltado ao Norte, onde as forças rebeldes de Pascual Orozco, os chamados *colorados*, enfrentavam o governo. Para o combater tinha-se criado a Divisão do Norte, sob o comando do duro Victoriano Huerta: um general com fama de eficaz e cruel. Para o reforçar com tropas regulares, a pedido expresso de Francisco Madero, o coronel, agora brigadeiro, a quem todos chamavam Pancho Villa, voltava a pegar em armas.

– A coisa boa é que, para já, não poderás voltar para lá – disse Yunuen Laredo.

Martín sorria tristemente, abanando a cabeça.

– Não sei se boa é a palavra... Aquilo é o meu verdadeiro trabalho.

– Com as minas fechadas, pouco podes fazer.

Já se tratavam por tu com naturalidade, segundo o costume moderno dos jovens. Era um domingo esplendoroso, quente, e o jovem engenheiro tinha acompanhado a rapariga e a tia a Xochimilco, um lugar agradável com lagoas, ilhotas e arvoredos próximo da capital. Foram muito cedo de elétrico para visitarem o mercado de flores e o artesanato local e tomar o pequeno-almoço num dos merendeiros, sob um telheiro de folhas de palmeira situado entre as grandes árvores chamadas *ahuehuetes*. A tia esperou pela hora do almoço sentada numa rede – um romancezinho de Riva Palacio aberto sobre a saia e o véu do chapéu no rosto para se proteger dos insetos –, por isso, Martín alugou um barco *trajinera* e convidou Yunuen a navegar pelos canais.

– Está muito calor... Permites-me que tire o casaco?

– Pois claro.

O barqueiro afundava a vara na água onde flutuavam lírios aquáticos, deslizando devagar a embarcação pelo canal de margens frondosas. Martín tinha-se desembaraçado do chapéu panamá e do *blaser*, e desabotoara o

colete. Às vezes cruzavam-se com outras embarcações com homens em mangas de camisa, senhoras vestidas de branco e sombrinhas abertas. Tudo era calmo, silencioso e belo. Fazia pensar em lugares paradisíacos anteriores à Conquista. O mito de um México pré-colonial e feliz.

– Em que pensas, Martín?

Ele sorriu, contemplando-a. Ela tinha tirado o chapéu de palha branca. Tinha o cabelo apanhado num carrapito entrançado e o sol fazia brilhar o seu cabelo negro e esticado.

– Em *doña* Marina, a intérprete de Hernán Cortés.

– A Malinche? – surpreendeu-se a jovem. – O que é que ela tem que ver agora?

– Imaginava-a com os teus contraditórios e minerais olhos azuis. Com o teu aspeto.

– Contraditórios?... Como é que devo encarar isso?

– Como um galanteio.

– Fazes troça de mim.

– De todo. São demasiado belos para uma índia de então. Impossíveis há quatro séculos.

– Ah, já estou a ver. – Ela desatou a rir. – És mesmo parvo.

– Não sou nada parvo. Falo a sério... Imagino aqueles rudes espanhóis cobertos de ferro a entrarem em Tlaxcala, ou onde quer que entrassem. O Cortés a vê-la a ela pela primeira vez. Como eu a ti naquele dia, na Casa dos Azulejos.

– A surpresa?

– Muito mais do que isso: a emoção.

– E foi isso que te aconteceu ao ver-me? Ficaste emocionado?

– Até ao delírio.

– Além de parvo, estás louco.

Yunuen olhou pelo canto do olho para o barqueiro, que impulsionava a *trajinera* com o chapéu sobre os olhos e a vara nas mãos, alheio à conversa.

– A Malinche decidiu seguir esse estrangeiro – baixou a voz. – Interpretar a sua língua e ser sua mulher. Mas eu não sigo ninguém.

– Por enquanto – brincou Martín.

– Por favor... Não digas mais parvoíces.

– Achas que a Malinche estava apaixonada?

A jovem mordida o lábio inferior, a pensar.

– Não sei – respondeu, por fim. – Deslumbrada, pelo menos. Deve ter sido impressionante ver chegar aqueles homens barbudos e estranhos, vindos do mar. – Olhou para ele, serena. – Do mesmo lugar de onde vieste tu.

A passagem da *trajinera* espantou umas aves aquáticas, que esvoaçavam em direção à margem. Ficaram calados, vendo-as a afastarem-se.

– Não é difícil para uma mexicana – disse de repente Yunuen – deslumbrar-se com quem chega de longe.

– Também há anglo-saxões que agora vêm do Norte.

– Eles não estão aqui, sob a pele. – Mostrava-lhe os pulsos finos e morenos, rodeados de prata. – Só se encontram de passagem. O nosso sangue não os reconhece.

Inclinando o rosto, subitamente audacioso, Martín beijou a pele que ela desse modo, sem o pretender, se lhe oferecia. Um roce suave, um aroma delicioso. Sentia nos lábios as suas pulsações. Após um instante imóvel, ela retirou as mãos devagar, sem brusquidão. Olhou de soslaio para o barqueiro e depois para as árvores que bordejavam o canal.

– Um dia ir-te-ás embora, não é verdade?

– Não tenho por que ir sozinho.

Yunuen tinha ficado séria. Afastou o olhar e manteve o silêncio enquanto ele continuava a observá-la com fascínio. Num lugar como aquele, inalterado no tempo e na história, ela parecia fazer parte natural da beleza primitiva da paisagem. Congregava de uma forma quase mágica o passado e o presente. Isso produzia em Martín um desassossego íntimo: não saber se amava a jovem, ou julgava amá-la, por ela mesma ou pelo que os seus olhos mestiços e a sua pele cor de canela simbolizavam. Pelo sangue cujas veias tinha beijado e o pulso que palpitava nelas. E não era a primeira vez que sentia isso. Frequentemente, quando estava acordado durante a noite no seu quarto de hotel – desde Ciudad Juárez que continuava a ter dificuldade em conciliar o sono –, chegava a pensar que na realidade não amava em Yunuen uma mulher, mas sim o México que encarnava nela.

– Que momento tão trágico e tão espantoso, não é verdade? – disse em voz alta.

Ela olhava para ele desconcertada, sem compreender a que se referia. Martín pediu desculpa com um sorriso.

– Refiro-me à destruição de um mundo e ao começo de outro... Ao amanhecer de uma raça nova.

Ela assentiu com delicadeza, depois de pensar naquilo.

– Há muitos motivos para detestar os espanhóis – concluiu, sorridente. – E também para os amar.

Martín ergueu um dedo enfático.

– Gosto dessa palavra.

A jovem olhava para ele com falsa inocência.

– Detestar?

– Amar.

Ela dirigiu dissimuladamente outro olhar ao barqueiro.

– *Odi et amo* – disse num sussurro. – Escreveu um poeta latino.

– Odeio e amo, não?

– É isso.

– Também gosto.

O passeio aquático tinha terminado. A *trajinera* encostou no cais de madeira, Martín vestiu o casaco e pôs o chapéu e ajudou Yunuen a saltar para terra. Subiram sem pressa pela pequena encosta até ao merendeiro, roçando

um pouco as mãos ao caminhar. Martín sentia o coração palpitar de prazer.

– A minha tia acordou – disse Yunuen. – E não está sozinha.

Sob o telheiro de folhas de palma estava dona Eulalia, sentada e a conversar com um homem que se mantinha de pé: um militar vestido de uniforme, com botas altas reluzentes, pistola no cinto e um braço ao peito num lenço.

– Que surpresa!... É o Jacinto Córdova. – Virou-se para Martín, confusa.

– Não estava no Norte, com o seu regimento?

O dia ficou sombrio para Martín.

– É evidente – respondeu, amargo – que já não está.

*

Encomendaram *tacos* com tutano e *mole de guajolote*, limonada e vinho mexicano. Foi um almoço agradável até para Martín, apesar da incomodidade que lhe causava a presença do capitão Córdova. Sem dar sinais de reparar nele, o militar esteve espirituoso, simples, a contar, sem dar importância a si mesmo, a sua campanha no Norte e o tirou que levava no combate de Rellano. Depois da sobremesa, quando as senhoras permaneceram nas suas redes à sombra para fazerem a digestão, Córdova acendeu um charuto cubano e Martín e ele deram um passeio sob as árvores, pela margem do lago.

– Já reparou? – comentou o capitão olhando um momento para a tia e para a sobrinha, que ficavam para trás. – A Yunuen e a dona Eulalia são agora menos maderistas do que há dois meses... Como quase todas as mulheres do México, admiravam o presidente. Mas os afetos vão-se-lhes arrefecendo.

– Como vê a situação? – perguntou Martín.

– Sou militar, e devo reservar para mim a minha opinião. – Os meus chefes é que veem ou não veem.

– Estamos em confiança, capitão.

O outro deixava sair o fumo, satisfeito.

– Jacinto, lembre-se.

– Estamos em confiança, Jacinto. Interessa-me muito o que você pensa.

O militar abanou a cabeça, sem vontade, acomodando melhor o braço no lenço de seda que o suportava.

– O Sul está perdido, garanto-lhe. Ninguém ali vai tirar o poder a Zapata, e a repressão não faz mais do que reforçar esse morto de fome. As atrocidades... – Ficou calado e por fim encolheu os ombros. – Bom, já é suficiente. Resumirei dizendo que festejo ter sido destinado para o Norte e não lá para baixo, numa guerra tão suja.

– E o que é feito de Pascual Orozco?

– Oh, esse vai acabar por perder. Com efeito, já perdeu. Estamos a arrear-lhe. Trava combates de sobrevivência, e quando menos se esperar passará a fronteira.

Ficou a olhar para Martín, com o charuto fumegante a meio caminho da boca.

– Suponho que em breve poderá voltar para as suas minas.

Disse-o com intenção, e o jovem não respondeu àquilo. Continuavam pela margem do lago, onde se moviam lentamente algumas embarcações entre a verdura das *chinampas*¹² construídas com lama, canas e pedras. Estava calor, e os dois alargaram as gravatas.

– Viu o brigadeiro Villa? – quis saber Martín.

– Sim, várias vezes. E o seu regresso foi uma surpresa para todos. Julgávamo-lo um bandoleiro rude, um simples saqueador, mas sabe movimentar-se e lutar. Nos combates de Parral, Tlahualilo e Conejos estive superior... É um guerrilheiro nato, os homens dele adoram-no e desenhencilha-se que é uma maravilha. E odeia os *colorados* como ninguém. Enforca e fuzila prisioneiros sem lhe tremer o pulso.

Voltou a mexer o braço dentro do lenço, incomodado. Durante o almoço, ao não poder servir-se bem com uma mão, Yunuen tinha-o ajudado a preparar os *tacos*, o que não passou inadvertido a Martín. O olhar irónico que o militar lhe dirigiu enquanto isso acontecia também não.

– O problema de Villa – prosseguiu Córdova – é que é um irregular com alma de irregular. Uma mistura de génio intuitivo e canalha perigoso. Faz a guerra à sua maneira, e não há forma de o disciplinar. Discute ordens ou não as cumpre, e o general Huerta é levado do diabo... Raúl Madero, que voltou à campanha, passa o tempo a suavizar tensões entre um e outro.

– Os jornais insinuam incidentes. É verdade?

– Houve vários. Primeiro com o coronel Rubio Navarrete, o artilheiro, ainda que agora Villa e ele sejam muito amigos. E dizem que em Rellano, depois do combate, quase se envolveu a tiros com o tenente-coronel García Hidalgo, chefe do estado-maior de Huerta.

Córdova ficou a olhar com ar distraído para uma *trajinera* que passava. A bordo ia uma família com crianças ruidosas e bem vestidas.

– Talvez entre Villa e o meu general Huerta tudo acabe mal.

– Como assim, mal?

O mexicano não respondeu logo. Estava a ver a embarcação a afastar-se.

– Victoriano Huerta é desses militares calados e que não se esquece. Tem fama de não esquecer um desaire.

Manteve-se com o charuto entre os dentes, sem afastar os olhos do lago. Ergueu depois o olhar para o céu, onde se adensavam nuvens distantes e cinzentas que pareceram ensombrar-lhe o rosto.

– Em breve vai chover – murmurou, pensativo.

Passado um momento, retirou o charuto e olhou para Martín como se se tivesse esquecido da sua presença.

– Confio em que o meu aparecimento não o tenha incomodado... Acabado de chegar do Norte, fui visitar a Yunuen, e soube que ela e a dona Eulalia estavam aqui, a meia hora de elétrico.

– Comigo – precisou Martín, ácido.

– Sim, foi o que me disseram. Consigo.

Sorria vagamente, com ar indiferente. Deixou sair uma baforada do charuto enquanto se virava para o merendeiro onde descansavam as duas mulheres.

– Está lindíssima, não lhe parece?

Martín concordou com frieza.

– É claro que sim.

– Até a comer um *taco* gotejante de gordura é adorável.

– Sim... É.

– Correu bem o seu passeio de *trajinera*?

– Não correu nada mal.

– Lamento ter-lhe estragado o final, aparecendo aqui.

Começou novamente a andar, sem mais comentários, entre os raios de sol que se metiam por entre os ramos. Passado um momento, Martín foi ter com ele.

– Às vezes perde-se e às vezes não se ganha – disse de repente Córdoba.

– O senhor sabe perder, meu amigo?

Martín não respondeu. Pensava em Yunuen a ajudar o capitão a comer. No olhar que Córdoba lhe dirigia.

– Quando curar a minha ferida, voltarei para o regimento – disse o mexicano. – Até essa altura, terá de suportar a minha companhia.

Martín sorriu. Com aquele homem era fácil fazê-lo. Uma pessoa sentia-se adversário e cúmplice ao mesmo tempo.

– As suas impertinências – recordou.

– É isso. – Córdoba também sorria, relaxado. – As minhas impertinências, como lhes chamámos da outra vez... Tem boa memória.

Tinham parado debaixo dos ramos pendentes de um grande salgueiro e olhavam-se de frente.

– Fez progressos com a Yunuen? – deslizou o militar.

– É outra das suas impertinências?

– Pode considerá-la assim.

Martín manteve-se impassível.

– Os progressos naturais – concedeu.

– Ui, caramba. – A mão que segurava o charuto movia-se no ar, deixando espirais de fumo. – Isso parece tão impreciso.

Martín indicou com o queixo o seu braço no lenço.

– Parece-me que você, com a sua bitola de militar heroico, ganhou hoje terreno.

– Oh... É muito nobre da sua parte reconhecê-lo.

– Que remédio!

– Bom, eu estive longe, a cumprir o meu dever. E você aqui, a desfrutar das oportunidades. Reconheça que não é justo. Por isso alguma vantagem deve haver em ter levado um tiro.

– Suponho que sim – concedeu Martín, equânime.

O sorriso amável do mexicano nada tinha que ver com a expressão dos

seus olhos frios, negros como a obsidiana. Neles reluziam intenções obscuras. Augúrios desagradáveis.

– O que é que supõe?

– Que teremos de resolver isto um dia destes.

Córdova ergueu um pouco o seu braço ferido, mostrando-lho.

– Duas semanas, talvez – disse ele.

– Sim... Duas semanas.

.

Aqueles foram dias de encontros inesperados: o seguinte teve lugar no *hall* do hotel Gillow. Era meio da manhã, diluviava sobre a cidade e Martín regressava da rua sacudindo a chuva da gabardina e do chapéu. Entregou o guarda-chuva a pingar ao porteiro e ao entrar encontrou-se cara a cara com Diana Palmer. Demorou alguns segundos a identificá-la: vestia roupa de viagem, chapéu e um Macfarland aos quadrados sobre os ombros. Atrás estavam dois empregados com a sua bagagem: um grande baú e uma mala de pele de porco muito usados, com inúmeras etiquetas hoteleiras.

– Ena! Que surpresa, engenheiro!... Porque você é o Martín Garret, não?

Concordou, examinando-a: um tudo-nada desalinhada, rosto duro e ligeiramente ossudo, olhos grandes. Um atractivo seco, algo varonil, adoçado agora que tinha uma leve maquilhagem e não calçava botas poeirentas como em Ciudad Juárez.

– Senhora Palmer? A jornalista?

– Pois claro.

Deram um aperto de mão. Ainda húmida da chuva a de Martín, que se desculpou por isso. Seca e firme, a dela.

– Está a chegar ou vai-se embora? – inquiriu o jovem, cortês.

– Acabo de chegar... Que coincidência!

Marcaram encontro para o aperitivo no bar do hotel, uma hora depois. Martín, que chegou primeiro, levantou-se da cadeira ao vê-la chegar. A norteamericana tinha substituído a roupa de viagem por um simples vestido de lã cinzenta que a fazia parecer ainda mais alta e magra. Não trazia chapéu e apanhava o cabelo com ganchos e pente de tartaruga. Levíssima sombra de olhos, sem batom vermelho na boca. Cheirava a um perfume discreto, impreciso, de reminiscências francesas.

– Quanto tempo sem vê-lo! Que recordações estranhas!

– Sem dúvida.

O empregado aproximou-se.

– Uma tequila com sumo de limão – pediu Diana Palmer.

– Duas.

Conversaram sobre o tempo decorrido, sobre as viagens dela. Tinha passado três meses na Europa, informando o *New York Evening Journal* e o *Daily Tribune* de Chicago. Situação preocupante e complexa: questão turca, distúrbios na Rússia, armamento das grandes potências e tensão nos Balcãs.

Também estivera em Espanha, em San Sebastián, onde teve ocasião de conhecer o jovem rei.

– Um homem muito elegante, por certo. Educadíssimo e encantador.

Levou o copo aos lábios e pareceu satisfeita com o sabor. De uma pequena malinha de pele de caimão tirou uma caixinha de cigarros turcos Murad e introduziu um na ponta de uma boquilha de jade.

– Você continua sem fumar?... Espero que não o incomode.

– De todo.

Martín inclinou-se sobre a mesa para lhe dar lume com uma caixinha de fósforos do hotel colocada junto do cinzeiro. Olhou para ele o tempo todo enquanto ele se aproximava da chama do cigarro, e ainda continuou a fazê-lo um momento depois, entre o fumo azulado.

– Não parece o mesmo que conheci em Ciudad Juárez – disse ela, por fim, reclinando-se na sua cadeira com um cotovelo no respetivo braço e a boquilha ao alto, entre dois dedos. – Lá parecia mais um miúdo de joelhos sujos que brincava à guerra.

Martín desatou a rir.

– Meu Deus... Espero ter melhorado essa impressão.

Ela levou a boquilha aos lábios. Tinha as mãos compridas e fortes, com as unhas tão cortadas que pareciam masculinas. Nem anéis nem pulseiras.

– Sim, é claro. – Aspirou e deixou sair o fumo devagar. – Não tenha dúvida.

Falaram dos Estados Unidos e do México, da situação atual incerta. Dos interesses norte-americanos e da pressão que da embaixada se fazia sobre o governo federal.

– Não tem bom aspeto – resumiu Diana Palmer. – É por isso precisamente que estou aqui.

– Haverá intervenção? Fala-se muito disso.

– Não lhe sei dizer... Tal como estão as coisas, tudo é possível.

Martín lembrou-se do mercenário norte-americano.

– Que foi feito daquele irlandês que a escoltava em Juárez?

– O Tom Logan?... Pois não sei. Por lá ficou. Se ainda estiver vivo, suponho que continuará na refrega, como ele dizia. A combater.

– Com os *colorados* de Orozco ou com o governo?

Ela riu-se.

– Não creio que se importasse muito com a diferença.

A norte-americana continuava a fumar, sem deixar de observar Martín.

– E o que é feito de si? – perguntou ela.

Este fez um gesto de impotência.

– Pouca coisa. O trabalho nas minas está interrompido por causa dos distúrbios. Viajar para o Norte é difícil, pois ninguém garante a segurança. Imagine extrair e transportar prata nestas circunstâncias... Por isso me dedico temporariamente a tarefas administrativas.

– Caramba. – Ela fez um aro de fumo. – Deve ser aborrecido para um

homem de ação como você.

– Não sou homem de ação. Aquilo foi acidental.

– Pois, segundo pude verificar, certos acidentes dão-se bem consigo.

– Isso foi há muito tempo.

– Nem pense. Pelo que sei, no México nunca nada é há muito tempo.

Tinha cruzado as pernas com desenvoltura pouco feminina: eram prolongadas e marcavam-se debaixo da saia comprida. Na ponta espreitavam uns botins castanhos de cano curto, muito bem engraxados, e dez centímetros de tornozelo enfiado em meias de seda preta.

– Mantive o contacto com os seus... companheiros de armas? Refiro-me a Villa e àquela gente.

– Não, nenhum.

– Que experiência curiosa, não? A sua.

Ele levou o copo aos lábios. Bebeu um golo curto e deixou-o em cima da base para copos.

– Talvez – limitou-se a dizer.

Com aparente descuido, Diana Palmer estendeu um braço e bateu suavemente na boquilha com o indicador, deixando cair cinza no chão. Ignorando o cinzeiro.

– Acidental, disse antes... Dinamiteiro por alguns dias, e regressa ao colarinho duro e à gravata.

Martín sorriu.

– Também usava gravata em Juárez.

Ela examinava-o, enigmática.

– É um homem estranho, senhor Garret.

– Não me reconheço nessa descrição.

– Ah, claro. – Ela pôs a cabeça de lado, como se o considerasse de novo.

– Parece pouco romântica.

– Não sou nada romântico.

– Então como é que se definiria?

– Como um engenheiro de minas que gosta do seu trabalho.

– Só isso?

– Sim.

– Não me dececione, rogo-lhe. E a revolução? E o México?

Martín não respondeu àquilo. Ele mesmo tinha sentimentos contraditórios a esse respeito, ainda que não estivesse disposto a confiá-los a uma mulher que mal conhecia.

– Tenho intenção de ir ao Norte – disse ela depois de notar o seu silêncio. – Quero ver como termina aquilo de Orozco. Também gostaria de ir a Morelos. O noticiário do cinematógrafo *Pathé's Weekly* pediu-me que procurasse uma entrevista e uns filmes com Emiliano Zapata. Se eu conseguir, mandar-me-ão um equipamento, embora eu tenha poucas esperanças.

Tirou o cigarro consumido da boquilha e esmagou-o no cinzeiro com um movimento firme e seco. Depois olhou para o empregado para chamar a sua

atenção, mas Martín fez um gesto negativo. A norte-americana pôs-se de pé.

– Adoraria almoçar consigo, se lhe parecesse bem – disse ela.

O jovem tinha-se levantado também.

– Teria muito gosto em convidá-la.

Ela pensou por momentos. Dava voltas à boquilha entre os dedos, indecisa, e no fim meteu-a na mala.

– Lamentavelmente – retorquiu –, hoje tenho o almoço e o jantar comprometidos. Mas interessam-me as suas opiniões sobre a situação atual, o presidente Madero e os seus... Você viu-os em Juárez e vê-os agora. Terá conclusões a este respeito.

– Não muitas, receio. E não mais interessantes do que as de qualquer pessoa.

– Ainda assim. Tem algum compromisso para tomar o pequeno-almoço amanhã?

– Nenhum, mas detesto fazê-lo em hotéis. Costumo ir perto, ao Sanborns. Fica no número seis da rua de San Francisco, a três quarteirões daqui.

– Quarteirões?

– Quadras, dizem os mexicanos.

– Ah.

– Fazem um café e um chocolate excelentes, o leite é fresco e o pão acabado de sair do forno, delicioso.

– Estupendo... Às oito, então?

– De acordo.

Olhavam-se, de repente sérios. Indecisos na despedida. No fim, ela estendeu bruscamente a mão.

– Foi um prazer vê-lo novamente, senhor Garret.

– O prazer foi meu, senhora Palmer.

.

Dormiu mal naquela noite. O encontro e a conversa com a jornalista fê-lo reviver situações e lugares dos quais nunca tinha regressado. Deu voltas na cama, acendeu uma luz para ler, sem se concentrar – *O sol já se punha; os gregos desembaraçaram-se das suas armas e descansaram* –, e acabou por se levantar descalço e em pijama para ir até à janela da pequena varanda, junto de cujos vidros salpicados de chuva se manteve um longo tempo imóvel, ouvindo o rumor da água a cair lá fora. Por alguma razão que não conseguia compreender – talvez a noite e o monótono bater da chuva tivessem influência – sentia um desassossego íntimo e triste. Uma melancolia que o tornava desorientado, até mesmo infeliz. E era absurdo, concluiu irritado. Tinha saúde, um trabalho excelente e um futuro promissor. Nenhuma nuvem negra ameaçava o seu horizonte, tirando o México inseguro em que vivia e o sorriso perigoso de Jacinto Córdova. Em suma, nada que pudesse enevoar excessivamente, mais do que ao comum dos mortais, a sua juventude e a sua

vida.

No entanto, pensava ele. No entanto.

O repicar da chuva na varanda e no telhado deixava entrever outros sons que faziam palpar devagar e com força o seu coração: detonações, disparos. Aquilo evocava poeiras distantes, homens suados que corriam com grandes chapéus e com a espingarda ou a carabina nas mãos. Galope de cavalaria, rebentamento de granadas, zunir de chumbo e aço, fumo de incêndios retorcido em espirais num céu incrivelmente azul. Ciudad Juárez e tudo o que representava como geometria de linhas retas e curvas, de ângulos e parábolas que a sua cabeça, treinada para o cálculo como interpretação do mundo, tinha notado, ou intuído, desde o momento em que ouviu o primeiro disparo e viu o primeiro homem morto por uma bala. A violência, o sangue, o caos, a guerra como escola intensa de lucidez. Uma interpretação da vida através dos olhos de um soldado grego suado sob o bronze, perdido em território inimigo.

Apoiou a testa no vidro da janela e o frio chegou-lhe às têmporas tornando-lhe a pulsação ainda mais lenta, até lhe doerem. Do outro lado do vidro embaciado pela sua respiração desabavam as gotas de chuva, deixando regos só na aparência caprichosos, semelhantes a cometas líquidos que entrecruzaram trajetórias estabelecidas pelas imutáveis regras do acaso.

Estremeceu. Assustava-o sentir saudades de tudo aquilo.

*

Durante a manhã tinha deixado de chover. Caminhou sem pressa sob um céu despejado, esquivando-se das poças de água da rua, entre o trânsito de pessoas, elétricos e carruagens que àquela hora já animava o centro da cidade. Ao entrar no Sanborns viu que quase todas as mesas e os tamboretos do balcão estavam ocupados. Diana Palmer esperava sentada ao fundo, junto de grandes vasos com plantas refletidos no amplo espelho da parede com um letreiro publicitário do chocolate e cacau Baker's. Em cima do mármore branco havia uma chávena com borras de café, um cinzeiro com duas beatas apagadas e a imprensa do dia.

– Lamento tê-la feito esperar – desculpou-se o jovem.

– Oh, não, de todo – tranquilizou-o ela. – Foi pontual. Sou eu que madrugou muito.

Enquanto pendurava o chapéu no cabide, Martín reparou nos jornais: *El Imparcial*, *El País*, *El Heraldo*. Também num caderno com notas a lápis.

– Alguma notícia importante?

Olhou para ele, surpreendida.

– Ainda não viu a imprensa?

– Não... Costumo comprá-la no quiosque do Zócalo, mas hoje vim diretamente para aqui.

– Então é melhor sentar-se.

Fê-lo, olhando para ela, inquieto. Uma das empregadas aproximava-se, mas Diana Palmer afastou-a com um gesto seco.

– Pancho Villa – disse ela, baixando a voz.
Martín prestava atenção, confuso.
– O que é que se passa com ele?
– Está preso.
– Como?
– Preso, digo-lhe eu. Ordem do general Huerta. E estiveram quase a fuzilá-lo.

– Isso é impossível.
– Vem tudo aqui. – Batia com um dedo nos jornais. – Uma versão que, suponho, é orientada pelo governo; mas que, conhecendo a personagem, deve ser bastante autêntica... Como vocês, os espanhóis, dizem, quando se ouve o rio, leva água.

Martín começou a ler a publicação, enquanto Diana Palmer permitia finalmente que a empregada se aproximasse.

– O senhor o que é que vai tomar? Café, chocolate?

Ele ergueu por momentos a cabeça, distraído, absorto na leitura.

– Café, se faz favor.

– Mais alguma coisa? Um brioche ou um pãozinho torrado?

À medida que lia, Martín ia sentindo um nó no estômago.

– Não, obrigado.

Passou de um jornal para o outro. Cada um dava ao assunto a sua própria interpretação, mas coincidiam no essencial. Em Ciudad Jiménez, estando em campanha contra as tropas orozquistas, o brigadeiro Villa tinha desobedecido a uma ordem do general Huerta. Acusado por este de insubordinação, ordenou-se formar o piquete para o fuzilarem. O desenlace vinha resumido em termos idênticos em todos os diários, o que significava que provinha de um comunicado oficial:

O chefe Francisco Villa insubordinou-se porque quis apoderar-se de bens alheios; e por ter sido impedido decidiu sublevar-se com os trezentos homens que comandava. Foi colocado um piquete para o fuzilarem, e só a mediação urgente dos coronéis Guillermo Rubio Navarrete e Raúl Madero, que pediram por telégrafo a graça ao senhor presidente da República, impediu que se cumprisse a sentença. A medida de graça chegou quando Francisco Villa já estava no paredão e um piquete de soldados se preparava para o executar.

– Ao que parece, roubou o cavalo de um particular, que apelou ao general Huerta – disse Diana Palmer. – Este ordenou que se devolvesse o animal, mas Villa recusou redondamente. E Huerta, furioso, aproveitou a ocasião para ajustar velhas contas.

– Incrível.

– O *El Heraldo* cita um comunicado do próprio general. Leia.
Martín continuou a ler:

Decido enviá-lo preso para o Distrito Federal para que lá seja julgado. O antigo bandoleiro chamado Francisco Villa é um elemento muito perigoso para a Divisão Norte, já que ameaça a todo o momento relaxar a necessária disciplina das forças sob o meu comando.

Deixou o jornal na mesa, aturdido. A empregada tinha-lhe trazido a chávena de café, e este levou-a aos lábios. O sabor amargo e forte desanuviou-lhe um pouco a cabeça.

– Meu Deus – murmurou, reagindo finalmente. – Trata-se nada mais nada menos do que de Pancho Villa.

– Pois já está a ver os factos. Salvou-se por milagre... Por agora.

– Dizem que o trazem para aqui.

– É o que parece. Farei averiguações esta manhã e depois conto-lhe se houver novidades. De qualquer forma, é uma notícia importante e devo escrever sobre ela.

Martín bebeu o café até à última gota. Diana Palmer observava-o com atenção.

– Tem uma boa recordação do Villa, não é verdade?

– Não é fácil responder a isso.

Olhava em volta, comparando o que via com o que recordava.

– Tenho uma boa impressão da sua gente.

– Apesar de tudo? – insistiu a norte-americana. – Das crueldades e das atrocidades? Dos prisioneiros fuzilados e enforcados?

Sorriu, resignado. Imparcial.

– O México é isto.

– Pois – titubeava ela, como que a esforçar-se por compreender. – Mas é tudo tão... bárbaro, não é?

– Refiro-me a isso. É o México.

Diana Palmer não tinha olhado nunca para Martín do modo como olhava para ele agora.

– Dir-se-ia que gosta dele assim – concluiu, depois de um silêncio.

– Não é questão de eu gostar ou não – respondeu com simplicidade. – É mais uma questão prática. Aqui aprendo coisas.

– Dito por um engenheiro, não é pouco. – Parecia confusa. – Que tipo de coisas?... Que não se aprendam na Europa, por exemplo.

– Nem nos Estados Unidos. Pelo menos na parte civilizada, da qual você provém.

– Surpreender-se-ia ao saber o pouco civilizados que podemos ser na parte civilizada.

Ele fez um gesto ambíguo.

– Estruturas – disse Martín.

– Perdão?

– Aprendo sobre estruturas.

– Meu Deus... Que idade tem? Vinte e sete, vinte e oito anos?

– Vinte e cinco.

– Pois tão jovem como é, vejo-o transtornado. Está mal da cabeça.

Martín não disse nada. Diana Palmer tinha sacado da mala a boquilha de jade e a caixinha de Murad, mas voltou a guardá-la sem tirar qualquer cigarro.

– É espantoso. Estruturas, foi o que disse.

– Sim.

Ela tinha-se inclinado para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. Aproximava o rosto muito séria, examinando-o com fixidez. Passado um momento, chegou-se para trás.

– Caramba... É verdade que aqueles dias no Norte o endureceram. Já não é o rapazinho que brinca às guerras.

Pôs-se de pé, abriu a mala e chamou a empregada. Abanava a cabeça, desconcertada, sem afastar os olhos de Martín.

– Não me surpreenderia nada – concluiu – que desejasse voltar a ela.

.

Como de costume, Emilio Ulúa resumava ácido sulfúrico. Via-se que desfrutava com a situação.

– Parece que o seu amigo Pancho Villa tem problemas.

– Não é meu amigo.

– Bom, julgava que todos eles eram. Esses revolucionários que não se habituam à ordem. Uma boa lição para o presidente Madero, não lhe parece?... Ter de pôr na linha os que o levaram ao poder, e que seja o exército federal que ele antes combatia a fazê-lo. Tanta proclamação e tanto discurso para chegar a isto.

Caminhavam pelo caminho de gravilha da Alameda, atravessando-a em diagonal em direção aos escritórios da Norteña. Vinham de uma reunião de trabalho na Escola de Minas e deixavam para trás o edifício em construção do novo Teatro Nacional, do qual assomava, entre andaimes, o moderno esqueleto de aço.

– Também o outro seu amigo, o irmãozinho Raúl, anda pelo Norte a disparar tiros. Mas que família, não é verdade?... Julgavam que quando Porfirio Díaz se fosse embora ia tudo ficar resolvido, mas não é a mesma coisa pregar e dar trigo. Agora estão a pagar, e palpita-me que ainda vão pagar mais.

Ulúa olhou rapidamente, com desdém, para um vendedor ambulante que os importunava e seguiu caminho, ignorando-o.

– Garret, você vai para o Norte. Para Parral.

Martín surpreendeu-se. Primeira notícia.

– Mas a situação...

O mexicano erguia a mão com um ar irritado.

– Não me venha com essas – interrompeu-o secamente –, porque andou noutras como peixe na água. Vai saber desenhencilhar-se.

O jovem tentou digerir aquilo.

– E o que vou fazer em Parral, *don* Emilio?

– É uma viagem curta, de quatro ou cinco dias. A absorção do consórcio Figueroa pela sociedade Peñarroya está em andamento, e pedem-nos de Madrid um relatório atualizado sobre a Sierra Madre Oriental. Por isso, cabe-lhe a si resolver a questão.

– E porquê a mim?

Ulúa caminhava com o olhar distraído nas árvores e bancos de ferro do parque, como se não o ouvisse.

– Preparei uma reunião com o nosso pessoal de lá – prosseguiu –, e o meu secretário vai reservar-lhe o comboio e um bom quarto no hotel Hidalgo. Irá encontrar-se com os diretores e agentes das nossas minas do Noroeste, tanto as fechadas como as poucas que por estes dias continuam abertas.

– Eu sou só um engenheiro, *don* Emilio.

– Com boas relações, ou é nisso que todos acreditam. Fraternalizou com a orquestra, por isso agora cabe-lhe dançar a música. Além disso...

Deteve-se a olhar, por fim, para Martín. Nas suas costas, a água cantarolava na fonte de pedra e atrás erguia-se o monumento a Juárez: colunas, mármore, leões e o correspondente medalhão de louros. *Ao benemérito, a Pátria.*

– Custa-me muito reconhecer, mas aqui não faz nada mal... As suas diligências relativamente à pirite acobreada na Baixa Califórnia são eficazes. E na Indústria, não sei que diabo lhes dá, estão encantados. No outro dia encontrei o secretário Azpiri a almoçar no Sylvain e falou muito bem de si. Esse *gachupín* simpático, disse ele. Não sei como consegue, mas agrada a todos.

Fez uma pausa para encolher os ombros e deu umas pancadinhas no peito, à altura do bolso interior do casaco.

– Depois, claro, tenho de ir eu com a carteira pronta, preparado para cada um levar a sua gorjeta... Mas a verdade é que funciona.

Um as aves passaram a voar sobre eles e uma dejeção de pomba caiu na vertical, muito perto de Ulúa, quase lhe acertando no chapéu. Este olhou para cima, mal-humorado, e depois para Martín como que a torná-lo responsável.

– Eu não simpatizo consigo.

O jovem assentiu resignado.

– Consta-me.

– Se não fosse por...

– Também me consta.

O mexicano observava-o, carrancudo. Tentava perceber, desconfiado, se aquelas respostas denotavam submissão ou insolência. No fim pareceu relaxar

um pouco.

– Não sei o que acontecerá se isto mudar, porque vai mudar. Embora, por agora, a sua aventura revolucionária lhe esteja a ser rentável. E, por extensão, à Norteña. Correu o boato, e todos acham que os Madero e você são íntimos.

– Não fiz nada para sustentar essa falsidade. Antes pelo contrário. Procuro...

– Ó homem, deixe-se de palermices. Goste ou não, agora você molha na política.

– De que política está a falar?... Limito-me a fazer o meu trabalho. Pelo menos, o que posso fazer aqui.

– Pois refiro-me a isso. Todos os oportunistas que se arrimam ao poder em questões de mineração, ou que o pretendem, olham para nós pelo canto do olho. Isso, se calhar, a longo prazo vai custar-lhe caro, mas de momento é uma fase a seu e a nosso favor. Os dados estão a cair bem em cima da mesa. Por isso, agitemos o fritilo e aproveitemos enquanto durar.

– E se não durar?

– Então cada um tem de se arranjar como puder. – Ulúa sorria, lúgubre.

– E que Deus reconheça os seus.

Desde a tomada da cidade pelas tropas federais, Parral era um lugar sossegado. Quase não havia incidentes, e eram de pouca importância. Depois de uma viagem incômoda num comboio carregado de soldados, Martín instalou-se no hotel Hidalgo, que era moderno, luxuoso e com restaurante bem servido. A vida civil decorria com normalidade, por isso o jovem engenheiro pôde desempenhar a sua missão de forma satisfatória: bastaram-lhe duas intensas jornadas de reuniões com diretores e agentes da Mineira Norteña para se encontrar em condições de redigir o relatório encomendado por Emilio Ulúa. A atividade das minas do Noroeste era perturbada pelas vicissitudes revolucionárias: umas estavam fechadas e outras continuavam ativas mas com baixo rendimento. A Norteña perdia muito dinheiro, e até grandes explorações mineiras no próprio Parral, como a famosa La Prieta – concessão da norte-americana Negrita Smelting Co. –, passavam por sérias dificuldades. Toda a gente ansiava pelo retorno da estabilidade política, que o governo parecia incapaz de garantir.

Um dia antes do regresso à capital, vestido com fato de dril branco e chapéu panamá, Martín estava a almoçar na esplanada do restaurante La Espuela, diante do Palácio Alvarado, quando ouviu a conversa de uma mesa próxima. Dois fardados, major e capitão, falavam dos seus assuntos, e o de maior graduação mencionou em termos depreciativos uma unidade de tropas irregulares, a brigada Durango, e um dos seus chefes, o major Garza. O nome sobressaltou Martín e fez com que ele se dirigisse aos militares.

– Peço-lhes que me desculpem, cavalheiros, mas não pude deixar de os

ouvir... Os senhores falam de Genovevo Garza?

Olharam para ele com maus modos, receosos, até que uma olhadela mais atenta ao seu aspeto lhes iluminou o semblante. Foi o capitão que respondeu.

– Com quem temos a honra?

– Oh, desculpem-me mais uma vez. – Pôs-se de pé. – Martín Garret, engenheiro.

– Espanhol?

– Sim. Estou em Parral por razões de trabalho.

Os militares acharam estranho.

– E o senhor sabe quem é Garza?

– Conheci-o quando os maderistas tomaram Juárez. Esse indivíduo comandava uma tropa villista e comportou-se bem comigo.

– Então deve ser um dos poucos a quem esses bandidos deixaram boa recordação... Trata-se de gentilha sem disciplina, e aqui não têm boa fama.

– Aqui?

– Sim, aqui mesmo. Essa suposta brigada, a Durango, que nem sequer é brigada e mal chega a batalhão, está acampada aqui perto, a proteger La Prieta.

– Referem-se à mina?

– A que é que havia de ser?... Houve uma tentativa de sabotagem dos *colorados* há três semanas. E como os donos são norte-americanos, encarregaram Garza e a sua gente de vigiarem o lugar até chegarem mais tropas federais, não vão os *gringos* ficar tramados.

Martín agradeceu a informação, pagou a conta dos militares, que aceitaram após uma resistência cortês, regressou ao hotel e depois de pensar por momentos naquilo alugou um *buggy*. A trotezinho curto do cavalo, o carrinho de duas rodas saiu da cidade e subiu devagar pelo caminho sinuoso enquanto o jovem, sentado no pescante com as rédeas na mão, observava a paisagem que lhe era tão familiar de escombreyas pardas e avermelhadas, grandes escavações listadas de ferrugem e torres de ferro e madeira que se erguiam sobre a boca dos poços. O ar cheirava a terra ferida e a minério a descoberto.

No sopé da colina, precisamente onde começava a pronunciar-se a encosta, havia um grupo de barracões e casinhas ladeado por árvores raquíticas. Um pastor que vigiava os seus animais ergueu o chapéu para observar a passagem de Martín.

– A tropa? – perguntou este.

Sem responder, o pastor indicou caminho acima. O jovem sacudiu as rédeas e o carrinho rodeou um lavadouro de lama gretada e seca. Do outro lado, sentados à porta de uma casa pequena e humilde, dois homens viam-no aproximar-se com indiferença. Nem sequer se mexeram quando chegou ao pé deles, limitando-se a olhá-lo com as suas caras de índios impassíveis. Estavam há vários dias sem se barbear e vestiam roupas andrajosas ao jeito camponês: calças brancas muito sujas, *huaraches* e enormes chapéus de *soyate*. Duas

velhas espingardas Springfield, de coronhas tão gastas como solas de sapato, estavam apoiadas numa pedra junto de um cântaro com água, com as cananas de munição penduradas dos canos.

– A brigada Durango?

Observavam-no calados, sem interesse aparente. No fim, depois de escarafunchar muito bem o nariz, um deles descolou os lábios.

– O que é que procura, senhor?

– Procuro o major Genovevo Garza.

– E ele procura-o?

– Ele ainda não sabe que estou aqui.

– Pode dizer-me a sua graça?

– Martín Garret.

O mexicano olhava-o de cima a baixo, sem pressa, avaliando-o. Foi o outro que, indolente, sem mudar de posição, voltou o rosto para a porta da casa e gritou um nome.

– Chingatumadre!

Ouviu-se um grunhido lá dentro e, passado um momento, apareceu um fulano baixo e forte, bigodudo, barrigudo, de tronco nu e cara de sono, que esfregava os olhos encandeados com a mão, por causa da luz, enquanto na outra segurava um cigarro de marijuana fumegante.

– O que é que foi, caralho?

Martín reconheceu-o imediatamente, e um golpe de afeto subiu-lhe do coração à boca, arrancando-lhe uma gargalhada feliz.

– Fico contente de o ver, sargento – disse ele.

O outro olhava para ele semicerrando as pálpebras e coçava a barriga, desconcertado. De repente, abriu muito a boca e iluminou-se-lhe o rosto.

– *Újole!*... Mas é o raio do engenheiro!

.

– Esses filhos da mãe nem nos deram tempo de acordarmos – concluiu Genovevo Garza, magoado. – Os federais cercaram-nos e desarmaram o meu general Villa antes de o levarem.

Contava aquilo, à sua maneira, desde o princípio, depois da surpresa e dos abraços, à sombra de um barracão ocupado por uns vinte homens sebentos que, sentados ou em pé, olhavam para Martín com curiosidade carrancuda. O ambiente era denso: nele se misturavam suor, roupa suja, fumo de cigarros e beatas malcheirosas.

– Tramaram-nos à séria, engenheiro.

Falava devagar, sem deixar de afiar as lâminas dos esporões de um galo de luta que estava na sua gaiola, em cima de uma arca partida: um galo *giro* de pescoço comprido e forte, tão imóvel que parecia dissecado.

– Ouça, esses cabrões lixaram-nos. À séria.

O major contou como Victoriano Huerta e Pancho Villa se davam mal, sempre à procura do primeiro pretexto para caírem em cima um do outro. No

final, Villa facilitou-lhe a vida apropriando-se de uma égua de um comerciante chamado Russek, e este foi protestar junto de Huerta, que ordenou devolvê-la. Villa mandou-o para o diabo e aquilo precipitou as coisas. Desarmado e preso, às cinco da manhã puseram-no diante do paredão de fuzilamento. Até ao último momento, Villa não acreditou que fosse a sério; pensava que se tratava de uma pantomima para o intimidarem, mas quando viu seis espingardas a apontar para ele ficou estupefacto. O piquete estava prestes a abrir fogo quando chegou Raúl Madero com os cavalos a toda a pressa, com um telegrama presidencial na mão. Ordenava-se deter a execução e mandar o preso para a capital para que fosse julgado ali.

– Iam abatê-lo que nem um cão, está a perceber?... Nada mais nada menos do que ao grande Pancho Villa. Fuzilado como um mendigo qualquer.

Garza parou a passear a vista entre os seus homens, como se apelasse àquele testemunho. Vestia uma casaca curta descolorida, camisa suja, sem colarinho, e calças *charras* com remendos nos joelhos. As unhas tinham linhas pretas.

– Don Francisco Madero – prosseguiu – deixa que lhe façam ninho atrás da orelha por quem não devia. Nem sequer muda as leis de antes... Enquanto o meu general Villa, que lutou por ele, está na prisão, mesmo assim o senhor presidente recebe este lacrau do Huerta, tornando-o general de divisão.

O major olhou outra vez para os seus homens: sujos, descuidados, com barba de dias e olhos avermelhados da marijuana. Ele próprio estava mais magro do que em Ciudad Juárez, com o bigode cinzento descaído como rabos de rato, e a cicatriz na cara, da têmpera ao maxilar direito, envelhecia-lhe ainda mais o rosto.

– E nós aqui, a apodrecermos, veja bem... Fico todo lixado só de pensar nisso.

Verificou as lâminas no dedo polegar e pareceu satisfeito. Afastou-as.

– É como se no governo tivessem ficado todos loucos...

Martín não sabia o que dizer.

– Tenho a certeza de que se trata de um mal-entendido – opinou, por fim.

– Vai ver que o libertam em breve.

– Acha?... Parece-me que não. Agora que esses senhorecos o têm atrás das grades acumulam processos contra ele. Já se esqueceram da égua e agora dizem isso e mais não sei quê: que anda com mulheres dos outros, que em Parral se apropriou de duzentos e sessenta mil pesos... E é verdade que pegou neles, é claro. Mas foi *pa* pagar à nossa tropa, porque o governo pelo qual lutámos e morremos não solta um triste centavo – baixou a voz, confidencial, para evitar os que estavam por perto. – También há quem refira o ouro de Ciudad Juárez.

Avivaram-se as recordações de Martín. O eco do mistério.

– Alguma notícia sobre isso?

– Na, engenheiro. Aquilo foi engolido pela terra.

Maclovía Ángeles e outra *soldadera* entraram com uma panela de *atole* e um cesto de tortilhas, e os homens agruparam-se em torno delas para que os servissem. Maclovía olhou inexpressivamente para Martín, de longe, sem dar sinal de reconhecimento. Continuava a usar a pistola no cinto, e o nariz achatado e os lábios grossos mantinham a expressão de dureza na sua cara de índia. Também estava magra, mais do que em Juárez, com manchas escuras debaixo dos olhos grandes e negros.

– É servido? – ofereceu Garza.

Martín não quis desprezar a oferta, e o próprio major lhe trouxe uma dose, acorcorando-se a seu lado. O jovem comeu um pouco, mas sem vontade. O *atole* estava azedo, e as tortilhas, secas e frias.

Garza observava-o com atenção.

– Pelo sim ou pelo não, merecíamos algo melhor, não acha?

– Suponho que sim.

– Supõe?... Ouça, com todo o meu respeito, não diga disparates. Pancho Villa estava retirado no seu rancho e voltou porque o presidente lhe pediu que voltasse.

– É verdade.

– Pois claro que é. Fomos lutar com ele outra vez, demonstrando quem somos... Não sabe o que fizemos?

– Bom, a verdade é que os jornais quase não vos mencionam. Falam sempre de forças federais e do exército nacional.

– Calam o que lhes convém. Em Tlahualilo apertámos bem os calos ao pessoal do Orozco. Rebentámos a sua retaguarda e fuzilámos todos os prisioneiros. Sabia disso?

– Não.

– Nas planícies de Conejos, também foi a nossa brigada que os encostou à parede... Os jornais da capital também não contaram assim?

– Também não. Nem uma palavra sobre vocês.

– Mas depois empurrámos esses porcos dos *colorados*, aos tiros desde Jiménez até Escalón. Enforcando e fuzilando todos os que apanhávamos vivos. E em Rellano, a lutar um contra três, destruímos a sua vanguarda... Esse traidor do Huerta deve-nos muito, sim senhor.

Parecia que o nome se lhe atravessara na garganta, porque engoliu um pedaço com dificuldade, ajudado por um golo de água.

– Esses paneleiros estão a deixar-nos cair... Nem munições nos dão. Entregam-nos dez cartuchos por homem, veja só. *Pa* nos deitarem mesmo abaixo.

Martín acabou de mastigar a tortilha. O rosto impenetrável de Maclovía Ángeles continuava a observá-lo de longe. Ia tirar um lenço para limpar os dedos, mas pensou melhor. Fê-lo na parte de baixo das calças, sabendo que isso as condenava sem remédio à lavandaria. Genovevo Garza olhava para aquilo com aprovação.

– Para não falar do senhor Madero – disse este depois de um silêncio. –

Que agora vem dizer que dentro de alguns anos não poderá cumprir as promessas, e que *pá tropa* já tem os federais... Veja como nos despacha.

– E o que é que vos vão fazer?... Acha que voltarão a combater?

– Isto cheira-me tudinho a esturro. – O mexicano abanava a cabeça. – Dizem que incomodamos, que vão dissolver a brigada. Que o pessoal vai ser alistado com os *pelones*, à força; e os que *semos* chefes, é ir *pa casa*, quem a tiver. Com os pés frios, o bolso vazio e a mioleira quente. E apodrece *pá* aí.

Suspirou profundamente enquanto abria uma cigarreira de couro com tabaco já enrolado.

– Continua sem fumar, engenheiro?

– Continuo.

O mexicano tirou um isqueiro de mecha amarela e fez rodar a rodinha com a palma da mão. O fumo, denso e picante, obrigava-o a fechar os olhos.

– Por isso, há pessoal que por estes dias deserta – comentou. – Ouça, não há louco que coma lume. Só ficamos os de sempre, os de mais confiança. – Apontou para os homens com o cigarro: – O Chingatumadre e os outros... Quem nasce periquito é sempre verde, mas até os melhores se cansam. Se Pancho Villa não vier acabar com esses filhos da mãe, acaba-se a última esperança.

Ficou calado, absorto. Deu outra passa no cigarro e deixou sair o fumo pelo nariz.

– A última esperança – repetiu.

Maclovía recolhia os utensílios sem deixar de olhar para Martín. Garza reparou.

– Aí a tem, a minha mulher. Está a vê-la... Leal que nem uma cadela.

– É um homem afortunado, major.

– *Pa* que lhe vou dizer que não, se é sim. Saiu-me boa fêmea.

Inclinava a cabeça, passando a mão áspera pelo cabelo salpicado de cabelos brancos. Por fim, sorriu, benévolo.

– Ela está de queixo caído por si, engenheiro. Gosta de si.

Martín ficou surpreso.

– Ninguém diria.

– Ah, pois. Ela é assim.

O mexicano continuou a fumar, de cócoras, pensativo.

– Um dia em que me vi atrapalhado, em Rellano, você apareceu na conversa um bocadinho depois, à noite... Perguntei-lhe com que homem se deitaria ela, se a mim me matassem. Ficou a pensar, porque já sabe que é de poucas palavras, e no fim disse: «Com o engenheiro».

– Não brinque comigo, major.

– Não, homem, digo-lho mesmo a sério. Foi isso que ela me disse.

Martín abanou a cabeça, retirando importância àquilo.

– Pois ninguém acreditaria... Nunca me dirigiu a palavra.

– É tão séria que engana. Uma apache cabrona, é o que ela é.

Garza deu outra chupadela no cigarro e depois de verificar a ponta do

cigarro apagou-o no chão.

– De qualquer maneira, foi melhor tê-lo nomeado a si. – Deitava um olhar perigoso em volta. – Se ela chegasse a dizer outro homem, partia-o todo.

Ao dizer isto, sorriu um pouco, sinistro. Martín continuava surpreendido.

– E que diferença haveria?

– Você é limpo.

– Limpo?

– Eu sei o que digo.

O mexicano pôs-se de pé, esfregando os rins. Martín imitou-o.

– Gostaria de lhe pedir um favor, engenheiro.

– Conte com ele, seja o que for.

– Vive noutro mundo, deve conhecer gente... Se calhar, pode conseguir visitar o meu general Villa na prisão.

– E então?

– Se conseguir, diga-lhe que estamos aqui ainda sem arriscar o pelo... Que, se não o defendemos naquela traição foi porque não houve maneira, e queimavam-nos vivos se mexêssemos um dedo. Mas os que ficámos *semos-lhe* leais. Continuamos a acreditar que a nossa lei é morrer por ele.

O major caminhou em direção à porta enquanto punha um velho chapéu com uma estrela de latão. Martín pegou no seu e foi atrás dele. Saíram juntos para o sol, sob um céu tão claro que feria a vista.

– Vai dizer isto ao Villa, se o vir?

– Prometo-lhe.

Tinha uma sentinela a dormir debaixo de uma das torres da mina, com a espingarda entre as pernas. Garza deu-lhe um grito, e o outro abriu um olho e levantou-se um pouco.

– Sacana de merda – murmurou o major. – Se o inimigo aparecer, acabam logo connosco.

– Estão longe – disse Martín.

– Não estava só a falar dos *colorados*.

– Ah.

Os sacos pardos cheios de terra amontoavam-se na encosta do cerro e Parral estendia-se mais abaixo, na planície. O reflexo do sol no rio parecia uma fachada de luz entre as casas achaparradas e brancas dos arredores.

– Pelo menos a si correm-lhe bem as coisas – disse Garza.

– Só voltei ao meu trabalho.

– Depois do que fez em Juárez e no barranco do Fraile, e com os estudos que tem, deveriam nomeá-lo ministro de qualquer coisa.

Martín riu-se.

– A política não é para mim. Além disso, continuo a ser espanhol.

– Pois em Juárez lutou como um mexicano.

Caminharam até ao carrinho de Martín e deram um aperto de mão.

– O que é que vai fazer agora, major?

– Olhe que não sei mesmo... Teria gostado de tirar disto um ranchinho

onde criar algum gado com a minha Maclovía, mas veja só. Nem trinta pesos tenho de salário, quando mos pagam. E para careca não sirvo.

– Mas a revolução...

O outro olhava fixamente para ele. Sob a aba do chapéu, a cicatriz da cara parecia mais funda e escura.

– Mas que porra, engenheiro! De que revolução é que está a falar? Essa dissolve-se em traições e mentiras. Os ricos são os mesmos de antes e os pobres, também. Quem lho diz é um que a fez.

12. Tipo de canteiro retangular estreito construído sobre áreas lacustres ou pantanosas, utilizado por civilizações mesoamericanas para o cultivo de plantas no Vale do México. (*N. dos T.*)

8. Um assunto de cavalheiros

Sentinelas, grades e mais sentinelas. Ecos sucessivos de chaves, portas e cancelas. O corredor da prisão de Santiago Tlatelolco parecia uma corrida prolongada de obstáculos e no final abria-se um pátio irregular com rodapé de almagre e muros caiados, insolitamente limpo. Por ali, solitário, em mangas de camisa e suspensórios, sem chapéu e com as mãos cruzadas atrás das costas, passeava Francisco Villa.

– Não parece o mesmo – sussurrou Diana Palmer.

Era verdade, verificou Martín enquanto se aproximavam. O chefe guerrilheiro estava macilento e o seu aspeto era de abatimento. Estava mal barbeado e o cabelo crespo, demasiado despenteado, precisava de um bom corte. Olhava com curiosidade para os seus visitantes, como se demorasse a identificá-los. Por fim, o bigode espesso retorceu-se num sorriso.

– Mas que sorte a minha! – disse.

Não lhes tinha sido fácil chegar até ali, e para o conseguirem tinham unido os seus esforços. A norte-americana, pelo interesse profissional em obter uma entrevista; Martín, por razões que nem ele mesmo conseguia perceber. Talvez curiosidade. Também, possivelmente, efeitos da antiga simpatia forjada em Juárez, animada pelo recente encontro com Genovevo Garza. Inclusivamente a procura de respostas a perguntas que ele fazia há algum tempo. Ou tudo isso em simultâneo.

Conversaram tranquilamente, sem mais vigilância a não ser a de dois guardas que observavam de longe. Passeando de um lado para o outro do pátio, onde alternavam entre sol e sombra. Martín transmitiu a Villa a saudação de Genovevo Garza, que o prisioneiro acolheu sem aparente emoção. Quase com indiferença.

– Caramba!... Você viu o meu compadre, e ele está bom?

– Poderia estar pior, meu general.

O outro estalou a língua.

– Não brinque comigo, amiguito. Aqui sou só o preso Francisco Villa.

Diana Palmer trazia perguntas preparadas sobre a sua situação, o fim da campanha militar contra Orozco e a conjuntura política em geral. Villa

respondeu insolitamente de forma sucinta, até prudente. Longe do seu habitual apurmo, alheio à insolência que o caracterizava, parecia não querer comprometer-se, sobretudo quando a norte-americana perguntou pelo seu processo judicial, que ainda prosseguia e a falta de interesse que por ele manifestava o presidente Madero.

– Não sei que dizer a isso, senhora, repare. Consoante e como!

– Mas o senhor presidente continua sem intervir em seu favor. Não o surpreende?

– *Don Panchito* tem as suas razões e os seus compromissos. O cargo pesa-lhe, mas sei que me aprecia e não me deixará continuar nesta injustiça.

– E qual é a sua opinião sobre Victoriano Huerta?

– Que cada um tem as suas coisas, não é?... Vejo o senhor general muito enganado sobre mim.

Todos os seus comentários eram desta índole, evasivos. Martín ouvia com atenção, sem descolar os lábios. O tom do prisioneiro parecia pacífico e resignado, cauteloso, quase submisso; mas tinha-o visto em campanha e conversado com ele mais tarde, na rua Plateros, antes de Villa ter regressado, a pedido do próprio Madero, ao serviço ativo. Julgava conhecê-lo um pouco, e havia em tudo aquilo qualquer coisa que não encaixava. Removiam-se as suas suspeitas quando o antigo guerrilheiro erguia o olhar do chão – costumava responder à jornalista com a cabeça baixa e a fitar os sapatos – e por uns instantes os seus olhos encontravam os de Martín. Pois de todas as vezes, um relampejar recôndito, uma cintilação fugaz de troça e cólera contida, aflorava aos duros olhos cor de café.

Ao terminar a entrevista, Villa sorriu educadamente para Diana Palmer enquanto apontava com um dedo para Martín.

– Não se importa de me deixar sozinho, um bocadinho, com o engenheiro?

Pegou-lhe no braço e levou-o à parte, para um canto do pátio. Olhava de soslaio para a jornalista e para os dois guardas que observavam do outro lado. Baixou a voz.

– Como é que achou a minha gente lá no Parral, amiguito?

– Não estão no seu melhor momento. – Martín foi sincero. – Moral em baixo e abandonados.

O antigo guerrilheiro mudava de expressão.

– Deixam-nos a apodrecer, não é?

– É essa a minha sensação. Desconfiam deles.

– E desprezam-nos – sussurrava Villa entre dentes, amargo. – Como a mim... Uns homens daqueles, forjados em tantos combates!... A melhor gente do México.

Contemplou a sua própria sombra no chão: compacta, achatada pela posição do sol. Cuspiu a saliva que acertou no meio dela, precisa como um disparo.

– Esse cão do Huerta prometeu vingança a mim e aos meus. Não quer

que ninguém o conteste, que ninguém lhe tire o lugar.

Suspirou profundamente e olhou para Martín.

– O que esse índio mariconço tem por mim é medo... Por isso quis fuzilar-me, mas não o deixaram.

– O que eu não entendo, meu general, é porque é que o presidente tolera isto.

– *Don* Panchito é um bom homem. – Villa erguia a mão, condescendente. – A culpa não é dele. São os corvos que debicam carniça à sua volta que não o deixam.

– Ainda assim. Madero deve-lhe muito a si.

– Para dizer a verdade, sim, deve-me... Nem sequer me chatee quando tomámos Ciudad Juárez e ele preferiu Orozco e a sua cabeça fria a mim. Para onde vou com esse camponês bandoleiro, deve ele ter pensado, e com razão. Com esse selvagem. Foi por isso que me retiraram, e eu deixei.

– Mas o presidente chamou-o depois para consulta...

– É verdade. Quando Orozco começou a sacudir a água do capote, *don* Panchito fez-me vir *pa* me pedir conselhos e eu dei-lhos com lealdade... Foi ali que nos encontrámos você e eu, não se lembra?

– Claro que sim. Foi uma surpresa e uma alegria.

– Eu estava no meu rancho de San Andrés, afastado de tudo. Até aprendi a tocar guitarra, imagine. Talvez tenha sido o tempo mais feliz da minha vida. Voltei para as armas porque o senhor presidente mo pediu em pessoa, e agora nem me pode ver à frente.

Coçava o queixo, abatido. De repente, ergueu a cabeça.

– Apaixonei-me pela democracia, o que é que lhe parece?... Mas é uma mulher que paga mal.

Do outro lado do pátio, Diana Palmer conversava com os guardas, tomando notas. De vez em quando dirigia olhares impacientes a Martín e ao prisioneiro, mas este não parecia ter pressa. Voltou a agarrar o jovem pelo braço.

– Quase me executavam, esses mal-agra-de-cidos – murmurou, lúgubre. – Qual égua roubada, qual ordens que eu não cum-pri, qual raios. Depois de afugentar o traidor do Orozco, o general Huerta queria tirar-me a mim do baralho... Com aquelas seis espingardas a apontarem, vi-me a dois dedos de bater a bota. Se não fosse por vir o irmão do presidente, chacinavam-me ali mesmo.

– Não compreendo a passividade de Madero.

– Pois eu também não, ouça, nem muito nem pouco. Mas é como vê. Pensei que ele me afastaria depressa desta porcaria, que é *pa* isso que ele é presidente da nação.

– Certamente não o deixam.

– Ou não quer. Todos os que antes estavam caladinhos sob a tirania do Porfirio Díaz, agora que há liberdade gabam-se de serem revolucionários e caluniam-nos a nós, que realmente combatemos... E *don* Panchito, é como vê.

Ou é, ou faz-se.

Até àquele momento tinha-se mantido agarrado a Martín pelo braço. Solto-o, com um suspiro abatido.

– Aqui o diabo leva-me – acrescentou. – Estar na prisão é pior do que estar morto. A única coisa boa é que aproveito *pa* aprender a ler melhor e a escrever... Outro preso é que me ensina, um de Morelos, zapatista. Não posso ser um animal a vida toda.

Continuavam longe da norte-americana e dos guardas, mas ainda assim Villa baixou mais a voz.

– Pensa voltar a Parral?

– Não tenho isso previsto.

O mexicano olhava para Martín com atenção renovada, examinando-lhe a cara. Ou por dentro, deduziu este, intrigado. No fim pareceu decidir-se.

– Apesar disso, seria possível comunicar com o meu compadre Genovevo Garza?

O jovem considerava aquilo.

– Posso tentar – concluiu.

– Algo discreto, está a entender? Entre eu, você e ele.

– E o que quer que eu lhe diga?

O ex-guerrilheiro baixou ainda mais a voz.

– Que as aves nunca fazem o ninho no mesmo sítio. Que emigram, ou se transpõem, ou lá como se diz. E que nesta época se põem a voar. – Piscou o olho, cúmplice. – Está a seguir-me?

– Acho que sim.

– Pois bem, diga-lhe também que, quando os passarinhos levantam voo, vão *pa* norte. E a coisa natural é que se juntem todos do outro lado do rio Bravo. Lá para os lados de El Paso, Texas.

Martín pensou naquilo mais um momento.

– Compreendo – concordou, por fim.

– Sim... Sei que compreende.

De repente, Pancho Villa pareceu transformar-se noutro homem. O seu súbito sorriso, matreiro e tranquilo, fazia recordar o de um puma que se aproximasse devagar de uma presa indefesa. Bateu amistosamente num ombro de Martín, e, dando uma gargalhada intensa, feliz, quase brutal, olhou por instantes para os seus guardas e depois, com os olhos fechados, como que à procura da carícia do sol, ergueu o rosto para o céu azul.

.

Em casa dos Laredo tinham terminado o café e o chocolate. Num fonógrafo Victor ouvia-se a voz de Caruso a cantar *Amor ti vieta*. Através das janelas abertas para as buganvílias do pátio, uma brisa crepuscular fazia mover suavemente as cortinas da sala, junto da mesa onde dona Eulalia e as irmãs Zugasti jogavam à bisca.

– O trunfo é copas.

- Pois muito bem... Abro com um quatro.
- Ai, meu Deus. Não tenho copas.
- Então rouba, minha filha.

Martín e Yunuen estavam sentados num sofá. Ela tinha sobre os ombros uma mantilha de renda, um belo xaile espanhol. Lia em voz alta, com voz comovida, uns versos de *El tren expreso*:

*Mi carta, que es feliz pues va a buscaros,
cuenta os dará de la memoria mia.
Aquel fantasma soy, que, por gustaros,
juró estar viva a vuestro lado un día...*¹³

Parou e olhou para Martín. De repente, tinha os olhos húmidos, e isso suscitou nele uma súbita ternura.

– Paro sempre aqui – disse ela, deixando o livro aberto no regaço. – Emociono-me e sou incapaz de continuar.

– Realmente é muito bonito – comentou Martín.

A jovem abanava a cabeça, quase com inocência.

– É mais do que isso. Uma estação vazia, a carta e o comboio que segue o seu caminho. – Hesitou, procurando as palavras. – É triste como...

– Como a vida?

– Não sejas tolo. A vida não é triste. É bela.

Os olhos azuis quartzo ainda estavam húmidos. Martín apontou para o livro.

– Até deixar de o ser.

– Sempre tão racional – repreendeu ela. – És enfadonhamente racional.

– Enganas-te, minha amiga... Quem dera que eu fosse tão racional como devia ser.

Alheias à conversa, a tia e as amigas continuavam a jogar. A voz de Caruso e a luz declinante impregnavam a sala de melancolia, Yunuen fechou o livro e olhou para Martín muito séria.

– Não vais ficar no México, não é verdade?

Disse aquilo inesperadamente, e não era de todo uma pergunta. O jovem fez uma expressão evasiva.

– Não te sei dizer... Durante algum tempo, sim, é claro.

– E depois?

– Ainda falta muito para depois.

– Não. Nunca falta muito para nada.

Adiantava o queixo, convicta. Firme.

– O meu pai falou de ti há dois dias – acrescentou. – Está preocupado com a tua situação.

Martín recostou-se no sofá, surpreendido, cruzando as pernas.

– E qual é a minha situação?

– Diz que a tua relação com as pessoas do governo te pode prejudicar, se as coisas mudarem.

– O teu pai espera que mudem?

– Fala-se isso, como sabes. Há rumores. Inquietação.

O tom dele tornou-se seco. De repente, sentia-se incomodado.

– Então eu não gostaria de vos comprometer com as minhas visitas.

– Por favor, não digas palermices. Não comprometes ninguém.

Preocupamo-nos contigo, e não connosco... O meu pai está bem relacionado com quem deve estar.

Caruso tinha terminado. Martín levantou-se.

– Por favor, põe qualquer coisa mais alegre – pediu ela.

– Não tenho bom gosto musical.

– Tanto faz. O que quiseres.

Na mesa, junto do gramofone, havia vários discos. Escolhendo ao acaso, tirou da sua capa um de Nelia Melba e pô-lo com muito cuidado debaixo da agulha, depois de fazer girar a manivela. Enquanto voltava para junto de Yunuen ouviram-se os primeiros acordes da Gilda do *Rigoletto*.

– Referia-me a isso – disse a jovem quando ele se sentou novamente –, a que talvez não possas ficar muito tempo no México... À possibilidade de te ires embora.

– E isso preocupa o teu pai?

– Preocupa-me a mim.

Disse-o em voz baixa, com doçura. Olhava para a mesa onde a sua tia e as Zugasti estavam a jogar. Martín sentiu-se audacioso.

– Yunuen, virias para Espanha?

– Queres dizer no caso de...?

Ele roçou com os dedos, ligeiramente, a mão delicada da jovem.

– Sim, claro. No caso de.

Ela continuava a olhar para a mesa onde estavam a jogar.

– Não sei.

Dito isto, retirou a mão muito devagar, até a colocar em cima do livro fechado.

– Receio encontrar-me numa estação vazia – murmurou ela, passado um momento.

Martín ergueu-se, solene.

– Nunca, enquanto eu viver.

Yunuen, por fim, olhou para ele. O mineral claro dos seus olhos parecia embaciado.

– Tens a certeza, Martín? És capaz de me garantir isso?

– Bom, a minha vida...

– É precisamente a isso que me refiro. – Não havia um bocadinho de juventude na forma como ela agora olhava para ele. – À tua vida.

Ele não soube o que dizer. Sentia-se como se, de repente, andasse às

cegas por um lugar escuro. Era uma sensação de perda iminente, irreparável. Uma premonição sombria. Respirou fundo, querendo dissipá-la.

– Observo-te a cada vez que olhas para os jornais, ou para as revistas ilustradas – prosseguiu Yunuen. – A cada vez que alguém comenta a situação no Norte ou no Sul... Nunca falas disso, mas eu olho para ti e vejo coisas.

– Que coisas?

– Não sei explicar-te, porque não tenho experiência. São só intuições. Vejo-te chegar, cumprimentar a minha tia, o meu pai e os nossos amigos, comportares-te como o rapaz bem-educado que és. Tão correto e simpático como sempre. Tão cavalheiro. No entanto...

– No entanto?

– Às vezes fazes-me pensar que há homens que não pertencem ao grupo a que parecem pertencer.

– E isso o que é que significa?

– Não sei o que significa, mas intuo em que termina... Já disse antes: estações vazias. E tenho medo.

Seguiu-se um silêncio longo. Ela tinha posto o livro de lado e olhava para o declinar da luz nas janelas. Uma das Zugasti propôs acender um candeeiro.

– E o Jacinto Córdova? – perguntou Martín. – A que grupo pertence ele?

– Oh, com o Chinto é diferente. Ele é claro. Trata-se de um militar, e tudo nele encaixa. É transparente, não achas? Até previsível... A única surpresa seria que o matassem numa dessas batalhas.

– Está apaixonado por ti.

– Sim, talvez. A questão é se tu estás apaixonado.

– Sabes perfeitamente...

Yunuen ergueu a mão, como se fosse pôr os dedos na boca dele para o silenciar; mas deixou o gesto a meio.

– Não. Eu não sei nada.

Foram um outono e um começo de inverno incertos. Pacificado o Norte, após a fuga do insurgente Orozco para os Estados Unidos, a Norteña reabriu as explorações e Martín alternou viagens às minas com o seu trabalho na capital. Mas a situação política piorava. Através da sua embaixada, o governo norte-americano dirigia uma campanha de desprestígio que punha em dúvida a precária autoridade de Francisco Madero. O Sul continuava nas mãos dos camponeses de Emiliano Zapata, e os partidários do antigo regime continuavam a conspirar. Em Veracruz, o general Félix Díaz ergueu-se em armas: fracassada a sua rebelião, condenado à morte, o presidente Madero tinha comutado a sentença. Mais do que medida de graça, aquilo foi interpretado como debilidade. O único apoio do governo era o exército federal, do qual o homem mais influente era o general Huerta.

– Eu gosto do Huerta – disse Diana Palmer. – Na entrevista que lhe fiz,

ele foi comedido e simpático... Até brincou, coisa que eu nunca tinha julgado possível.

Martín e ela acabaram de comer numa das esplanadas do restaurante de Chapultepec: *guajolote* em sumo de toranja, *omelette en surprise* de sobremesa e uma vista soberba dos cumes distantes de Popocatépetl e de Iztaccíhuatl. Depois de uma estadia nos Estados Unidos, a jornalista estava de regresso ao México, desta vez para a *North American Review*. Os dois tinham tornado a encontrar-se no hotel Gillow.

– Talvez Huerta seja o homem providencial de que Madero necessita. Sem ele...

Parou aí enquanto saboreava a taça de champanhe. Estava vestida de verde-escuro, correta e discreta, sem joias. O cabelo apanhado sob um chapéu negro com um pente pequeno de tartaruga na nuca quase suavizava o seu rosto anguloso e duro.

– O general é sério e imperscrutável – acrescentou. – Com aquela cara de indígena por trás dos óculos... Ainda assim, foi simpático. Não me causou má impressão.

Depois de secar os lábios com o guardanapo, a jornalista tirou da mala o maço de cigarros turcos e acendeu um na boquilha, indiferente aos olhares de censura que as senhoras das mesas próximas lhe dirigiam.

– De qualquer forma – prosseguiu, passado um momento –, o carácter militar aflora-lhe a cada instante. Sobre as eleições presidenciais disse uma coisa divertida, que depois pediu que eu não reproduzisse no meu artigo: que confiar a treze milhões de índios analfabetos a eleição de um presidente é como pedir a uma turma de alunos que elejam o seu professor.

Martín sorriu, para dissimular o seu desagrado.

– Ele disse isso?

– Tal e qual. E ainda acrescentou algo melhor. Estava falador, o general... A outra coisa foi que há quem pense, erradamente, que a revolução consiste em que muitos que não sabem ler nem escrever se apoderem das propriedades dos poucos que, sim, sabem ler e escrever.

– Como frase, é engenhosa. – Martín voltou a sorrir com relutância. – Também pediu que não a publicasse?

– Aqui não disse nada, mas tanto faz. Penso escrever uma coisa e outra... Tudo.

– Vai-se zangar.

– Tanto faz. Já fiz a entrevista.

O jovem bebeu um golo de champanhe.

– Ainda assim, você aprova Huerta.

– Um pouco. E sabe porquê?... Porque é um homem decidido, com as coisas claras. Neste México tão ambíguo em política, agradece-se.

– Mas a sua lealdade ao presidente...

– Oh, está fora de questão. Insistiu muito. Sou militar, disse ele, e isso ata-me ao dever. Vida e espada ao serviço da pátria, etcétera. E acrescentou

outros etcéteras.

Ficou calada, inspirando o fumo. Entre as flores roxas, para lá dos velhos *ahuehuetes* e ciprestes, ouvia-se a banda de música que tocava mais abaixo, no coreto do parque.

– Também falou mal dos espanhóis; não simpatiza convosco. Tolera-vos, porque possuem negócios, dinheiro e influência. Mas o seu lado indígena olha-vos de esguelha.

Martín acabou a taça de champanhe e fez um gesto negativo ao empregado que se aproximava para tirar a garrafa do balde de gelo.

– Nisso, como muitos mexicanos, Huerta é injusto – opinou. – Grande parte do que foi feito de bom foram os espanhóis que fizeram. Mesmo apesar das antigas crueldades e da cobiça atual.

– Tem razão – admitiu Diana. – Ao contrário de vocês, nós, os norte-americanos, só viemos para saquear... Não deixámos catedrais nem universidades, nem nada a troco do que arrebatámos em territórios, nem dos tesouros que levámos em barcos e comboios. – Olhou para a entrada, onde acabava de aparecer um pequeno grupo de pessoas. – Ah, olhe... está ali o seu embaixador.

Martín observou o embaixador de Espanha, Bernardo Cólogan: um cavalheiro alto e seco, de aspeto distinto, calvo e de barba branca. Um dos seus acompanhantes era Paco Tojeira, que saudou de longe, agitando a mão.

– Entrevistei Cólogan em Pequim, depois daqueles cinquenta e cinco dias de revolta dos *boxers* – comentou Diana. – É um homem educado e enérgico... Já conversou com ele?

– Muito pouco. – O jovem sorriu. – Os meus antecedentes villistas não me tornam grato na embaixada.

– Não me surpreende.

– Cólogan não é muito maderista, digamos assim... É verdade que se dava bem com o seu colega norte-americano?

Diana franziu os lábios.

– Demasiado, para o meu gosto.

– E é verdade que Washington pensa em Huerta para uma possível substituição?

Ela olhava para o fumar do seu cigarro.

– Mais do que Washington, eu diria o nosso embaixador – disse ela, após um momento. – E esse eu já não acho tão simpático, embora seja meu compatriota. Henry Lane Wilson é um conspirador tão retorcido que poderá esconder-se atrás de umas escadas em caracol.

Ficou calada. Olhava para os vulcões distantes, cujos cumes pareciam flutuar num leito cada vez mais espesso de nuvens baixas.

– Não me agrada, Martín – exclamou, de repente. – Amo o meu país, mas não me agrada o que nós, os norte-americanos, fazemos ao México.

O jovem concordou enquanto pedia a conta. O *maître* aproximou-se obsequioso, com a conta numa pequena bandeja de prata.

– Parece interessante, dito por uma *gringa*.

– Mas é verdade – protestou Diana. – Por causa da nossa vontade de não haver nada sólido entre a fronteira e o Panamá, empenhamo-nos em sabotar um povo que começa a ter consciência de si mesmo. Que deseja converter-se em nação.

– E acha que isso alguma vez acontecerá?

– Não sei. Receio que nunca aconteça, porque nós, os do Norte, estamos decididos a sufocar sempre as suas tentativas.

– Receia?

– Sim. Gosto desta gente, como você. E quem dera que não venha a pagar caro o seu amor, senhor espanhol.

Martín guardava a carteira. Olhou para a mulher, desconfiado.

– Porque haveria eu de pagar caro?

– Também não lhe sei dizer. Sopram ares sinistros, não acha?... Ares que dão frio.

.

Era meio da tarde. Martín trabalhava no seu quarto quando um criado bateu à porta. Trazia um cartão de visita de Jacinto Córdova com as palavras escritas: *Preciso de me encontrar consigo. Assunto de cavalheiros.*

– Está lá em baixo? – perguntou, surpreendido.

– Sim, senhor. Espera no salão.

Pôs um colarinho de camisa, uma gravata e um casaco, e desceu ao vestíbulo. Córdova estava sentado numa das poltronas de couro vermelho, perto do balcão atendido por um empregado de mesa. Já não tinha o braço ao peito. Vinha vestido à civil com um fato cinzento bem cortado que acentuava a magreza da sua figura; e tinha ao lado, em cima da mesa de apoio e junto do chapéu, uma taça vazia. Levantou-se quando Martín se aproximou, e, quando deram um aperto de mão, este verificou que o militar cheirava vagamente a álcool.

– De que se trata? – quis saber o jovem.

O mexicano retorcia o bigode num sorriso ao mesmo tempo amistoso e distante. Quase distraído, pensou Martín.

– Tenho de me incorporar no meu regimento. Vou para o Sul.

– Caramba... Não sei se o felicite ou lamente.

– Felicite-me. É o meu ofício.

– Quando parte?

– Depois de amanhã. Para Morelos.

– Desejo-lhe sorte. É uma guerra suja.

– Sim, é.

Ficaram calados a olharem-se, ainda de pé, um diante do outro.

– É muito amável ter vindo despedir-se – aventurou Martín.

O mexicano concordava lentamente. Como se estivesse a pensar noutras coisas.

– Não queria ir sem ter uma conversa consigo – disse ele.

Martín ficou surpreso.

– Que tipo de conversa?

– Escrevi-o no meu cartão de visitas. – Agora Córdoba sorria de uma forma indefinida. – Entre cavalheiros.

– Estou à sua disposição.

– Seria melhor darmos um passeio... Quer subir para ir buscar um chapéu, ou roupa mais abrigada?

Martín sentiu um vazio repentino no estômago e um formigueiro nas virilhas. O mexicano continuava a sorrir, e ele compreendeu que esse estranho sorriso, unido ao cheiro a álcool, só admitia um sim.

– Não é necessário. Vamos.

Saíram do hotel. O sol punha-se por trás dos velhos edifícios coloniais, deixando na sombra o bulício das ruas. As vozes dos transeuntes misturavam-se com o barulho dos cascos de cavalos. Nas esquinas da 5 de Mayo e da Tacuba fumegavam bancas de *tacos* e de *elotes*. Diante das vitrinas das lojas, os passeios estavam ocupados por índios com calças finas de algodão e chapéu de palma, mulheres humildes com *rebozos* sobre a cabeça e crianças às costas, burgueses bem vestidos e senhoras elegantes. Todo o México parecia estar ali representado.

– Quais são as suas intenções a respeito da Yunuen?

Martín demorou a responder, desconcertado pela pergunta.

– As minhas intenções dizem-me respeito a mim – replicou.

– Nesse ponto discordamos. Acho que também me dizem respeito. Delas depende em parte o meu futuro.

Dito isto, Córdoba desatou a rir com um riso novo, enviesado.

– Parece absurdo, não é verdade?... Um oficial prestes a entrar em campanha, a falar de futuro.

– Você não tem direitos sobre a Yunuen – replicou Martín com serenidade.

– Como é óbvio. E você também não. Será ela, se se decidir, a outorgar o direito a um ou a outro.

– Não sei aonde pretende chegar.

– Não sabe?... Olhe, tenho a impressão de que você também não é totalmente claro neste assunto. – Inclinou-se para ele, adotando um ar confidencial. – Deseja casar com ela, ou não?

– Suponho que sim.

– Supõe?... Isso parece mal, meu amigo.

Tinham chegado à rua Donceles, onde as fachadas se prolongavam cheias de livrarias. Martín hesitava à procura das palavras adequadas.

– Acho que gostaria de fazer dela minha esposa – respondeu.

– Acha?

– Foi isso que eu disse.

Córdoba franzia o sobrolho debaixo da aba do chapéu.

- Deteto pouca certeza, se me permite a observação.
- Quanto a certezas, estou confuso – admitiu Martín.
- Pelos seus próprios sentimentos?
- E pelos dela.

O mexicano manteve-se um bocado calado. Tinha parado diante de uma montra e olhava distraído para os títulos.

– Agradeço-lhe a sinceridade, e permita-me sê-lo também. – Enquanto falava, tirou do bolso interior do casaco uma bonita cigarreira de pele. – Porque eu, sim, quero casar com a Yunuen... Como obstáculo tenho a sua presença, naturalmente. A sua. Os espanhóis continuam a beneficiar no México de uma certa aura romântica, superior, que provém da Conquista. Além disso, é jovem, simpático e elegante. Um rapaz agradável.

Estendeu a cigarreira a Martín, que recusou com a cabeça. Depois levou à boca um cigarro longo e estreito.

– Como obstáculo tem o ser estrangeiro e um dia ir-se daqui embora. – Acendeu o cigarro depois de riscar um fósforo na parede, com a cabeça inclinada e protegendo a chama na concha das mãos. – Se a desposasse, ela teria de segui-lo, longe. Para onde você fosse.

Calou-se por momentos, enquanto tocava nalguns livros ao acaso, sem reparar neles.

– As minhas vantagens são de outra classe – continuou, por fim. – Sou bem-educado, também não sou malparecido, e a farda, quando a uso, dá-me um ar marcial que costuma agradar às senhoras... A carreira profissional corre-me bem e tenho um certo dinheiro de família. Algo a oferecer a uma mulher como ela. Sou bem relacionado, e se não me matarem em campanha, é possível que chegue a general.

Parou para inspirar o fumo.

– Como lhe disse, vou depois de amanhã – concluiu. – E gostaria de ir com algumas coisas esclarecidas.

O tom era desapaixonado. Neutro. No entanto, aquela aparente frieza acentuava a sua impertinência. Martín debatia-se entre a curiosidade e a irritação.

– Então esclareça-mas a mim, já que estamos nisso.

Córdova bateu duas vezes no peito, em jeito de contrição.

– Claro, claro... Foi para isso que vim.

Voltou a dar uma passa no cigarro antes de encolher os ombros.

– Gosto de si. Não podemos falar de amizade, mas gosto de si. E não só pela sua lenda de Ciudad Juárez.

Percorreram a rua e no final viraram à esquerda. Debaixo de um grande anúncio de cerveja Moctezuma, dois guardas a cavalo observavam os transeuntes: usavam bonés com francalete sob o queixo, botas altas e sabres pendurados no flanco das suas montadas. Passou, petardando ruidoso, um automóvel que abria passagem à buzina dela. Deixava para trás um cheiro a gasolina queimada que se juntou ao do esterco dos cavalos.

– Não quero deixá-lo aqui, com as mãos livres, enquanto eu vou para o Sul.

Deu uma última passa e deixou cair a beata. Um mendigo de pés descalços, que estava encolhido no passeio, correu a apanhá-la.

– Quero resolver isto – acrescentou, passado um momento.

– E como é que pensa fazê-lo?

Tinham chegado às proximidades de Santo Domingo. O céu, salpicado de nuvens, era uma paleta difusa de dourados e nácares. Córdova puxou para trás o punho da camisa e olhou para o relógio de pulso.

– A esta hora abre o cabaré da rua Cuauhtemotzin... Já lá estive alguma vez?

– Nunca.

– O governo quer mudar para lá as casas de passe, já se sabe. Os bordéis. Os moradores protestam, mas o lugar começa a estar na moda... A sério que não estive lá?

– Não.

– Então convidou-o. Há um estabelecimento que acabou de abrir, o Trianón, que vale a pena.

Martín hesitou sob o olhar do outro, que parecia atento à sua reação como quem aguarda a fase seguinte de uma experiência. O jovem sentia desejo de recusar, e a prudência, ou o instinto, aconselhavam-no a isso. No entanto, aquela fixidez, pétrea, de Jacinto Córdova tinha muito de provocação. Até de desafio. Recordou então uma coisa que tinha ouvido dizer ao major Garza em Ciudad Juárez: «A questão é averiguar de que couro saem mais correias». Na realidade, não era uma forma má de expressar aquilo. Tudo tão mexicano. Quase uma caricatura. Sentiu vontade de rir. Uma simples pontada de orgulho fazia-o sentir-se audacioso.

– Bem – replicou. – Vamos.

Córdova ainda o examinou mais um momento, como se avaliasse a solidez da resposta. No fim, fez sinal a uma carruagem, das que aguardavam estacionadas diante do antigo edifício da Inquisição. Entraram, o cocheiro arreou no cavalo e desceram para o Zócalo. Ao passarem diante do Monte de Piedad, o militar tirou do bolso uma estreita garrafa de bolso de prata.

– Apetece-lhe um golo? – Desenroscava a tampa. – É conhaque francês. Um Hennessy magnífico.

– Por agora, não. Obrigado.

O outro bebeu, estalou a língua, satisfeito, e guardou a garrafa de bolso. Observava Martín com curiosidade.

– Você vai armado? – interessou-se de repente.

– Não.

– Costuma trazer um pequeno revólver, não é verdade? – Sorriu com ar divertido. – Uma precaução adequada nos tempos que correm. Sobretudo ali para onde vamos.

– Julguei que fosse só uma conversa de salão.

– Oh, sim. É claro.

Córdova olhava para a rua com aparente indiferença. Passado um momento, bateu com a palma da mão na cintura, debaixo do casaco.

– Eu levo, sim, não se preocupe. Estamos protegidos.

.

O cabaré Trianón era um velho teatro de bairro: uma plateia longa, estreita, que conservava os camarotes dos lados, com guarda-corpos de ferro e cortinados de veludo vermelho. Tinha pretensões de elegância, e os empregados de mesa eram corretos. Plateia e camarotes eram ocupados por mesas e ao fundo havia um palco onde meia dúzia de coristas cantavam em coro canções traduzidas do francês. O ambiente estava carregado de fumo de tabaco. Havia mulheres a alternarem com clientes e nos intervalos ouvia-se risos, rumor de conversas e abertura de garrafas. O prato forte no palco era Nena Dupont, uma loira de voz aguda e formas opulentas que se anunciava como acabada de chegar do Folies Bergère:

*Un mal hombre fue la causa
de mi perdición primera,
y también de la segunda
y también de la tercera...*¹⁴

Martín e Jacinto Córdova ocupavam a mesa de um camarote, com uma garrafa de Cook's Imperial, já quase vazia, metida num balde com gelo. O champanhe era norte-americano, de má qualidade e engarrafado no Missouri. Mas Córdova não parecia importar-se com a sua filiação. Tinha bebido a garrafa quase toda.

– Yunuen – disse ele, inesperadamente.

Não tinham voltado a dizer o nome dela desde que entraram na carruagem. Martín, que ouvia Dupont cantar, voltou-se devagar para o encarar. Nada no militar revelava o álcool ingerido: o pulso com que levava a taça aos lábios era firme, os olhos mantinham-se serenos e o bigode retorcia-se num sorriso educado, um nadinha distante.

– Não há muito mais a dizer sobre ela – respondeu Martín.

– Eu acho que sim. O que muda talvez seja a maneira de o dizer.

– Não percebo, desculpe.

– Há uma frase que uma vez ouvi numa peça de teatro antigo espanhol, uma de Lope de Vega ou de Calderón, não me lembro bem: *Calem-se as barbas e falem as cartas*.

– Continuo sem perceber.

– A sério?

– Sim. A sério.

– Há outra coisa que me agrada em si, Martín. Tem uma biografia interessante, não é verdade?... É um jovem com mundo, com postura adequada. E, no entanto, conserva... Como diria?

Ficou a pensar, hesitante. Por fim, arqueou as sobrelanceiras.

– Inocência, é isso. Conserva uma certa inocência.

Pegou na garrafa e deitou o que restava na taça de Martín e depois na sua, que ergueu um pouco sem olhar para ninguém, como se o fizesse só para si mesmo.

– Acho que já o disse – acrescentou, passado um momento. – Não posso deixá-lo para trás. Há um princípio militar básico, compreende?... Nunca deixar para trás bolsas de resistência inimiga.

– Eu não sou seu inimigo.

– Oh, engana-se. É. Não deixe que o champanhe o engane. Nem o meu sorriso.

– Se há coisa que não engana ninguém é o seu sorriso.

– Já lhe disse antes que você me agrada. É um homem esperto.

Recostava-se na cadeira, malicioso. Ergueu de repente um dedo como se se lembrasse de alguma coisa.

– Lembra-se da história do meu pai e do seu compadre?

– Perfeitamente.

– Na minha opinião, foi excessiva. Agarrados pela mão e à queima-roupa, nenhum deles tinha a menor possibilidade.

– Está a propor-me um duelo?

Córdova não respondeu logo. Bebeu devagar o que lhe restava de champanhe e pousou a taça na mesa.

– Há coisas que os homens que se vestem pelos pés devem resolver como é devido. Dois mil anos de civilização não conseguiram encontrar outra maneira.

– Isso é uma estupidez.

– Talvez. Mas há estupidezes que os homens que se vestem pelos...

Martín fez menção de se levantar, exasperado. Farto daquilo.

– Vá para o diabo.

Córdova agarra-a pela manga, com firmeza. Já não sorria.

– Você não se vai embora, por duas razões – disse ele, com muita calma.

– Uma, é que posso ir atrás de si e matá-lo na rua, como um cão. A outra, é que não acredito que seja dos que se deixam matar.

Martín soltou o braço sem que o outro insistisse em retê-lo.

– E se assim fosse?

– Desceria muito na minha consideração. Lamentaria ter-me enganado consigo.

– Ou seja, para que me respeite, tenho de o enfrentar a tiro.

– Mais ou menos.

– Hoje já bebeu muito.

– Não se preocupe com isso. Sou um excelente atirador, e beber não me

altera o pulso... Além disso, você não é homem de armas, apesar daquilo em Juárez. Talvez o álcool que tenho no corpo equilibre mais o assunto.

– Não trago com quê.

O mexicano acendia o seu último cigarro. Fez um gesto semicircular, abarcando o salão.

– Tenho a certeza de que, num lugar como este, não faltará quem nos empreste a ferramenta adequada.

– Está a enlouquecer.

– Não, de todo. Você sabe que não... Sou só mexicano.

– E o que é que propõe? Fazer isso aqui mesmo?

Córdova arqueava os lábios num gesto de repugnância.

– Ah, não – protestou. – Seria uma falta de consideração roubar o protagonismo a Nena Dupont. A ideia é sair lá para fora. – Indicou a porta com o cigarro. – Já viu a rua: larga, mal iluminada, com alguma puta a vaguear na esquina com Bolívar. A cinco ou seis passos mal nos veremos, e isso deixa uma boa margem ao acaso. Esvaziamos as armas um no outro, e vemos o que acontece.

– E se não acontecer nada? E se os dois sobrevivermos?

– Então, não será a vontade de Deus. Eu irei matar zapatistas e você ficará perto da Yunuen... E depois veremos.

Olharam-se pensativos durante um bocado, sem dizer nada, até que Martín levou a taça aos lábios e bebeu o resto do champanhe, que já estava morno. Para sua íntima surpresa, encontrava-se espantosamente calmo. Não parecia ser ele quem, na verdade, estava ali. De repente, sentia-se um absoluto desconhecido. Puxou o lenço para secar os lábios, dobrou-o de novo com cuidado e pôs-se de pé.

– Sabe, capitão?...

O outro olhava para ele da sua cadeira, com curiosidade cortês.

– Jacinto, por favor. Lembre-se.

– Sabe, capitão?... Em Espanha temos uma frase que se usa muito: *Me tienes hasta los cojones*.

– Conheço-a. O que é que quer dizer com isso?

– Estou farto de si até aos tomates.

Córdova ficou a fumar o cigarro com ar incerto, como se analisasse cada uma das palavras que acabava de ouvir. Por fim, com muita calma, tirou a carteira, chamou o *maître* e falou-lhe ao ouvido enquanto lhe entregava um maço de pesos. O chefe de mesa olhava para Martín, hesitante. Córdova voltou a falar e entregou-lhe mais dinheiro até que o viu concordar. O outro afastou-se enquanto Córdova, com gesto cortês e sorriso irónico, se levantava convidando Martín para se dirigir à porta. O *maître* alcançou-os junto do guarda-roupa, e entregou discretamente ao militar um saco de papel aparentemente pesado.

Os dois saíram para a noite. A única luz era um candeeiro próximo da esquina da rua Bolívar, em cuja claridade estavam duas mulheres e um homem que conversava com elas. Córdova abriu o saco de papel, tirando dele uma pistola automática grande e negra. Com mão experimentada, tirou o carregador e deu-lhe uma vista de olhos.

– Tem cinco balas. – Voltou a colocar o carregador. – O meu revólver, seis; mas vou tirar-lhe uma – entregou a arma a Martín. – É uma Browning... Suponho que saiba manejá-la.

O jovem não respondeu, limitando-se a pegar nela. Sentia uma ira fatigada, muito fria e calma: desejo de acabar de qualquer forma com aquele absurdo. Na palma da sua mão, o metal estava frio.

– A sete passos parece-lhe bem? – propôs Córdova.

Martín também não respondeu a isso, e manteve-se imóvel, enquanto o mexicano se afastava até quase se confundir com as sombras. As duas mulheres e o homem continuavam quietos junto do candeeiro, observando-os de longe.

– É melhor com testemunhas – ouviu-se a voz de Córdova. – Assim ninguém poderá dizer que um assassinou o outro.

Martín puxou para trás o cão da pistola e soltou-o, seco. A primeira bala foi introduzida na câmara com um estalido.

– Quando quiser – disse Córdova. – *Tirez vous les premiers, messieurs les français.*

Martín respirou fundo várias vezes, retendo o ar, e depois levantou o braço. Recusava-se a pensar, mantendo a mente em branco. Não se queria distrair, nem sequer com a incerteza que se abria aos seus pés como um abismo escuro. O seu objetivo era uma sombra entre as sombras, e concentrou-se nela como se mais nada existisse no mundo. Ao apontar, as palpações do seu sangue transmitiam-se do coração aos tímpanos e ao dedo que apertava o gatilho.

Pam. Pam.

O primeiro disparo ensurdeceu-o e o clarão cegou-o. A pistola saltava na sua mão como se adquirisse vida própria, enquanto voltava a apontar e disparava novamente, muito seguido, várias vezes.

Pam. Pam. Pam.

Cheirava a lume e a pólvora queimada. A sete passos, a sombra inimiga ficou pontilhada de resplendores simultâneos e avermelhados, e o ecoar desses disparos chegava até Martín como um eco dos seus. Ouviu passar perto, muito rápidas, minúsculas chicotadas de chumbo, e no fim sentiu uma pancada – estava há um bocado à espera dela – que o fez girar sobre si mesmo: uma pontada violenta na anca esquerda que lhe adormeceu de repente o lado e a perna, derrubando-o de costas em cima do empedrado.

A dor demorou pouco a chegar, e foi em forma de espasmo súbito, muito agudo. Nunca nada lhe tinha doído assim, e isso arrancou-lhe um gemido. Fechou os olhos ainda ofuscados pelos clarões, e quando os abriu pôde

entrever, na penumbra do candeeiro distante, o rosto de Jacinto Córdova inclinado sobre ele.

– Os meus respeitos, meu amigo – disse o mexicano.

Então, Martín fechou os olhos e deslizou devagar para o abismo escuro.

13. A minha carta, que é feliz pois vos vai encontrar, / conta vos dará da minha memória. /
Aquele fantasma sou, que, por gostar de vós / jurou estar viva a vosso lado um dia... (*N. dos T.*)

14. Um mau homem foi a causa / da minha perdição primeira, / e também da segunda / e também
da terceira... (*N. dos T.*)

9. Dez dias de fevereiro

Martin soube da fuga de Pancho Villa no Hospital General, pouco antes de os médicos lhe permitirem voltar ao seu quarto do hotel Gillow. Os jornais, de acordo com a sua posição política, contavam diferentes versões do acontecimento; mas todos coincidiam em que o antigo guerrilheiro tinha fugido da prisão de Santiago Tlatelolco com a cumplicidade de um funcionário local, e que depois de embarcar disfarçado em Manzanillo e de desembarcar em Mazatlán se tinha refugiado nas montanhas do Norte, ou tinha passado para o outro lado da fronteira norte-americana. Até garantiam tê-lo visto em San Diego, Tucson ou El Paso.

Quanto a Martín, depois de algumas complicações – um pedaço de tecido incrustado pela bala causou uma infeção que demorou a curar –, a ferida melhorou, finalmente limpa, e começava a cicatrizar. Ao fim de uma semana fora do hospital, conseguiu caminhar prescindindo das canadianas e até da bengala. Foi nessa altura, ainda convalescente, que recebeu no período de poucos dias três visitas no hotel. A primeira foi de Emilio Ulúa, que, com a sua inexistente simpatia habitual se interessou apenas pela saúde do engenheiro, criticou o incidente em que este se tinha visto envolvido – *sórdido*, foi o adjetivo que utilizou –, disse que tinha escrito ao marquês de Santo Amaro criticando aquela conduta irresponsável, e manifestou que, à espera de instruções sobre o seu futuro, não era necessário que Martín se apressasse a voltar ao seu posto de trabalho. Para já – enfatizou desabridamente –, a Mineira Norteña continuaria a encarregar-se da fatura do hotel e pagaria o salário do presente mês. E, a partir daí, logo se veria.

– Se calhar, com alguma sorte – resumia, esperançado –, ordenam-me que o meta num barco para Espanha e me livre da sua presença para sempre.

– Não diga isso, *don* Emilio – brincou Martín. – O senhor acabaria por sentir a minha falta.

– Sim, claro... Depois da sua aventura em Juárez, é precisamente do que a empresa necessita neste tempo: de um pistoleiro.

A segunda visita foi totalmente inesperada. A meio da tarde do último dia de janeiro, um empregado do hotel trouxe um cartão de visita ao quarto de

Martín.

– O cavalheiro espera-o no Jockey Club daqui a trinta minutos.

Saiu para a rua de chapéu na mão, depois de atar a gravata a toda a pressa e vestir um casaco. Depois de percorrer os quatro quarteirões que separavam o hotel da fachada de azulejos, atravessou o amplo vestíbulo, e depois de se identificar junto do rececionista subiu ao primeiro andar apoiando-se – ainda lhe custava fazer esforços prolongados – no corrimão de ferro e cobre. Antonio Laredo, pai de Yunuen, lia os jornais na confortável cadeira de um salão com um teto de antigas vigas de cedro escuro, junto de um dos grandes vitrais multicoloridos cuja luz era refletida pelos espelhos venezianos de caixilharia dourada na parede oposta.

– Agradeço-lhe que tenha vindo. Sei que não está completamente restabelecido, mas não julguei conveniente que nos víssemos no seu hotel. Como se encontra?

– Bem. Apenas um pouco de desconforto ao caminhar. Dentro de alguns dias estarei como novo.

Laredo tirou uns óculos com armação de ouro e deixou-os descuidadamente na mesa, em cima dos jornais. Tinha o rosto barbeado, patilhas loiras e uns olhos claros semelhantes aos da sua filha.

– Teve sorte – disse ele.

Martín sorria.

– Teria tido mais se a bala tivesse acertado no outro.

– Eh, sim, é claro. – Laredo observava com curiosidade cortês. – Voltou a ter notícias do Chinto Córdova?

– Nenhuma, desde que me levou ao hospital.

– Nós tivemos uma carta dele há uns dias. Encontra-se bem, em Morelos. A combater aquela chusma sulista.

Ergueu a mão para pedir a atenção de um empregado de mesa, a quem, sem consultar Martín, pediu dois conhaques Martell. Depois recostou-se na poltrona.

– Quero agradecer-lhe ainda não ter ido de visita à minha casa.

– Bom, pensava fazê-lo – disse Martín. – Assim que acabasse de recuperar.

– Não é boa ideia.

– Perdão?

Laredo estava muito sério. O tom dos seus olhos, endurecido, parecia virar do azul para o cinzento.

– Quero falar-lhe precisamente disso. Já falou com a minha filha?

– Escrevi-lhe uma carta do hospital. Pensava...

O outro interrompeu-o com um gesto habituado a mandar. A mão interpôs-se breve, ameaçadora.

– Ela não respondeu a essa carta, não é verdade?

– É verdade – admitiu Martín. – Não o fez. Suponho que a situação seja um pouco incómoda.

– Supõe bem. Não é do agrado de ninguém andar na boca do povo, com um tiroteio pelo meio. Nem para ela, nem para mim... Como sabe, somos uma família conhecida. Com uma reputação a manter.

O jovem achou oportuno justificar-se.

– Foi o capitão Córdova quem forçou a situação – disse Martín.

– É possível. – O outro sorria, indiferente. – Mas conhecemos o Chinto desde criança. O seu caso é diferente.

Chegaram os cálices de conhaque. Laredo pegou no seu com a concha da mão, verificando a temperatura. Tinha nascido, disse ele, numa aldeiazinha asturiana chamada Luerces, que nem sequer estava nos mapas. Saiu de lá com catorze anos, empurrado pela fome, e embarcou em Gijón. Ao chegar a Veracruz pediu esmola, varreu ruas e trabalhou em ofícios baixos.

– A sorte quis favorecer-me. Depois de algum tempo empregado numa casa exportadora de madeiras e couros, montei a minha própria empresa, arruinei o meu antigo chefe e acabei por lhe comprar o negócio.

Levava o cálice aos lábios quase com cautela. Depois de provar o conhaque, pareceu satisfeito. Martín não tinha tocado no seu.

– Sou um homem conhecido no México, respeitado no mundo financeiro. E a Yunuen é a minha única filha... Compreende a minha situação?

– Perfeitamente.

– Não vou ofendê-lo duvidando das suas intenções. A minha irmã Eulalia garante que você é um bom rapaz. Preza-o. No entanto...

– No entanto?

– Conheço os homens, senhor Garret. Passei a vida a estudá-los e a negociar com eles. Sei a forma do pé de cada um.

Agitou o cálice, cheirando o seu aroma. Reflexivo.

– Você tem uma profissão honrada – prosseguiu, após um momento. – Informei-me bem... Lamentavelmente, também tem um passado recente. E não me refiro ao tiroteio da rua Cuauhtemotzin.

Bebeu outro golo e deixou o cálice na mesa.

– A posição dos seus amigos do governo é delicada, não acha?... Insustentável, até.

– Não são meus amigos.

– Bom, sejam o que forem, passam por sê-lo. Ou você deles.

A porta de vidro abriu-se e entraram uns sócios que Laredo saudou com um movimento distraído de cabeça. Embora tenham ido sentar-se do outro lado do salão, ele baixou a voz.

– Madero leva-nos à catástrofe. Está rodeado de ambiciosos e carece de condições políticas e sentido da realidade. Inclusivamente de consciência patriótica.

– Pelo menos é um homem de princípios – objetou Martín.

– Não seja ingênuo. Nem os princípios são absolutos, nem os povos são tão cegos ao ponto de se suicidarem apoiando uma doutrina que nos leva ao

desastre. E que, além disso, pode provocar uma intervenção armada do vizinho do Norte.

Laredo olhou para a vidraça exterior como se o que dizia se confirmasse na rua.

– Receio que se avizinhem mudanças no México – acrescentou, lúgubre.

– E oxalá não sejam violentas.

Martín abanava a cabeça, sem encaixar totalmente o que ouvia.

– Quer dizer que *já não sou* alguém recomendável?

– Não o é de todo, se me permite a franqueza. Não nestes dias.

– E qual é a opinião da Yunuen?

– Ela não tem nada que opinar. É minha filha, e isso chega.

Seguiu-se uma pausa embaraçosa. Concedendo-lhe tempo, Laredo pegou no seu cálice. Indicava o de Martín, mas este recusou com a cabeça.

– Tenho a certeza de que não a quer prejudicar mais.

– Mais?

– Está a entender-me.

– Receio que sim. – O jovem sorriu com amargura. – Entendo.

– Por isso, creio que não deve voltar a visitá-la, por enquanto. Nem em minha casa nem fora dela. Peço-lho como pai.

– Não se ofenda, senhor Laredo, mas também gostaria de ouvi-lo da própria Yunuen.

– Percebo, mas está fora de questão. É uma rapariga obediente, já falámos e fará o que eu lhe disser.

– Ela sabe desta conversa?

– Que ela saiba ou não saiba é o menos importante. Vim pedir-lhe a si, como espanhol e cavalheiro, que não empreenda nenhuma loucura. Como sabe, a honra de uma menina é como o vidro.

– Nunca me ocorreria...

– De qualquer forma, deixe-me preveni-lo – interrompeu Laredo. – Socialmente você não se encontra em boa posição. O relato oficial dos factos é que, perante a sua insistência a respeito da Yunuen, o capitão Córdova, como velho amigo da família, decidiu intervir. Daí o tiroteio e o resto.

– Caramba!... Não me deixa muito bem visto.

– Eu sei, mas apelo ao seu carácter de homem de bem. É a melhor forma de a Yunuen se manter fora de tão lamentável situação.

Seguiu-se um daqueles silêncios em que tudo parece dito. E, realmente, Martín considerou que assim era. Pôs-se de pé. Da sua cadeira, o outro estendeu a mão para apertar a dele, mas o jovem decidiu ignorá-la. Ia a sair quando parou por um momento.

– Esclareça-me uma dúvida – disse com frieza. – Se o governo do presidente Madero fosse estável e eu tivesse com ele essas boas relações que me atribuem, teríamos mantido esta conversa?

Laredo observava-o da poltrona, carrancudo. Incomodado. No fim, pegou nos óculos e abriu um jornal.

– Sou um homem de negócios, senhor Garret. E você é um jovem inteligente.

A terceira visita daqueles dias foi a de Diana Palmer, que tinha regressado à cidade. Hospedada como de costume no Gillow, um breve bilhete seu, levado por um empregado do hotel, informou Martín da chegada: *Arranjo-me um pouco e falamos*, concluía, sucinta. E meia hora mais tarde, a norte-americana batia à porta do quarto.

– Você conserva os seus contactos com o Palácio Nacional? – quis saber, ávida, quase à queima-roupa.

Embora se tivesse lavado e escovado o cabelo e tivesse vestido uma blusa limpa sobre a longa saia cinzenta, a ausência de maquilhagem denunciava fadiga e emagrecia-lhe mais o rosto. Parecia cansada, e com razão: acabava de chegar de comboio de Veracruz, proveniente de Havana, sem descanso e com muita pressa. Tinham-lhe pedido aquilo por telegrama urgente do *New York Evening Journal*.

Martín desalentou-a. Raúl Madero, o irmão do presidente, continuava com as tropas do Norte e ele apenas tinha acesso a alguns funcionários do seu departamento e da secretaria da Indústria. Nada de alto nível.

– E com o outro irmão, Gustavo, tem alguma relação?

– Nenhuma.

Ela deu uns passos em direção à porta de vidro aberta para a varanda, olhando distraída para as coisas do jovem: o *Elementos de Laboreo de Minas*, de Moncada Ferro, aberto e virado sobre a cama, a *Anábase* e outros livros alinhados na secretária e os objetos pessoais em cima do mármore da cómoda: estojo de couro com utensílios de barbear, relógio com a corrente, escova da roupa, caneta, canivete com capas de marfim, um pequeno retrato dos pais emoldurado em prata, o revólver Orbea e uma caixinha com vinte cartuchos de calibre 38.

– Vão acontecer coisas – disse ela, críptica.

– Que coisas?

Ela brincava com o revólver. Deixou-o outra vez em cima da cómoda.

– Não se faça de parvo. Coisas.

Fez um resumo passado um momento e em poucas palavras, assomada à varanda, olhando para fora como se aquilo que contava pudesse ser abarcado dali: a deterioração da situação política, o descontentamento de velhos porfiristas, de empresários e latifundiários, os revolucionários dececionados e o exército descontente por causa da brandura com que Madero encarava, ou evitava encarar, os principais problemas do país.

– Há pouco de novo nisso – estimou Martín, que se tinha situado junto dela.

Da rua subia um rumor de pessoas e de cavalos. Para lá dos antigos edifícios coloniais, sobre as torres da catedral, o céu era azul com veios de

cobre: uma das muito incríveis celagens mexicanas.

– Sim, há algo novo: rumores de golpe – afirmou Diana. – De pronunciamento, como dizem vocês, os espanhóis. Foi por isso que o *Evening* me enviou para cá.

Martín achou aquilo excessivo.

– Que disparate. Não há nada que pareça indicar...

– Ouça. – Tinha-se virado para ele, brusca, interrompendo-o. – O meu jornal tem excelentes contactos em Washington.

Nas íris cor de canela refulgiam reflexos de arrogância. Ergueu o braço e apontou para a rua, para a cidade.

– Assim que saí do comboio, com a mala na mão e antes de vir para o hotel, passei pela embaixada norte-americana... Foi a primeira coisa que fiz.

Martín escutava, paciente, com curiosidade.

– E então?

– Henry Lane Wilson não quis receber-me.

– Estaria ocupado. São tempos agitados.

Ela negou, muito séria.

– Eu faço outra leitura... Ele sabe muito bem quem sou e quem me envia. Não simpatiza comigo desde a minha entrevista a Pancho Villa: disse atrocidades sobre mim e protestou junto dos jornais que me empregam. As minhas crónicas, diz ele, são demasiado favoráveis para com Madero. Ainda assim, antes nunca se recusou a receber-me. É claro que não deseja comprometer-se.

Martín continuava desconcertado.

– E porque é que me diz isso?

– Talvez porque confio em si... Ou melhor, confiava no seu acesso fácil ao meio próximo do presidente.

– Isso é um mito. Além disso, já lhe disse...

– Sim, já disse.

Ficou calada por uns momentos.

– Sabe que Pancho Villa está em El Paso, no Texas?

– Há rumores – respondeu Martín.

– São mais do que rumores. Está realmente lá.

– E pensa voltar ao México?

– Não sei.

– É um devoto do presidente Madero.

Ela abanava a cabeça, dubitativa.

– Não sei se continuará a sê-lo.

Quando regressaram para dentro, Diana voltou a olhar para os objetos que havia no quarto.

– Não terá um cigarro, não é verdade?

– Lamento. Continuo sem fumar.

A norte-americana deteve-se diante do espelho do armário, aproximando o rosto. Um olhar seco e crítico enquanto explorava a sua própria imagem.

– O que é que por estes dias se diz do general Huerta?
– Consideram-no um firme apoio do presidente, que confia cegamente nele.

Ela continuava a ver-se enquanto tocava nas maçãs do rosto sob os olhos cansados.

– *Entre copinho e copinho*, como o próprio Huerta diz.

– Bêbedo ou sóbrio, a sua influência é decisiva. E afirmam que é um verdadeiro patriota.

– Não sei... De qualquer forma, aproximam-se dias interessantes. – Agora observava Martín através do espelho. – Vai ficar aqui, ou viaja para o Norte?

– Ainda vou ficar mais um pouco.

Tinha-se voltado para ele e continuava a examiná-lo, reflexiva.

– Você parece-me bem – disse ela. – Talvez mais magro do que da última vez.

– É possível.

– Coxeia um pouco, não?

– Quase nada.

– Algum acidente?

– Nada sério.

Viu-a entreabrir os lábios como se fosse dizer mais alguma coisa, mas manteve-se calada, com um leve sorriso que se desvaneceu devagar. No fim, fez um gesto evasivo.

– Tenho de começar a movimentar-me – suspirou. – Vou insistir com o embaixador e recorrer às pessoas que conheço... Se nalgum momento lhe ocorrer dar-me uma ajuda, ficar-lhe-ei agradecida.

Cruzava os braços como se, de repente, tivesse frio. Martín aproximou-se da varanda para fechar a porta de vidro.

– Há qualquer coisa no ambiente que não me agrada – disse Diana. – A urgência do meu jornal, a atitude de Henry Lane Wilson... Garanto-lhe que esse homem é um verdadeiro filho da mãe. Sei que paga grandes quantias ao Rábago, diretor do *El Mañana*, para ele não parar na sua campanha de imprensa contra o presidente.

– Não é o único. Quase todos os jornais dizem agora a mesma coisa.

– Demasiada unanimidade, não acha?... Não me surpreenderia que a embaixada andasse a preparar algo sujo. O meu problema, como jornalista, é que não posso informar sobre isso antes de acontecer.

– O que é que se propõe fazer?

Sorriu sem humor.

– Falar com quantos puder e estar preparada.

– Os Estados Unidos interviriam?

– Não sei. Tudo é possível nestes tempos. E do nosso presidente pode esperar-se tudo.

Dirigiu-se para a porta. Em dois dias, acrescentou, tomaria o pulso

àquilo. Nessa altura, se Martín achasse bem, poderiam ver-se outra vez e trocar informação. Talvez dar um passeio de carruagem por Coyoacán, ou jantar algo muito francês no Sylvain.

– Quando lhe apetecer – concordou o jovem.

– Você é um encanto... Calculo que as *señoritas* não o larguem.

Martín desatou a rir.

– Supõe em excesso.

– Não acredito.

Ela ainda parou um momento.

– Tenha cuidado – aconselhou, grave. – O meu embaixador é um bicho mau, e pode acontecer qualquer coisa. Se a situação se precipitar, tudo o que parecer relacionado com o atual governo pode ter problemas. Isto inclui-o a si... E talvez a mim.

A norte-americana ia sair para o corredor. Martín mantinha a porta aberta para se despedir dela quando o chão se mexeu debaixo dos seus pés como se se deslocasse para um lado. Ouviu-se um rumor distante e surdo: um gemido rouco que parecia vir das raízes do mundo, enquanto um estremecimento abanava o edifício, fazia oscilar o candeeiro pendurado por cima da cama e uma racha delgada se abria na parede, rápida e ziguezagueante como um relâmpago. Aquilo durou apenas um instante, apenas quatro ou cinco segundos, antes de tudo ficar de novo como antes, idêntico e quieto com exceção da pequena fenda e do candeeiro que ainda continuou a oscilar mais um pouco.

– Que grande susto – disse Diana, quando tudo acabou.

– É a terceira vez em duas semanas – respondeu ele.

Olharam-se fixamente nos olhos, imóveis um de frente para o outro. Nenhum deles se tinha movido nem descolado os lábios durante o terramoto. Ela só tinha empalidecido, e Martín supôs que ele próprio também.

– Você é um jovem calmo – comentou Diana, passado um momento.

Ele abanou a cabeça com um sorriso resignado. Fatalista.

– Geometria – disse.

Viu-a pestanejar, confusa.

– Não compreendo.

Martín encolheu os ombros. Diana estava espantada.

– É o que tem na cabeça?... Depois de um terramoto?

Ele sorriu quase com doçura, sem responder. Não sabia o que dizer mais, ou como explicar em voz alta o que lhe parecia tão evidente. A norte-americana, observou, olhava agora para ele de uma forma diferente, muito séria e intensa. Nunca antes o tinha olhado assim, como se o seu habitual aprumo de mulher livre, segura e viajada vacilasse por um instante.

– Meu Deus – ouviu-a murmurar. – Enganei-me consigo... Não é calmo, mas sim perigoso.

Acordou tarde, pois tinha dormido mal. Ainda lhe doía um pouco a ferida de lado, que por sua vez continuava a cicatrizar bem. A dormir com sonhos estranhos, encadeados, nos quais se via a passear por uma cidade desconhecida, percorrendo ruas vazias sob uma luz indecisa, incerta, entre o amanhecer e o anoitecer, que mostrava no chão marcas de um recente Carnaval: serpentinas pisadas, confetes, garrafas e máscaras largadas pelo chão, mas nem viva alma à vista. Tinha-se perdido e não encontrava o caminho, nem a quem perguntar. Tirava a cada momento o relógio de bolso para verificar as horas, sentindo que tudo corria contra ele; que se atrasava a empreender uma viagem cujo destino ignorava. E assim, desorientado, inquieto, procurava o hotel onde tinha deixado a bagagem, calculando com angústia o tempo que lhe restava para chegar a uma estação de carruagens ou de comboio, ou talvez a um porto invisível onde se ouviam sirenes de barcos prestes a zarpar.

O que acabou por despertá-lo totalmente foi um clamor de gente. Vestindo o robe por cima do pijama, saiu para a varanda e espreitou a rua. Pela 5 de Mayo, em direção ao Zócalo, uma multidão em que havia mulheres e crianças acompanhava uma força militar. Os soldados, vestidos de caqui e armados com espingardas, avançavam em formação, precedidos por oficiais montados a cavalo. Havia qualquer coisa na cena que a afastava de um desfile convencional: nada de cornetas ou tambores. Os soldados iam equipados para o combate; e os que abriam a marcha, junto dos chefes, levavam as espingardas de prevenção e caminhavam alerta.

Talvez esteja a acontecer, pensou Martín com um calafrio.

Talvez esteja a acontecer *já*.

Lavou-se na bacia, vestiu-se corretamente e preparou-se para sair. Por momentos hesitou diante do revólver, indeciso entre levá-lo ou não no bolso, mas a prudência impôs-se: ir armado numa revolta de rua, exposto a ver-se revistado e detido em qualquer controlo militar, não era aconselhável.

Mais vale prevenir do que remediar, recordou.

Era o que costumava dizer Genovevo Garza.

Por isso, limitou-se a meter umas notas na carteira e algumas moedas de prata no colete. Depois pegou no chapéu e desceu as escadas. Havia gente agrupada no vestíbulo e à porta, a olhar para as esquinas da 5 de Mayo e da Profesa: pessoal do serviço e hóspedes do hotel, homens inquietos e mulheres assustadas. Alguns moradores assomavam às janelas e varandas ou tinham descido à rua.

– O que é que aconteceu? – perguntou Martín ao porteiro.

– Há tropas diante do Palácio Nacional, senhor Garret... E ouviram-se disparos perto da prisão militar de Santiago.

– É coisa séria, então.

– Parece que sim.

Caminhou até à esquina. A tropa que ele tinha visto percorrer a 5 de Mayo já se encontrava no Zócalo. Passou por um grupo de meninos de rua

descalços a correrem alvoroçados para a praça. Não circulavam elétricos, carruagens nem automóveis. Um leiteiro, que tinha parado a carroça no meio da rua e estava a ser interrogado pelos moradores, garantiu ter visto canhões de artilharia nalguns cruzamentos. Também soldados deitados por terra, com metralhadoras e espingardas prontas a disparar, diante do Palácio Nacional.

– A tropa ferveilha para os lados da Ciudadela – comentava alguém.

– Mas quem está contra quem?

– Isso ninguém sabe.

– Cheira a revolta militar, de longe.

– E de perto... Para mim, *ya se cayó el arbolito donde dormía el pavo real*.¹⁵

Martín dirigiu-se para a praça. Na zona da Plateros, as lojas grandes estavam fechadas por ser domingo, mas havia muita gente civil agrupada na esquina e no lado oeste do Zócalo, entre o quiosque dos elétricos e o pórtico da Mercaderes. Duas ou três centenas de pessoas, nos quais se misturavam ardinhas, vendedores de rua, engraxadores e homens e mulheres do povo, olhavam, discutiam, empurravam os militares ou invetivavam-nos. Tudo era confuso, e nos campanários da catedral espreitavam espingardas.

– Viva o presidente Madero! – gritavam uns.

– Viva o general Reyes! – aclamavam outros.

A Martín pareceu-lhe ver o general Bernardo Reyes com um grupo de militares que discutiam entre si, e isso surpreendeu-o. Conhecia-o pelas fotografias da imprensa, e pensava que o general continuava na prisão desde a sua intentona de sublevação. Que agora continuasse livre, com soldados que parecia comandar, era insólito.

– Aquele é o Reyes? – perguntou a um guarda-freios que observava a cena com um cigarro na boca e os polegares nas cavas do colete.

– Palpita-me que sim – foi a resposta.

– E o que é que ele faz aqui?

– Ai, pois... Isso, já não sei.

Martín observou então que a força militar colocada na extensa praça não obedecia a um comando único. Para lá do quiosque dos elétricos e das árvores do centro, havia uma cintura de soldados deitados no chão em posição de atiradores, a proteger o Palácio Nacional. Estes apontavam as suas armas para os recém-chegados, que continuavam a fazê-lo pela 5 de Mayo, pela San Francisco e pela Seminario, por sua vez a espalharem-se. Portanto, havia dois lados, e isso não era bom. Decidiu manter-se perto do pórtico da Mercaderes, que oferecia proteção, e dirigiu-se para lá.

Foi nesse momento que ouviu uma descarga atrás de si e começaram os disparos.

O Zócalo era uma ratoeira: uma armadilha mortal para a multidão agrupada na sua curiosidade, que entre gritos de pânico corria agora a

procurar refúgio. Ecoavam as espingardas e também um estrépito seco, entrecortado, no qual Martín reconheceu o tiro esporádico de uma metralhadora Hotchkiss. As balas zuniam como chicotes de metal que açoitassem o ar. Ultrapassando a força atacante que disparava contra o Palácio Nacional, o fogo dos defensores atravessava a praça arrancando cascas e folhas das árvores e ia impactar nos edifícios do lado ocidental, e de caminho fazendo cair, abatidos, homens, mulheres e crianças.

Assassinos, gritavam as pessoas. Criminosos, assassinos.

O tiroteio continuava. Situado sob a proteção das arcadas da Mercaderes, tentando compreender o que estava a acontecer, Martín conseguiu ver desfeito o grupo no qual tinha julgado reconhecer o general Reyes. Havia corpos imóveis entre os soldados que disparavam e levantamentos de pó, fuzilaria intensa que batia nos muros do palácio e nas torres da catedral. Não era sítio para ficar a ver, decidiu. Formigavam-lhe as virilhas aguardando o impacto de qualquer bala: tinha visto mais do que esperava, ou devia. Também não era como a primeira vez em Ciudad Juárez; agora conhecia os riscos e sabia movimentar-se. Por isso, com a cabeça agachada, a correr de coluna para coluna debaixo das arcadas, procurou sair dali. Havia civis ensanguentados por todo o lado, uns mortos e outros que imploravam auxílio ou se arrastavam deixando regos de um vermelho intenso que brilhava ao sol. Caído entre os varais de uma carroça, um cavalo relinchava a sua agonia dando coices no ar. Junto de um carrinho de criança, tão afastado que ninguém se atrevia a verificar o que havia lá dentro, uma mulher estava imóvel, estendida no chão de barriga para cima. Martín considerou a possibilidade de ir até ao carrinho e pô-lo sob proteção, mas foi só nesse momento. Um homem jovem que também se protegia nas arcadas decidiu primeiro do que ele: saiu para campo aberto e caiu morto poucos passos depois.

Assassinos, assassinos, continuava a ouvir-se por entre o estampido dos disparos.

Martín retrocedeu disposto a fugir dali para a San Francisco. Havia soldados protegidos nas arcadas e colados às casas, que, acionavam ferrolhos das Mauser e disparavam para o Palácio Nacional. As reluzentes cápsulas vazias saltavam no ar, tilintando ao cair, e miúdos esfarrapados que andavam perto corriam para as apanhar, disputando-as. Uma bala perdida derrubou um rapaz de doze ou treze anos, dos chamados *papeleros*, que ainda trazia os seus jornais para vender debaixo do braço, quando atravessava a rua para se apoderar de algumas cápsulas; saltou no ar como um coelho atingido e ficou imóvel, sangrando em cima dos jornais espalhados no pavimento.

– O raio dos putos – ouviu dizer Martín a um soldado. – Não conseguem estar quietos.

Continuou a afastar-se, enquanto procurava manter-se colado às fachadas. Depois de dobrar a esquina, viu a rua de San Francisco deserta em toda a sua extensão até à avenida Juárez. As bancadas de vendedores dominicais estavam abandonadas e deitadas por terra. À entrada de uma rua

passou um automóvel a toda a velocidade que fazia soar uma sirene e tremolava uma bandeira da Cruz Branca. Nas varandas e janelas, os moradores mais prudentes penduravam lençóis brancos, e nas casas onde viviam estrangeiros viam-se bandeiras de várias nações.

Vindo da Profesa, um sacerdote novo com batina e estola ao pescoço perguntou a Martín se era possível chegar ao Zócalo.

– Precisam de mim lá – disse ele.

Levava nas mãos um estojo dos santos óleos. A sua cara estava branca como o papel e a voz tremia-lhe. Martín desaconselhou-o.

– As balas não distinguem, padre.

– Há mortos e feridos?

– Sim, muitos.

O sacerdote hesitou, angustiado, debatendo-se entre a apreensão e o seu ministério. No fim, benzeu-se e começou a andar apressado para o Zócalo. Há sempre alguém, pensou, que vai mais além. Depois continuou em frente e chegou ao Gillow.

Foram uma tarde, uma noite e um amanhecer de rumores e de incerteza. Ao hotel chegavam notícias de todo o tipo, frequentemente contraditórias. De qualquer forma, impossíveis de verificar. Martín manteve-se a maior parte do tempo no seu quarto, assomado à varanda, a observar a cidade aparentemente deserta. Ecoavam descargas de espingardas em vários pontos e inclusivamente morteiros distantes. Deambular pelas ruas era perigoso, e havia um cadáver no cruzamento mais próximo – um mendigo atingido por uma bala perdida – que ninguém retirou senão de madrugada.

O jovem descia de vez em quando ao vestíbulo e ao bar, onde os hóspedes faziam grupinhos. Dizia-se que a central de telefones estava colapsada e que as comunicações eram difíceis, sem serviço de correios nem telégrafos. Felizmente, no Gillow havia abastecimento suficiente: o serviço era razoável e o restaurante continuava aberto. Segunda-feira de manhã, à hora do pequeno-almoço, uns *reporters* audaciosos que tinham passado a noite a percorrer o Zócalo e outros lugares da cidade trouxeram notícias concretas. Os generais Díaz, Reyes e Ruiz tinham-se sublevado contra o governo: Reyes morreu diante do Palácio Nacional, Ruiz tinha sido fuzilado e Díaz entrincheirava-se com a sua tropa na Ciudadela. A prisão militar de Santiago também estava a arder, onde tinham morrido dezenas de presos amotinados. As vítimas na cidade eram às centenas e os hospitais estavam cheios: os médicos não davam vazão a desbridar feridas, a atar artérias, a lavar e a extirpar. O chão dos corredores estava cheio de sangue.

– É como há quatro anos em Barcelona – comentou um dos jornalistas, ao saber que Martín era espanhol. – Ou no golpe republicano de Lisboa... Mas com muito mais vítimas.

– É assim tão grave?

- Uma matança. Já se fala em quatrocentos mortos.
- E o presidente? – perguntou alguém.
- Madero estava em Chapultepec quando tudo começou. Entrou no Palácio Nacional com uma escolta de militares e civis que são seus partidários. Parece que tem a situação meio controlada.
- Que é feito do general Huerta?
- Mantém-se fiel ao governo. E também o general Felipe Ángeles traz reforços de Cuernavaca... Segundo dizem, agora o importante é desalojar os rebeldes que resistem na Ciudadela. Levam para lá artilharia, para os vencerem.

A meio da manhã, depois de pensar muito, Martín decidiu arriscar. Há várias horas que não se ouviam disparos. Saiu à rua e, prudente, espreitou na esquina. O cadáver do mendigo já não estava ali: só uma mancha de sangue coagulado no chão salpicado de desperdícios, papéis amarrotados e cápsulas de bala. De um lado e do outro da avenida 5 de Mayo tudo estava silencioso e deserto: nada na direção do Zócalo nem na direção da Alameda. Procurando caminhar pelo passeio, o mais colado possível às fachadas dos edifícios, Martín foi nessa última direção. A sua sombra aparecia e desvanecia-se debaixo dos seus pés, conforme a luz. De cada vez que uma nuvem ocultava o sol, a manhã tornava-se apagada e suja, aumentando o aspeto fantasmagórico da cidade em estado de sítio. Não circulavam elétricos. As lojas, inclusivamente as de comestíveis, tinham os fechos corridos, e nas janelas e varandas continuavam pendurados os lençóis brancos e algumas bandeiras.

Perante a delegação de Espanha, sob as cores vermelha e amarela que pendiam de um mastro situado na varanda, havia dois automóveis e um piquete de soldados de rostos acobreados e fardas azuis e caquis. Martín identificou-se e permitiram-lhe a entrada. Conhecia o edifício e o secretário da embaixada, Paco Tojeira. Subiu até ao corredor do primeiro andar, ocupado por cerca de vinte espanhóis à procura de proteção: discutiam, nervosos, carregando o ambiente de conversas e fumo de cigarros, enquanto interpelavam, impacientes, os empregados que entravam e saíam pelas portas de vidro esmerilhado.

- Ai, meu Deus, Martín... És quem faltava.
- Tens cinco minutos?

O diplomata punha de lado alguns dos papéis que se amontoavam junto de um tinteiro, um suporte de paliteiros e canetas e uma máquina Underwood.

- Só tenho um. Mas durante esse minuto sou todo teu.
- Um dia mau, não é verdade?

O outro contornou a mesa, suspirando, e estendeu o ar desolado para a porta e para o corredor.

- Péssimo.

Deram um aperto de mão; Paco Tojeira tinha os dedos manchados de tinta. A barbinha loira e os óculos davam-lhe um ar perspicaz, simpático. Depois de se conhecerem há algum tempo na tertúlia das Laredo, os dois

tinham-se visto de vez em quando no café Colón e no bar da Ópera. Davam-se bem.

– Espero que não venhas pedir ajuda, proteção ou sair daqui. Terias de ir para a bicha.

– Nada disso. – Martín tranquilizou-o, sentando-se. – Só quero averiguar como vão as coisas.

O outro passou a mão pela careca bronzada.

– Estranhas... Imensos mortos, mas não me refiro a isso. Estranhas, politicamente falando. Exceto na Ciudadela, o Madero parece dono a situação, mas...

– Mas?

– É isso mesmo: mas.

A sua expressão ficara sombria. Olhou para os papéis e ergueu as mãos, evasivo.

– Os militares também estão estranhos – acrescentou. – Nem sim, nem não. Mais galegos do que a minha avó.

– E o que é que diz o Cólogan?

Ao ouvir o nome do embaixador, Tojeira encolheu os ombros.

– O meu chefe recebeu instruções de Madrid para mediar entre gregos e troianos... Hoje de manhã cedo viu o presidente, e agora está prestes a ir para a Ciudadela para se encontrar com os sublevados.

– Não condenou o golpe? – surpreendeu-se Martín.

– Não, ainda. E nisso está de acordo com o seu colega ianque e os outros. É como se toda a gente esperasse com cautela para ver quem leva o gato à água.

Recostou-se no assento, tirou um lenço e começou a limpar os óculos, olhando em silêncio para o visitante. Hesitava em dizer mais alguma coisa, e no fim pareceu animar-se.

– Deves ter cuidado, rapaz.

– Com quê?

– Diz-se que os sublevados tinham, ou têm, listas de gente afeta a Madero para fazer com eles uma limpeza.

– E então?

O outro continuou em silêncio. Olhavam um para o outro enquanto Martín digería aquilo.

– Não me chateies – disse ele. – Que faço eu numa lista?

– Atribuem-te certos antecedentes.

O jovem sorriu, amargo.

– Dos quais alguma empresa hispano-mexicana beneficiou, como sabes. Tojeira concordou.

– Pois, mas sabes o que são estas coisas, não?... Como as fazem por aqui. No teu lugar, procuraria passar despercebido.

Martín tentava não ficar desconcertado pelo vazio que se tinha formado no seu estômago.

- O Cólogan está a par?
- Foi ele quem mo disse. Na realidade, não deverias aparecer muito por estes dias. Até passar o mau tempo.
- E poderei vê-lo?
- O embaixador?
- Sim.

Depois de uma curta hesitação, Tojeira tirou o relógio e viu as horas.

– Está prestes a sair para a Ciudadela com o nosso cônsul e um militar mexicano. Dentro de cinco minutos vai-se embora. Talvez tenhas visto a sua escolta na porta.

Enquanto guardava o relógio, dirigiu a Martín um sorriso comprometido, pouco animado.

– Sai para o corredor e tenta fingir um encontro casual – sugeriu. – Ele conhece-te, e talvez te diga alguma coisa.

– Acompanhas-me?

O sorriso do diplomata ficou petrificado.

– Nem pensar.

Martín pôs-se de pé com um suspiro desalentado. Voltando aos seus papéis, Tojeira dava com o indicador umas pancadinhas no nariz.

– Tem muita atenção, hã?... Cheira-me que isto ainda não acabou.

Encontrou-se com Bernardo Cólogan mal saiu do gabinete. Acompanhado por várias pessoas que o mantinham longe de quem o importunava, o responsável da delegação espanhola ia a caminho das escadas e da rua. O jovem interpôs-se no patamar, de chapéu na mão.

– Senhor embaixador, sou Martín Garret, engenheiro da Mineira Norteña. Talvez se lembre de mim.

Cólogan parou, ignorando a mão que o jovem lhe estendia. Alto, grisalho, elegante.

– Não é boa altura – respondeu com frieza.

Martín insistiu.

– Só quero saber se um rumor é verdade.

– Que rumor?

– Há algum espanhol entre os ameaçados pelos militares rebeldes?

O outro olhou-o de cima a baixo, impenetrável.

– Que disparate! – disse.

Depois deixou de ligar a Martín. E, enquanto o grupo descia pelas escadas, o jovem reparou que um dos acompanhantes, vestido à civil, mas com aparência inequívoca de militar mexicano – sem dúvida, de coronel para cima –, erguia o rosto para lhe dirigir um olhar sinistro.

Ainda mais sinistro foi o modo como Emilio Ulúa o recebeu, quando o foi ver aos escritórios da Mineira Norteña, na avenida Juárez.

– O que é que faz aqui, Garret?

O tom surpreendeu o jovem: seco e mal-humorado. O mexicano estava à sua mesa, em mangas de camisa, com o colete desabotoado e um charuto entre os dentes. De vez em quando, olhava de soslaio para a janela do gabinete que dava para a Alameda, como se dali pudessem espreitar testemunhas incômodas. No caminho, antes de chegar, Martín tinha visto militares acampados debaixo das árvores do parque.

– É o meu local de trabalho, *don* Emilio.

– Pois é dos poucos que se apresentaram.

Não parecia um elogio, antes pelo contrário. Ulúa pôs-se de pé, dirigindo-se para a janela.

– O que é que viu no caminho até aqui?

– Ouvem-se uns tiros esporádicos, mas as ruas parecem calmas. Quase nenhuma loja está aberta e há soldados por todo o lado. Dizem que o presidente controla a situação.

– Não estou tão seguro disso.

O mexicano olhava lá para fora, de mãos nos bolsos e charuto na boca. No fim, mexeu os ombros como se neles lhe incomodasse um peso.

– Vou dar-lhe um conselho – acrescentou, grave. – Mantenha-se pouco visível e não saia até tudo se esclarecer.

Martín protestou, perplexo.

– Mas as minhas obrigações...

– As suas obrigações consistem em não complicar a vida à Norteña, nem a mim.

Por fim, Ulúa tinha-se virado para o encarar.

– Precisa de dinheiro?

– Acho que não – surpreendeu-se o jovem. – Há dias tirei o suficiente do banco.

– Notas?

– Um pouco, sim. Também pesos de prata.

– Medida prudente.

– Porque é que me diz isso?

O outro não respondeu. Seguiu-se um silêncio em que se ouviram alguns disparos isolados, distantes. Ulúa olhou novamente para fora e tocou no vidro da janela como se verificasse a sua solidez.

– Parece que se ouvem para os lados da Ciudadela – disse ele.

Ainda ficou a olhar para a rua mais um pouco. No fim virou-se, com o charuto fumegante entre os dedos.

– Saia do meio disso, Garret.

– Perdão?

– Para já, não volte aqui. Se o Madero controlar a situação e tudo voltar à normalidade, nada o deve preocupar. Mas se as coisas azedarem muito...

Era evidente que dava voltas a algo que não acabava de exprimir. Martín inquietou-se ainda mais.

– O que é que sabe que eu não sei?

O mexicano olhava para ele como se tudo fosse óbvio.

– Sobre si?

– Pois claro.

Ulúa ainda titubeou. Deu uma chupadela, deixou sair lentamente o fumo e ficou a olhar para a cinza do charuto.

– Há poucos dias, alguém, um amigo, fez-me perguntas.

– Quem?

– Isso pouco importa. Digamos que é alguém bem situado, que podia fazê-las.

Martín sentiu um calafrio desagradável. A sua boca tinha secado.

– Militar ou civil?

– Também não importa. A questão é que se interessou pela sua relação com os irmãos Madero, pela sua atuação em Ciudad Juárez... O que menos importa foram as respostas que eu lhe dei, porque as perguntas é que eram inquietantes. Entende-me?

– Não totalmente.

– Pois deveria. De qualquer forma, tem a minha palavra de que não falei mal de si. Uma coisa é não simpatizar consigo e outra é apontá-lo de má-fé.... Espero que acredite em mim.

Depois de chupar novamente o charuto, deixou sair o fumo devagar, como antes.

– Têm-no muito presente, Garret – acrescentou de repente. – A sua relação com o Raúl Madero e com a gente do Villa tornam-no suspeito. Mais do que eu julgava. – Olhava para ele, carrancudo. – Por que raio é que está a sorrir?

– Por nada em particular – respondeu Martín. – Recordo quando essas relações lhe eram úteis a si e à Norteña.

O outro resmungou rudemente.

– Como sabe, os tempos mudam.

– Sim, sei.

– E com eles, as circunstâncias.

– Sem dúvida.

Ulúa voltou para a sua mesa e sentou-se. Agora evitava o olhar de Martín. Com muito cuidado, quase delicadamente, deixou cair a cinza do charuto no cinzeiro de bronze do *charro* a cavalo.

– No México mata-se facilmente – disse ele com repentina brusquidão. – Já verificou isso. Se eu estivesse no seu lugar, sairia daqui antes que as coisas se compliquem.

– Parece-me que já estão complicadas.

– Quero dizer, que se compliquem mais para si... Seria prudente apanhar o comboio para Veracruz, embora talvez estejam a controlar os passageiros. De qualquer forma, eu refugiar-me-ia na delegação espanhola até ficar tudo esclarecido.

– Acabo de vir de lá.

Ulúa olhou para ele, com súbito interesse.

– E que tal?

– Não estavam felizes por me verem.

– Também eu não estou... Mas eles têm a obrigação de o proteger.

– Não me consideram prioritário nas suas obrigações.

– Caramba! – O mexicano mostrava-se aliviado, como se aquilo diminuísse a sua própria responsabilidade. – Os compatriotas também não querem saber de si.

– É o que parece.

– E, então, o que é que vai fazer?

– Ir para o meu hotel e esperar.

Ulúa assentia, aprovando a ideia. Indicou a porta.

– Desejo-lhe sorte... Agora, vá-se embora.

Martín recolheu alguns documentos do seu gabinete e saiu para a rua. O céu continuava a alternar sol e nuvens, e nesse momento era cinzento. Passou junto dos soldados acampados na Alameda que olharam para ele, indiferentes. As espingardas estavam postas em pé apoiando-se umas nas outras e uma metralhadora apontava para o cruzamento com a Balderas. Junto do monumento a Juárez, viu duas peças de artilharia cobertas com lonas.

Até ao Zócalo, a San Francisco estava deserta e tudo continuava fechado: nem viva-lma à vista. Martín caminhou prudentemente, colado às fachadas, procurando não ficar a descoberto. Os seus passos ecoavam na rua vazia. A nuvem continuava a cobrir o sol, e aquela luz imprecisa que acinzentava a cidade causava-lhe um estranho desamparo. Um medo novo, repleto de solidão e de frio, que nunca tinha sentido antes.

15. Letra de uma canção de Jorge Negrete, que continuava dizendo *y ahora dormirá en el suelo como cualquier animal*. Já caiu a arvorezinha onde dormia o pavão, e agora dormirá no chão como qualquer animal. (N. dos T.)

10. A estrada de Veracruz

Ouviram-se pancadas na porta. Impacientes, rápidas. Os empregados do hotel não costumavam bater daquele modo. Martín, que estava a trabalhar na mesa situada junto da porta de vidro da varanda, largou a caneta e ergueu a cabeça, surpreendido. As pancadas repetiram-se, por isso pôs-se de pé. Estava em mangas de camisa e por barbear. Do outro lado das cortinas semicerradas, o dia apagava-se e as sombras crescentes limitavam a claridade no céu ainda nacarado e amarelo.

Enquanto se dirigia à porta, o jovem reparou no silêncio. Isso era insólito. Durante todo o dia tinham-se ouvido disparos e morteiros em diversos lugares. Agora, de repente, reinava uma estranha calma que, por contraste, estava longe de ser tranquilizadora. Tinha acontecido o mesmo em dias anteriores: pausas enganosas, falsas esperanças antes de tudo começar de novo. Uma cidade em estado de sítio.

Diana Palmer estava à porta: vestido cinzento de viagem, chapeuzinho negro, cabelo apanhado na nuca. Tinha halos escuros de tensão e fadiga sob as pálpebras. As suas feições angulosas, duras, pareciam mais crispadas do que o habitual.

– Prenderam o presidente, e também o seu irmão Gustavo. O general Huerta e o exército passaram-se para os rebeldes.

Disse aquilo ao mesmo tempo que entrava no quarto e Martín fechava a porta. Este olhou para a norte-americana, aturdido.

– Como é possível?

– Não sei como, mas aconteceu. Tropas do 29.º Batalhão entraram no palácio presidencial e prenderam Madero e vários ministros. Quanto a Gustavo, o próprio Huerta o tirou do Gambrinus de pistola apontada, onde estavam a comer juntos... Há o rumor de que o fuzilaram, ou o vão fuzilar.

– O presidente?

– O irmão.

– Mas o general Huerta era leal...

– Fingia sê-lo. Dizem que era tudo uma pantomima enquanto preparava o verdadeiro golpe. Que estava de acordo desde o princípio com os rebeldes

da Ciudadela, e que por isso não fez nada a sério para a tomar.

– Como é que sabe tudo isso?

– Não me faça perguntas idiotas. Incendiarão o único jornal verdadeiramente fiel a Madero, *La Nueva Era*... Isto já não dá a volta.

– E o que faz aqui?

– No seu quarto... Vim preveni-lo. Pelos vistos, há listas negras de gente a deter, e o seu nome figura nelas.

A mulher atravessou o quarto com desenvoltura, indo até à janela. Ali abriu a porta de vidro e abeirou-se um pouco da varanda, observando a luz decrescente. Lá fora continuava o silêncio.

– Não acredito que corra perigo imediato – disse ela. – Vai cair muita gente, receio, antes de se ocuparem de si. Mas tal como é costume dos militares, mais cedo ou mais tarde chegará a sua vez.

Tinha-se virado para ver Martín.

– Eu também estou nessas listas.

Fechou a porta de vidro e passeou o olhar pelo quarto, fixando cada pormenor: os livros em cima da mesa, o baú de viagem posto num canto, a cama, os objetos em cima da mesinha de cabeceira, a sua própria imagem no espelho da porta do armário.

– Pelo que sei – acrescentou passado um momento –, o Huerta não perdoa os meus últimos artigos, onde o menciono com pouca simpatia. Não gostou nada daquilo do *rostro de índio cruel e pouco confiável*... E menos ainda de *os seus melhores amigos chamam-se Martell e Hennessy*.

– Isso foi uma imprudência – fez notar Martín.

– Não seja estúpido.

Ficaram a olhar um para o outro, calados. No fim, ela encolheu os ombros.

– Vou-me embora da cidade. A estação de comboio está bloqueada pelos militares, mas tenho um automóvel com um motorista contratado para três dias. E também um salvo-conduto da minha embaixada. Esse filho da puta do Henry Lane Wilson não pôde negar-mo. Prefere ter-me longe, salvando a sua responsabilidade.

Martín abanava a cabeça, confuso.

– Continuo sem perceber...

– Então perceba isto: dou-lhe quinze minutos, se quiser acompanhar-me. O automóvel com a minha bagagem espera junto da Profesa.

– Acompanhá-la? Para onde?

– A minha primeira intenção era dirigir-me para o Norte, para a fronteira; mas a passagem mais próxima é Piedras Negras, e até lá há mil e quinhentos quilómetros. Por isso, vou tentar a sorte em Veracruz.

– Um barco?

– Sim, qualquer um que me tire do México. Saio para lá esta mesma noite, antes que tudo vá para a *chingada*, como dizem aqui... Vem comigo?

O jovem ficou surpreso.

– Porquê eu?

– Também está em perigo. Além disso, você agrada-me. E uma mulher acompanhada viaja mais segura do que sozinha.

Desta vez foi ele quem passeou o olhar pelo quarto.

– Quinze minutos, diz.

– Já só tem dez... Decida.

Martín fazia cálculos rápidos. Prós e contras. Uma mala, concluiu, podia chegar: alguma roupa, estojo de higiene, dinheiro. Talvez o revólver. O resto que fosse para o diabo, também não se importava muito com isso.

– Espere por mim no carro. Vou consigo.

Diana ainda olhou para ele um instante, pensativa. Muito séria. Depois concordou e encaminhou-se para a porta.

– Espere – reteve-a. – Tenho de lhe pedir uma coisa.

– A paisagem não está para caprichos.

– Antes de sair da cidade, preciso de que paremos no Paseo de la Reforma.

A norte-americana fez um gesto impaciente.

– Receio que não esteja a compreender a situação. O tempo urge.

– Fica no nosso caminho, e será só um momento. Tenho de me despedir de uma pessoa.

– É absolutamente necessário?

– É.

– Cinco minutos, então – concordou ela novamente. – Nem mais um... Se demorar, irei sem si.

.

Quando o automóvel parou junto do café Colón, Martín atravessou a avenida deserta e caminhou sob os espessos ramos dos carvalhos até à casa de estilo neocolonial dos Laredo. Havia dois vigilantes armados no gradeamento. Um criado franqueou-lhe a entrada e viu-se de chapéu na mão no largo átrio de pedra escura. Ninguém o convidou a sentar-se nem a ir mais além. Tinha perguntado por Yunuen, mas foi a tia quem veio ao seu encontro. Apesar de sempre mostrar simpatia por ele, não parecia feliz por o ver ali.

– Vim despedir-me – disse ele.

Pelas feições de dona Eulalia passaram sentimentos diversos: surpresa, primeiro, e satisfação, depois. Uma expressão cortês de circunstâncias impôs-se por fim.

– Vai, então, de viagem?

Aquele repentino tratamento por *você* destoava. Há muito que a tia de Yunuen tratava Martín por tu, como a outros jovens de confiança, amigos da casa.

Ele sorriu, amargo, ao notar aquilo.

– Não tenho outro remédio... Deixo a cidade.

– Regressa ao Norte?

– Por agora, não sei para onde vou.

Seguiu-se um silêncio curto e embaraçoso. Dona Eulalia tocava nas pulseiras, incomodada, desejando terminar a conversa.

– Creio que faz bem em ir-se embora. Pelo que dizem, os acontecimentos políticos...

– Gostaria de ver a sua sobrinha. Será só um momento.

O olhar da mulher arrefeceu mais. Examinava o fecho de uma pulseira de ouro como se desconfiasse da sua solidez.

– O meu irmão está fora de casa.

– Por favor, apresente-lhe os meus respeitos quando regressar. De quem desejo despedir-me é da Yunuen.

– Não creio que seja necessário. – Mostrou-lhe um sorriso forçado. – Regressará em breve, imagino.

– Isso não sei.

– Direi à minha sobrinha que esteve aqui. Estes dias a pobrezinha anda muito nervosa, com tanta barbaridade e tanto sobressalto... É muito jovem e impressionável.

Martín ergueu a mão.

– Dona Eulalia.

– Diga.

– Não sei quando voltarei a esta cidade, e nem mesmo ao México. Depois do incidente com Jacinto Córdova, o seu irmão pediu que me mantivesse longe da Yunuen, e assim fiz. Mas agora vou-me mesmo embora, e não sei por quanto tempo. Também não sei o que será de mim. Por isso, não posso ir-me embora sem trocar umas palavras com ela. O futuro...

A voz de Eulalia Laredo endureceu.

– Martín, a Yunuen não faz parte do seu futuro. Nem você do dela.

Ele sorriu, paciente, pois já esperava aquilo.

– Prefiro que mo diga ela.

– Não creio que a minha sobrinha...

Ouviu-se uma porta a entreabrir-se. O jovem olhou e viu Yunuen na porta semiaberta, atrás da qual ela assomava sem franquear o umbral. Tinha um vestido escuro e leve que ressaltava a claridade do seu olhar mineral. Martín deu um passo em direção a ela e notou que dona Eulalia o retinha por um braço.

– Vou-me embora, Yunuen – disse ele com vivacidade. – Vou para longe e não tenho outro remédio.

A tia continuava a retê-lo. A jovem mantinha-se imóvel, a observar Martín sem descolar os lábios. O azul quartzo nos seus olhos parecia sereno. Inalterável. Não encontrou neles qualquer emoção visível.

– Se eu regressar, quero que saibas...

Yunuen fechou a porta devagar, sem deixar de olhar para ele, enquanto as palavras morriam nos lábios de Martín. E ela desapareceu assim do seu olhar.

A tia soltou-lhe o braço.

– Deverias compreender a nossa situação – disse ela.

Voltava a tratá-lo por tu e o seu tom era agora menos frio. Mas já tanto fazia. O jovem sentia um estranho vazio no estômago. Assentiu com a cabeça, afirmativo, sem fazer qualquer comentário. Depois deu meia-volta e saiu da casa.

Diante dos faróis, a estrada parecia sinuosa e incerta. A luz ziguezagueante iluminava a estrada de gravilha e terra, as curvas, as árvores e as rochas desprendidas com as últimas chuvas. O automóvel, um Peerless 25 em bom estado, avançava rapidamente, entre trinta e quarenta quilómetros por hora. O pó, perceptível na penumbra e à contraluz, penetrava sob a capota incomodando Martín e Diana Palmer, que iam nos bancos de trás. O motorista mexicano, um tipo loquaz chamado Silverio, manejava com habilidade o volante, o travão e o acelerador.

– Durmam se puderem, não se inquietem – tinha dito ao começar a marcha. – Sou de Tlaxcala e conheço o caminho... Se não tivermos avarias nem furos, se Deus quiser, amanhã à noite estaremos em Veracruz.

Tinham saído já de noite, com uma facilidade espantosa, deixando para trás dois postos de controlo militar onde o salvo-conduto da norte-americana facilitou as coisas. E agora, o automóvel, com oitenta litros de gasolina de reserva em dois bidões amarrados na parte traseira junto das malas e da roda sobresselente, percorria os quase quinhentos quilómetros de estrada que separavam a Cidade do México, capital, de Veracruz.

– Descansem, senhores – insistia o motorista, voluntarioso. – Durmam o que puderem, que eu ocupo-me disto.

Seguir o seu conselho não era fácil. Ao incómodo do pó juntavam-se as buzinas que Silverio dava nas curvas quase sem visibilidade, que eram muitas, e as canções mexicanas que ele cantarolava para se manter acordado:

*Díjome una mariposa
que no fuera bandolero,
que no me casara chico
y viera el mundo primero.*¹⁶

Diana, sonolenta, tinha tentado acomodar a cabeça no ombro de Martín, mas o sacolejar do automóvel incomodava-a. O jovem experimentou tirar o casaco e colocá-lo como almofada, mas isso não melhorou as coisas.

– Deixe lá – disse ela, por fim, erguendo-se.

Martín voltou a vestir o casaco que agradeceu, porque, além do pó, pela capota entrava o frio noturno.

– Onde estamos, Silverio? – perguntou Diana.

– Mais perto do que longe de Texmelucan, minha senhora. A uns sessenta quilómetros de Puebla.

– Esta estrada é perigosa.

– Ai, não nos queixemos, senhora... Há piores.

Às vezes o automóvel passava junto de cabanas isoladas ou aldeiazinhas que na escuridão pareciam lugares fantasmagóricos. Não havia presença humana nem qualquer luz, exceto a dos faróis e do escasso luar que espreitava entre os rasgões de um céu negro, com poucas estrelas.

Silverio continuava atento à condução. Com uma oportuna travagem, evitou um cavalo parado na estrada, aparecido de repente por entre as sombras. Os pneus levantaram gravilha que bateu nos guarda-lamas com repique de metralha.

– *Híjole!* – disse ele.

Mas não perdeu o controlo do volante. Ultrapassado o obstáculo, acelerou outra vez, assobiando uns compassos da canção de antes. No fim dirigiu-se aos seus passageiros.

– Sabiam que por este caminho os espanhóis foram de Veracruz a Tenochtitlan?... Ouçam, por aqui mesmo. Sem automóvel nem nada. A pé e a cavalo, como esse que estivemos prestes a rebentar, e a nós com ele.

*Le dije a una mariposa
de las que hay en el Parián:
si no fueras cautelosa
jugaríamos un conquían
con tu baraja preciosa.*¹⁷

O motorista cantarolava de novo, atento à estrada, mas interrompeu-se passado um momento.

– O senhor é espanhol, não é verdade?

– Sou – respondeu Martín.

– Ah, que bom! Porque eu, aqui onde me vê, sou malinchista. De Tlaxcala, como lhe disse. De lá eram os índios que lutaram ao lado dos espanhóis contra Moctezuma, que os mantinha oprimidos... Não sabiam, pois não?

– Claro que sim – respondeu o jovem. – Os fiéis aliados de Cortés.

– Bem verdade, sim senhor. Fiéis e mais do que fiéis.

O motorista ria-se, satisfeito. E falou mais uma vez.

– Como tlaxcalteca, gosto de levar um espanhol... Porque, com perdão da senhora pelas palavras, em conjunto eles e nós, ou seja, você e eu, lixámos esses cabrões todos.

Depois de cinco horas de viagem, passado o cruzamento de Puebla, Silverio parou o automóvel numa pousada à beira da estrada.

– Tenho sono, minha senhora, e isso não é bom... Também vos fará bem descansar um bocadinho.

Enquanto o motorista enchia o depósito de gasolina e fazia a revisão do óleo e dos pneus para retomar a viagem ao amanhecer, Martín e Diana jantaram uma *sopa de tortilla* e uns *tamales* frios que a sonolenta estalajadeira lhes serviu. Só havia um quarto para descansar: um cubículo de paredes sombrias, cujo único móvel era uma cama com um enxergão de folhas de milho e uma manta malcheirosa e velha.

– Podia ser pior – ironizou a norte-americana, resignada.

Deixaram as malas no chão, tiraram a manta e deitaram-se vestidos ao lado um do outro, à luz escassa de uma vela de sebo que ardia encaixada numa garrafa. Apesar do cansaço, o sono chegava com dificuldade a Martín, pois eram muitos os acontecimentos e as sensações que se atropelavam na sua cabeça.

– Não consegue dormir?

– Não.

A Diana, que muitas vezes respirava com força, agitando-se para mudar de posição, parecia acontecer-lhe o mesmo. Acabaram a conversar em voz baixa, Martín com os olhos fechados, de vez em quando abertos para observar as vigas escuras do teto, iluminadas apenas pelo brilho trémulo da vela.

– O que é que vai fazer quando chegarmos a Veracruz? – perguntou ela.
– Vai embarcar para Espanha?

– Não sei.

– Numa altura destas, já deveria ter pensado nisso.

– Não é fácil.

– Pois, claro... Calculo que não seja.

– E você?

– Para mim é simples. Pus-me em contacto com o cônsul dos Estados Unidos de lá. Há um barco que vai para Nova Orleães, com escala em Corpus Christi, no Texas... Sai depois de amanhã, e tenho a passagem reservada.

Ficou calada. Continuavam deitados lado a lado, sem se tocarem. Só nalguns momentos tinham chegado a roçar-se nos ombros ao mexerem-se.

– Também talvez você devesse apanhar esse barco, que de Nova Orleães segue viagem para Havana – prosseguiu ela. – Ou qualquer outro que vá para Espanha... Não sei durante quanto tempo Veracruz será um lugar seguro.

– Talvez já não seja – fez notar Martín com calma.

– Talvez não, é óbvio... No porto há barcos de guerra para protegerem os súbditos norte-americanos. Mas não sei se isso inclui outras nacionalidades.

– Ainda tenho tempo para decidir para onde irei.

– Que alternativa tem?

Martín não respondeu logo. Pensava, tentando esclarecer as suas

próprias ideias.

– Sinto curiosidade – respondeu, por fim.

– Curiosidade?

– Sim... Não gosto de me ir embora sem mais nem menos, deixando tudo para trás. Por resolver.

Diana ouvia com atenção, admirada.

– E o que é que pode resolver aqui?

Martín manteve-se em silêncio, olhando para as vigas do teto.

– Está frio – murmurou ela.

– Sim, muito.

– Não quero pôr em cima de mim essa manta asquerosa... Poderíamos aproximar-nos mais um do outro, não acha?

– Tem razão.

Diana aproximou-se, encostando o corpo. Ele passou-lhe um braço pelos ombros e ela apoiou a nuca, acomodando-se no seu peito em jeito de almofada. Os seus membros eram longos e duros, mas também flexíveis, firmes, de contacto agradável. Afinal, ela era uma mulher, pensou Martín. Nunca até então tinha pensado nela dessa forma, ou não muito; mas descobriu que gostava de a abraçar. Sentia, satisfeito, o seu cheiro tão próximo, mistura de sujidade da viagem, aroma de suor e carne cansada.

– Está melhor assim?

– Oh, claro.

Estiveram algum tempo imóveis, ouvindo a respiração um do outro. Depois ela falou.

– No outro dia, disse uma coisa que me deixou intrigada... Geometria, na altura do terramoto. Lembra-se?... Algo assim como que tudo era uma questão de geometria.

– Realmente não é difícil – respondeu Martín com simplicidade. – Assim que nos aproximamos do tabuleiro, é fácil intuir as regras.

– Intuir?

– É isso.

– Regras? Tabuleiro?... De que é que fala?

– Do jogador oculto. Ângulos, retas e curvas.

Disse-o com frieza quase técnica e encolheu os ombros.

– Formigas – concluiu – debaixo da bota de um acaso desprovido de sentimentos.

Diana estava espantada. Pareceu estremecer.

– É o que tem na cabeça enquanto foge para Veracruz para que não o matem?

Martín sorriu. Era a sua dívida para com o México. Talvez a sua dívida para com a vida; para com o outro lado da vida que começava a espreitar – ou melhor, já o fazia há algum tempo, desde Ciudad Juárez – de um modo nunca imaginado até então. Era possível ser feliz, decidiu de repente, com íntimo desconcerto, mesmo no perigo e no caos. Mesmo a passar frio numa pousada

reles, ao lado de uma mulher que mal conhecia e com um revólver no bolso.

Ela tinha-o sentido ao abraçar-se a ele.

– Traz a arma? – sussurrou, surpreendida.

Também não respondeu àquilo. A norte-americana observava-o agora com mais atenção. O seu rosto estava muito perto do dele e a sua respiração roçava-lhe no queixo por barbear. Sentiu desejos de apertar mais aquele corpo ossudo, duro, também flexível e atraente. Diana pareceu aperceber-se, notando a repentina tensão dele.

– Deveríamos – disse afastando-se ligeiramente – dormir um pouco.

Martín fechou os olhos. Acho que não voltarei a Espanha, pensava, sereno. Se, de alguma forma, conseguir embarcar em Veracruz, ainda não sei quando nem por onde, regressarei ao México.

.

Voltaram ao automóvel mal amanheceu, viajando sob um céu cada vez mais cinzento entre colinas, desfiladeiros e bosquezinhos poeirentos, e, ao subirem às alturas conseguiram ver o Cofre de Perote e o vulcão Citlaltépetl, que se elevavam azuis e plúmbeos, ao longe. Pouco depois do meio-dia, a estrada começou a enlamear-se sob um chuvisco intermitente. E a setenta quilómetros de Veracruz, junto de uma casinha de cantoneiros, encontraram um controlo militar.

Ao pararem verificaram que não eram soldados, mas sim *rurales*. Estavam mal-humorados por se encontrarem à intempérie, com a água a reluzir nos seus capotes de lona. E não foram simpáticos. Enquanto dois deles apontavam para os viajantes e para o motorista com carabinas, um sargento apreensivo aproximou-se pelas traseiras do carro e pediu os documentos. O seu hálito cheirava a álcool. Entregaram-lhe as cédulas pessoais e o salvo-conduto da embaixada norte-americana, e o *rural* observou tudo pormenorizadamente.

– Espanhol – concluiu, olhando para Martín.

– Assim é – respondeu este.

Tinha o revólver escondido debaixo do banco e procurava mostrar-se tranquilo, aparentando normalidade.

– Para que é que vai para Veracruz? – inquiriu o sargento.

– Assuntos de trabalho.

– E a senhora?

– Tenho um encontro com o cônsul norte-americano – respondeu ela. – E, como vê, temos um salvo-conduto em ordem.

O rosto moreno e com bigode, salpicado de gotinhas de chuva, tinha-se tornado desconfiado. Apontou para Martín.

– O senhor não tem salvo-conduto de nenhuma embaixada.

– Não é necessário – disse ela. – Até agora, tudo o que...

– Saíam do carro.

– Desculpe?

– Apeiem-se, já lhes disse.

Obedeceram. O motorista mantinha-se imóvel, com as mãos em cima do volante e sem abrir a boca, procurando passar inadvertido: o malinchista transformava-se em simples mexicano. Os *rurales* conduziram Martín e Diana até à casinha e mandaram-nos entrar, ficando eles de fora. Lá dentro não havia mais do que uma mesa desconjuntada, quatro cadeiras, um catre, caixas de munição, duas garrafas de *pulque* e um candeeiro de querosene. Cheirava a fechado, a beatas velhas de tabaco e a roupa húmida suja.

– Sentem-se.

Obedeceram novamente. O sargento tinha tirado o capote, sacudindo a água, antes de ocupar uma cadeira do outro lado da mesa. Verificou outra vez os documentos, abriu uma caderneta, afiou um lápis com uma navalha e recostou-se na cadeira, olhando para eles. Sobreretudo para a mulher.

– Vocês não vão além de Rinconada. Têm de regressar à cidade do México.

Martín estremeceu.

– Voltar para trás?

– Isso mesmo. Não posso autorizá-los a prosseguir. Com a senhora – olhou para ela brevemente – ainda tenho as minhas dúvidas, porque tem um documento de viagem... Mas para si vejo a coisa preta.

– Isso é um disparate.

O sargento observou-o, sinistro, com maus modos.

– Eu sou a autoridade, senhor. – Havia pouca amabilidade no *senhor*. – E se lhes digo para regressarem, é mesmo para regressarem e não há mais conversa... Entende-me?

O jovem ponderou os prós e os contras. Conhecia os mexicanos, e aquele não era o caminho. Decidiu recuar.

– Desculpe... Como vê, sou espanhol. Um *gachupín*, como nos chamam aqui. – Sorriu um pouco, mas a expressão perdeu-se no vazio. – Não conheço os costumes.

– Os costumes são vocês voltarem por onde vieram.

Martín tentou pensar a toda a pressa. Trazia dinheiro que talvez resolvesse o problema, mas que também se podia virar contra ele. Tudo dependia da cobiça daquele indivíduo; conformar-se com uma quantia razoável ou, aproveitando a conjuntura, querer ficar com tudo. Afinal de contas, pouco o comprometeria, em tempos como aqueles, dizer depois que o automóvel não tinha parado no controlo e que o tinham parado aos tiros. Ou atribuir a culpa a um ataque de bandoleiros. Nenhum dos seus homens o ia desmentir.

O sargento olhava para Diana, e a sua rudeza pareceu relaxar um pouco. Apontou para uma das garrafas.

– Um pulquezinho, senhora?

– Não, muito obrigada.

– Ande lá, vai-lhe tirar o frio... A sério que não?

– A sério.

Só o dinheiro resolveria aquilo, concluiu Martín. Não havia outra forma senão arriscar. Tentou calcular a quantia exata, nem pouca nem demasiada, que resolveria o problema. O que devia pôr em cima da mesa com as precauções adequadas: uma combinação tática complexa de audácia e de manha que deixasse o orgulho e a cobiça do fulano satisfeitos.

Estava prestes a falar quando Diana se virou para ele.

– Deixa-me sozinha com o senhor sargento.

Martín surpreendeu-se. Era, além disso, a primeira vez que ela o tratava por tu.

– O quê?

– Sai para tranquilizar o motorista. Diz-lhe que já iremos.

Mostrava-se muito séria e serena. O jovem olhou para o sargento, que ouvia imóvel, inexpressivo como uma máscara indígena.

– Não acho que... – começou Martín a dizer.

Ela interrompeu-o, hierática. Fria.

– Sai, por favor. Espera por mim com o Silverio.

Martín levantou-se muito devagar, desconcertado. O sargento continuava a observá-lo, e não afastou os olhos dele enquanto não abriu a porta e saiu com os *rurales*, debaixo da chuva que se intensificava.

*

Fizeram os últimos quilómetros até à costa pela estrada enlameada, parando de vez em quando para que Silverio limpasse as salpicaduras de lama e água no vidro do para-brisas. O motorista tinha emudecido; já não cantava nem abria a boca. Sentados lado a lado, chocando ombro com ombro quando o automóvel saltava em cima das poças e dos buracos, Martín e Diana mantinham-se em silêncio, olhando pelas janelas para a paisagem que as nuvens baixas velavam de bruma cinzenta. Nenhum deles tinha feito comentários sobre o incidente com os *rurales* desde que a norte-americana saíra da casinha e entrara no automóvel enquanto o sargento ordenava aos seus homens que levantassem a barreira.

Ela tinha as mãos cruzadas sobre a saia e olhava lá para fora com obstinação. Martín sentiu necessidade de quebrar aquele silêncio. Sentia um mal-estar incómodo: uma espécie de rancor vago, irracional.

– Tens o vestido mal abotoado – disse ele, por fim, em voz baixa.

Era verdade. Um botão da parte superior não estava na casa correspondente. Depois de um momento imóvel, como se não tivesse ouvido, sem deixar de olhar pela janela, Diana tocou no peito, soltou o botão e voltou a ajustá-lo.

– Talvez tivesses podido continuar sem mim – comentou o jovem.

Ela demorou a responder. Fê-lo, por fim, fria, sem inflexões. Num tom opaco.

– Suponho que sim. Que tivesse podido.

– Acho que...

– Não tem importância nenhuma o que tu aches.

Era ainda de dia quando entraram em Veracruz. Continuava a chover e a cidade tinha um aspeto desolado e triste.

Mais do que um hotel, o Paraíso era um oxímoro. Quase uma pensão reles com corredores estreitos e sujos, retretes coletivas e uma absoluta falta de higiene. Mas aquilo era melhor do que nada. Os hotéis Diligencias, Imperial e México estavam cheios; não havia outro lugar com quartos disponíveis, pois a cidade estava repleta de refugiados e encontrar alojamento era quase impossível. Considerando-se afortunados, Martín e Diana tinham conseguido um quarto com varanda para o exterior, situado diante do porto: um quarto pequeno mobilado com uma bacia, uma cómoda desconjuntada e uma única cama com um mosquitoeiro cheio de buracos. O rececionista do hotel, um tipo sujo e de barba por fazer, que arrancava remelas atrás de uma mesa coberta de moscas esmagadas, tinha-se mostrado indiferente ao inscrevê-los no registo como senhor e senhora Garret.

– E fico bem com um colchão no chão – disse Martín ao chegar lá acima.

– Não sejas parvo... A cama é grande e cabemos os dois.

Assomaram à varanda, sem desfazerem ainda a bagagem, e durante um bocado contemplaram calados a baía como se isso atenuasse, ou adiasse, a intimidade da situação. A luz decrescente escurecia as nuvens e o mar cor de chumbo, dando contornos fantasmagóricos ao antigo forte espanhol do boqueirão e às silhuetas dos barcos fundeados ali perto, cujas luzes brilhavam amortecidas entre coberturas de chuva cinzento.

Foi a norte-americana quem quebrou, por fim, o silêncio.

– É tarde para ir ao consulado... Procuremos algo para jantar. Estou esfomeada.

– Não há recolher obrigatório?

– Aqui, não. – Depois de apanhar o cabelo com ganchos, Diana tirara o xaile da mala e colocava-o na cabeça e nos ombros. – Veracruz é um porto internacional... Vamos.

Encontraram uma casa de pasto perto da câmara municipal. Jantaram caranguejo recheado e um guisado de peixe e puderam acompanhá-lo com uma garrafa de vinho. Mal conversaram enquanto comiam, nem mesmo quando caminharam depois debaixo das arcadas da rua Lerdo, resguardando-se das pingas de água que envernizavam o empedrado refletindo as escassas luzes elétricas. Iam ao lado um do outro, cada um absorto nos seus pensamentos: dois silêncios prolongados e quase incómodos. De repente, Diana suspirou e parou.

– Preciso de uma coisa mais forte do que esse vinho que bebemos.

Olhava para um estabelecimento de bom aspeto, até mesmo elegante, situado do outro lado da rua. Petit Paris, anunciava o letreiro no dintel. Dois

grandes candeeiros dourados iluminavam a entrada.

– Nas *cantinas* não permitem a entrada a mulheres – objetou Martín.

– Nesta, sim, conheço-a. Já aqui estive antes... Vamos.

Entrou, decidida, precedendo o jovem, e pareceu terem acedido a outro mundo: gente animada, barulho de conversas em várias línguas, fumo de cigarros, música de pianola. Numa mesa próxima havia oficiais da marinha norte-americanos de uniforme. O estabelecimento não era uma simples *cantina*, mas sim um café e venda de bebidas moderna, mais francês do que mexicano: espelhos *art déco* e quadros de paisagens europeias nas paredes, um bonito balcão de zinco, mesas de mármore, cadeiras de palhinha e empregados de mesa com longos aventais brancos. Os globos de luz elétrica criavam um ambiente cálido, acolhedor.

– Esqueçamos o México por um bocado – disse Diana, satisfeita.

Ocuparam uma mesa. Estava calor. Desenvolta, ela pediu dois *mitjulp* e sorriu perante o desconcerto de Martín.

– Não conheces?

– Não – confessou este.

– Pois são especialidade da casa... Se não te convencer, eu bebo também o teu.

Chegaram as bebidas. Martín examinou o conteúdo da sua taça, que parecia meio líquido e meio sólido, ocupado por umas ervas semelhantes à salsa. O seu aspeto recordava-lhe o chá mouro. Perguntou se aquilo se bebia, se comia ou se chupava, suscitando o riso de Diana.

– É menta, vinho de Jerez e açúcar queimado. Prova.

Martín obedeceu. O *cocktail*, ou lá o que fosse, estava muito bom. Pediram mais dois ao empregado de mesa e olharam um para o outro sorridentes, satisfeitos. As últimas vinte e quatro horas, a estrada da capital federal para Veracruz, os incertos dias anteriores, pareciam agora distantes. Na pianola ouvia-se *J'ai tant pleuré*.

– Já decidiste o que fazer? – quis ela saber. – Refiro-me a amanhã.

– Ainda estou a pensar.

Diana bebeu um golo e pousou a taça na mesa. Olhou em volta e baixou a voz.

– O Huerta é uma besta. Estou convencida de que estes dias de sangue são só um aperitivo.

Ficou imóvel, a olhar para a mala com desagrado.

– Esta noite apetece-me muito um cigarro – tirou a boquilha da mala. – E tu não fumas, claro.

Martín olhou em redor.

– Achas que é correto fazê-lo aqui?

– Porque sou mulher?... Ai, meu Deus. Além disso, estamos em Veracruz.

Ele fez o gesto de chamar um empregado de mesa; mas Diana pôs-se de pé, decidida, e sem vacilar dirigiu-se à mesa dos marinheiros norte-

americanos. Martín não conseguiu ouvir o que diziam, mas viu que ela conversava com desenvoltura e eles riam-se, simpáticos, convidando-a para se juntar a eles. Recusou com a cabeça e apontou para Martín, enquanto dizia algo que os fez rir novamente. Um ofereceu-lhe um cigarro escuro e estreito, e Diana colocou-o na boquilha e inclinou-se para o acender, enquanto outro dos oficiais lhe dava lume.

– Rapazes simpáticos – disse ela ao regressar e ao sentar-se. – São do cruzador *Tacoma*, que está fundeado na enseada.

Martín olhava com uma mistura de curiosidade e receio. No fim, moveu os ombros num gesto ambíguo.

– Não costumo dar conselhos, sabes?... Não é o meu trabalho. Sou só uma viajante que olha e depois conta o que vê.

O jovem concordou.

– Mas?

– Há que saber quando abandonar uma coisa – respondeu Diana. – Refiro-me a pessoas ou lugares.

Afastou a boquilha, enquanto levava a taça aos lábios.

– És jovem. – Bebeu outro golo. – Tens um futuro.

– Não tenho a certeza. Pelo menos, dessa palavra.

– Não compreendo... O que é que te prende ao México? – Examinava-o com atenção. – A esta terra criminosa e dispatada?

– Aqui descobri coisas.

– Sobre o quê?

– Sobre as pessoas e sobre mim mesmo.

– Valha-me Deus.

– Há muitas maneiras de nos tornarmos adultos. Talvez eu não o fosse.

– Também há muitas maneiras de nos tornarmos infantis. É uma especialidade masculina, parece-me.

Parou por momentos, chupou a boquilha e deixou sair o fumo enquanto contorcia a boca numa expressão trocista e severa.

– O México não é uma brincadeira, Martín. Aqui morre-se.

Tinham terminado a bebida. Pediram mais duas taças e mantiveram-se calados a ouvir a música. Agora ouvia-se *Le temps des cerises*.

– Falas francês? – perguntou ela.

– Muito pouco.

Ouviu-a cantarolar em voz baixa, quase pensativa, embalando o corpo ao ritmo da música:

Mais il est bien court

*Le temps des cerises...*¹⁸

Calou-se quando chegou o empregado com a bandeja elevada: e, com as

duas taças na mesa, falou novamente.

– Vocês, os homens, são seres estranhos. A vossa capacidade de brincar é espantosa... É como se durante toda a vida, mesmo envelhecendo, nunca conseguissem renunciar a ela.

Parecia refletir sobre as suas próprias palavras, ou talvez só continuasse atenta à música. Depois provou a bebida e fez uma expressão de satisfação.

– Está muito bom. A sério que gostas?

Martín bebeu. Era o terceiro *mitjulip*, e sentia-se bem. Uma suave euforia lúcida.

– Brutalmente infantil, sim – insistiu Diana de repente. – É a definição correta.

– É assim que nos vês?

– Tenho os meus motivos... Vocês são desajeitados, imaturos e cruéis. Com os vossos códigos absurdos de grupo e as vossas lealdades perversas.

– Não acontece o mesmo às mulheres?

– De todo. – Riu-se seca, fria. – Nós estamos apegadas ao real. Somos mais práticas. Nunca viste duas crianças pequenas, menino e menina?... Ele costuma ser um pedacinho de carne estúpido que se diverte com qualquer coisa. Ela é uns olhos que veem, que calculam. Antes de ter uso da razão, já sabe que entra num território hostil. Por isso, fá-lo cautelosa, avaliando tudo. Com uma lucidez instintiva que o seu irmãozinho rapaz não tem.

Olhava para ele apoiando um cotovelo na mesa, a boquilha para cima com o cigarro a fumar, entre dois dedos. Parecia espiar em Martín os efeitos de tudo o que dizia.

– Vocês, homens, são perigosos pela vossa brutalidade – acrescentou, depreciativa. – Nós, mulheres, somo-lo pelos nossos silêncios... Compreendes o que digo?

O jovem hesitou.

– Acho que sim.

– Não te limites a achar, podes ter a certeza... Séculos de submissão afiam um certo tipo de armas.

Diana olhou em redor. Para as pessoas que ocupavam as mesas contíguas. Para o empregado que trocava os cilindros da pianola.

– Então não te vais embora – concluiu.

– Oh, sim, não te preocupes. Não sou tão estúpido. Se puder, entrarei amanhã nesse barco que vai para Nova Orleães, ou em qualquer outro.

– Mas voltarás.

– Não sei. Talvez vá para a fronteira: El Paso. Dizem que a gente do Villa anda a reunir por ali, e juram vingança a Huerta.

– Ficaste louco. O que é que tens que ver com isso?... Aliás, o Villa odeia os espanhóis.

– A mim não me odeia.

Ela concordou como se tivesse esperado uma resposta semelhante. A bebida e o tabaco pareciam animar o brilho dos seus olhos cor de canela.

Suavizavam-lhe a dureza dos traços.

– Há tempos disseste-me que o teu pai era mineiro.

– Foi – concordou Martín. – Desceu à mina com doze anos.

– Ainda é vivo?

– Morreu não há muito tempo. Silicose. Uma doença profissional, dos pulmões. Também o meu avô sofreu disso.

– Suponho que te custou muito chegar aonde chegaste.

– Não foi fácil.

– E vais deitar tudo pela borda fora?... A troco de quê?

Não respondeu àquilo, porque ignorava realmente a resposta. Olhava silencioso para a taça, apoiado na mesa. Diana tinha terminado de fumar. Limpou a boquilha, guardou-a na mala e pôs a mão perto das dele: firme, ossuda, de dedos longos, sem anéis. Unhas cortadas e rentes.

– Não me digas que também isso é geometria – disse ela.

– Podia ser. – Martín fez um meio sorriso, distante. – De qualquer forma, não gosto que me expulsem dos sítios.

A norte-americana retirou a mão com brusquidão.

– Meu Deus, é verdade... És uma criança. Só queres continuar a brincar.

.

Regressaram calados ao hotel, ouvindo o barulho dos seus passos sob as velhas arcadas. Tinha deixado de choviscar e por um rasgão do céu escuro espreitava a claridade do luar com algumas estrelas. No final da rua chegou até eles a brisa marinha, que trazia à cidade os cheiros peculiares do porto e da baía. Martín sentia-se sonolento, sereno, sem inquietação sobre o que lhe reservava o futuro. A sua fadiga era agradável. Uma estranha paz com a noite, com o mundo e talvez consigo mesmo. Talvez o álcool ingerido ajudasse a isso.

– *Mais il est bien court le temps des cerises* – disse Diana, a dada altura.

Foram as únicas palavras pronunciadas quando caminhavam roçando às vezes os ombros, absortos em si mesmos. E desse modo, em silêncio, chegaram ao hotel, pegaram na chave que o vigilante noturno lhes entregou e subiram devagar deslizando as mãos pelo corrimão, ela diante dele, até ao quarto do último andar. Ali, depois de se lavar um pouco na bacia, Martín reduziu ao mínimo a chama do candeeiro de petróleo, apenas uma linha avermelhada dentro do tubo de vidro, e na penumbra do quarto virou-se de costas para tirar a camisa e os sapatos, enquanto, do outro lado da cama, Diana se despojava do supérfluo para dormir.

– Boa noite.

Ela demorou um pouco a responder. Fê-lo, por fim, em voz baixa e seca.

– Sim, claro... Boa noite.

Martín apagou totalmente a luz e correram o inútil mosquiteiro para se deitarem no colchão de lã, fazendo ranger o *sommier* enquanto procuravam manter-se o mais longe possível um do outro. Taparam-se com a mesma

colcha.

- Se rressonar, dá-me uma cotovelada – disse o jovem.
- Não digas parvoíces.
- Pois eu penso dar-ta a ti.

Os dois riram-se por uns instantes e ficaram calados, muito quietos. Durante um longo bocado, sem se mexerem e com os olhos abertos no escuro, Martín esteve a ouvir a respiração suave e compassada da sua companheira. Demasiado regular ou forçada, pensou ele, compreendendo que a norteamericana também não dormia.

- É curto o tempo das cerejas – murmurou ele.

Diana demorou a falar. Tanto, que Martín chegou a pensar que ela estava deveras a dormir.

- Julgava que não percebias francês.
- Até aqui, sim, chego.

Calaram-se novamente. O som calmo, demasiado calmo, da respiração dela, sussurrava outra vez. Embora não chegassem a tocar-se, Martín sentia a sua proximidade, inclusivamente o calor do corpo imóvel da mulher. Pensou nas suas pernas finas, nas suas mãos longas e firmes, no rosto anguloso, na fria calma das íris cor de canela, e sentiu uma pontada de desejo masculino forte, seco e duro. A recordação do controlo dos *rurales* na estrada de Veracruz assaltou-o de repente, sórdido; mas em vez de atenuar a sensação, não fez outra coisa senão acentuá-la. Havia algo estranhamente físico, algo turvo e equívoco em tudo aquilo. Na recordação e no presente.

O tempo das cerejas é curto, pensou de novo. Depois esticou um braço para o lado, debaixo da colcha, até tocar na roupa interior feminina e, por baixo, a carne morna da mulher, que se mantinha quieta de barriga para cima. Apoiou com suavidade cautelosa a mão na sua anca, perto do ventre, sem encontrar oposição nem mesmo provocar reação alguma, e manteve a mão ali. Nem um nem o outro se mexiam, silenciosos e cúmplices, esperando que tudo acontecesse como era inevitável acontecer.

Passado um bocado, Martín descolou os lábios.

- Acho que...
- Sim – disse ela.

Abriu os braços com naturalidade e ele aproximou-se mais, penetrando ali onde reinava o esquecimento e não existiam nem a tragédia, nem a noite, nem a morte.

16. Disse-me uma borboleta / que não fosse bandoleiro, / que não me casasse novo / e visse o mundo primeiro. (*N. dos T.*)

17. Disse eu a uma borboleta / das que há no Parián: / se não fosses cautelosa / jogaríamos um *conquían* / com o teu baralho precioso. (*N. dos T.*)

18. Mas é bem curto / O tempo das cerejas... (*N. dos T.*)

11. Para lá do rio Bravo

Caminhou pelo passeio de madeira da rua, à sombra dos alpendres, sentindo ranger as tábuas debaixo das suas botas sujas. Estava cansado, por barbear, embora satisfeito por ter chegado aonde se tinha proposto chegar. Usava um blusão *gringo* de bombazina, um chapéu Stetson que tinha comprado em San Antonio e uma mala de viagem onde iam os seus escassos pertences: um livro, alguma roupa branca, duas camisas e colarinhos, o estojo de higiene e pouco mais. Num cinto apertado abaixo do colete trazia também um maço de dólares americanos e algumas moedas de ouro. E no bolso direito do blusão, o velho revólver Orbea, carregado com cinco balas.

Olhou para cima e para um lado e para o outro, verificando a direção. Hotel Salón Galveston, indicava o letreiro. Empurrou a porta batente e atravessou o umbral, ainda ofuscado pela claridade exterior. Assim que o fez, um fulano grandalhão, de olhar rude, cortou-lhe a passagem.

– O que é que procura, amigo?

Tinha perguntado em espanhol, mas o que centrou a atenção de Martín foi o objeto que acabava de lhe apoiar no estômago: uma faca grande, reluzente e ameaçadora. Havia outro indivíduo de aspeto parecido sentado junto da parede, com uma garrafa perto. Os dois olhavam com muita atenção para o recém-chegado. Rostos morenos, com roupa de cidade desmentida pelo seu aspeto camponês. Mexicanos até ao tutano.

– Sou o engenheiro.

– Quem?

– Diga-lhes que sou um amigo de Ciudad Juárez.

O da faca observava-o, apreensivo. Avaliando-o devagar.

– Espere um bocadinho – disse ele, por fim.

Olhou para o outro, que se levantou sem vontade, atravessou a sala e desapareceu por uma porta ao fundo. O lugar estava mobilado com cabeças de veados embalsamadas, umas quantas mesas, cadeiras e um balcão que fazia de balcão de bar e receção do hotel, de onde um *barman*, louro, de aspeto anglo-saxónico, observava a cena, recostado num aparador com garrafas e copos.

– *¡Jole!* – exclamou uma voz. – Olha o grande filho da mãe!

Genovevo Garza estava especado à porta, com cara de surpresa. O seu cabelo e o bigode estavam mais grisalhos do que em Parral, e a cicatriz da cara parecia mais escura e profunda; mas os olhos negríssimos reluziam satisfeitos. Martín sorriu, deixando a mala de viagem no chão.

– Fico contente de o ver, meu major.

– Qual major qual carapuça... Ó homem, venha de lá um abraço.

Deram um abraço bem apertado, com direito a palmadas nas costas, à mexicana.

– Vocês vieram para bem longe – disse Martín.

– *Pa* que é que lhe digo que não, se é sim. Mesmo no meio da gringada. Mas mais vale estar longe do que não estar. – Examinava-o com atenção e afeto, de cima a baixo. – Como é que apareceu aqui, engenheiro?

– Demora muito a contar.

– Teve de passar a fronteira, ou vem a El Paso de visita?

– Um pouco de tudo.

O outro fez uma expressão, compreendendo, por fim.

– Teve de fazer a trouxa à pressa, não?

– Mais ou menos isso.

O semblante do mexicano ficou sombrio.

– Houve outros que não tiveram tempo... Segundo dizem, assassinaram o senhor presidente Madero, o seu irmão Gustavo e vários outros.

– Foi o que eu ouvi.

– Que sorte ter conseguido sair a tempo.

– Sim.

Garza ainda ficou a olhar para ele durante um momento, grave. Depois tornou a sorrir, e com um arrebatamento amistoso passou-lhe um braço pelos ombros.

– Venha cá para dentro. Há quem se vá alegrar de o ver.

Levou-o até à outra divisão. Havia cinco homens à volta de uma mesa com restos de comida, beatas em cinzeiros e garrafas de licor. Martín conhecia dois deles. Um era o impassível Sarmiento, com a sua catadura sinistra de índio magro, seco e mal-encarado. O outro, corpulento, bigodudo, de cabelo crespo e olhos cor de café, vestia calças *charras* e estava em mangas de camisa sem colarinho, húmida de suor e meio aberta sobre o peito: Pancho Villa em pessoa, a beber gasosa. Ao ver Martín, o chefe guerrilheiro atirou-se para trás na cadeira, surpreendido, antes de dar uma gargalhada jovial.

– Ai, mãezinha! – exclamou. – É mesmo ele... Entre, homem.

Levantou-se bruscamente e apertou a mão a Martín. Depois deu-lhe um abraço forte, poderoso.

– Que prazer, amiguito! Que grande surpresa!... Como é que nos aparece de repente por estas paragens?

– Escapou por entre as patas dos huertistas – fez notar Garza.

O olhar de Villa tornou-se ainda mais caloroso.

– Ah, claro – estalou a língua. – Esses desgraçados.

Levou Martín até à mesa, fê-lo sentar-se e pôs-lhe nas mãos um cálice de tequila cheio até ao rebordo.

– Beba um copo, homem. Não ligue a isso. Tem cara de lhe fazer falta.

– Faz – admitiu Martín.

– Então bote-o abaixo, e depois falamos.

Martín bebeu. O álcool desceu-lhe pela garganta até ao estômago, ardente, estimulante. Villa apontava para uma lata de cigarros *gringos* aberta em cima da mesa e o jovem recusou com a cabeça.

– Continua sem fumar, amiguito?... Eu também, mas estes meus contrerrâneos são autênticas chaminés. – Olhou para Sarmiento, trocista. – Sobretudo aqui o apache... Compadre, não cumprimentas o engenheiro?

O outro fez, sem mudar de expressão, um leve movimento de cabeça. Os seus olhos duros, alheios a toda a simpatia, mantinham-se fixos no recém-chegado. Como que para compensar o desaire, Villa pôs a mão no ombro de Martín.

– Então agora conte lá. E devagar, está bem?... *Pa* ficarmos a saber tudo bem.

Martín sorriu, pois a tequila bebida animava-lhe o coração. E começou a contar. Sentia-se bem, pensou enquanto falava, com aqueles homens rudes, simples e perigosos como a vida. Perante os rostos queimados e de bigode que ouviam o seu relato com interesse. Por fim, tinha regressado, concluiu satisfeito, aonde tudo voltava a resumir-se a esquemas elementares, com regras fáceis de observar quando se tinha pagado o preço por as conhecer: vida, morte, lealdade, raiva e pouco mais. Ali tudo parecia maravilhosamente simples, e compreendê-lo suscitava nele um orgulho caloroso. Também era um daqueles homens, decidiu. Estava de volta e entre os seus; e isso era importante, porque tinha pensado não os ter.

.

Enquanto lhe procuravam alojamento – tarefa difícil, pois El Paso estava cheio de refugiados e gente de passagem –, lembrou-se de que Martín passara a primeira noite na casa onde Genovevo Garza se alojava, situada no sopé da colina, no fim da Oregon Street. Foi o próprio major quem se ofereceu para tal, por isso saíram juntos, a caminhar pela rua àquela hora ainda animada. Embora a tarde já escurecesse, havia trânsito de carruagens e um ou outro automóvel, e as lojas continuavam abertas. Quase todos os letreiros estavam em inglês: Boot & Shoes, Sánchez Candies, Milwaukee Beer Co... Nas fachadas dos edifícios, nos postes de luz, cruzavam-se os cabos dos elétricos. Comparado com a Juárez que Martín recordava do outro lado do Bravo, aquilo era o mundo moderno. O futuro próspero.

– Vamos voltar em breve para o México – disse Garza.

Martín surpreendeu-se.

– Quando?

– Assim que se puder. O meu general Villa está a ocupar-se disso.

– Conta com que forças?

– Ah, pois, o que já viu. Nós e mais algum que ande por aí.

Martín deteve-se de repente.

– Só uma dúzia de homens?

– Menos... Mas passando o Bravo vai juntar-se mais gente da porrada.

O general já esteve a conversar com Maytorena, Venustiano Carranza e outros de lá.

O mexicano continuava a caminhar, e Martín juntou-se a ele de novo.

– Você traz armas? – perguntou Garza, de súbito.

– O meu velho revólver.

– Mas é melhor não o mostrar muito... Os *gringos* não gostam que andemos por aqui a passear com armas.

– Entendido.

O mexicano olhava-o de soslaio, como que a querer adivinhar.

– E diga-me uma coisa, engenheiro. Veio para ficar connosco?

– Não sei... Ou, na verdade, sim, sei.

Andaram um bocado sem o jovem dizer mais nada. Por fim, encolheu os ombros.

– Não tenho para onde ir.

Garza coçou o bigode, analisando aquilo.

– Ouça, isso é muita invenção – concluiu, cético. – As pessoas como você têm sempre para onde ir, não é como nós, os mortos de fome. Sabe esgaravatar pedras das minas e pôr dinamite, ou não?... Tem um trabalho e uma pátria.

– Não tenho a certeza disso.

– Do trabalho?

– Da pátria.

– Ai, porra. Não é bom um homem novo dizer isso.

Tinham chegado ao fim da rua, onde se abria um terreiro poeirento que ia morrer no sopé da colina. As últimas casas eram baixas, modestas. Numa delas havia roupa estendida à frente e a chaminé fumegava.

– Aqui estou bem, convosco. – Martín virou-se para sul, para o rio que a cidade ocultava. No México, ou tão perto dele.

– E o que é que ganha com isso, se me permite a pergunta?

– É difícil explicar, não sei. – Pensou naquilo mais um pouco. – Eu diria que vocês, os mexicanos, estão vivos.

– Bom, estamos vivos enquanto não nos fuzilam ou nos matam, que é o que mais acontece. Depois disso, o que estamos é mortos.

Aproximavam-se da casa quando se abriu a porta e saiu uma mulher com uma cesta de vime para apanhar a roupa estendida. Ao vê-los, ficou quieta, a olhar para eles. Trazia uma saia preta comprida até aos pés e corpete branco. Tinha o cabelo apanhado em duas tranças *soldaderas*, e ao aproximaram-se os dois homens cobriu a cabeça com o *rebozo* caído sobre os ombros.

– Olha quem chegou, Maclovía – disse Garza, festivo.

Não tinha mudado desde que Martín a vira em Parral. O rosto moreno de índia nortenha – lábios grossos, nariz ligeiramente achatado e grandes olhos negros – permanecia inalterável. Não mostrou indício de reconhecimento ou boas-vindas quando o recém-chegado a cumprimentou tirando o chapéu. Olhava para ele indiferente, como se aquela presença inesperada não alterasse a rotina da sua vida.

– Esta noite vai dormir aqui – disse o major.

Ela fez um gesto afirmativo e começou a tirar a roupa estendida e a metê-la no cesto. Garza convidou Martín a entrar em casa, que era de pedra e tijolo, com uma mesa, alguns móveis velhos e as paredes sem reboco, e indicou um quarto separado do resto por uma cortina onde havia uma manta e um enxergão posto no chão.

– Esteja à vontade, engenheiro. Não é um hotel de luxo, mas está em sua casa.

Na lareira, suspenso em cima do lume, fervia um cozido. Cheirava bem, a carne e leguminosas. Enquanto o recém-chegado esvaziava a mala de viagem, Maclovía entrou, deixou a cesta com a roupa num canto e pôs-se a remexer a comida com uma colher de madeira. Só muito mais tarde, quando os dois homens comiam sentados à mesa e a mulher os servia, é que Martín reparou que ela olhava para ele.

.

Saíram para dar um passeio depois do jantar. A proximidade do deserto arrefecia a noite, por isso Martín tinha vestido o blusão. De um lado, rua abaixo, via-se a cidade iluminada a trechos pelos postes com luz elétrica. Do outro, sobre a massa negra da colina recortada num halo de luar, as estrelas crivavam o céu de pontinhos. Genovevo Garza fumava, e dele só se distinguia a ponta vermelha do cigarro sob a aba escura do chapéu e o vulto que se movia devagar, abrigado num *sarape*¹⁹.

– A sério que se propõem atravessar a fronteira? – perguntou Martín.

– Muito a sério, engenheiro. O meu general Villa não esquece aquilo de *don* Panchito Madero. Não sabe o que fizeram?... Porque não só assassinaram o presidente e o vice-presidente, Pino Suárez, como também *don* Gustavo, o irmão do presidente, torturaram-no e furaram-lhe o único olho saudável que tinha, antes de dispararem contra ele. E agora o governo caça maderistas que nem veados.

– Mas Madero não foi muito agradecido para com Villa.

– E então?... São acasos da política, e Pancho entende essas coisas. Nunca, nem quando esteve preso, teve rancor para com o senhor presidente. Diz que é o único homem honrado que conheceu; mas perdoava a demasiada gente, e foi assim que se perdeu. Agora mesmo fica fulo que nem o diabo ao ver como esse mal-agradecido do Pascual Orozco, com o seu punhado de *colorados*, se pôs do lado do tirano Huerta e dos seus *pelones*.

Caminharam um bocado calados, antes de Garza falar outra vez.

– O que é que vai fazer, engenheiro?

– Se Villa regressar ao México, quer você dizer?

– Sim, senhor.

– Talvez vos acompanhe, se me deixarem.

– Diz que só talvez?... De que depende?

Martín não respondeu àquilo. Nem ele mesmo sabia. A sua única certeza era que estava bem ali, entre aquela gente. Até o curso da sua própria vida parecia suspenso num espantoso parêntese que o eximia de responsabilidades. Desde que chegara a El Paso que sentia a estupefação, semelhante a uma droga suave, de um presente tão intenso que o dispensava do futuro.

– E o major?... Porque continua leal a Pancho Villa?

– Pois não sei. Temos de ser leais a alguma coisa, não é?... Ou a alguém. Sem lealdade, nós, os homens *semos* menos do que os simples animais. – Parou como que a pensar. – Além disso, desde que entrei na revolução, só consegui ter os pés frios e a cabeça quente... Nem uma terrinha ainda tenho *pa* mim e *pa* minha Maclovía.

– Mas uma revolução precisa de homens, cavalos, armas. Faz falta dinheiro.

Ouviu-se o riso do mexicano.

– Grande verdade, engenheiro. Por isso é que andamos à procura disso... É assim que estamos.

Ficaram outra vez calados. Garza demorou a falar novamente.

– Ouça, há aqui um assunto. E se calhar você vem mesmo a calhar.

Martín esperou, intrigado. O mexicano guardava outra vez silêncio, como se hesitasse prosseguir.

– Ando há que tempos a dar-lhe voltas – disse ele, por fim –, e vê-lo aqui dá-me uma ideia.

– Sobre quê?

– Atacar de uma vez por todas uma coisa que me anda aqui na cabeça... Lembra-se do Banco de Chihuahua?

– Nunca na vida me esquecerei.

– E do ouro que nos roubaram?

– Também.

– Pois bem, no final algumas coisas vão-se sabendo. Pouco a pouco.

– E então?

– Nada, é isso. Na vida há sempre alguém que diga disseram-me isto ou não me disseram aquilo. E tenho um nome.

– Caramba!

– Sim, engenheiro. Caramba.

– E Villa, o que diz?

– O general não diz nada, porque só sou eu quem sabe. Ou suspeito.

Brilhou pela última vez a brasa do cigarro. Depois caiu no chão e Garza esmagou-o com o pé.

– Cada coisa tem o seu momento – anotou.
– E porque é que me conta tudo isso, major?
– Porque lhe sou leal. Quando chovem tiros é que vemos o carácter dos homens. E em Juárez e no barranco do Fraile vi como choviam em cima de si e não abria o guarda-chuva... Depois em Parral, quando apodrecíamos lá, veio ver-nos. E também não me esqueço de que visitou o meu general na prisão.

O mexicano calou-se de novo. Os grilos cantavam por entre o mato escuro.

– É um galo fino, dos que não se vão abaixo. Como se ajeita a montar a cavalo?... Até agora só o vi andar a pé.

– Aguento-me em cima da sela, o que já não é pouco.

A Lua espreitava mais por trás da colina, desenhando relevos e sombras. Sob a aba do chapéu, as feições de Garza eram um perfil escuro onde Martín só conseguiu vislumbrar uma breve cintilação clara à altura da boca. O mexicano sorria, reparou, como um coioote na escuridão.

– Tenho coisas na cachola, engenheiro. Algo que ainda não posso contar ao meu general, e *pró* qual preciso alguém de confiança. Nesse bando de cabrões, o Sarmiento e os outros, só confio *pa* lutar, mas não *pa* outras coisas. Confiava-lhe a minha vida, mas não o meu dinheiro, se o tivesse. Nem a minha mulher... Faço-me compreender?

– Não muito.

– Daqui a pouco já lhe vou explicando. Ora, a pergunta é se viria comigo numa destas noites dar um passeio ao outro lado da fronteira.

– Sozinhos? – surpreendeu-se Martín.

– Sim, engenheiro, eu e você. Ou quase sozinhos... Porque, se fizer falta um terceiro em quem confiar, levamos a Maclovía.

Três noites depois, Martín Garret, Genovevo Garza e Maclovía Ángeles atravessaram o rio Bravo ao amparo das sombras pelo vau de Cedillos, com a água a molhar-lhes os estribos das selas de montar, e cavalgaram devagar e em silêncio até despontar o dia. O amanhecer encontrou-os com o sol por detrás, deitados em cima de uma rocha, a vigiarem um ranchinho que se erguia em torno de um poço com muro de pedra. Havia também um cerrado com meia dúzia de animais, um coberto para o milho e umas cordas estendidas com carne seca salgada a secar ao sol. Mais além estendia-se um campo descuidado, com restos de canas e folhas secas.

– *Éitale!* – disse Garza.

Deixaram *sarapes* e chapéus, pegaram nas carabinas, engatilharam-nas e desceram dando a volta ao pequeno cerro, camuflados pelos nopais espinhosos. Tinham tirado as esporas para não fazerem barulho. O mexicano ia à frente, com uma canana de balas cruzada no peito, pisando com cuidado para não remexer pedras denunciadoras. Martín seguia-o um pouco atrás e à

sua direita, procurando mover-se do mesmo modo, com um dedo sobre a trava do gatilho da carabina embora sem tocar no gatilho, como tinha aprendido a fazer há quase dois anos em Ciudad Juárez. Tinha a boca seca e as pulsações martelavam-lhe os tímpanos. O sol, que amarelava as colinas e as copas de um chaparral próximo, ainda não temperava o frio do amanhecer; mas ele não o sentia. A tensão caldeava-lhe o corpo.

– Não é preciso matar o gajo – tinha prevenido Garza, antes de começarem a movimentar-se. – Aconteça o que acontecer, não é preciso matá-lo.

Enquanto avançava por entre arbustos de *sacatón*²⁰ cinzentos e secos, o jovem sentia atrás de si, perto, a respiração de Maclovía Ángeles. O major tinha conseguido uma carabina para cada um e ela levava a sua, além do pistolão no cinto de outras ocasiões. Martín virou-se para a ver. A *soldadera* tinha atado um lenço em volta da cabeça e o seu rosto não denunciava qualquer emoção. Caminhava atrás dos homens com a arma pronta, a saía um pouco apanhada com um nó na anca sobre umas velhas botas de montar manchadas de gordura e pó.

Ao passar junto do cercado, um cavalo relinchou devido à sua presença, de modo que se agacharam até ficarem de joelhos, imóveis. Mas não houve mais nada, por isso após um momento reataram o seu andamento. A casa tinha os postigos fechados. Quando os primeiros raios de sol atingiram o telhado, as moscas mais madrugadoras começaram a zunir. Umas galinhas que iam e vinham a debicar no chão afastaram-se à sua passagem.

– Feche um olho, engenheiro, não vá encandear-se – sussurrou Garza. – Já há muita luz cá fora e lá dentro vai estar escuro.

Martín obedeceu. Caminhar com um olho fechado aumentava a sensação de irrealidade que aquela aventura lhe causava. Tinham chegado a um bebedouro de pedra onde Garza fez sinais a Maclovía para se manter a dar-lhes cobertura. A *soldadera* apoiou a carabina apontando para a casa e ficou quieta, à espera.

Os dois homens continuaram em frente, e estavam só a uns passos da porta quando esta de repente se abriu, uma mulher apareceu com um balde em cada mão e ficou a olhar para eles, assustada. Sem dizer nada, enquanto a mulher abria a boca para gritar, Garza levantou-se, correu para ela, afastou-a com um empurrão e entrou na casa. Martín foi atrás dele.

Uma vez lá dentro, tudo aconteceu muito depressa: uma criança de dois ou três anos gritou ao vê-los aparecer, correram para o quarto de dormir e viram um homem quase nu a remexer-se entre os lençóis, querendo apanhar o revólver que estava junto da cabeceira. Dentro de um coldre pendurado na parede. Sem lhe dar tempo para isso, Garza atirou-se para cima dele e desferiu-lhe uma coronhada na cara, com tanta violência que o fez cair no chão. Depois apoiou-lhe o cano da carabina na cabeça, virou-se para Martín e fez uma expressão satisfeita sob o bigodão cinzento. Um sorriso estranho que o jovem nunca lhe tinha visto.

– Ponha-se à vontade, engenheiro... E descontraia-se, que isto irá pouco a pouco.

A criança continuava a gritar no outro quarto, apavorada.

.

Genovevo Garza era um interrogador paciente. Há meia hora que formulava as mesmas perguntas, sem mostrar enfado perante a ausência de respostas. Fumava e perguntava, aguardava um pouco e começava de novo.

– Vamos experimentar outra vez – dizia ao prisioneiro. – Vamos lá ver se agora avivas a memória.

O outro mexicano era duro de roer. Não dizia uma palavra. Tinham-no sacado cá para fora e tinham-no amarrado de pés e mãos à cerca. Estava descalço e só tinha umas cuecas a cobrir-lhe as vergonhas, com a cabeça descoberta. O sol já dava em cheio, cobrindo-lhe o rosto e o tronco de suor. Era um nortenho de pele queimada, cabelo espesso e olhos achinesados. Traços de camponês ou bandoleiro, concluiu Martín. Tendo em conta a arma no quarto e os seus olhos duros e insensíveis, era mais a última hipótese do que a primeira.

– Anda lá, homem – insistia Garza. – No fim vais ter de falar, poupa no caminho... *Pa* quê andar aos saltinhos, se o chão está liso?

Entre chupadela e chupadela do cigarro, o major esbofeteava o prisioneiro. Fazia-o impassivelmente, sem maltratar. Com muita calma. Uma ou duas bofetadas fortes, secas, de cada vez. De vez em quando mostrava-lhe as moedas de ouro que tinham encontrado numa taleiga de pele dentro de um armário da casa: seis maximilianos reluzentes, idênticos aos do Banco de Chihuahua.

– Sim, patricio. Acabemos com isto e vamos para a sombra.

O prisioneiro mantinha-se mudo. Sem descolar os lábios nem para se queixar quando Garza lhe batia. Tão calado como se não tivesse língua. Por vezes voltava os olhos para a casa, onde, depois de trazer os três cavalos e amarrá-los à cerca, Maclovía Ángeles tinha ficado a vigiar a mulher e a criança.

– Não vês que não há outra forma, patricio?

Mais bofetadas. Os moscardos zuniam, atormentando o homem nu. No fim, Garza pareceu perder a paciência. Guardou o saquinho de moedas no bolso, atirou a beata do cigarro, suspirou fundo, e olhou para Martín com desalento, contrariado.

– Tem o estômago delicado, engenheiro?

O jovem pestanejou, surpreendido.

– Depende.

– O amigo não é muito de falar, como vê... Por isso, pode fazer duas coisas: ir a casa e substituir a Maclovía, ou dar uma ajuda.

– Em quê?

– Fazer-lhe umas *huaraches* iaques.

O jovem pensou por instantes. Parecia sinistro, mas não tinha escolha. Não naquelas circunstâncias, depois de ter seguido Genovevo Garza até ali. Daqui a bocadinho já lhe conto, tinha dito o major de cada vez que lhe adivinhava as perguntas. Ande tranquilo, engenheiro, que a seu tempo eu conto-lhe. Desde que haviam saído de El Paso ao anoitecer, Martín parecia mover-se muito devagar através de algo irreal. Olhou para os pés nus do prisioneiro e perguntou-se o que teriam que ver as *huaraches*, as sandálias camponesas, com tudo aquilo.

– Diga-me em que posso ajudar – decidiu.

– Segure as pernas a este filho da mãe.

Obedeceu confuso, sem compreender totalmente. Garza, agachando-se, com a mesma posição empregada para ferrar o cavalo ou tirar as pedras das ferraduras, tirou a faca e cortou-lhe a planta do pé, dos dedos ao calcanhar. O outro uivou de dor, retorcendo-se e esperneando, ao ponto de as suas pernas escaparem das mãos de Martín. Isso arrancou uma imprecação ao major, que se levantou irritado.

– Ou você faz isso como deve ser, engenheiro, ou traga-me a Maclovía.

Olharam-se com dureza. O queixo de Martín tremia, engasgado entre a vergonha e o assombro.

– Isto é... – começou a dizer.

– O México, engenheiro – interrompeu Garza. – Não há muito tempo disse que gostava do México.

Continuava a olhá-lo, severo, grave sob o bigode grisalho. Com a cicatriz da cara mais marcada do que nunca e uma faísca de provocação nos olhos.

– Não vai querer – acrescentou secamente – andar a passear como um turista.

Martín recebeu aquelas palavras, ditas em tom desafiador, como uma pancada. Ainda se sentia espantado. Confuso. Uma espécie de embriaguez sóbria, sem ter bebido uma gota de álcool. Sentiu que lhe subia do estômago à boca algo que se transformou numa saliva ácida. Voltou a engoli-la sacudindo a cabeça, espantado consigo mesmo, e respirou fundo enquanto olhava em redor: a casa, os animais do curral, a paisagem desolada. Dois corvos muito negros voavam lá em cima, à espera do seu momento. Que diabo, pensou, estou eu a fazer aqui?

– Não sou um turista – disse, por fim.

Garza dizia que sim, concordante.

– Pois então agarra-lhe a outra perna.

.

Manteve-se sentado no chão, com o chapéu inclinado sobre os olhos, de costas contra a parede da casa e a carabina atravessada no colo. Genovevo Garza tinha-se afastado depois de montar a cavalo e enlaçar a corda à cadeira, no extremo da qual o prisioneiro ia de mãos atadas.

Huaraches iagues, pensava Martín, amargo. Sandálias índias.

Agora sabia o que significava aquilo. Tinha visto ir embora o cavaleiro e o prisioneiro, este forçado a caminhar atrás aos esticões, pisando as pedras e espinhos com as plantas do pé em carne viva. Os dois tinham entrado no chaparral e o jovem estava sentado imóvel, à espera enquanto os moscardos zuniam em volta e pousavam nas suas mãos e na cara, incapaz até de os espantar. Ainda sentia o sabor ácido da intenção do vômito na boca.

A porta da casa abriu-se e Maclovía, que continuava com a pistola pendurada do cinto e a carabina nas mãos, espreitou. Lá dentro ouvia-se a criança a chorar. Ela permaneceu no umbral enquanto observava com desconfiança as colinas próximas, sem prestar atenção a Martín. No fim dirigiu-lhe um olhar silencioso.

– *Huaraches* iagues – disse ele, respondendo à pergunta não formulada.

A *soldadera* ficou a olhar para ele mais um pouco. Tinha, reparou o jovem, pequenas gotas de transpiração na testa, junto às raízes do cabelo, e também sobre o lábio superior. Observou com interesse os seus traços rudes, de um atrativo quase animal. O peito que avultava ligeiramente a blusa húmida de suor.

– Porque é que não foste com eles?

Era a primeira vez que o tratava por tu. Desde que se conheciam que as poucas vezes em que ela lhe dirigiu a palavra o tinha feito sempre por você, à mexicana.

Martín encolheu os ombros.

– Não é a minha especialidade.

A mulher semicerrou os olhos.

– Ai, pois. És um *gachupín* de mãos limpas.

– Não – replicou ele, depois de pensar um bocado. – Há muito tempo que as sujei.

Ela sorriu um pouco; um esgar irónico, meio depreciativo. Apoiava-se no gonzo da porta acariciando maquinalmente, sem prestar atenção, o seguro da carabina.

– Vê-se pior quando estás por dentro?

Martín voltou a pensar, com boa vontade.

– Não tenho a certeza de estar por dentro – decidiu.

Maclovía tinha voltado a olhar para as colinas, como se não se importasse com o que ouvia.

– É o meu segundo homem – disse ela, de repente.

O jovem surpreendeu-se. A mulher por fim olhou para ele, só um instante.

– Já me mataram o outro.

– Eu sei.

Ela pareceu reparar na carabina, pois deixou-a no chão, com o cano apoiado na porta, para secar na saia o suor das mãos.

– Uma mulher precisa de alguém – murmurou.

Martín assinalava a direção pela qual o major e o prisioneiro se tinham ido embora.

– Não há muitos como ele. O que farias se...?

Parou ao chegar aqui. Foi o olhar de Maclovía que o fez calar-se. Ao fim de um bocado, ouviu-a suspirar para o seu interior. Depois pegou na carabina e voltou a entrar na casa.

Martín ficou a olhar para os corvos a revoltar sobre o valado. Um pouco antes do meio-dia, com o sol muito em cima e as sombras reduzidas ao mínimo, viu Genovevo Garza a sair do chaparral a cavalgar devagar. Vinha sozinho.

Também aquilo, pensou estremeçando, era o México.

Quando Garza chegou diante da casa, deteve o cavalo e permaneceu na sela, sem desmontar, com ambas as mãos apoiadas no pomo. Via-se que estava cansado. Trazia uma crosta de sangue seco, que não parecia dele, numa perna das calças. Passado um momento, tirou o chapéu para enxugar o suor da testa. Não olhou para Martín.

– Uma mina abandonada, do lado *gringo* – limitou-se a dizer. – Lá pela Sierra Diablo, do outro lado do Bravo.

.

Cavalgaram muito, sem descanso, com as rédeas na mão e as carabinas em coldres presos à sela. Um dia inteiro até ao seu destino, e outro dia e meio de volta a El Paso. Mal descansaram no caminho; dormitavam em cima da sela, sob as estrelas, e durante o dia as sombras encurtavam-se e alongavam-se a partir das patas da sua montada.

Dorido do trote e do incómodo da velha ferida, olhando para as costas de Genovevo Garza e para a garupa do cavalo que o mexicano montava, Martín dispôs de tempo para refletir sobre algumas coisas que tinha ido adiando, desconexas na sua cabeça, e que por fim se situavam na relação com outras. Tinham que ver com o passado e com o presente que moldavam o homem que agora julgava ser. Por alguma razão que não conseguia discernir com nitidez, nos últimos tempos tinha deixado de ver o mundo a partir do seu próprio interior para se converter em testemunha de si mesmo: alguém que, com espantosa distância emocional, observava o decorrer das coisas como se as visse a partir de fora e de longe. Com uma equanimidade nova, desprovida de emoção e até de sentimentos.

Não se reconhecia nisto, tinha ele chegado a pensar a princípio, quando os factos se atropelavam na desordem do novo. Mas o que realmente o preocupava, ou desconcertava, era reconhecer-se agora exatamente nisto: a estranha frieza, o modo novo com que os acontecimentos, até espantosos ou violentos, apareciam diante do seu olhar. A assunção cada vez mais serena de todo o horror, dor ou incerteza que aquela natural combinação mexicana da vida e da morte propunha. E assim, os acontecimentos que antes o teriam espantado passavam com facilidade o filtro dos seus sentimentos, nem

adormecidos nem indiferentes, mas sim resignados. Ou talvez só, por fim, lúcidos.

Sem ainda ter feito vinte e seis anos, cavalgando entre Sierra Diablo e o rio Bravo, Martín Garret sentia-se como o aprendiz de xadrez que, depois de se colocar perto do tabuleiro e observar a evolução de uma partida implacável, começa a compreender as regras do jogo.

– Você que entende disto, engenheiro – disse Pancho Villa, observando, preocupado, a galeria. – Acha que é seguro?

– Até certo ponto.

– *Híjole!*

Os passos e as vozes ecoavam no vazio subterrâneo, que registava os ecos até se desvanecerem longe, na escuridão. A luz da tocha de *ocote* que Genovevo Garza segurava iluminava o passadiço estreito e sufocante. Os três homens tinham chegado até ali depois de percorrerem um túnel com carris de ferro e vagonetas ferrugentas, para descerem depois por uma antiga escada de degraus inseguros. Os cavalos tinham ficado lá em cima, na boca da mina, guardados por Maclovía Ángeles diante de uma paisagem de terra feia sulcada por profundas brechas, poços de arejamento, escombrelas e torres pardas de sucata.

Villa continuava inquieto. Olhava em volta e para o alto como se esperasse que aquilo lhe caísse em cima de um momento para o outro. A luz oscilante iluminava o seu rosto tenso. Com os olhos movediços, temerosos.

– E vossemecê trabalha em sítios como este, amiguito? Hã? Sem que o obriguem?

– Trabalhava... Espero voltar a fazê-lo um dia.

– Ai, mãe.

Falavam em voz baixa avançando com cautela, atentos a evitar buracos do chão. Às vezes, a tocha crepitante iluminava ferramentas e carrinhos abandonados, cobertos de pó entre pedras desprendidas do teto. A tensão de Villa tornava-o falador.

– Oiça, não vá tomar-me por quem se acobarda facilmente... Mas uma coisa é acabar lá fora, a dar tiros como um macho, e outra ver-se enterrado às escuras.

– Não acho que haja perigo – tranquilizou-o Martín. – Algumas vigas estão podres, mas a cofragem aguenta.

– O quê?

O jovem apontou para os troncos que escoravam a parte superior e os lados do túnel.

– Tudo isto. A armação que impede o derrubamento.

– Ah, porra.

Genovevo Garza ia à frente: tocha ao alto, calado, atento a onde punham os pés.

– Compadre, tens a certeza de onde nos metemos? – perguntou Villa.

– Completamente, meu general... Aquele gajo trocou-me a informação

pela vida da sua mulher e do seu miúdo.

– E cumpriste-a?

– Pois claro. Jurei-lhe, e um homem não tem outra coisa senão a sua espingarda e a sua palavra. Deixámos os dois lá, no rancho. Até lhe disse a ela onde ficava o corpo, para o caso de querer enterrá-lo.

– Mas não arrancaste ao finado indicações de cúmplices, nem de chefes.

– Nada disso. E acredite que o apertei, mas a boca dele ficou de pedra...

Aqui o engenheiro pode certificar isso.

Villa virou-se para Martín e este afastou o olhar.

– *Huaraches* iaques – limitou-se a dizer.

O chefe guerrilheiro concordava, cruelmente aprovador.

– *Éitale!*

Garza abanou a cabeça com desalento.

– Menos *pa* nos explicar o rumo desta mina, para o resto o gajo esteve mais do que mudo.

– Nenhum nome?

– Nenhum. O filho da mãe tinha tomates.

– E depois chegaram aqui bem?

– Atravessámos o rio de regresso, cavalgámos o dia todo e vimos o que vimos e o que você vai ver, meu general. Não íamos só com falinha-mansas.

Villa riu-se entre dentes, entusiasmado.

– Ai, minha mãezinha... Ai, ai.

Virou-se para olhar para Martín. O chefe guerrilheiro, notou, às vezes ainda parecia incrédulo, como se não conseguisse assumir tão inesperado golpe de sorte. Tinha aberto muito os olhos, paralisado de surpresa quando ao regressar a El Paso, cansados e poeirentos de cavalgar, Garza e ele o chamaram à parte para lhe contarem tudo: a mina de Sierra Diablo, as caixas escondidas numa galeria abandonada. O tesouro do Banco de Chihuahua. Quando viu os seis maximilianos encontrados no rancho e um cartucho de cartão com outras vinte moedas de ouro das encontradas na mina, Villa quase tinha gritado de alegria.

– E está todo, dizem?

O major Garza iluminava outro buraco do chão, indicando-lhes o perigo.

– Isso não há forma de saber, meu general, porque não ficámos a contá-lo. Mas pelo menos há um bom bocado de ouro, como vai ver depois.

– E falta muito?

– Estamos quase.

Villa ficou com a expressão sombria. De repente, parecia desconfiado.

– Ninguém terá vindo para o levar, não é verdade?

– Nada disso. – O major tranquilizou-o. – Deixei a minha Maclovía a vigiar lá em cima, e já a viu quando chegámos. O que ela disse.

– Não disse nada, compadre... Ficou a olhar para nós, calada, como sempre.

– É a sua maneira de falar. Calando-se.

– Pois se é essa a sua maneira, a tua mulher fala pelos cotovelos.

Tinham chegado a uma barreira de troncos empilhados sobre umas vagonetas de ferro ferrugentas.

– Tens uma boa mulher, meu Geno – acrescentou Villa.

– Pois tenho. *Pa* isso tive sorte.

Garza espetou a tocha no chão. Villa olhava para um lado e para outro, intrigado. Passou a ponta da língua pelo fio do bigode enquanto os seus olhos brilhavam de esperança.

– É aqui?

– Aqui mesmo.

– A sério que não me estão a testar, compadre?

– Ná.

Garza trocou um olhar com Martín e os dois começaram a retirar os troncos e tábuas meio podres que cobriam as vagonetas.

– Debaixo estão as nove caixas.

– Supostamente não eram dez?

– Aqui só vimos nove, meu general.

Uma súbita desconfiança cruzou rapidamente o rosto do chefe guerrilheiro.

– De certeza?

Imperturbável, Garza não respondeu àquilo. Limitou-se a olhar com firmeza para o seu chefe até este afastar o olhar, arrependido da pergunta que acabava de fazer.

– É possível que tenham repartido uma – interveio Martín. – Fossem eles quem fossem.

Villa olhava para ele, carrancudo. Reflexivo. Abanou, por fim, a cabeça como se descartasse pensamentos inoportunos.

– Foi pena aquele filho da mãe não vos ter contado mais nada.

Depois, após cuspir nas palmas das mãos e esfregá-las com vigor, ajudou a retirar os últimos obstáculos. As caixas continuavam ali, verificou Martín, tal como Garza e ele as tinham deixado três dias antes: quebrados os selos de lacre e chumbo, mas com o conteúdo intacto, as moedas metidas em cartuchos pelos quais espreitava o ouro reluzente à luz da tocha. No mesmo lugar onde as encontraram ao descer pela primeira vez à mina e continuar o caminho descrito pelo homem torturado no rancho.

– Ai, ai, mãezinha – repetia Villa, fascinado.

Com as mãos cheias de moedas, calculando o peso dos cartuchos, olhava para Martín e para Garza como se não conseguisse acreditar no que estava a acontecer.

– Compadre Geno, amigo engenheiro... Nunca na vida esquecerei isto que fizeram. Podiam ter-se calado e ficado com tudo.

O major abanava a cabeça, ofendido.

– Pois nem de longe, meu general – replicou muito sério. – Como é que raio podíamos fazer isso, caramba!

– *Épale!* Venha daí um abraço.

Abraçou um a seguir ao outro, dando-lhes palmadas fortes nas costas. Grande como ele era, robusto, parecia um urso feliz. E Martín pôde verificar que aquela emoção, enquanto Villa o abraçava com os seus braços vigorosos, era sincera. Também reparou com surpresa que o brilho nos olhos do chefe guerrilheiro não era cobiça, mas sim raiva até então contida. Cintilações de vingança.

– Agora temos com que começar – ouviu-o dizer. – Agora, sim, há com que pegar fogo ao México.

Falaram sobre isso três dias depois, após se reunirem num reservado no hotel Green Tree, à luz dos globos de gás. Foi um jantar caro, quase uma festa com grandes bifes bem passados, champanhe francês e charutos cubanos. Estavam lá o índio Sarmiento e mais quatro homens, além de Genovevo Garza e Martín Garret. Em nenhum momento, nem durante o jantar nem depois, Pancho Villa falou do ouro do Banco de Chihuahua. Limitou-se a dizer que tinha encontrado financiamento: a troca de futuras concessões, um capitalista norte-americano facilitava meios para entrar em campanha. Estava a chegar a hora de devolver as afrontas ao atual presidente Huerta e vingar a memória do falecido Madero. Havia sublevações em Coahuila e Sonora, os chefes Carranza e Maytorena erguiam-se em armas contra o governo reunindo todos os que lutaram contra Pascual Orozco, e o coronel Obregón juntava-se a eles com o seu 4.º batalhão.

A revolução estava a rolar de novo e Villa não ia deixar de entrar nisso.

– Quem nos deu por acabados enganou-se rotundamente. Não percebem?... Erva ruim nunca morre.

– Mas *semos* poucos, meu general – objetou alguém.

– Aí está a graça, em arriscar a vida com o que há... Qual o mexicano que não pôs na sua vida um peso em jogo?

Discutiram aquilo até muito tarde: não a parte de voltar à revolução, pois aí todos estavam de acordo, mas sim o modo de o fazer. Afinal de contas, em El Paso eram só oito homens e uma mulher, e o seu único equipamento consistia em seis cavalos, oito carabinas, uma espingarda e nove pistolas. Mas a cada objeção, exaltado e otimista, Villa batia na mesa e subia o tom.

– Aumentará como uma torrente quando souberem que eu volto. Sou o Pancho Villa, caralho... De manhã seremos trinta, à noite cem, e no dia seguinte teremos um exército. – Olhava para eles um a um, desafiando-os a contradizerem-no. – É preciso mandar mensagens à nossa gente: as mulheres que preparem carne seca e moam mais milho, e os homens desenterrem as armas que esconderam.

Depois de dizer aquilo, deu uma gargalhada; e embora nunca bebesse, ergueu um copo e bebeu de repente um bom golo. A sua expressão cruel, observou Martín, fazia pensar num animal faminto e vingativo.

– Voltamos à campanha, rapazes. – O chefe guerrilheiro secava o bigode com as costas da mão. – E vamos fazer com que esses piolhosos falem por onde não é costume... Sobretudo essa serpente cascavel do Orozco, que foi o primeiro a trair *don* Panchito Madero e hoje põe os seus *colorados* às ordens do bêbedor Huerta.

Por fim, saíram do hotel e lá fora separaram-se. Martín e Villa caminhavam lado a lado enquanto Genovevo Garza, uns passos atrás, cobria o seu general à retaguarda. Atravessaram a San Francisco Street evitando a praça iluminada com postes elétricos, ainda concorrida com muitas pessoas e carruagens embora já fosse de noite. Ainda havia lojas abertas. Um automóvel iluminou-os com os seus faróis e afastou-se numa fumarada de combustível queimado.

– Malditos carros *gringos* – grunhiu Villa, incomodado. – Não acha, engenheiro?... Pouco há de melhor do que um bom cavalo. Uma mulher, talvez.

O chefe guerrilheiro caminhava com passos lentos e longos, de mãos nos bolsos e com o chapéu deitado para trás. Ao passar perto de uma luz, virou-se para Martín, inquiridor.

– Já se decidiu?... Vem ou fica?

Aquilo apanhou o jovem desprevenido. Tinha contado com algum tempo pela frente para pensar nisso. Procurou uma saída como pôde.

– Não sou mexicano, meu general.

– Em Ciudad Juárez também não era, e foi como viu. Ou vimos todos.

– Aceitar-me-iam convosco?

– Nem duvide... Faz serviços que muitos gostariam de fazer, é dos que não quebram, e na Sierra Diablo portou-se como um homem.

Villa tinha parado. Bateu-lhe suavemente com o dedo no peito, em cima do coração.

– Tem coisas aí dentro, amiguito. Coisas de que eu gosto – dirigiu-se a Garza, que se mantinha atrás deles. – E ele também gosta... Ou não, compadre?

– Sim, meu general – confirmou Garza.

– Não és leal a este *gachupín*?

– Muito, meu general.

Villa tinha recomeçado a andar, e agora puxava o braço de Martín. Baixou a voz até ao sussurro.

– Imagina o que podemos pagar em armas, munições, comida e pessoas com aquele ouro?... Deixar de montar cavalitos com estragos de carraças?

Dobraram a esquina da Franklin Street, iluminada por um grande anúncio de *whisky* Cedar Brook pintado na parede. Confiante, Villa continuava a puxar o jovem pelo braço.

– Você conhece artimanhas de dinamiteiro e usa a cabeça – prosseguiu. – Terá sempre lugar naquilo que vamos fazer... Além disso, visitou-me na prisão e também não se esqueceu do meu compadre Geno nem da sua gente.

Todos o apreciam, engenheiro.

– Nem todos – replicou Martín.

– Diz isso por causa do Sarmiento?... Não se preocupe. Esse apache acha que somos todos como pedradas nas partes más. Não sorriria nem à sua família, se a tivesse. Mas o que eu respeito, ele respeita.

Tinha parado de novo, olhando-o de perto. A luz dos postes elétricos deixados para trás ainda lhe perfilava meio rosto debaixo do chapéu.

– Anime-se, homem. Se veio a El Paso, deve ser por alguma coisa.

– Não tinha outro sítio para onde ir.

– Ah, mas que coisa! É curioso que diga isso. Há toda uma Espanha para o receber, se quiser. O mundo é grande e você tem estudos. Não é um desgraçado morto de fome.

– Não me referia a isso.

– Pois, claro... Sim. Eu percebo.

O fim da rua estava na sombra, e à medida que se afastavam do centro podiam ver melhor as estrelas por entre as fachadas das casas. De um edifício com janelas iluminadas e aspeto de salão ou bordel saía música.

– É um dos nossos – afirmou Villa.

A penumbra dissimulou o sorriso cético de Martín.

– Não tenho a certeza de ser de alguém.

– Ande lá connosco e vai ver. – Villa virou-se para o major Garza, que continuava a caminhar atrás. – Diz-lho tu, compadre.

– O que é que devo dizer, meu general?

– Convince aqui o senhor que se deixe de tretas e se junte a nós.

– Já ouviu, engenheiro – disse o outro. – É mesmo Pancho Villa quem lho pede.

O chefe guerrilheiro apoiou a mão no ombro de Martín: forte, pesada, segura de si. Feita para levar as rédeas de um cavalo e manejar uma pistola.

– Diga lá... Não o tenta ser revolucionário?

– Já fui.

– Pois seja outra vez, caralho.

Martín calou-se sem saber que replicar àquilo. Compreendia que qualquer palavra que pronunciasse nessa noite, num sentido ou no outro, ia marcar o resto da sua vida. E perante certas coisas era impossível voltar atrás. Talvez, concluiu, devesse conceder mais tempo a si mesmo. Refletir a frio. Pensar um pouco.

Mas Villa insistia, instando-o.

– Negue, se puder, que a palavra é bonita: *revolução*.

– Sim, é – concedeu o jovem.

– A mais bela do mundo. – O outro virou-se novamente para Garza. – É ou não é, meu Geno?

– É mesmo verdade, meu general. Sem ela só *semos* bestas com dono.

– Ouviu isto, amiguito?

– Ouvi.

– Poderá contar isso aos seus netos, quando os tiver: estive com Villa, que não admitia qualquer um... Dizer-lhes que foi um dos homens leais que atravessaram o Bravo.

Martín ainda tentou atrasar o compromisso. Deixar uma via alternativa para se no dia seguinte, à luz do sol, visse as coisas de outro modo. Assim que desse a sua palavra, não haveria volta atrás. Por isso fez uma última tentativa.

– Não sei se serei capaz – aventurou.

A gargalhada de Villa, estrondosa, parecia estremecer a rua.

– Capaz, foi o que disse?... Nasceu *pa* isto, engenheiro. *Pa* andar na refrega. O tiroteio põe-no quente... Sou eu que lhe digo, até há pouco tempo eu não sabia ler nem escrever, mas de cavalos, mulheres e homens percebo um bocado.

Parou outra vez como se acabasse de se lembrar de uma coisa. Martín viu-o introduzir dois dedos no bolso do colete. Algo dourado reluziu entre eles, e sentiu na sua mão o peso de uma moeda de ouro.

– Devia-lhe isto, parece-me. E posso, por fim, devolver-lho... Não pense que Francisco Villa se esquece de uma dívida.

.

Quatro dias depois, à meia-noite de 23 de março de 1913, um cavaleiro solitário atravessou o rio Bravo, pelo vau dos Partidos, com a água pela cilha do cavalo. Estava frio e usava uma samarra de pele de veado cuja gola roçava por trás na aba larga do seu chapéu. Assim que passou para o outro lado, o cavaleiro explorou a margem, entrou por entre as árvores até ter a certeza de que não havia ninguém nas imediações e regressou ao rio. Aqui, posto de pé nos estribos e a fazer buzina com as mãos na boca, emitiu um som rouco e depois agudo, entrecortado, que imitava o uivar de um coiote. Havia apenas um pedacinho de lua no céu estrelado, mas foi suficiente para na margem oposta se destacarem as silhuetas negras de mais oito cavaleiros, que um após outro foram entrando no leito escuro e manso do rio que separava o México dos Estados Unidos. A última daquelas sombras tinha um chapéu texano Stetson, um blusão de bombazina, um velho revólver no cinto e uma carabina Winchester embainhada na sela de montar, por baixo da perna direita. Era o espanhol Martín Garret Ortiz, que nessa mesma noite fazia vinte e seis anos.

191 Espécie de poncho mexicano de lã ou algodão, geralmente de cores vivas, com uma abertura para meter a cabeça. (*N. dos T.*)

202 *Sacatón* (*Muhlebergia macroura*) é uma planta da família *poaceae*, nativa da Mesoamérica. (*N. dos T.*)

12. As colinas de Zacatecas

As granadas rebentavam sobre Zacatecas em forma de nuvenzinhas cor de açafão, cuspidas saraivadas de reluzente metralha para cima dos federais encolhidos em barricadas e trincheiras. Os morteiros ecoavam entre o crepitar do tiroteio, semelhante a inúmeros troncos de lenha que crepitasse no fogo. Uma metralhadora repicava ao longe, insistente, monótona. Da sela do seu cavalo – uma deteriorada McClellan do exército norte-americano –, Martín conseguia ver os clarões da artilharia federal que disparavam da colina da Bufo e os seus impactos nas linhas revolucionárias: resplendores fugazes, repuxos de terra, pó e fumarada, cujos estampidos o eco repetia nos vales.

– Vejam, rapazes – exclamou Genovevo Garza. – Os *pelones* retrocedem para El Grillo!

Ouviram-se gritos de alegria entre a centena e meia de cavaleiros que esperavam sob a proteção de uns ranchos de que só restavam de pé algumas paredes de adobe. Ganhava-se a batalha, mas devagar e à custa de enormes perdas, pois o inimigo, bem fortificado, resistia com tenacidade. Já tinham caído as colinas de Loreto e da Sierpe, e pela ladeira desta última viam-se correr pela encosta abaixo, como pontinhos semelhantes a rápidas formigas, os federais que tinham estado a defender o topo, de onde fugia menos de uma centena. A bandeira tricolor, a constitucionalista, ondulava lá em cima.

O major Garza virou-se para Martín, olhando para ele, satisfeito.

– O que é que acha, engenheiro?... Estamos a enfraquecê-los ou não?

– Totalmente.

– Já lhe disse isso, compadre.

– Sim.

Martín passou a mão pela cara, e os pelos do queixo por barbear raspavam-lhe a palma da mão. Tinha as botas, as esporas e as calças manchadas de lama das últimas chuvas. À sua volta notava o cheiro dos cavalos misturado com o do seu próprio corpo: estava sujo e cansado por dois dias de sobressaltos e escaramuças, após chegar a Zacatecas num dos comboios da Divisão do Norte. Depois das sondagens e combates preparatórios, o assalto formal às colinas fortificadas que circundavam a

cidade não tinha começado antes das dez da manhã; mas Martín lutava sem repouso desde a véspera, depois de dinamitar duas pontes na estrada de Guadalupe e deixar fora de serviço durante a madrugada, ao amparo da escuridão e do nevoeiro noturno, um extenso tramo de via próxima da estação ferroviária, na linha utilizada para trazer reforços pelas tropas federais.

Dois projéteis de artilharia inimiga chegaram muito juntos: um passou sobre as cabeças dos cavaleiros com um som prolongado, semelhante ao rasgar violento de um tecido, e o outro rebentou perto levantando uma poeirada de pedras e de terra. Alguns cavalos empinaram-se inquietos, mas o de Martín manteve-se impassível, limitando-se a cabecear um pouco; era um baio de oito anos, forte, calmo, com uma bonita linha negra da crina até à cauda, habituado à guerra. Tinha-o adquirido no ano anterior por cento e vinte e cinco pesos em Chihuahua, ao entrar na cidade com as tropas de Pancho Villa, e montara-o na primeira e na segunda tomada de Torreón e na batalha de Tierra Blanca. Chamava-se *Láguena*.

– Vem aí Raúl Madero – disse alguém.

Tinha começado a soprar vento: as rajadas abanavam os ramos das algarobeiras e dobravam as abas dos chapéus. Apareceu o irmão do presidente assassinado, a cavalgar com a sua escolta. Rebentavam granadas no ar, e de cada vez que se ouvia chegar o zunir de uma metralha repentina, todos agachavam a cabeça. O recém-chegado dirigiu-se a Genovevo Garza e puxou as rédeas. Trazia as lentes dos óculos embaciadas de pó.

– O general Villa ordena-me atacar El Grillo, mas preciso de reforços.

– Tem-me à sua disposição, meu coronel.

– Os federais mandam gente das trincheiras de Las Peñitas para a colina. Pode estorvá-lo com o seu batalhão?

– Pois claro, não se preocupe.

– Assim que o inimigo afrouxar na colina, desbaratamos a sua resistência em todo o Zacatecas.

– Cáímos já em cima deles, meu coronel.

Enquanto o outro se afastava, Garza dirigiu um olhar vagaroso ao terreno por percorrer. Só via nele, compreendeu Martín, o que precisava de ver. Depois falou aos seus.

– Já ouviram, rapazes, preparem-se... Vamos dar cabo desses mortos de fome.

O major oferecia, apreciou Martín, uma imagem dura de guerreiro: cananas de balas cruzadas no peito, chapéu deitado sobre os olhos, a cicatriz que lhe cruzava a cara e o bigode grisalho, tudo coberto com uma camada de lama seca, pó e fumo de pólvora que branqueava rugas como facadas. Tinha-se virado para olhar para o jovem com uma cumplicidade próxima e antiga, e a sua expressão não era uma pergunta. Tinham combatido juntos demasiadas vezes e eram desnecessárias certas palavras.

– É evidente – respondeu Martín à pergunta não feita.

– Então, apresse-se, compadre, que se faz tarde.

O major encostou as esporas, Martín fez o mesmo, e com eles começou a movimentar-se devagar o esquadrão de cavaleiros que os acompanhava: eram os chamados dragões ou guias de Durango, cavalaria de exploração da brigada Villa. A infantaria – espingardas e carabinas, calças de algodão, chapéus largos de palma – estava um pouco mais além, deitada no chão, procurando oferecer o mínimo alvo possível à artilharia. Havia cadáveres caídos entre os arbustos e os penhascos, semelhantes a montes de roupa velha.

– Vamos lá, homens! – gritou Garza. – Não vão esses *pelones* julgar que somos medricas!

Iam-se levantando à sua passagem, avançando por trás. Contornaram a colina inimiga deixando-a à esquerda enquanto de cima, escalonados na encosta, os federais começavam a atirar com intensa espingardaria. Os cartuchos de chumbo zuniam e alguns caíram atingidos. Um cavaleiro que ia à esquerda de Martín inclinou-se sobre o pescoço do cavalo e, silencioso, sem abrir os lábios, deslizou da sela para o chão.

– Animem-se! Não facilitem a vida a esses filhos da mãe!

Os que iam a pé correram e os cavaleiros puseram a trote as suas montadas. De cima chegava agora chumbo espesso como um enxame de insetos furiosos. Homens e cavalos caíam. Para lá da colina e das trincheiras federais, atrás das folhas de agave cortadas pelas balas, podia ver-se uma parte da cidade: casas altas, torres de igrejas e fumaradas distantes que se erguiam verticais para se misturarem com as nuvens baixas e restos de nevoeiro que ainda não se dissipara totalmente, acinzentada pela bruma da pólvora queimada.

– Animem-se!... Viva Villa, rapazes!

Quando se ouviu o clarim e passaram a galope, o estrondo de cascos de cavalos, de explosões e disparos tornou-se ensurdecedor. Martín cavalgava com os estribos separados e encurvado sobre a montada, com o chapéu amachucado e os dentes cerrados, tenso como se os músculos se tornassem tiras de couro enquanto rondavam as balas inimigas. Via pelo canto do olho, no alto de El Grillo e de Bufo, resplandecer os clarões dos canhões como reflexos de espelhinhos diminutos, ouvia rebentar granadas por cima da sua cabeça e não pensava senão em continuar a picar as esporas, avançar sem que o matassem enquanto Genovevo Garza ordenasse a paragem, desmontar e combater a pé na terra, como os dragões. Não sentia outro medo senão o habitual à arma quente e à mutilação, nem outra audácia senão a comum resignação do soldado. Poucos teriam reconhecido o jovem engenheiro de minas que teve o seu primeiro contacto com a guerra em Ciudad Juárez naquele homem magro e duro, queimado pelo sol, agora capaz de captar os matices complexos do perigo e da morte com os olhos e os ouvidos. Com o instinto, não com a razão. Afinal, desde que tinha atravessado o rio Bravo com Pancho Villa, de San Andrés a Zacatecas, aquele era o seu décimo primeiro combate.

Ao verem aparecer os cavaleiros, os soldados federais que da cidade se

dirigiam para a colina, pararam e começaram a regressar às trincheiras. A paisagem pontilhava-se de fardas caquis recuando em desordem enquanto os seus oficiais tentavam contê-los e fazê-los seguir em frente. O clarim soou naquele momento, e Martín, como os outros cavaleiros, incluindo Genovevo Garza, tirou a espingarda da bainha, desmontou, e com as rédeas seguras no braço esquerdo preparou a espingarda e começou a disparar protegendo-se no corpo do seu cavalo. Fazia isto devagar, como tinha aprendido, sem se precipitar, levando tempo entre disparo e disparo, procurando com calma qual o inimigo a apontar para fazer o melhor alvo. Abria a boca para que os estampidos da arma não lhe maltratassem os tímpanos, respirava fundo, retinha o fôlego e voltava a abrir fogo. E quando via as figurinhas caquis a caírem, pelos seus disparos ou pelos dos seus companheiros – a cento e cinquenta metros era impossível saber quem acertava em quem –, sentia um regozijo íntimo, cruel, feito de satisfação por matar e de alívio por continuar vivo.

A infantaria atingia os cavaleiros, e a chuva de chumbo combinada de uns e de outros enterrou os federais nas trincheiras. A descoberto já só se viam cadáveres e feridos que se arrastavam procurando proteção e eram mortos a tiro, sem piedade. Quando Martín, meio agachado, apoiou as costas no flanco do seu cavalo para recarregar a espingarda, dirigiu o olhar para El Grillo enquanto introduzia os cartuchos um a um. Por uma encosta via-se subir penosamente a infantaria revolucionária e pela outra descer os federais que tinham defendido o cume. O céu estava limpo um pouco mais para leste, tornando-se azul, e nele se erguiam colunas de fumo cinzento. Estremecendo, o jovem recordou os gritos dos cavaleiros que, apanhados nas primeiras cargas do dia sob os cavalos mortos, tinham sido queimados vivos entre os arbustos incendiados pelos morteiros.

Genovevo Garza, que estava perto e também recarregava a sua carabina sob a proteção do cavalo, dirigiu a Martín uma risada triunfal sob o bigode tinsado de pólvora.

– Os *pelones* desistem, compadre! – gritou.

O jovem assentiu, sentindo que o prazer rebentava dentro dele como uma granada. Os seus olhos de veterano tinham reconhecido o sinal: o incêndio de edifícios que, do lado dos federais, acompanhava sempre a evacuação de povoações e cidades.

Sob a luz de um esplendoroso ocaso, Zacatecas era uma matança. A estação de caminho de ferro parecia um cemitério a céu aberto – o coronel que a defendia foi fuzilado mal se rendeu – e a estrada de Guadalupe, por onde os huertistas quiseram fugir sem o conseguirem, negrejava de homens e cavalos mortos, de fardas que os fugitivos tiravam tentando fugir da carnificina. No final, cada um tinha procurado salvar a sua própria vida. Mas não eram só as colinas e o caminho de Guadalupe: também na cidade, entre os cadáveres, se via muita população civil, inclusivamente mulheres e crianças. O Palácio Federal e o Teatro Calderón estavam em ruínas. Havia destroços e escombros

por todo o lado, feridos e mortos sobre poças de sangue atirados nos passeios, sob as arcadas e amontoados nas plataformas de dois elétricos parados no meio da rua.

Passada a tensão do combate, atordoado pela ressaca da pólvora, mas ditoso por estar vivo e sem feridas, Martín observava tudo com fria estupefação. Caminhava pelo centro da cidade com o seu cavalo pelas rédeas, olhando para um lado e para o outro. Exasperados pela resistência inimiga, os revolucionários vingavam os seus mortos com toda a raiva, crueldade e vileza que o ser humano é capaz de albergar em si. Os heróis da jornada tornavam-se assassinos no crepúsculo: matava-se para conseguir álcool ou comida, para roubar e violar. Depois de invadirem hotéis e *cantinas*, bandos de revolucionários festejavam a vitória destruindo, saqueando, entrando nas casas a sangue e fogo, ao mesmo tempo que se ouviam descargas de piquetes de fuzilamento. A nenhum chefe, oficial ou *colorado* das tropas de Orozco se lhe perdoava a vida ainda que se rendesse, e até soldados rasos, tirados dos seus esconderijos em casas, igrejas e hospitais, eram assassinados a torto e a direito.

– Olá, dinamiteiro.

Com a última luz, para lá das ruínas fumegantes do Palácio Federal – também havia uma casa em chamas que crepitava perto sem que ninguém fizesse nada para atalhar o incêndio –, Martín deu de caras com Tom Logan. O mercenário norte-americano estava sentado num banco da praça com uma caixa de *whisky* Wilson e uma maleta entre as polainas. Tão sujo e poeirento como Martín, fumava um cigarro de marijuana enquanto olhava para umas mulheres – tinha chegado um comboio revolucionário e as *soldaderas*, algumas com filhos às costas, espalhavam-se pela cidade juntando-se ao saque – a disputarem uma máquina de coser diante da bela filigrana de pedra da catedral espanhola. Algumas vestiam peças de roupa roubadas das lojas. Batiam-se e insultavam-se com violência, e Logan observava-as, divertido.

– Adoro este disparate – disse ele. – Teria de inventar uma palavra para definir isto.

– Guerra – fez notar Martín.

– Sim, claro... Guerra.

Tinham-se encontrado outras vezes durante a campanha, reconhecendo-se. Logan, dispensado depois de Ciudad Juárez, voltou a alistar-se nas tropas villistas durante a primeira tomada de Torreón. No intervalo, defendia ele, tinha trabalhado num rancho do Arizona, mas aquela vida não o preenchia. E ao saber que Pancho Villa entrava novamente em campanha, voltou ao México para se juntar à Divisão do Norte. O veterano da guerra de Cuba continuava a ser especialista em metralhadoras, e tinha a seu cargo uma secção e três máquinas Hotchkiss e uma Colt servidas por uma dúzia de voluntários ingleses e norte-americanos. Durante a batalha por Zacatecas, disse ele, tinha estado no ataque à estação de caminho de ferro e ao panteão do Refugio.

– Foi duro, não? – comentou Logan.

– Mais ou menos.

– Perdi três das minhas metralhadoras... Que tal te correu a ti?

Dava palmadas no banco a seu lado, convidando-o a sentar-se. Martín atou as rédeas do cavalo no encosto de ferro, tirou o chapéu, moveu a pistola embainhada que levava no cinto, para que não incomodasse, e ocupou o lugar oferecido.

– Podia ter sido pior – disse ele.

– Sim, a sério? – O outro sorria, sarcástico. – Pode sempre ser pior.

Agachando-se com o charuto entre os dentes, extraiu uma garrafa da caixa, tirou-lhe a rolha e entregou-a a Martín. Este aceitou: o longo golo queimou-lhe a garganta e avivou-lhe os sentidos. Logan também bebeu.

– Dizem que Huerta está acabado – disse ele.

O jovem não estava tão seguro disso. Olhava para as *soldaderas* a afastar-se, que perseguiam, furiosas, a que carregava a máquina de costura.

– No México nada acaba totalmente. Volta sempre a começar.

– Isso é verdade. E grande loucura, não é? – Logan fez um movimento semicircular com a mão que segurava a garrafa, abarcando a praça e a cidade.

– Não há quem detenha esta barbaridade.

– Desabafam – opinou Martín. – Sofreram muito.

– Desabafámos... Também tu e eu.

– Talvez nós, estrangeiros, vejamos a vida de outra maneira.

– Achas que sim?

O *gringo* bebeu outro golo e indicou com o polegar para trás de si, sem se virar.

– Ali mesmo vi vários dos nossos a tirarem de rastos uma mulher para a violarem. Novinha, hã?... Quase uma menina. Filha de huertistas, diziam eles. Eu conhecia um deles, e convidou-me para me juntar à festa.

– Mas não o fizeste.

– Não é o meu estilo. – Logan olhava para ele com curiosidade. – Também não é o teu, parece-me.

– Há pessoas que te censurariam por não teres impedido isso.

O outro emitiu um risinho cínico.

– Ninguém aqui me atiraria isso à cara... A minha passividade.

– Não falo daqui. Embora às vezes pareça incrível, há outros mundos além deste.

Logan coçou as patilhas ruivas. Pôs a rolha na garrafa e meteu-a na caixa.

– Achas que eu deveria ter intervindo? – Agora franzia o sobrolho, pensativo. – Ter dito àqueles animais bêbedos que violar mulheres é mau?

– Claro que não. Arriscavas que te dessem um tiro.

– Foi o que pensei. Por isso vim com o meu *whisky* e o meu saque para aqui, apanhar ar fresco. Tu terias feito o mesmo.

Martín meditou naquilo brevemente.

– Sim – disse.

O outro tinha aberto a maleta e mostrava-lhe o conteúdo: talheres de prata, dois relógios, algumas joias de mulher.

– Não pegaste em nada?

– Ainda não.

– Se demorares, vais encontrar pouco... Até levo dentes de ouro.

A brisa, ao anoitecer, proveniente das colinas, trazia cheiro a madeira queimada e a carne podre. Logan ergueu um pouco o queixo, farejando o ar como um cão de caça treinado.

– *Smell of war* – disse.

Depois fechou a maleta, terminou o resto do cigarro e deixou-o cair. O sol tinha-se ocultado totalmente e o incêndio da casa iluminava-os de longe. À volta continuavam a ouvir-se gritos e disparos distantes.

Martín levantou-se, pondo o chapéu sem vontade. Sentia-se bem com o *gringo*, mas precisava de encontrar um sítio onde jantar alguma coisa e depois dormir doze horas seguidas. Quando estava muito cansado, a velha ferida na anca esquerda ainda incomodava um pouco.

– Para onde vais? – quis saber Logan.

– Procurar a minha gente... Pertença ao estado-maior do general Villa, mas para combater costumam atribuir-me os guias de Durango.

– Os de Genovevo Garza?

– Esses.

– E o major saiu ileso do tiroteio?

– Nem um arranhão.

– Um tipo especial, esse Garza. É o que tenho ouvido dizer... É verdade que o quiseram nomear tenente-coronel, mas ele recusou?

– É verdade – confirmou Martín. – Não deseja ser promovido.

– Caramba!... E porquê?

– Diz que mal sabe ler e escrever, e nem tem vontade de aprender. Que se sente bem como major, que não o venham chatear.

Logan desatou a rir.

– Não seria o primeiro analfabeto a chegar a general.

– Pois, mas ele é assim.

O norte-americano indicou as duas barrinhas de latão cosidas no blusão de Martín.

– E tu, tenente?

– Deram-me isto para que me respeitem, mas não exerço muito.

Desatou as rédeas do cavalo, que relinchou suavemente ao sentir a sua mão. A Winchester 30/30 estava no seu estojo, na sela. Tenho de a limpar assim que puder, pensou. Demasiados disparos, hoje. E nunca se sabe.

– Permites-me uma pergunta mais pessoal? – inquiriu Logan.

– Fá-la e veremos se respondo ou não.

– Eu não tenho segredos, nem pretendo. Ando na revolução porque gosto disto e pagam-me dois pesos e meio por dia... Mas, e tu?

Martín demorou um momento a responder.

– Aprendem-se coisas – resumiu.

– Perdão?

– O México é uma boa escola para alguém que olha.

O outro observava-o, inseguro.

– É isso que és, alguém que olha?

– Procuro ser.

– Mas também és alguém que mata.

– Até quando mato, olho. E tenho direito: o preço é que também me podem matar a mim.

– E o que vais fazer quando tiveres visto tudo?

– Suponho que me irei embora. Voltarei para de onde vim.

– Talvez não seja fácil adaptares-te, depois de viveres isto. Para mim foi impossível.

– Averiguá-lo-ei quando estiver longe.

– Sabendo?

– Exato, a palavra é essa. Sabendo coisas que antes não sabia.

Tocou com o polegar e o indicador na aba do chapéu. Depois começou a andar e *Láguena* seguiu-o, dócil.

– Vemo-nos por aí, Logan... Para a próxima.

– Oh, é evidente, dinamiteiro. Aqui há sempre uma próxima.

*

Depois de um dia de balázios, estava a ser um anoitecer de encontros. Perto do Teatro Calderón, lugar de reunião combinado para a gente da brigada Villa, mas convertido noutra ruína fumegante, Martín viu o índio Sarmiento. Em todo o centro da cidade, grupos de constitucionais agora convertidos em bandoleiros festejavam a vitória fuzilando prisioneiros e roubando tudo o que encontravam de valor à sua passagem, de forma que, entre os cadáveres que ninguém retirava e os vidros partidos das montras se amontoavam restos das lojas saqueadas.

Sarmiento estava num desses grupos: sentado à luz de dois candeeiros de querosene numa cadeira diante da mesa tirada de uma *cantina*, rodeado de garrafas vazias ou meio vazias, na companhia de vários sujeitos de catadura sinistra e algumas mulheres de bordel – que recebiam os revolucionários com o mesmo entusiasmo que antes tinham dedicado aos federais –, ditava justiça sumária para os prisioneiros que lhe iam trazendo de espingarda apontada.

A cena era tão espantosa, tão primitiva e brutal, que Martín se deteve a observá-la. Os villistas apresentavam um homem manietado, militar ou civil, e Sarmiento, depois de simular uma consulta ao estranho jurado, ditava uma sentença que era sempre de morte. Não escapavam a ela nem militares federais, alguns deles feridos, nem mesmo cidadãos de Zacatecas, conhecidos pelas suas simpatias huertistas. Quanto aos *colorados*, os poucos seguidores de Pascual Orozco que continuavam vivos, eram trazidos à pancada e aos

empurrões, resignados a um destino que conheciam de antemão. Se para os chefes e oficiais do exército governamental não havia piedade, para eles também não. Bastava a palavra *colorado* para que Sarmiento, entre golo e golo de álcool, indicasse o beco para onde eram conduzidos para os executarem como animais. Martín espreitou para dar uma olhadela e o que viu fez-lhe contrair o estômago. A passagem era estreita e comprida; e no fundo, à luz olivácea de um candeeiro, amontoavam-se os cadáveres. Havia pelo menos vinte, e o chão de terra era uma lama sanguinolenta que chegava até à esquina.

Ecoaram botas e vozes pelo passeio de madeira e Martín viu que traziam outro prisioneiro. Não devia ter mais de treze anos, tinham-lhe atado as mãos à frente e um dos captores mostrava um clarim de latão reluzente que acabavam de lhe arrebatar. Era um corneta muito novo que, na roupa esfarrapada levava ainda o distintivo do general *colorado* Benjamín Argumedo. Tinham-no visto escondido no meio da palha de um estábulo. Tentava manter-se digno, direito apesar dos empurrões, mas os seus olhos nervosos, desorbitados pelo medo, iam de um rosto para o outro, procurando onde encontrar compaixão.

– É só um miúdo – disse uma das mulheres.

– Mas bem *coloradito* – respondeu Sarmiento, trocista.

Falava lentamente, pois o muito beber tornava-lhe a língua pastosa. Os seus olhos amarelados pareciam turvos e injetados de sangue. Tinha descoberto Martín e olhava mais para ele do que para o rapaz, como se lhe estivesse a dedicar a cena.

– É apenas um garoto – insistiu a mulher. – Uma criança.

Sarmiento ordenou que baixassem as calças ao rapaz. Martín tinha visto isso outras vezes.

– Vejam-lhe as vergonhas – ordenou o índio. – Se tiver pelo, é homem que chegue para levar um tiro.

Despiram o miúdo da cintura para baixo, por entre risos. O pobre tentava tapar-se com as mãos atadas.

Havia pelo.

– Abatam-no! – ordenou Sarmiento.

Continuava a olhar para Martín quando disse aquilo. E algo rebentou subitamente na cabeça deste. Uma perigosa combinação de fadiga, saturação e raiva que fazia desvanecer toda a prudência.

– É uma barbaridade – interveio. – Uma coisa é matar a quente; e outra, isto.

Sarmiento, que estava prestes a aproximar uma garrafa da boca, ficou tão imóvel como uma cobra cascavel que descobrisse uma presa.

– *Pa* que é que se mete, se ninguém o chamou? – disse ele, por fim.

– Você não tem autoridade.

O outro retorceu a boca, fanfarrão.

– A minha autoridade são os meus tomates.

E logo a seguir, deixando a garrafa na mesa, tirou o revólver e deu um tiro na cara do corneta, tão inesperadamente que aqueles que o guardavam se afastaram assustados. As mulheres gritaram e o miúdo caiu de costas, com o rosto desfeito. Um regueiro de sangue estendeu-se pelo passeio e pingou no chão da rua.

– Filho da puta – disse Martín, sem conseguir conter-se.

O índio olhou para ele como se não desse crédito ao que acabava de ouvir.

– O que é que disseste?

O tratamento por tu tornava ainda mais sinistra a sua atitude, mas Martín enfrentou a investida. Já não era possível dar um passo atrás, por isso repetiu o velho insulto espanhol.

– Disse que és um filho da puta.

Fez-se um silêncio denso, de matizes mortais. Sarmiento não tinha metido o revólver no coldre. Mantinha-o em cima da mesa, junto das garrafas, lançando-lhe olhares indecisos, como se calculasse o que fazer. Martín suspeitou que ele não estava tão bêbedo como parecia, mas que lhe interessava aparentar perante posteriores justificações. E compreendeu que tinha caído numa armadilha.

– Este quem é? – perguntou um dos mexicanos.

– Um *gachupín* que diz asneiras e anda por onde não deve – respondeu Sarmiento.

– O general Villa não gosta dos espanhóis – disse outro.

– Nem eu. – O olhar do índio era promissor como a morte. – São amigos dos ricos e traidores da revolução.

Martín olhou em redor, desamparado. Não conhecia nenhum daqueles fulanos. Tocou com um dedo nas barrinhas de latão cosidas no seu blusão.

– Sou tenente da Divisão do Norte.

Voltaram-se uns para os outros e a seguir para Sarmiento, indecisos. Este abanou a cabeça e mostrou os dentes num esgar venenoso.

– Eu sou capitão, e quero que os tenentes se fodam e vão e para a puta que os pariu... Desarmem-no.

Os outros hesitaram e Sarmiento insistiu.

– Desarmem-no, caralho!

No fim, um dos mexicanos arrebatou as rédeas do cavalo de Martín e outro tirou-lhe a pistola do coldre. Moviam-se tropegamente e tresandavam a álcool, fumo e roupa suja. O jovem deixou que lhe fizessem aquilo, sem resistir.

– Por fim, tens a tua oportunidade, Sarmiento – disse ele, amargo.

– E não penso desaproveitá-la. – O índio indicava o beco. – Levem-no para lá.

– Não podes fazer isso.

– Pois claro que posso.

– O general Villa vai enforcar-te por isto.

– Eu com Villa entendo-me mais tarde. – Voltou a indicar o beco. – Deem-lhe *padentro* a este traidor.

Martín sentiu que o beco cheirava a morte. À de outros e à sua: a matança que se vislumbrava na penumbra do candeeiro, os corpos amontoados à medida que iam caindo, e ele mesmo, que pisava a lama sanguinolenta em que o chão se tinha convertido. Noutras circunstâncias, teria analisado os passos finais que dava na vida com a curiosidade racional, às vezes instintiva, que orientava cada um dos seus atos e pensamentos. Mas naquela noite, última na sua última hora, estava muito cansado; demasiado confuso para que o iminente, o inevitável, o descontrolasse. Tudo parecia um pesadelo absurdo de que era preciso sair de algum modo. E, nesse momento, morrer era uma forma tão boa como outra qualquer de se evadir. De cair, por fim, e descansar.

Quando lhe ordenaram que se detivesse, parado quase em cima do monte de mortos, ficou surpreendido por não sentir medo. Também não sentia coragem – tanto lhe fazia que os seus estúpidos carrascos o vissem morrer –, e nem sequer indiferença. Embargava-o uma tristeza nova, até então desconhecida. Muitas vezes estivera perto do final, mas sempre em combate, a céu aberto, dono do destino e dos atos que o tinham levado até ali. No entanto, agora, à trémula luz do candeeiro de querosene naquele beco, a morte, a extinção de tudo, provocava-lhe uma intensa melancolia; uma tristeza desconsolada, extrema, silenciosa, que lhe subia do peito à garganta e aos olhos em longo soluço interior. Vou morrer quase às escuras num canto perdido do mundo, e vão-me matar homens cujos nomes não conheço, cujas caras quase não vi. E nada de tudo aquilo que no resto da minha vida teria sido possível poderá já acontecer.

Com um empurrão puseram-no virado para a parede, e ao apoiar as mãos nela sentiu as marcas de anteriores balas. O cano de uma Mauser tocou-lhe na nuca, duro e frio. Quando dispararem, pensou absurdamente, vou dar com a testa na parede. O que não é bom, pois a pancada vai-me doer. Por isso, resignado, apoiou muito devagar a cabeça, com os olhos fechados e os músculos tensos, à espera do impacto. Tinha ouvido dizer várias vezes que no instante supremo se recordavam cenas da vida passada, mas verificou que não era verdade. Ele só pensava em não bater com a testa na parede ao morrer.

Esperou um pouco, mas o disparo não chegava. Atrás de si ouviram-se vozes confusas a que não prestou atenção. Se demorarem muito, disse para si mesmo, as minhas pernas acabarão por fraquejar.

– Acabem de uma vez, cabrões! – gritou, impaciente.

Mas não houve disparos. As vozes atrás dele continuavam a ouvir-se e chegavam como que através de um véu que amortecesse os sons. De repente, umas mãos vigorosas agarraram-no pelos ombros para o virarem e diante dos seus olhos aturdidos apareceu o rosto de Genovevo Garza.

A luz do sol da manhã, ainda horizontal, entrava pela janela iluminando o perfil rude de Pancho Villa. Estava em mangas de camisa e pistola no cinto, recém-lavado, com o cabelo húmido, na sala de jantar de uma casa do centro da cidade onde tinha instalado o seu quartel-general. Rodeado de espelhos, quadros e marchetaria com madeiras finas, tomava o pequeno-almoço com talheres de prata, um *atole* de farinha de milho com paus de canela, e parecia mais atento a meter nele a colher do que aos homens que aguardavam de pé do outro lado da mesa, em cima da madeira encerada do chão. Martín era um deles, e também ali estavam Sarmiento, Genovevo Garza e o secretário pessoal de Villa, um jovem chamado Luis Aguirre. De vez em quando, o chefe revolucionário levantava os olhos para lhes dirigir um olhar silencioso e continuava a comer. Por fim acabou, limpou a boca com um guardanapo engomado e branco e deitou-se para trás no encosto da cadeira.

– Não sei como raio não vos mando fuzilar a todos... Não veem que tenho coisas mais sérias em que me ocupar?

– Faltou-me ao respeito, meu general – disse Sarmiento. – À frente do pessoal.

Villa olhava para Martín.

– Como explica isso, amiguito?

– Foi para lá do permitido, meu general. Matava a torto e a direito, sem necessidade.

Villa escarafunchava os dentes com um dedo. Passado um momento, inclinou o rosto para cuspir no chão.

– Pelo que sei, este apache cabrão cumpria ordens minhas e do senhor Carranza, primeiro chefe da revolução: matar chefes e oficiais federais e *colorados* de qualquer classe, cada um com uma bala. Você sabe isto como toda a gente.

– Matou um cornetinha muito novo, quase uma criança.

Villa voltou-se para o outro, trocista.

– Ó pá, Sarmiento. Agora deu-te para limpar o sebo a catraios?... Não te chegam os que já fazem a barba?

– Era outro bandeira-vermelha, meu general – contestou o índio, sombrio. – Com pelo nos aparelhos. E se era homem suficiente *pa* andar a dar cornetadas com Orozco, mais ainda era *pa* bater a bota.

– Mas também quiseste dar baixa aqui do engenheiro.

– Digo-lhe que me faltou ao respeito. Muito pior, falou mal da minha mãe.

Villa fez cara feia.

– Ah, pois, isso não é bonito, não. Que boca tão má! Mas os machos resolvem essas coisas de ti para ti aos tiros, e não a fuzilar pela mão dos outros.

Genovevo Garza, que até então não tinha dito nada, interveio.

– Com licença, meu general... Se o Chingatumadre não tivesse chegado

a vê-lo e me avisasse, tinham dado cabo dele ali ali mesmo.

– E quem é o caralho do Chingatumadre?

– Um dos meus sargentos, que andava perto e conhecia o engenheiro.

Graças a ele ter corrido para me avisar, cheguei a tempo.

Villa sorriu, malévolo, piscando o olho a Martín.

– Nasceu outra vez ontem à noite, engenheiro. Já pode trocar o dia do seu onomástico.

Dito isto, ficou a olhar para ele, com vontade de acrescentar alguma coisa.

– Dizem-me que ontem e anteontem lutou como os melhores – disse ele.

O jovem sustinha-lhe o olhar, calmo.

– Fiz o que pude – replicou com simplicidade.

– E fê-lo bem, ao que parece. Ou não?... Diz que rebentou o caminho de ferro aos federais. Felicito-o.

– Obrigado, meu general.

– Não tem de quê. É o único *gachupín* que conheço que eu acho simpático... Mas deixe-me dizer-lhe, amiguito. Está há muito tempo na Divisão do Norte e sabe como são as coisas.

Villa passou a mão pelo cabelo crespo, como se lhe picassem parasitas que o banho quente não tivesse eliminado. Depois coçou o pescoço poderoso na camisa entreaberta.

– Sabem o que eu pensava ontem na batalha, quando chovia tiros a sério e a nossa gente caía a subir as colinas?... Pois pensava que ali lutavam homens que queriam ganhar contra outros que não queriam que eles ganhassem, e que muitos morreriam sem saber quem ganhava e quem perdia.

Ficou calado por momentos. Pegou na faca da mesa, experimentou o gume na palma da mão e afastou o talher, com desdém.

– A revolução é assim – comentou, por fim. – Faz-se matando... Ganha-la quando matas mais do que o inimigo, e perde-la quando matas menos. E só com mortes e mais mortes é que progride a causa do povo. Por isso, não há forma. Chegada a hora, da mesma forma que matas é preciso saber morrer.

Os seus olhos cor de café penetravam severos, como se verificasse a sua conformidade com o que ouviam. Acabou dirigindo-se a Martín.

– Você, amiguito, fez mal em armar-se em metedijo, e o Sarmiento fez mal em querê-lo fuzilar... Por outro lado, o índio fez bem em cumprir a ordem de não deixar um *colorado* vivo, você fez bem em não quebrar quando o iam matar, e o meu compadre Genovevo fez ainda melhor tirando-o do paredão. – Voltou-se para o secretário, que se mantinha à parte com um cartapácio grande com documentos debaixo do braço. – Expliquei-me bem, Luisito?

– Perfeitamente, meu general.

– A mim também se me cola a vontade de ser salomónico, ou como raio se diz isso. Nem tudo é picar esporas ao *Siete Leguas* e andar aos tiros.

– Com efeito, meu general – concordava o secretário. – Está tudo dito.

– Pois, isso... Todos fizeram bem e mal, e a vida é mesmo assim.

Villa passou pela sala um olhar pétreo, que não admitia réplica. E apontou para o cartapácio.

– Sabem o que vou fazer já a seguir, quando vocês me permitirem prestar atenção a coisas que importam de verdade?... Pois vou receber dez ou doze cidadãos, os mais ricos, chocolateiros e perfumados de Zacatecas, que o Luisito deixou lá fora à espera, *pa* lhes dizer que têm até ao pôr do sol *pa* me darem duzentos mil da águia como contribuição para a causa. E se não obedecerem, fuzilo-os.

Voltou a coçar a cabeça e olhou para as unhas à procura de algum resultado da exploração. Depois, com a mesma mão, mostrou-lhes a porta.

– Agora mesmo desapareçam da minha vista e deixem-me continuar a fazer a revolução, que já me reclama. Você, engenheiro, esqueça o defuntinho e o arrebatamento do Sarmiento; e tu, apache, esquece os insultos à tua mãe... Por isso, apertem a mão e não me chateiem.

.

Era um pátio grande e empedrado de um casarão situado perto da praça de touros. Abandonado pelos donos, partidários de Huerta que fugiram antes da batalha, o lugar mostrava os estragos do saque: no chão havia restos de louça, vidros partidos, roupa pisada, livros e papéis meio queimados. Os móveis de mogno eram usados no lume da cozinha e os cortinados e tapetes, em albardas para os cavalos. Apoiado contra uma parede, o retrato de alguém respeitável com levita negra e corrente no colete tinha sido usado como alvo para experimentar a pontaria. Podia tratar-se do antigo presidente Porfirio Díaz, mas era difícil saber. O rosto da tela era irreconhecível, crivado de balas.

– Aproxime-me o óleo, engenheiro. Faça-me o favor.

Martín pegou na latinha de Montgmomery Ward e entregou-a a Genovevo Garza. Estavam sentados em elegantes cadeiras forradas de veludo, trazidas da sala de jantar da casa. Entre um e outro havia uma mesa onde tinham as armas desmontadas que limpavam: duas espingardas, o revólver do major e a pistola de Martín, que embora conservasse o velho Orbea espanhol, preferia usar em campanha uma potente Colt calibre 45. Na tarde anterior tinham conseguido munição e peças sobresselentes de sobra ao rebentarem a porta da armaria MW & Co. da rua Correos e esvaziarem rigorosamente as prateleiras.

– Este óleo *gringo* é bom – comentava Garza, satisfeito, lubrificando a engrenagem da alavanca da sua arma.

Martín indicou a marca do preço.

– Tem razões para ser, não?... Cada lata custa vinte centavos de dólar.

– É mesmo. Mas a nós fizeram-nos um desconto.

A poucos passos, Maclovia Ángeles cerzia e remendava sentada no pátio com outras mulheres. Quase todas vestiam uma mistura disparatada de roupa

camponesa e peças provenientes dos armários da casa, mas Maclovía conservava a sua longa saia escura e a habitual blusa de tecido cru sobre cujos ombros pendiam duas tranças espessas e negras. Embora já não se combatesse na cidade, a *soldadera* mantinha o seu pesado pistolão na anca direita. Às vezes levantava o olhar do trabalho e observava os dois homens que limpavam as armas ou dirigia um olhar para o grupo de villistas que do outro lado do pátio, sentados ou deitados no chão e com as cananas de balas penduradas das espingardas postas em pé, se agrupavam em volta do sargento Chingatumadre, que tentava várias vezes tocar *Las tres pelonas* numa guitarra a que faltava uma corda. Todos fumavam tabaco proveniente do saque, mas não havia nem uma gota de álcool. Assim que amanheceu após a desordem da vitória, Pancho Villa tinha ordenado partir as garrafas nas *cantinas* e fuzilar quem se encontrasse bêbedo.

Garza encaixava, depois de as secar bem com um trapo, as peças metálicas no compartimento dos mecanismos da espingarda. No fim, ajustou a tampa e olhou para Martín, ocupado a passar a baqueta pelo cano da sua Winchester.

– Se calhar já não é preciso usá-las mais, engenheiro.

– Isto é o México – respondeu este enquanto erguia o cano e semicerrava um olho para verificar a limpeza da alma.

Quando a deixou na mesa e começou a montar as peças, viu que Garza olhava para ele, pensativo.

– O que há, meu major? – perguntou.

– Pois nada... Olho para si, compadre, e apercebo-me de como mudou.

– Para bem ou para mal?

– Ó homem, nem pensar. *Pa* bem... Só pode.

O guerrilheiro esfregava a sua espingarda com um trapo.

– Lembro-me de quando o conheci – acrescentou.

– O ouro do Banco de Chihuahua. – Martín sorria, evocador.

– É isso.

– E o pobre *don* Francisco Madero.

– Caralhos.

O major continuava a olhar para ele, benevolente, e Martín pensou que também ele mudara desde os tempos de Ciudad Juárez: o seu cabelo e bigode tinham-se tornado completamente grisalhos, e a cicatriz da cara confundia-se com as rugas que, como facadas, esquartejavam o rosto cor de bronze. No entanto, o seu olhar era o que tinha envelhecido mais. Agora parecia emergir nele a resignação e o cansaço.

– Você era um miúdo aplicado – recordou Garza. – Muito curioso e cheio de vontade.

– E agora o que sou?

– Não lhe sei dizer, mas sei o que não digo.

– Seu amigo?

O mexicano fez um gesto de censura, como se a pergunta fosse uma

ofensa.

– Ó homem, mais do que isso... É meu compadre.

– É uma honra que diga isso, meu major.

– O que digo é a verdade pura e simples. Está aí, com poucas manias, a limpar as suas armas como se não tivesse feito outra coisa na vida. Mais mexicano do que o *pulque*. Vi-o arriscar o coiro matando *pelones* em Torreón, na Tierra Blanca, em Ojinaga... E até arriscar tudo, no outro dia, com o Sarmiento por defender um miúdo *colorado* a quem eu mesmo, se estivesse onde ele estava, teria dado um tiro.

Passou pela última vez o trapo pela espingarda. Depois pegou nos cartuchos metálicos amontoados em cima da mesa e começou a introduzi-los no carregador.

– Há quem não perceba que um homem com a sua educação e os seus meios possa gostar desta vida... Que queira estar connosco só por gosto.

Martín sorriu.

– É difícil explicar.

– Por isso não peço que mo explique.

O mexicano continuava a meter cartuchos. Passado um momento, levantou a cabeça.

– Permite-me mais uma confiança, engenheiro?

– Pois claro.

– Nestes três anos, desde que nos encontrámos em Juárez, fez-se um homem leal. Um tipo rijo e calejado, tão corajoso que nem foge a nada... Alguém a quem se pode confiar um segredo. Ou a vida.

Martín sorriu com afeto, sem dizer nada. Garza tinha metido seis cartuchos e deixava a arma em cima da mesa.

– Não é desses – prosseguiu – *pa* lhes dizer não te gables cesta, que vais à vindima. Nem pensar. Sabe estar e sabe fazer-se perdoar, e sobram-lhe as palmadinhas nas costas e as barras de tenente... A minha Maclovia diz que podia chegar a coronel, se se pusesse a isso. E estou de acordo. O que acontece é que não se põe a isso.

Martín olhou para a *soldadera*, que continuava a coser com as outras mulheres.

– Receio que continue a não simpatizar comigo – concluiu.

– Engana-se, compadre. A minha mulher é como a vê, de maneiras rudes. Sem educação. Mas dá-lhe valor, já lhe contei. Uma vez disse-me que é o único entre todos aqueles esfarrapados piolhosos com quem se iria se eu batesse a bota... Lembra-se?

– Esqueci-me logo. Não quero ofendê-lo, major.

O outro limpava o óleo das mãos, esfregando-as com o trapo.

– Ofender?... Ná. Percebo o que ela diz.

Ouviram a voz de Maclovia a gritar a Chingatumadre que acabasse com aquelas músicas mortas, que já cansava. Os do grupo riram-se e o sargento esforçava-se agora, com pouco êxito, nos acordes de *Jesusita en Chihuahua*.

Martín olhava para a *soldadera*. Ela levantou por um momento o olhar da costura e os olhos de ambos encontraram-se antes de ela os baixar de novo.

– Sempre foi assim dura, meu major?

– Sempre.

– E continuam sem querer ter filhos, por agora?

– O tempo não está *pa* amar... Maus tempos *pa* carregar uma criança no meio desta salgadeira.

Martín tinha acabado de encaixar e carregar a sua Winchester. Desmontava a baqueta, guardando os utensílios de limpeza no estojo.

– De qualquer forma, parece que está a acabar – comentou ele. – Dizem que o primeiro chefe Carranza desce para o Sul e que a gente de Zapata anda por Cuernavaca... Também dizem que a Divisão do Norte estaria a caminho da capital no caso de não haver maus entendimentos entre Villa e Carranza, que anda ciumento de tantas vitórias e receia que lhe tirem o cadeirão.

– Vamos lá ver se têm razão e acaba todo este descontrolo. Ando há uma data de tempo a prometer à minha Maclovía um ranchito *pa* vivermos como pessoas. E não peço que me deem, mas sim que me ponham as coisas no lugar... Ao menos isso, depois de tanto sofrimento e tanto lutar. Não acha?

– É evidente.

– Além disso, se isto se prolongar, não sei o que pensarão as pessoas. Já não me lembro bem dos tempos de antigamente... não se lembra? Quando começávamos a revolução, chegava-se a uma aldeia e saíam todos a dar-nos vivas e até nos festejavam com a banda de música... Agora, assim que nos veem, dão todos à sola.

– Como você mesmo diz, major, não há louco que coma lume.

– É mesmo verdade. Até os pobres se cansam de dar o suor, sangue e mais *pa* conseguir tão pouco. Nisso as coisas não mudam, pois não?... Ou chegas lá acima e roubas, ou ficas em baixo e te roubam.

– Talvez.

– Não, compadre. É.

Garza retorcia um cigarro entre os dedos calejados, preparando o avio de fumar.

– E o que é que vai fazer, engenheiro?... Quando tudo acabar, se é que alguma vez vai acabar.

Martín sorriu. Aquela era uma ideia que procurava evitar.

– A verdade é que não sei.

– Voltará para as suas minas?

O jovem encolheu os ombros. Não queria pensar nisso, que o levava para reflexões incómodas. Fazia mais sentido viver o dia a dia, sem cálculos nem planos. Sem se distrair da intensa realidade que o cercava. Tinha descoberto que, com pouco esforço, podia desligar o futuro do presente; como uma dívida por saldar quando chegasse o vencimento, mas que não queria ter na cabeça. Ao contrário de Genovevo Garza e muitos outros, ele não desejava que aquilo acabasse. Andava ébrio de México e preferia não pensar na

ressaca.

13. Um pequeno-almoço no Sanborns

Ali estavam, por fim, e a capital recebia-os como se sempre os tivesse esperado, o que não era verdade. Entre uma multidão de curiosos que agitava lenços e oferecia ramos de flores, animados pelas bandas que tocavam a alvorada em cruzamentos e praças, os revolucionários avançavam devagar, a cavalo, em filas compactas. A Divisão do Norte tinha vindo a concentrar-se nos arredores da cidade depois de chegar em comboios carregados até ao teto de homens e animais. E agora, unidas com os zapatistas provenientes do Sul, as tropas da Convenção de Aguascalientes percorriam juntas o Paseo de la Reforma em direção à avenida Juárez e ao Palácio Nacional.

Havia fotógrafos e operadores de câmara atentos aos protagonistas, que cavalgavam abrindo a marcha: Pancho Villa, insolitamente vestido com uniforme escuro, boné militar e polainas longas de couro até aos joelhos; Emiliano Zapata, com roupa de *charro* e chapéu *jarano*. Atrás deles, em densas filas, cavaleiros em todo o tipo de cavalos e alguns com ligaduras nas feridas dos últimos combates, os do Norte mais soldados e os do Sul mais guerrilheiros, iam milhares de homens com chapéus texanos ou de abas largas, jaqueta de camurça e camisas de sarja, *paliacates*²¹ coloridos ao pescoço, cartucheiras cruzadas sobre o peito, rostos impassíveis e acobreados do sol e do vento, onde a única coisa reluzente eram as armas.

Viva Villa, gritavam as pessoas, entusiasmadas, que os viam passar. Viva Zapata. Viva a Revolução. Morra Huerta e abaixo Carranza.

Na sexta fila, estribo com estribo entre outros cavaleiros, ia Martín Garret. Muito diferente era o homem que cavalgava com a rédea solta, espingarda na sela e pistola no cinto, com o rosto sombrio, magro e queimado sob a aba do chapéu, do jovem engenheiro que há quase dois anos tinha fugido da cidade durante a que agora chamavam Dezena Trágica. Um bigode *ranchero* cobria-lhe o lábio superior e tinha as mãos rudes, endurecidas pela vida de campanha; mas o que tinha mudado eram sobretudo os seus olhos: mais fundos nas órbitas, mais opacos de brilho, mais calmamente alerta, com breves olhadelas para um lado e para o outro, a tudo o que acontecia à sua volta. Capazes também de notar, com lucidez desapaixonada, que entre os que

iam à frente a encabeçar a marcha revolucionária e triunfal não havia um único político. Cinco anos antes, os oito generais que hoje entravam na capital conquistada eram ainda um camponês, outro camponês, um bandido, um maquinista de comboio, um tratador de cavalos, um ladrão de gado, um professor rural e um estudante. Considerando tudo isso, Martín sorriu: uma expressão sarcástica. Os senhores políticos, supôs, chegariam mais tarde para tomarem conta de tudo. Sem dúvida que estariam a preparar, no comité oficial de receção do Palácio Nacional, os seus discursos, as suas demagogias e as suas ambições.

Genovevo Garza cavalgava ao lado de Martín, à sua esquerda, olhando para tudo de olhos muito abertos. Era a primeira vez que o antigo bandoleiro nortenho via a capital, e mostrava-se impressionado. Dirigia a tudo longos olhares de espanto, boquiaberto como uma criança diante da montra de uma loja de brinquedos.

– *Újole*, compadre! – repetia ele. – É tudo tão grande!... E esta multidão cabe toda aqui dentro?

– Cabe esta e mais. – Martín sorria. – Já vai ver no Zócalo, meu major.

Viva Villa, continuava a gritar o público amontoado sob os carvalhos que faziam sombra na avenida. Viva Zapata e viva o México. O café Colón estava engalanado com bandeirinhas patrióticas, e nos elétricos e no monumento a Carlos IV havia pessoas empoleiradas que saudavam a coluna revolucionária.

– E esse fulano do cavalo quem é, engenheiro?

– Um rei espanhol.

– E como é que esse raio de *gachupín* continua ali, e não o deitaram abaixo?

– Também faz parte da história do México.

– Ah, isso é que não. Teremos de tomar conta disto. Não fazemos a revolução *pa* que nos impinjam reis e valetes. Assim que puder, compadre, metemos-lhe uma das suas cargas de dinamite e rebentamos com tudo e com o cavalo.

Martín ria-se.

– De acordo, meu major, não se preocupe. Eu ocupo-me disso.

– E ainda por cima olhe só a postura, que até parece um maricas... Nem estar na sela ele sabia, o senhareco.

Martín tinha deixado de prestar atenção. Pela direita da avenida, para lá das árvores, aparecia a casa da família Laredo: a sua inconfundível arquitetura, imitação das antigas fazendas espanholas, do outro lado do gradeamento colorido de buganvílias roxas e vermelhas. Havia várias pessoas a observar o desfile da varanda da fachada, contígua à sala principal que o jovem tinha frequentado outrora.

– Emprésteme os seus binóculos, meu major.

O outro vasculhou nos alforges da sua sela.

– Aí vão, compadre.

– Obrigado.

Eram uns binóculos alemães que Garza tinha tirado a um coronel federal antes de o fuzilar na segunda tomada de Torreón. Estavam um pouco amolgados e o esmalte raspado, mas a visão era boa, diáfana. Martín levou-os aos olhos, ajustou com um dedo a rodinha para focar as lentes, e a varanda e aqueles que a ocupavam apareceram nítidos no duplo círculo; o dono da casa, *don Antonio*, acompanhado pela sua irmã Eulalia e mais três pessoas. Duas delas eram as irmãs Zugasti. A terceira, Yunuen Laredo.

– Linda cabaninha – disse Garza, vendo-o a olhar.

– Sim.

Estava espantado por não sentir nada, além da curiosidade natural. Com um esforço de vontade quis remover os sentimentos de outros tempos a fim de os confrontar com a imagem da varanda, mas apresentavam-se sob uma forma muito vaga; distante, até. Só conseguia entrevê-los, concluiu, através de uma bruma ou de um véu interposto pelo tempo, pela vida, pelos acontecimentos ocorridos desde então. O outro Martín Garret rondava na sua memória como um fantasma que apenas suscitava nele uma certa simpatia melancólica. A que podia sentir para com a criança ou o rapaz que ele tinha sido um dia. Mas era só isso.

A coluna de homens e cavalos chegava agora diante da casa: na varanda, Yunuen trocava umas palavras com a sua tia Eulalia, enquanto olhava para o denso desfile. Talvez ela nem sequer imagine que estou aqui, pensou friamente Martín. Às vezes as notícias voam, mas não tem por que sabê-lo. Viu que usava um vestido branco de corpete ajustado, fechado até ao pescoço, e um xaile cor de malva sobre os ombros. O cabelo, muito negro e esticado, com risco ao meio, revelava a pureza do seu rosto indígena.

– O que é que há nessa varanda, engenheiro? – interessou-se Garza, curioso de tanto o ver a olhar.

– Nada... Só pessoas.

– Devem estar cheios de dinheiro *pa* poderem pagar esta vida. Não é?

– Suponho que sim.

– Também temos de acabar com os ricos, compadre. Ou *semos* revolucionários ou não *semos*... Imagine o milho e os feijões que se podiam plantar nos jardins destas casas, *pa* tirar a fome às pessoas.

Martín mantinha as lentes focadas em Yunuen, que agora olhava na sua direção. Era impossível que ela o distinguisse de longe, entre a numerosa tropa a cavalo e a infantaria que caminhava atrás. Que chegasse a reconhecê-lo. No entanto, pareceu-lhe que a jovem fixava o olhar nele. De repente, os olhos azuis quartzo pareceram penetrar nos seus. Por isso, sobressaltado, como que apanhado em falta, baixou os binóculos e devolveu-os a Garza.

– Tudo chegará, meu major.

– Pois eu não digo que não, mas repare que já tarda.

Dos dois lados da avenida, a multidão continuava a dar vivas a Villa e a Zapata. E à revolução.

No fim de um dia em que a capital federal foi uma grande festa, os dragões de Durango receberam ordem de acampar na praça de Santo Domingo, a fim de os terem perto do Palácio Nacional. Instalaram-se ali, chefes e oficiais alojados em casas da vizinhança e a tropa a estender os seus sacos debaixo das arcadas. Ataram os cavalos com longas arreatas e levaram-lhes carroças de forragem, e as espingardas e carabinas foram colocadas em pé, com sentinelas a guardarem as esquinas. Ao anoitecer chegaram da estação de caminho de ferro de Tacuba algumas *soldaderas* à procura dos seus homens, e as fogueiras acesas no centro da praça iluminaram grupos de villistas que, sentados à volta, jantavam, dormitavam ou cantavam um *corrido* que estava a ficar na moda entre as tropas insurgentes.

*En lo alto de una abrupta serranía
acampado se encontraba un regimiento
y una moza que valiente los seguía
locamente enamorada del sargento...*²²

Aqueles que na cidade haviam temido fogo e saque ficaram aliviados. A polícia local tinha desaparecido, tal como a gente do outro chefe revolucionário, Venustiano Carranza, agora em confronto com Villa e Zapata e retirado em Veracruz; mas a ordem era garantida por piquetes de insurgentes armados. Embora os villistas fossem mais disciplinados do que os zapatistas, a ordem de respeitar pessoas, casas e comércio, assim como de evitar as *cantinas*, era rigorosamente cumprida. Isso não impedia que o *sotol*, o *mezcal* e a tequila circulassem de forma razoável. Desde o pórtico de Evangelistas até ao antigo palácio da Inquisição, as vozes sonolentas de aguardente cantavam em coro, um após outro, os cânticos de guerra revolucionários.

*Y se oía
que decía
aquel que tanto la quería...*²³

Maclovía Ángeles era uma das *soldaderas* que tinham conseguido aparecer em Santo Domingo. Chegou ao entardecer com outras mulheres, com a pistola no cinto e carregada como um animal com volumes, alforges e cordas, olhando para tudo com espanto. Trazia tortilhas de milho frias, que completou com carne de porco e feijões adquiridos num mercado próximo. Genovevo Garza preparava-se para procurar um sítio onde passar a noite com a sua mulher quando Martín apalpou o bolso onde trazia um grosso molho de

notas novas – acabadas de imprimir em Chihuahua com a assinatura de Pancho Villa – e teve uma inspiração.

– Venham comigo... Aqui perto.

Pegou no chapéu e na espingarda, pendurou ao ombro o bernal e começou a andar seguido pelo casal. A luz dos candeeiros elétricos iluminou-os ao passarem pelas entradas de rua de Donceles, Tacuba e Plateros.

– Para onde vamos, compadre? – perguntava Garza.

– Para onde temos de ir... Tenha calma, meu major.

Maclovía seguia-os sem descolar os lábios, carregada com a sua impedimenta. E assim chegaram ao hotel Gillow.

*

Tudo continuava igual, verificou ele ao entrar, enquanto o porteiro com uniforme de galões dourados se afastava para os deixar passar. Brilhavam quentes os ecrãs de luz refletidos nos espelhos do vestíbulo, e as escadas que subiam para os quartos, atapetadas e elegantes, tinham vasos de plantas e flores nos patamares. Sem hesitar, Martín dirigiu-se ao balcão da receção. Lembrava-se do rececionista: um mexicano enxuto vestido com fraque e insígnias douradas na lapela, que ao vê-los aparecer tinha ficado imóvel, boquiaberto. Aproximando-se dele, o jovem pôs o bernal no chão e a espingarda em cima do mogno reluzente do balcão.

– Boa noite, Félix.

O outro pestanejava desconcertado. Por fim, abriu muito os olhos.

– Meu Deus... Senhor Garret!

– Também fico contente de o ver.

O rececionista debatia-se, sem disfarçar, entre a surpresa e o medo. Aquela arma em cima do balcão e os acompanhantes de Martín – Garza trazia a sua carabina pendurada ao ombro e Maclovía a pistola – não o tranquilizavam nada.

– Não sabia que você... – começou a dizer.

– Preciso de dois quartos – interrompeu-o Martín, tirando o molho de notas. – Um para mim, e outro para o senhor e a senhora.

O empregado titubeou. Depois engoliu saliva e voltou a titubear.

– Infelizmente estamos completos, senhor Garret.

Martín nem sequer se deteve a ponderar. Contou duzentos pesos e pô-los no balcão.

– Desaloje quem for preciso. – Apontou para os seus acompanhantes. – O major é alguém importante, um villista notável, e tem prioridade. E ela é a sua esposa.

O rececionista olhava para o casal, espantado.

– Não sei se será possível – balbuciou.

– Avise o diretor.

– Desculpe?

– Digo-lhe que chame o diretor. É o mesmo do meu tempo?

– Não, é outro... O senhor Frimont.

Martín começava a divertir-se. Vários clientes do hotel, homens e mulheres bem vestidos, olhavam escandalizados da entrada do bar e do começo das escadas. Apoiou com desenvoltura um cotovelo no balcão, ao lado da Winchester. Aquela era uma sensação de autoridade insólita, muito agradável, da qual nunca tinha desfrutado. Apetecia-lhe prolongá-la.

– Avise o senhor Frimont.

Um sujeito elegante apareceu, pequeno e míope, com cara de furão sobre o alto colarinho duro e a gravata cinzento-pérola. O rececionista pô-lo a par: Martín, velho cliente, o major, um villista notório, a senhora sua esposa. A revolução e tal. Depois de ouvir com a cabeça baixa, olhando consternado para as botas, o diretor fez uma tentativa de resistência.

– Imagino – aventurou – que a autoridade competente esteja a par disto.

– A autoridade somos nós – replicou Martín.

O outro levantava-se um pouco sobre a ponta dos pés, vagamente audacioso.

– Mas pede-me que ponha na rua clientes já alojados.

– Sim, certo. É o que peço.

– Não se ofenda com as minhas palavras, senhor...

– Garret – disse rapidamente o rececionista.

– Não se ofenda, senhor Garret, mas vai parecer um atropelo.

Martín encolheu os ombros. No grande espelho da parede conseguia ver a cena de outro lugar, como se estivesse fora dela: as costas do seu interlocutor, ele mesmo diante de Genovevo Garza e Maclovía, que assistiam a tudo com as suas armas, volumes e aspeto rústico. Mudos, incomodados, visivelmente coibidos por estarem ali. Fez um gesto que os incluía.

– Eles andam há demasiado tempo a sofrer atropelos. Já está na hora de calhar a outros.

O diretor ainda resistia, quase heroico.

– Ouça, senhor. Deveríamos...

Atrás dele, no espelho, Martín deteve-se na sua própria imagem: a roupa de campanha empoeirada, o rosto magro e moreno, o bigode que o fazia parecer ainda mais mexicano. Os olhos cansados e afundados onde já era incapaz de se reconhecer. Agora sou esse que olha para mim, pensou com resignação. O que esse desconhecido viu, e também o que fez. Sou este, para o bem e para o mal.

– Não, *cojones* – disse.

A violenta palavra espanhola estalou como uma chicotada. Deu um passo em direção a Frimont e este retrocedeu outro. Aproximou-se muito do rosto dele até ver a sua expressão a descompor-se com o medo. Tinha ficado pálido. Martín pegou nos duzentos pesos do balcão e meteu-os no bolso superior do casaco do diretor.

– Desaloje esses quartos, ou juro-lhe por Deus que pego fogo ao seu hotel.

Tinha dormido como um anjo, se é que os anjos dormem: um torpor longo e profundo, sem pesadelos nem imagens que o perturbassem. Quando acordou, tomou um banho quente e chamou um barbeiro do hotel, que lhe cortou o cabelo e lhe escanhoou o queixo e as faces com uma boa navalha. Ocupava o seu antigo quarto, com a pequena varanda aberta para o cruzamento de ruas que separava a 5 de Mayo da Plateros; e dali, enfiado no seu robe com o monograma do hotel no peito, viu nascer o sol sobre as torres da antiga catedral espanhola.

Enquanto o barbeiro o atendia, Martín tinha estado a folhear as revistas ilustradas que o anterior hóspede deixara no quarto. Desconhecia a sua identidade, mas devia ser norte-americano, pois estavam todas em inglês. Uma delas, a *Collier's Weekly*, informava sobre a guerra na Europa; e a crónica, datada em Amiens e ilustrada com um desenho bélico e um mapa, era assinada por Diana Palmer:

A artilharia alemã é de uma precisão mortal, mas a infantaria aliada, nas suas excelentes trincheiras, só pode ser dali desalojada pelas baionetas inimigas, e para isso os atacantes têm de se aproximar por um terreno esburacado de crateras e coberto de arame farpado...

Uma empregada acabava de trazer a roupa de Martín, escovada e limpa. Este estava a terminar de se vestir, abotoando o colarinho da camisa – há meses que não punha uma gravata –, quando bateram à porta.

– Que tal, engenheiro?

– Ah... Bom dia, meu major.

Genovevo Garza estava parado no umbral, de chapéu na mão e revólver no seu coldre, com as esporas penduradas no cinto. Também ele tinha lavado a cara e limpado a indumentária: o casaquinho e as apertadas calças *charras* estreitas enrugadas nos joelhos pareciam razoavelmente limpas, e até tinha penteado o cabelo grisalho, encaracolado na nuca, com um risco ao lado alto, quase ao meio, que Martín nunca lhe tinha visto.

– Que tal a Maclovía?

O guerrilheiro assentia, satisfeito.

– Pois muito bem. Feliz por dormir numa cama como aquela, tão macia e com lençóis suaves. Está a acabar de se vestir.

– Já tomaram o pequeno-almoço?

O mexicano hesitou. Tinha ficado sério.

– Veja só que ainda não... É *pa* isso que venho vê-lo, *pa* ver se nos acompanha.

Disse isto inseguro, com uma timidez fácil de interpretar. O rude

nortenho, afeito à vida de campanha, não se decidia a entrar, nem sozinho nem na companhia da sua *soldadera*, na elegante sala de refeições, onde empregados de jaqueta vermelha serviam com louça de porcelana e talheres de prata.

Martín sorriu. Tinha-lhe ocorrido uma ideia. Viu as horas no relógio antes de o meter no bolso do colete.

– A Maclovía já estará pronta?

– Suponho que sim.

– Então vamos buscá-la, e vamos embora.

– Para onde, compadre?

Martín tinha apertado o cinto com a Colt 45. Vestiu o casaco e pegou no chapéu. A carabina, que estava apoiada numa parede, meteu-a dentro do armário.

– Vamos tomar o pequeno-almoço. Eu ofereço.

.

Desceram a San Francisco e percorreram a rua até quase ao fim. No caminho cruzaram-se com grupos de revolucionários que, de espingarda ao ombro, deambulavam a olhar para os edifícios e montras. Saíam das lojas carregados com embrulhos, cumprimentavam-se uns aos outros, passavam dando buzinadelas em automóveis requisitados ou esperavam vez diante dos tripés de fotógrafos que os faziam posar com as armas na mão e expressão feroz. Tudo era pacífico, alegre e festivo. Uma banda de música tocava *mañanitas* diante da pastelaria El Globo e havia mulheres e crianças nas varandas, a observar o espetáculo.

O Sanborns ficava uns passos antes do Jockey Club, no mesmo passeio, com o seu elegante letreiro sobre a entrada e as montras com pão doce e outras guloseimas, através das quais se podia ver o interior. Martín empurrou a porta, afastou a pesada cortina de veludo, e, virado para Genovevo e Maclovía, convidou-os a entrar.

– O melhor sítio do México – disse, solenemente.

Lá dentro havia barulho de vozes e cheirava bem, a cacau e a baunilha. Os assentos das mesas e o balcão estavam quase todos ocupados: gente com roupa de cidade, senhoras bem vestidas, homens com colarinhos duros, gravatas e bons fatos. Empregadas vestidas de azul-escuro com aventais brancos andavam de um lado para o outro levando bandejas com cestinhos de bolos e chávenas que fumegavam, aromáticas. Era um ambiente distinto e burguês.

Martín e os seus acompanhantes ocuparam um lugar livre perto da janela e o jovem pediu três magníficos pequenos-almoços com sumo de nopal e laranja, pão doce, café e chocolate quente, que lhes serviram de seguida. Aqueles que se encontravam nas mesas contíguas observavam de soslaio, visivelmente incomodados com as suas armas no cinto e as roupas grosseiras de campanha, mas ninguém se atreveu a dizer fosse o que fosse.

– Tinha razão, compadre – comentou Garza. – Este chocolate está melhor que bom.

La ganhando confiança e devolvia, rude, os olhares de que era objeto, até os curiosos afastarem o olhar. Conservava o chapéu texano na cabeça, inclinado sobre o rosto nortenho que a cicatriz e o bigode ainda endureciam mais. Ao seu lado, silenciosa, vestida com a habitual saia comprida e uma blusa limpa abotoada até ao pescoço, com as tranças enroladas e presas com ganchos nas têmporas, Maclovía levava a chávena aos lábios. Tinha lavado o cabelo e cheirava a água-de-colónia. De vez em quando, o major olhava para ela, solícito.

– Gostas, minha linda?

A *soldadera* assentia distante, com uma linha de chocolate morno em cima do lábio superior.

– Muito.

– Estupendo.

A beber o seu café, Martín observava-os, agradado. A cena, o lugar, a presença ali dos seus dois amigos causava-lhe um grato bem-estar. Talvez a palavra não fosse *felicidade*, embora houvesse algo disso. Quis analisar e de repente compreendeu: estava orgulhoso deles, contente por estarem consigo, ou melhor, por estar na sua companhia, proporcionando-lhes a satisfação de uma noite no hotel Gillow e um pequeno-almoço no Sanborns. Afinal, eles eram especiais, diferentes dos que observavam das mesas próximas. Insurgentes que traziam com naturalidade, àquele templo de conforto e bom gosto, o rosto inquietante, áspero, também temível, da revolução e da guerra. Genovevo Garza e Maclovía Ángeles sabiam de incertezas e perigos, tinham estado debaixo de fogo, sofrido, lutado por uma causa, por uma ambição, por uma ideia. Eram seres humanos de uma só peça, com luzes e sombras, decididos a matar e a morrer com simplicidade, a pagar sem pudores o preço da vida, o risco e a luta. Talvez não o tivessem escolhido, e talvez fosse o resultado do acaso; mas estavam ali, sem se furtarem ao destino. Martín tinha sido testemunha. E era um privilégio considerarem-no companheiro e amigo. Algo bom, concluiu, terei eu feito aos olhos deles para o merecer.

Garza limpava o chocolate do bigode com as costas da mão.

– Em que é que pensa, compadre?

Martín sorriu.

– Na amizade – respondeu.

O outro inclinou o rosto, olhando para a chávena vazia. Ponderando.

– É bom ter amigos – disse ele.

Olhou para Maclovía como se a consultasse, e a mulher semicerrou as pálpebras em muda concordância.

Do outro lado da janela apareceu um grupo de homens armados. Tinham traços índios e cobriam-se com chapéu de palma de copa cónica alta e camisa e calças brancas. Ficaram do lado de fora, a bisbilhotar; e, no fim, depois de verificarem o aspeto e as armas de Martín, do major e da *soldadera*, como se

isso lhes desse confiança, animaram-se a entrar. Dirigiam olhares inseguros ao local e à afluência. Ao vê-los, tudo ficou em silêncio – e no fim acomodaram-se no longo balcão.

– Reles zapatistas – murmurou Garza com desdém nortenho. – São tão bons os pintados como os *colorados*.

Voltou o rumor de conversas. Os recém-chegados olhavam para tudo com desconfiança sulista, conservavam as cartuchearas cruzadas no peito e nem sequer tiraram os chapéus muito usados de aba larga caídos sobre o rosto. Apoiavam as espingardas nas cadeiras e tamboretes enquanto as empregadas intimidadas serviam chávenas com chocolate quente que aqueles camponeses convertidos em guerrilheiros levavam aos lábios devagar, soprando para o arrefecer.

Mas que grande imagem uns e outros fazemos, pensou Martín divertido; o Norte e o Sul da revolução, villistas e zapatistas armados a tomarem o pequeno-almoço no Sanborns. É pena não haver um fotógrafo para registar isto.

O major Garza tinha tirado tabaco: uma elegante lata de Cuban Split comprada no hotel. Tirou com parcimónia o selo, riscou um fósforo na sola de uma bota e acendeu um pequeno charuto.

– Uma pessoa ganha os amigos – disse ele, continuando a conversa interrompida.

Martín bebeu outro golo de café.

– Era precisamente nisso que eu estava a pensar antes... É o nosso caso, meu major?

O mexicano deixava sair o fumo pela boca e pelo nariz.

– *Semos* mais do que amigos, não me lixe... *Semos* compadres.

– Porquê?

Garza esfregava o nariz, com os olhos semicerrados pelo fumo do charuto.

– Pois não sei. Ou, antes, sei. – Pôs a mão sobre a de Maclovía. – Se eu tivesse um menino aqui com a minha morena, que não vai ser o caso, pedia-lhe que fosse padrinho. E se calhar você fazia o mesmo.

Martín riu-se.

– Não tenha dúvida.

– Andamos há muito tempo a lutar juntos, não é verdade? – disse o major, e ficou um momento a pensar, à procura de outras razões. – Com tanto cavalgar e tanta dinamite, e tanto brigar aos tiros sem o ver a acagaçar-se... São coisas que amarram como uma corda. Que metem respeito. – Fez um aro de fumo impreciso e virou-se para Maclovía. – Não achas, minha linda?

– É um bom homem – disse ela.

Martín pestanejou, surpreendido. Nunca, até então, tinha ouvido um elogio da *soldadera*. Agora ela olhava-o nos olhos, muito fixamente e séria. Conservava a linha fina de chocolate no lábio superior; e isso, reparou ele, adoçava de modo espantoso o comum dos seus traços, o nariz achatado e a

pele quase acobreada do rosto. Se o major Garza não estivesse presente, talvez se tivesse atrevido a levantar a mão para, com os dedos, retirar suavemente aquele resto de chocolate da sua boca.

.

Dois dias depois, Martín encontrou-se por acaso com Emilio Ulúa, o presidente da Mineira Norteña. O jovem estava a sair depois de fazer umas diligências no Palácio Nacional – um assunto de fornecimentos para a Divisão do Norte – quando o viu vir de longe. Este atravessava o terreiro entre as árvores do centro e da catedral, e o seu aspeto era o de sempre: corpulento, bem barbeado, gravata de seda com alfinete de pérola, fato escuro e chapéu de coco. Balanceava a bengala com passo decidido na companhia de um indivíduo com óculos, bem vestido, que trazia uma carteira de pele debaixo do braço.

Ulúa demorou a reconhecer o seu antigo empregado. Observaram-se à medida que se aproximavam, e foi a insistência do olhar de Martín que fez com que o outro lhe prestasse atenção. Ainda assim, custou-lhe identificá-lo. Já estavam quase frente a frente quando o mexicano parou de repente, estupefacto.

– Garret! – exclamou.

Martín sorriu. Depois da primeira surpresa, Ulúa estendia a mão. Apertou-a sem qualquer inconveniente.

– Valha-me Deus, Garret... Quase não o reconhecia. Tão magro, tão moreno, com bigode e esse chapéu *gringo*...

Olhava indeciso para a pesada pistola no coldre do cinto e para as duas barrinhas de latão no casaco. Virou-se bruscamente para o seu acompanhante, como se de repente se recordasse da sua presença.

– Ah, desculpe. Apresento-lhe o senhor Jáuregui, um associado meu... Este é o Martín Garret, que há muito tempo trabalhou para a Norteña. Um jovem notável, que teve de deixar a cidade durante a Dezena Trágica... Agora, como vê, é, eh... Tenente, parece-me... Não?

Martín observava-o sem dizer nada, saboreando a nova cordialidade do empresário. Este apontou com a sua bengala para o Palácio Nacional, diante do qual havia duas metralhadoras colocadas e um pelotão de tropas da Convenção, metade villistas e a outra metade zapatistas. Sem nunca chegarem a misturar-se totalmente, Norte e Sul, os aliados conjunturais davam-se bem. Agora o inimigo comum era o também chefe revolucionário Venustiano Carranza, refugiado em Veracruz com as suas tropas leais.

– Vamos precisamente para uma reunião de trabalho. Como sabe, continuamos de um lado para o outro, tentando manter os negócios à tona. E a verdade é que não é fácil. Tanta instabilidade é desastrosa para a companhia. – Dirigiu-lhe um olhar de repentina esperança. – Talvez você...

Martín abanou a cabeça.

– Eu não tenho nada com isso.

– Então eram verdadeiros os rumores.
– Depende de que rumores eram.
– Ouvi dizer que tinha abraçado... – Ulúa titubeava, indeciso, olhando para a insígnia. – Bom, está a entender-me. A carreira militar.

Martín sorriu outra vez.

– Chamar carreira é excessivo. Foi o acaso, as circunstâncias, o que me levou de um lado para o outro.

– Então, combateu? – interessou-se o tal Jáuregui.

– Um bocadinho.

– Com a Divisão do Norte, suponho.

– Sim.

– Antes tinha estado com Madero em Ciudad Juárez – interveio Ulúa, pavoneando-se como se ele tivesse tido alguma coisa que ver. – Isso foram muitas batalhas, sem dúvida. – Dirigiu-se, benévolo, a Martín. – Grande vida de aventuras que leva, não?... Quem diria, Garret. Acredite que quase o invejo.

– Não me diga. – O jovem fingia surpreender-se. – É tão amável, *don* Emilio. Ao invejar-me.

A ironia escorregou na solenidade do rosto inalterado do empresário. Imune a tudo, olhando em volta como se desconfiasse de ouvidos próximos, Ulúa aproximou-se um pouco mais enquanto baixava a voz.

– Chegaram rumores de que você lida com Pancho Villa e outros chefes revolucionários. – Parecia escolher as palavras com cuidado. – Como é Villa na realidade?... Consoante o momento e a bitola de cada um, os jornais dão-no como um bandido sanguinário ou como um herói do povo.

– O Centauro do Norte, chamam-lhe os norte-americanos – disse Jáuregui.

– É um homem rude, sem formação – esclareceu Martín –, mas com um instinto militar extraordinário.

– Dizem que despreza a política e os políticos, do mesmo modo que Zapata.

– É verdade.

Ulúa interveio.

– Pois agora esses dois, Villa e Zapata, poderiam repartir o México se quisessem. Têm tudo aos seus pés.

– É possível, mas não querem.

– Acha?... Tenha em conta que a cadeira presidencial é uma tentação, e mais ainda quando nos fotografam sentados nela.

Referia-se à imagem publicada pelos jornais: Villa na velha cadeira de Porfirio Díaz e Zapata a seu lado, dois dias antes, rodeados de partidários e curiosos no Palácio Nacional. Todo um símbolo. O povo ao assalto do bolorento e desconjuntado poder.

– É conforme cada um – disse Martín.

Depois tocou na aba do chapéu, disposto a seguir caminho; mas Ulúa

reteve-o, interessado.

– O que vai fazer no futuro? – Passeava o olhar pelo terreiro, onde circulavam transeuntes, carruagens e elétricos com normalidade. – Por agora, tudo terminou aqui.

– Não acredito que tudo tenha terminado – replicou Martín. – Carranza não se resigna a ver-se privado do comando da revolução, e tentará impor-se aos outros chefes. Continua a querer ser dirigente indiscutível do novo México.

O empresário ficou sombrio.

– Haverá mais sobressaltos, é o que calcula?

– O México é um sobressalto perpétuo.

Ulúa mudou de expressão: de repente sorria calorosamente. Martín não se recordava de o ter visto alguma vez tão amável.

– Ainda não me disse o que pensa fazer... Prevê ocupar um cargo público? A dada altura vai regressar a Espanha?... O marquês de Santo Amaro interessou-se algumas vezes pelo seu paradeiro, e lamentei não poder dar-lhe notícias.

– Ainda não decidi nada.

– Tem razão, que diabo! – Teve a intenção de bater no ombro de Martín, mas parou a tempo. – É a altura de saborear o êxito, não é verdade?... A vitória.

– Talvez.

Ulúa dirigiu-se outra vez ao seu acompanhante.

– O senhor Garret é um engenheiro de minas competente. – Olhou novamente para Martín. – Não prevê voltar a exercer a sua profissão?... Se se decidir, lembre-se que as portas da Norteña continuam abertas para si, como sempre.

Martín esboçou uma expressão irónica.

– Sim, claro – disse devagar. – Como sempre.

Ulúa voltou a apontar com a bengala para o Palácio Nacional.

– A sério que não há nada que possa fazer para nos facilitar as coisas? – Tocou no bolso do casaco com gesto discreto, mas significativo. – Tenha a certeza de que...

O olhar que o jovem lhe dirigia interrompeu-o.

– Não me interprete mal – recuou Ulúa, alarmado. – Não era minha intenção.

Martín continuava a observá-lo muito sério, embora por dentro sentisse o impulso de rir às gargalhadas. Aproximou-se um pouco mais, confidencial.

– Olhe, *don* Emilio – baixou a voz. – Vou explicar-lhe na linguagem que utilizo há ano e meio.

O mexicano olhava para ele, confuso.

– Claro, sem dúvida. Diga lá.

– Vou pedir-lhe um favor.

O outro animou-se ao ouvir aquilo.

- Pois claro, como é óbvio... Tem-me às suas ordens.
- Vá para a puta que o pariu.

.

Bateram à porta, e, ao abrir, Martín deu de caras com um pacote que trazia uma carta. Despediu-se do rapaz com uma gorjeta, fechou a porta e rasgou o sobrescrito, que continha uma folha dobrada em duas com uma mensagem sucinta: três linhas e uma assinatura. Ficou muito quieto durante um bocado, a ler e a reler. No fim foi até à bacia, preparou o sabão e a navalha, barbeou-se bem e lavou a cara e o cabelo. No dia anterior tinha comprado roupa na La Internacional, uma loja elegante da rua Tacuba; por isso, vestiu-se com camisa, colarinho mole limpo, gravata e fato castanho, em cujo colete introduziu o velho relógio de prata, prendendo a ponta da corrente ao botão superior. A cidade estava relativamente calma, mas convinha tomar precauções. Como não era a altura de carregar com a pesada Colt 45, cingiu ao cinto, debaixo do casaco, um discreto coldre de couro com o velho Orbea depois de se certificar de que havia cinco balas no tambor. Depois, com o chapéu flexível na mão, manteve-se imóvel diante do espelho do armário, querendo reconhecer-se no homem magro e queimado pelo sol, com uma cicatriz na maçã do rosto direita, que o observava desconfiado ao espelho. Vestia-se pela primeira vez corretamente desde que fugira da cidade aquando do golpe do general Huerta, e isso fazia-o sentir-se estranho. Até desconfortável.

Era uma bonita tarde mexicana sob um céu inabarcável e azul, com nuvens dispersas que se erguiam sobre os vulcões como colunas de algodão. Martín saiu do hotel, pôs o chapéu, verificou as horas e caminhou sem pressa pela 5 de Mayo. Era fácil reparar que o ambiente festivo dos primeiros dias se desvanecera: várias lojas tinham fechado e no bulício das ruas farejava-se uma nova tensão. Alguns lugares estavam tomados por piquetes armados que os transeuntes procuravam evitar. Numa cidade onde a gendarmaria urbana tinha desaparecido, começava a ser difícil distinguir os grupos para manter a ordem dos que atuavam por sua conta. Estes últimos eram cada vez mais, e nem sequer os chefes davam o exemplo: bebedeiras, abusos e roubos aumentavam. Caída a máscara da revolução disciplinada e simpática, crescia a violência contra antigos partidários do general Huerta e até de Venustiano Carranza. Há duas noites que se ouviam disparos nalguns bairros e descargas nos cemitérios.

No cruzamento da rua Filomeno Mata, Martín foi detido num controlo. Havia três homens de aspeto burguês apoiados num muro enquanto uns revolucionários lhes apontavam as suas armas e outros lhes revistavam os bolsos – a um acabavam de lhe tirar o relógio. Com maus modos, deram a Martín a ordem de se colocar junto dos outros. Fizera-o, brandindo a carabina diante dos seus olhos, um zapatista de cartucheiras cruzadas no peito, coberto com chapéu de aba larga caída que dava sombra a um rosto meio índio,

escuro, de olhos rancorosos.

– *Pa* onde é que vais?

Martín apontou para a Alameda.

– Vou para ali.

– Nesses sítios não há quem ganhe. Daqui não passa ninguém.

– Sou da Convenção – respondeu Martín.

Disse aquilo enquanto com uma mão tirava o documento que o acreditava e com a outra afastava o casaco a fim de mostrar o revólver que trazia à cintura, pois era preferível que o mostrasse ele a que o encontrassem ao revistá-lo.

– Divisão do Norte – acrescentou.

O zapatista examinava o documento de cartolina selado com a águia mexicana, e pela forma de o fazer Martín compreendeu que ele não sabia ler.

– E qual é a graça de vossa mercê?

– Martín Garret... Está aí escrito.

Aproximou-se outro homem interesseiro a bisbilhotar: baixo e seco, de bigode ralo e quatro pelos na barba de rosto oliváceo. No *sombrero jarano* levava uma Nossa Senhora de Guadalupe e umas medalhinhas de santos presas com alfinetes de ama. Os dois olhavam para o documento e olhavam receosos para o jovem vestido com roupa de cidade.

– Sou tenente – disse Martín. – Pertença ao estado-maior de Pancho Villa.

– Ah, pois – respondeu, por fim, o da carabina. – E o que é que faz vestido assim, tão janota?

Martín sorriu, apenas o necessário. Diante de um mexicano armado, sorrir era uma arte. Fazê-lo a mais ou a menos, com o risco de levantar suspeitas, era como jogar ao sete-e-meio. Se ficasses aquém, mau; se passasses da marca, pior.

– Política, amigo... Obrigam uma pessoa a vestir-se assim pela política. Estamos a discutir sobre a distribuição de terras.

Os rostos de cobre animaram-se. O da carabina devolveu-lhe o documento.

– Então corra, ou não?... Já está na altura de ir à pressa.

– É nisso que andamos, como pede o general Zapata.

– É mesmo verdade, ele disse aquilo *inda* agora. – O outro mostrava uma dentadura amarela, estragada. – Viva e reviva Emiliano!

– E Villa – sublinhou Martín um bocadinho audacioso, para melhorar a coisa.

– Pois claro, meu chefe. – O zapatista afastava-se para o lado, solene, indicando a passagem livre com o cano da carabina. – *Arriba* Zapata e Villa, e abaixo quem desistir.

Seguiu caminho sem mais percalços. No final da avenida, as obras do Teatro Nacional continuavam paralisadas desde o começo da revolução, com os mármore entre os andaimes e o tímpano da fachada oculto por vigas de

ferro e madeira. Mais adiante estendia-se a Alameda, com as copas das árvores que davam sombra a fontes e bancos de ferro fundido ao estilo da Eiffel. E sob a colunata semicircular do monumento a Juárez, com xaile branco, chapéu de palha italiana e sombrinha, vestida de um azul tão claro como o quartzo líquido dos seus olhos, Yunuen Laredo esperava.

– Como mudaste! Mal te reconheço.

Martín sorriu. Uma brisa quente trazia aroma de árvores, flores e terra. Passeavam por um dos caminhos de gravilha que iam do hemiciclo às praticas do parque.

– Não sei se devo tomar isso como bom ou mau.

Yunuen não deixava de olhar para ele. Sorriu, por sua vez, com ar distraído.

– Bom, sem dúvida.

Martín voltou-se para dirigir um rápido olhar a dona Eulalia Laredo, que os seguia de longe. Um indivíduo alto e forte, com chapéu de coco e aspeto de guarda-costas, seguia uns passos atrás da tia, fechando o estranho cortejo.

– Mais magro e queimado pelo sol – disse Yunuen. – E os teus olhos...

– O que é que se passa com os meus olhos?

– Parecem de outro.

Andou uns passos sem afastar dele os seus, assegurando-se do que tinha dito. Depois assentiu para si, muito séria.

– Menos inocentes, talvez – acrescentou, perplexa. – Ou mais cansados. Não são os do Martín que eu conheci.

Caminharam sobre os intervalos dourados de sol que clareavam o chão, sem dizer nada. No arvoredo ouvia-se o trinar dos pássaros.

– Fiquei surpreendida ao saber que continuavas no México. Alguém disse que te tinha reconhecido entre os cavaleiros que acompanhavam Pancho Villa, na manhã em que os revolucionários entraram na cidade...

Calou-se por um momento, indecisa.

– Quando *vocês entraram* na cidade, quero dizer – retificou.

– Quem é que me reconheceu?

– Foi o Moritz. Lembras-te dele?

– Claro.

– É empregado do governo e viu-te diante do Palácio Nacional. Eu não podia acreditar que fosses tu.

– Devia ter-se aproximado para me cumprimentar.

– Não se atreveu.

Yunuen andou uns passos antes de falar novamente. Sob a saia comprida, os seus pequenos e elegantes botins faziam ranger a gravilha. Com um leve movimento da mão, quase frivolamente, girou a sombrinha sobre o seu ombro coberto pelo xaile de seda bordada.

– Ele e o Max estão bem.

– E as Zugasti? – interessou-se Martín. – Continuam a fazer tertúlia em tua casa?

– Menos do que antes. Há coisas que mudaram.

O seu rosto tinha ficado sombrio. Observou-a com curiosidade, mas ela não disse mais nada. Então fez ele a pergunta inevitável.

– O que é feito do Jacinto Córdova?

– Agora é tenente-coronel.

– Caramba! – admirou-se. – Sobe rapidamente.

– Combateu muito no Sul contra a gente de Zapata. Está em Veracruz, com o seu general Obregón e as tropas federais que se passaram para Venustiano Carranza.

– Têm-se visto com frequência?

Desta vez a pausa foi tão longa que Martín chegou a pensar que a jovem não tinha ouvido a pergunta. Estava quase a dizer qualquer outra coisa, receando ter sido inoportuno, quando ela finalmente falou. Friamente.

– Estamos noivos.

– Ah.

Ela tinha parado e ele imitou-a. O seu olhar clareava mais com a luz que incidia entre os ramos das árvores.

– Creio que é honrado dizer-to. Não gostaria...

– Que eu tenha ilusões?

Ela entreabriu os lábios para replicar, mas não disse nada. Pelos de Martín deslizou uma expressão triste.

– Não te preocupes com as minhas ilusões – disse ele. – Terminaram no dia em que te vi em tua casa, atrás da porta semicerrada, coberta com o *rebozo* e sem dizer uma palavra.

A jovem remexeu-se com um gesto de protesto, ou de defesa.

– Era um momento terrível. – Afastou a sombrinha do ombro e olhou-a como se duvidasse entre fechá-la ou não. – Uma situação difícil.

– Sobretudo para mim.

Ela escutava inexpressiva, alheia à ironia.

– Mas conseguiste escapar, não?

– Alguém me ajudou.

– Quem?

– Não importa quem.

– E como é que não foste para Espanha?

– Gosto do México.

– Meu Deus... Quem é que pode gostar deste disparate?

– Eu.

Olhou-o com surpreendida intensidade. Ou talvez fosse ternura. De qualquer forma, o seu desconcerto parecia sincero.

– Sempre foste um rapaz estranho.

Retomaram a marcha até pararem junto de um dos bancos. Yunuen sentou-se e fechou a sombrinha.

– Deves ter tido amores – disse ela.

Martín continuava de pé.

– Para que é que me querias ver?

Afastou a sombrinha, convidando-o a sentar-se ao seu lado. De repente, parecia mais prática e mais fria.

– Nos últimos tempos, o meu pai teve problemas.

Martín sentou-se enquanto ela fazia o resumo. Porfirista na altura, pouco simpatizante de Madero, Antonio Laredo contava-se entre aqueles que viram com bons olhos o golpe do general Huerta, e até tinha beneficiado de vantagens financeiras durante o seu mandato. Mais tarde, com o novo triunfo da revolução e o exílio de Huerta, o pai de Yunuen tinha conhecido algumas dificuldades que pôde contornar graças a contactos políticos próximos de Carranza. Mas, com a rutura entre convencionistas e constitucionalistas, a fuga do primeiro chefe revolucionário e a chegada ao poder de Villa e Zapata, o pai de Yunuen voltava a ficar em maus lençóis. Muito exposto a ser objeto de represálias.

– Tinha recebido ameaças. E há dois dias foram buscá-lo a casa. Felizmente, avisado a tempo, pôde fugir antes... Agora está escondido com amigos de confiança, mas não sabemos por quanto tempo poderá continuar assim.

Olhou para a tia Eulalia, que se mantinha à distância com o guarda-costas, junto de uma das fontes.

– Foi horrível. – Suspirou, abalada. – Aqueles bandidos a espancar a porta e a entrarem depois para revistar tudo.

– Eram villistas ou zapatistas?

– Escória nortenha, pareceu-nos. Gente da tua, os de Villa... Até levaram objetos de valor.

Martín olhava para o chão, entre os seus sapatos. Via os velhos sentimentos, se é que ainda alentavam nele, a deslizar devagar pelo parque, cada vez mais longe e mais diluídos na brisa temperada da tarde.

– Tu podes fazer alguma coisa? – disse Yunuen, quase ávida.

– Como o quê?

– Ajudar o meu pai.

Para seu próprio espanto, nesse momento Martín não sentia tristeza, nem pesar. Só um suave alívio melancólico, semelhante a uma libertação. Como esvaziar um sótão de recordações que já nada evocassem.

– Protegê-lo a ele é proteger-me também a mim e à tia Eulalia – insistiu Yunuen.

Por fim, olhou para ela. Fê-lo virando devagar o rosto, demorando-se pela última vez no azul quartzo que tinha descoberto quase três anos antes, no Jockey Club, e por causa disso tinha-se batido a tiro com Jacinto Córdova.

– Farei o que puder – disse.

Ela pegou-lhe na mão, agradecida. Ao fazê-lo, roçou nele de lado e pareceu confusa.

– Trazes uma arma?

Martín tirou o chapéu, levantou o rosto para o céu e respirou fundo. O

sol que penetrava entre os ramos das árvores iluminou-lhe o sorriso sereno. Sentia-se livre de pesos e dívidas, em paz com tudo. Com Yunuen, com o México, com o girar dos astros e com o vasto Universo.

– Há muito tempo – disse com simplicidade – que ando sempre com uma arma.

A *cantina* La Ópera estava decorada à francesa, com painéis de madeira, móveis talhados, cadeirões de veludo e um longo balcão de nogueira. Era espaçosa, com a fachada principal virada para a avenida 5 de Mayo. Quando Martín entrou, na companhia de Genovevo Garza, o estabelecimento estava vazio, excetuando duas mesas: uma situada perto da porta, onde seis homens armados da escolta de Pancho Villa bebiam cerveja, e outra mais ao fundo em que estava o general na companhia de Sarmiento, o secretário Luis Aguirre e um dos chefes da Divisão do Norte, que Martín conhecia, um velho amigo de Villa nos seus tempos de bandoleiro, chamado Tomás Urbina. Estavam a acabar de comer.

– Ai, meu Geno – disse o general ao vê-los chegar. – Ainda bem que mo trouxeste. Venha *pacá*, engenheiro.

Villa estava vestido com roupa de cidade, com a única nota discordante do revólver no cinto. Todos fumavam e bebiam conhaque francês menos ele. Disse aos recém-chegados que se sentassem, pediu café e observou Martín de cima a baixo.

– Também está muito janota, amiguito. Tão elegante... Até parece que veio de andar atrás de mulheres.

Martín sorriu.

– Na terra aonde fores ter, faz como vires fazer, meu general.

– Ande lá. – Villa tocou num fino lenço de seda que trazia ao pescoço. – Todos nós ficamos com qualquer coisa diferente... Repare no Sarmiento, com aquelas botas de montar estilo inglês que lhe fizeram à medida; e aqui o Urbina, quem o viu e quem o vê, com uniforme da alfaiataria La Ideal de Torreón e a cheirar a sabonete Favorita de Pompeya. – Voltou-se para Garza, indicando o seu gasto casaco rabão, colado às costelas. – O único que continua teimoso, à *charro*, é o major... Não é, meu Geno?

– *Pa* que lhe digo o contrário, meu general? Uma pessoa só faz o que pode.

– É como eu gosto, compadre. Sempre em campanha. – Villa apontou de soslaio para Martín. – Já lhe disseste?

– Não... Mandou só que o trouxesse, e aqui o tem.

Villa apontou para o jovem com um dedo.

– Vai ter de ir buscar a roupa velha, amiguito. Previna-se, porque vamos para o Norte.

Martín surpreendeu-se.

– Para quê, meu general? Se é que me permite a pergunta.

– *Pa* fazer o que eu lhe ordenar.

– É evidente... E qual é a ordem?

– O general Scott, que manda muito acima do Bravo, quer um acordo que garanta a segurança das empresas mineiras *gringas* em Chihuahua. Em troca, permitir-nos-ão trazer armas dos Estados Unidos e combustível para os nossos comboios... E como vossa mercê percebe muito de minas, vai negociar-me o assunto.

– É muita responsabilidade. – Martín hesitava. – Não sei se serei capaz.

Os olhos cor de café endureceram.

– Qual não sei, qual porra! Se lhe digo que pode, é porque pode. Vá já apanhar o comboio *pa* Juárez; e uma vez lá, cada passo que der informa e consulta por telégrafo... Vai obedecer-me ou não me vai obedecer?

– Estou sempre às suas ordens, meu general.

– Pois muito bem.

Villa pediu mais café aos empregados, que procuravam não fazer barulho ao movimentarem-se. Depois dirigiu-se ao secretário.

– A que horas são os jornalistas *gringos*, Luisito?

– Às cinco, meu general. No hotel Palácio.

– Não nos podemos esquecer, porque é importante. – Com um toque coquete, compôs o lenço que trazia ao pescoço. – Vão tirar-me fotografias e fazer um filme *pa* um noticiário que se chama Animais Não Sei Quê.

– *Animated Weekly* – disse o secretário.

– Bom, isso. Ou lá como se diz. E vejo-me em palpos de aranha, porque aprendi a estar quieto nas fotos, mas ainda não sei como raio posar *pa* uma câmara de cinema... Mas pagam-nos bom dinheiro para filmar. E em dólares.

Martín ouvia-o, pensativo. Nem o lenço de seda nem a roupa de cidade disfarçavam o que Villa tinha sido e o que era: o pescoço forte sobre um tronco corpulento, o bigode espesso que cobria o lábio superior, o cabelo crespo rebelde, aqueles olhos implacáveis que olhavam como canos de espingarda e que em qualquer ataque de ira podiam ditar sentenças de morte. O jovem perguntou-se quantos homens o antigo bandoleiro, do seu próprio lado ou do inimigo, teria mandado fuzilar ou enforcar, por ordem direta, nos últimos três ou quatro anos. Talvez cinco mil. Impossível estabelecer. Certamente mais.

– Não me sinto bem nesta cidade – estava a dizer Villa. – Juro-lhes que tenho saudades do *sarape* e da fogueira, mas não posso ir ainda. O ouro que o engenheiro e aqui o meu compadre reintegraram transformou-se em fumo há muito tempo. – Olhou para Martín. – Ainda conserva aquela moeda, amiguito?

O jovem tirou-a de um bolso do colete, mostrando-lha: loira, reluzente. Levava-a sempre consigo. Tinha-se convertido numa espécie de amuleto.

– Aqui a tem, meu general.

Villa sorria à vista do maximiliano.

– E bem linda que é, a loirinha. Devia ter guardado alguma *pa* mim, mas

não o fiz.

– Está sempre à sua disposição.

– Ó homem, cale-se... Ainda para mais, ganhou-a como homem.

O general bebeu um golo de café e encolheu os ombros.

– Quanto ao dinheiro a sério – acrescentou –, agora angariamos aqui e ali, mas preciso de três milhões de pesos *pa* garantir uma campanha que parta o focinho ao Carranza e ao Obregón... A nossa divisão tem de estar calçada e comida, com pasto *prós* cavalos, carvão *prós* comboios e dinheiro *prás* viúvas. Por isso, vou dedicar um tempinho a espremer os ricos e *gachupíns* daqui. Assim que eu garantir o Norte, caio em cima desses filhos da mãe em Veracruz, *pa* que saibam a sério quem é o seu pai.

Pareceu recordar alguma coisa, pois virou-se bruscamente para Urbina com ar severo.

– Isso faz-me recordar, meu Tomás, que tens de acalmar um bocadinho nisso de agarrar dinheiro. Primeiro é a revolução e depois o bolso de cada um... Ou não?

– É preciso tirar algum da revolução, meu chefe – respondeu confiante o outro, sem mudar de expressão. – São muitos anos a lutar, e uma pessoa não vai deixar tudo para o fim.

– Quem te viu e quem te vê. – Villa abanava a cabeça, reprovador, olhando-lhe para os dedos cheios de grossos anéis de ouro. – Já não te lembras de quando eu, o Genovevo e tu andávamos esfarrapados pela serra, mortos de fome, a roubar gado e a andar aos tiros com os *rurales*?

– É claro que me lembro, meu general.

– E achas que não tenho vontade de um ranchinho onde criar umas reses com a minha família?

A velha amizade parecia dar audácia a Urbina.

– Tem pelo menos um, que eu saiba.

A ira inchou duas grossas veias no pescoço de Villa.

– Que não frequento – replicou, rudemente – porque ando aqui, a arrumar o México.

Urbina encaixava aquilo com muito sangue-frio.

– Pois já é tarde... E por isso eu recupero tudo o que posso. Uma pessoa chega a velho, se chegar – tocou numa cicatriz ainda fresca que tinha na testa –, e depois de uma vida a andar aos tiros, derramando o sangue pelo povo, não tem uma triste horta onde cair morto, nem um fardo de alfafa *pá* sua égua.

– Pois, homem, pois. É verdade, mas devagarinho. As pressas matam.

Na boca do Centauro do Norte, aquelas palavras soavam sinistras, acicatadas por um sorriso repentino e feroz. Deu subitamente um murro na mesa.

– Vamos dar-nos bem, compadre – cortou, seco. – Não te armes em parvo, e vamos dar-nos bem.

A forma como olhava para ele teria feito afastar o olhar a uma víbora. Martín observou que Urbina, embora se mantivesse quase impassível, de

repente pestanejava, como se uma pestana lhe tivesse entrado num olho.

– Tá bem, meu general – recuou. – Pois claro.

– Então isso, meu Tomasito... Pois claro.

Villa deitou-se para trás no encosto, mal-humorado, olhando-os um a um como se procurasse um responsável pelo que ia dizer a seguir.

– E, por falar em matar, *muchachitos*: a disciplina está a ir com os porcos. Chegam-me todos os dias queixas de bebedeiras e desacatos... Ontem à noite, numa *cantina*, vários dos nossos travaram-se de razões e acabaram aos tiros.

– Um morto e três feridos – fez notar o secretário Aguirre, equânime.

– Isso dá-nos má imagem, e já estou cansado. Além disso, não param os roubos e as violências, e a população civil tem medo de nós.

– É que os zapatistas... – quis Urbina justificar.

– Não me venhas com os zapatistas – cortou Villa. – São eles e *semos* nós. – Virou-se para Sarmiento, enfático. – A partir de agora, cada um que não se portar bem é mandá-lo fuzilar. Sem processo, nem histórias... Leva-lo para o paredão, e dás-lhe um tiro.

O índio, que estava a fumar sem mover um músculo da cara, concordou. Aquilo de fuzilar, disse Martín para si mesmo, era-lhe tão natural como para o seu chefe. Ou mais.

– E outra coisa – disse Villa. – Ontem vieram protestar comigo porque houve gente armada que roubou os cálices da Trinidad.

– Seriam zapatistas – opinou Urbina.

– Não me chateies, Tomasito. Os de Zapata creem em Deus. Não vês como eles trazem medalhinhas, crucifixos e bandeiras?... E ouve, compadre. Sou o primeiro que não gosto de padres, mas as igrejas vocês respeitem-nas. Entendem?... As mulheres vão à missa, por isso é melhor não se meterem com elas. Nada a fazer: se as chateias, envenenam-te a vida. Já temos bastantes dificuldades em tudo. Por isso, quem faltar ao respeito a uma igreja, também o passam pelas armas.

Sarmiento inclinava a cabeça para cima do seu cálice de conhaque, movendo-o na mão, com um charuto cubano a fumar na boca. Parecia satisfeito, e Villa chamou a atenção com uma gargalhada.

– Olhem este cabrão, como se ri sem se rir. Gostou de fuzilar. Não repararam?... Os índios nunca se riem com força como os espanhóis, nem contidos como os mestiços. Riem-se assim, como o Sarmiento. Para dentro.

– A propósito, meu general – interveio Martín. – Queria pedir-lhe um favor.

O mexicano olhou para ele com surpresa.

– Nunca foi de muito pedir. Ande lá, para ver se posso.

– Há alguém que me ajudou noutros tempos. Um empresário espanhol chamado Laredo.

– Espanhol?... Mau começo, amiguito. Você é o único em quem confio.

– A este levantaram-lhe calúnias e a sua família teme pela sua vida.

Seria possível passar-lhe um documento que o ponha a salvo durante algum tempo?

– Foi huertista?

– Não mais do que o comum das pessoas, nessa época.

– E que tal com Carranza?

– Nem bem nem mal. Já lhe disse que é empresário, alheio à política.

– E tem dinheiro?

– Tem algum.

– Pois já está... Se o seu *gachupín* contribuir com trinta mil pesos para a revolução, pode ficar tranquilo. – Olhou para o secretário, que tinha tirado uma caderneta e uma caneta. – Encarrega-te disso, Luisito.

Aguirre tomava notas, diligente. Os olhos cor de café cravaram-se novamente em Martín.

– Não me estrague essa diligência em El Paso, engenheiro. – Villa tinha ficado muito sério. – Estou-me nas tintas para que os Estados Unidos e o seu presidente Wilson reconheçam a Convenção. Aquilo que me interessa é a sela de montar, e não a presidencial. O que busco é fazer justiça aos pobres e dar tarefa aos ricos... Inclusivamente, prefiro andar pela serra a comer carne chamuscada do que dever alguma coisa aos *gringos*. Mas preciso de que esses loiros filhos da mãe nos vendam munições.

Fez uma pausa. Tinha as mãos em cima da mesa, de um lado e do outro da chávena de café vazia. Fechou os punhos com força, poderosos. Coléricos.

– A Divisão do Norte joga o seu futuro e o do México. Esses cabrões do Carranza e do Obregón não vão parar sem nos expulsarem, ou nós os expulsarmos.

– Mas Zapata continua do nosso lado, meu general – anotou Urbina.

– Consoante e como. – O general encolheu os ombros, carrancudo. – Zapata só se importa com o Sul. Se a coisa der para o torto, ele vai para a terra dele e não quer saber de mais nada... Quanto a nós, se nos relaxarmos um bocadinho com a porcaria desses políticos ladrões que procuram serem eles os donos depois de nós termos feito o trabalho sujo, vejo tudo negro se deixarem de ter medo de nós. Vão perder-nos o respeito se não conseguirmos armas e dinheiro.

Villa levantou os olhos para o teto: para o buraco de uma bala que, contava-se, ele mesmo tinha disparado com o seu revólver dias antes, para silenciar as pessoas no meio de uma discussão.

– A vida é um acaso, *muchachitos*. Quem é que não vê?... Dentro de dois ou três meses, tanto podemos continuar aqui, a comer caracóis em molho de *chipotle*, como a ouvir apitar os comboios enquanto graniza chumbo. E não sei qual das duas coisas prefiro.

Martín calou-se. Ele, sim, sabia em qual dessas situações desejava estar. Mas não disse.

21. Lenço com um desenho característico cuja origem, a caxemira, chegou da Índia. Os *paliacates* estão muito enraizados nas tradições mexicanas. (N. dos T.)

22. No alto de uma abrupta serra / acampado se encontrava um regimento / e uma moça que valente os seguia / loucamente apaixonada pelo sargento... (N. dos T.)

23. E ouvia-se / o que dizia / aquele que tanto a queria... (N. dos T.)

14. As planícies de Celaya

O telegrafista saiu da guarita com um lápis na orelha e uma folha de papel cor-de-rosa na mão e entregou a mensagem ao condutor do primeiro comboio. Ouviu-se a campainha, a máquina apitou, e uma nuvem de vapor surgiu nos flancos como se o monstro negro e metálico acordasse com violência da sua letargia.

– *Arriba*, rapazes! – gritaram os oficiais. – Animem-se!

Do telheiro da estação e dos bivaques próximos vieram a correr centenas de villistas com chapéus grandes, cruzeiros de cananas ao peito, espingarda na mão ou pendurada nas costas. Alguns mastigavam o último bocado de tortilha com feijão que as suas mulheres tinham preparado nas fogueiras, em torno do penacho negro da locomotiva que, a transpirar óleo, pedia carne para o matadouro. Onze mil soldados da Divisão do Norte estavam prestes a ir para diante.

– Chegou a hora do aperto, engenheiro – disse Genovevo Garza. – É agora mesmo.

Do lado sul da via, de pé junto da sua montada, Martín Garret observou os homens a subir para os vagões ou a trepar pelas escadas para se acomodarem no tejadilho. Os cavalos tinham chegado de Irapuato nesses comboios; e agora, desembarcados, agrupavam-se com os seus cavaleiros dos dois lados da linha do comboio, à espera da ordem para avançar enquanto a infantaria ocupava os vagões sujos de palha e esterco. Duas horas antes, Pancho Villa tinha-se apresentado de automóvel para dar instruções aos chefes de brigada e de regimento, antes de desaparecer com a sua escolta numa nuvem de pó, ao encontro da artilharia que, puxada por mulas, ainda estava a caminho.

– Celaya! – gritavam das portas e dos tejadilhos dos vagões. – Vamos tomar Celaya!

Corria a voz enquanto os atrasados se despediam das mulheres e dos miúdos que se agarravam às pernas e às saias. Numerosas *soldaderas* acompanhavam os seus homens até ao comboio levando-lhes as armas e as munições, abraçando-os enquanto lhes entregavam tortilhas envolvidas em

lenços, botelhas com água e cantis. A estação formigava de chapéus, cartucheiras cheias de balas reluzentes ao sol, espingardas Mauser e carabinas 30/30. Ao longo do comboio, afastando soldados e mulheres para abrir passagem, ferroviários com roupa azul, suja de óleo, batiam com martelos para inspecionarem os *bogies*.

– A ideia – disse Genovevo Garza – é juntá-los no rancho e no apeadeiro de El Guaje, *pa* que cheguem descansados. – Levantou o rosto para verificar a altura do sol, com os olhos velados com o chapéu erguido para cima. – Nós vamos sair agora mesmo.

– O que é que se passa com o seu relógio, major? – perguntou Martín.

– Parou, simplesmente... E não consigo que ande.

O jovem tirou o seu do bolso e entregou-lho.

– Tome o meu – insistiu, ao ver que o mexicano hesitava. – Tem responsabilidades e convém que saiba as horas.

– Tá bem, compadre. – Garza aceitou. – Depois devolvo-lho.

A locomotiva voltou a apitar, e o penacho de fumo tornou-se mais espesso. Garza, que tinha um braço apoiado na sela do cavalo, virou-se para Maclovía Ángeles, que estava a seu lado.

– Cuida-te, minha linda.

Ao dizer isto, pôs a mão no ombro da *soldadera*, que olhou para ele com uma fixidez intensa. Maclovía usava um *rebozo* pardo a cobrir-lhe a cabeça e os ombros, uma camisola de lã esfiapada e o pistolão pendurado na cintura, sobre a saia descolorida e muito remendada. As feições rudes mantinham-se tão inalteradas como de costume, mas os seus olhos de melancolia escura brilhavam inquietos, indo e vindo dos soldados para o comboio e para o seu homem. Por brevíssimos instantes deteve o olhar em Martín, antes de o afastar de novo.

– Não te deixes ir abaixo como um parvalhão – disse ela a Garza.

Fê-lo sem qualquer ênfase, tal como se o aconselhasse a agasalhar-se quando fizesse frio. O major riu-se, abraçando-a.

– Não te preocupes, morenita. Não te preocupes... Ainda por cima, contigo à minha espera.

Uns chefes passaram a galope, e um deles – um coronel chamado Fulgencio Ochoa – fez um sinal imperativo a Garza. Ouviu-se o clarim seguido dos apitos. Na linha, resfolegando entre nuvens de vapor, o motorista da primeira locomotiva levava a mão enluvada à janela, a dizer adeus. O comboio começou a movimentar-se com ranger de ferro e madeira. Dos tejadilhos e das portas dos vagões, os homens despediam-se aos gritos das *soldaderas* e zombavam dos da cavalaria que, ainda com o pé em terra, iam ficando para trás. Uns cantavam *La Adelita* e outros *La cucaracha*, como que a desafiarem-se. Martín levantou um braço, saudando os que se iam embora. Os mexicanos não desprezavam a morte, espantou-se mais uma vez. Só troçavam dela.

– Vamos tomar Celaya! – gritavam, confiantes. – *Arriba Villa* e morra

Carranza! Vamos *pa* Celaya!

O major deu um beijo na testa de Maclovía, apertou as fivelas das polainas de couro que o tapavam até aos joelhos e voltou-se para a tropa.

– Guias de Durango! Montem!

Martín meteu uma bota no estribo e içou-se para o lombo do *Láguena*, ajeitando-se na sela de couro polido pelo uso. À volta dele, duzentos cavaleiros bigodudos e queimados pelo sol, com chapéus de todo o tipo e cartucheiras cruzadas sobre a roupa civil, casacos *charros* ou peças de uniforme, fizeram o mesmo. Todos levavam revólver ou pistola no cinto, assim como carabinas embainhadas na sela, e alguns traziam sabres militares ou machetes compridos. A ordem recebida pelo esquadrão era avançar para o sul de El Guaje, entre a linha do caminho de ferro e o rio Laja, reconhecendo o terreno até terem contacto com o inimigo. Prevendo precisarem de rebentar a ponte de Olivos, levavam com eles uma récula de mulas carregadas com material detonante e explosivos.

Os cavaleiros formavam uma coluna de dois a dois. Outros esquadrões já cavalgavam, levantando poeira, em direção ao Norte. A cavalo, com meio corpo deitado para trás e a mão apoiada na garupa da montada, o chapéu na outra, Genovevo Garza deu uma última vista de olhos à sua gente. No final da olhadela deteve-se em Martín. Sob a luz zenital que afundava as rugas na cara como sulcos de milheiral, a sua velha cicatriz parecia prolongar um sorriso cúmplice.

– Embora, engenheiro... É só mais uma arrancada, depois de tantas.

– Mais uma – repetiu Martín.

Garza pôs o chapéu listado de transpiração, gordura e terra, apertando o cordãozinho do queixo.

– Tem de ser. *Pa* que acabem os percevejos, não há outro remédio senão queimar a trouxa.

Picaram as esporas e *Láguena* começou a mover-se devagar, com a dupla fila que se ia alongando paralela ao caminho de ferro. Enquanto cavalos e cavaleiros se mantiveram a passo, Maclovía Ángeles permaneceu junto do seu homem, caminhando firme, de cabeça erguida e a mão posta no arção da sela, como que orgulhosa ou desafiante. O *rebozo* tinha deslizado até aos ombros e a luz forte dava um tom de tornassol à trança única com que apanhava de novo o cabelo. Pouco a pouco foram-na deixando para trás, e quando chegou a ordem de pôr os cavalos a trote e Martín se virou pela última vez para olhar, a *soldadera* tinha desaparecido na poeira do esquadrão.

A guerra, tinha ele aprendido, compunha-se em partes iguais de espera e de ignorância. Ia-se daqui para ali privado de uma visão de conjunto, obedecendo a ordens sem saber realmente o que acontecia, até ter de entrar em fogo; e mesmo então só era possível ver o que estava à vista. Tanto se podia encontrar entre gente que avançava com coragem como entre quem

corria para salvar a vida, sem que isso tivesse relação direta com o resultado geral. Tão frequente era fugir na vitória como lutar com denodo na derrota. Poucas vezes, na confusão de um combate, sabíamos se os nossos ganhavam ou perdiam.

Isto estava a acontecer naquele momento. Martín acabava de colocar cargas explosivas nos pilares da ponte de Olivos – uma velha estrutura de madeira e ferro – para cortar a passagem aos reforços carrancistas que pudessem chegar do Sul; e depois de deixar retidos quatro homens com instruções de pegar fogo aos pavios à vista do inimigo, voltava para onde Genovevo Garza estava com o grosso do esquadrão. Ia a passo, com outros seis cavaleiros e atrás as mulas carregadas com material, em direção ao ponto de reunião fixado com o major numa pequena lombá, perto de uma bifurcação do caminho. E à medida que se afastava do rio, começou a ouvir barulho de combate a norte, para os lados de El Guaje.

– Já começaram – disse alguém.

Garza estava na lombá, desmontado, com uma centena de homens e cavalos. O resto encontrava-se disperso em patrulhas a explorar a zona, plana e com hortas e arvoredos, embora sulcada em todas as direções por canais de rega. As ordens para os Guias de Durango, à parte de controlar a ponte, eram localizar passagens adequadas para franquear esses canais, cortes incómodos que podiam estorvar o avanço decisivo sobre Celaya, previsto para o dia seguinte.

– Está tudo bem, engenheiro?

– Tudo em ordem, meu major.

Martín pôs o pé no chão e ficou ao lado de Garza, que olhava para El Guaje. Parecia preocupado.

– Mau terreno – comentou. – Demasiado plano, com pouca proteção. E esses canais, difíceis de passar, albergarão os *carranclanes*²⁴... O general Obregón sabe entrincheirar-se.

Martín apontou na direção do Norte.

– O que sabemos dali?

– Apenas o que ouve. Estão a combater duramente.

– Isso são os nossos a avançarem para Celaya.

– Órale... E El Guaje a ser nosso, ou quase.

Garza tirou o relógio do bolso de Martín, abriu a tampa e consultou as horas. Depois viu a altura do Sol, como se pretendesse certificar-se.

– Há uma coisa que me surpreende – comentou o jovem. – Não vimos a cavalaria carrancista. E deveria andar por aqui perto como nós, a tatear-nos.

– Eu também acho estranho, compadre. Tenho andado a pensar nisso o dia todo.

Chegou um batedor, cheio de pó e cansado, a esporear o cavalo. Andava, disse ao apresentar-se, há um bom bocado à procura do esquadrão. Ordenava-se-lhes rodearem El Guaje pelo sul e aproximarem-se do caminho real e da linha do caminho de ferro. Genovevo Garza fez tocar o clarim para reagrupar

os homens, e puseram-se em marcha enviando exploradores à frente. Com frequência viam o caminho por canais de rega obstaculizado e perdiam tempo a descobrir passagens seguras. Ao longe continuava o barulho do combate, que parecia cada vez mais próximo de Celaya.

– Andam já perto de Crespo – disse Garza, satisfeito. – Quer dizer que as coisas vão bem.

Ao fim de um bocado, ao atravessarem um pequeno bosque de plátanos que ocultava parcialmente a visão, apareceram o sargento Chingatumadre e outros dois villistas a esporear os cavalos, sufocados pela galopada.

– Cavaleiros, meu major. – O suboficial apontava para nordeste.

– Perto.

– Ali mesmo... Não sei se são nossos ou dos outros; mas vão calmamente, a explorar.

Garza ordenou que o esquadrão se dispersasse e avançaram cautelosos, com as rédeas soltas e carabinas preparadas. Martín tirou a sua da bainha, preparou a arma e atravessou-a no arção dianteiro da sela. Respirava lenta e pausadamente, como tinha aprendido a fazer para manter o pulso firme e a cabeça fria. A tensão secava-lhe a boca e formigava-lhe nas coxas e nas mãos, e os cinco sentidos ficavam reduzidos a dois: visão e audição.

Ao sair do arvoredo conseguiu, por fim, vê-los. Eram só uma dúzia e moviam-se separados uns dos outros, ao longo de um canal de rega. Àquela distância era fácil identificá-los como carrancistas, por isso não houve ordens, nem gritos, nem interpelações. Toda a gente começou a disparar. Foi uma troca de fogo intensa, violenta e muito rápida. Martín, levantado com o pé nos estribos, fez três disparos que se juntaram ao tiroteio geral. Viu cair dois inimigos e um cavalo a escoicear com as patas para cima. Os outros viraram as garupas e fugiram a galope.

Os villistas atravessaram o canal. Os dois cavaleiros estavam deitados no chão, manchando de sangue a erva da encosta. Vestiam roupa do exército federal. Um era novo e o outro parecia velho, talvez porque uma bala lhe tinha arrancado meio crânio: os seus miolos estavam espalhados sobre a erva como flores vermelhas. O jovem, estendido de barriga para cima com os braços em cruz, tinha os olhos entreabertos e imóveis, e a sua última expressão era um estranho sorriso que mostrava os seus dentes sob um bigode ralo, sombra de buço juvenil. Enquanto alguns homens desmontavam para lhes tirarem as armas e as botas e revistar os bolsos, Martín aproximou a sua montada do cavalo que ainda escoiceava, relinchando e com os olhos desorbitados de dor, com as tripas dilaceradas pelas balas. Depois de o observar sem desmontar, inclinou-se sobre ele da sela, apontou-lhe a carabina à cabeça e acabou com ele com um tiro.

Geometria do caos, pensou mais uma vez enquanto alavancava para carregar a arma. Ali não havia consolo possível, como não havia, em geral, para a própria vida. A guerra era uma evidência útil para quem aprendesse a ver nela: ajudava a observar com equanimidade a perversa geometria cósmica.

Uma aprendizagem valiosa para quem de um modo ou de outro, sem se enganar a si mesmo e disposto a pagar o preço, fosse capaz de notar as linhas e curvas, os ângulos e acasos sujeitos a regras implacáveis sob a abóbada fria de um céu sem deuses.

O quartel-general ficava num apeadeiro do caminho de ferro. Perto dali, a artilharia villista atirava diretamente sobre as defesas de Celaya, e do outro lado disparava-se fogo de contrabateria que, quando chegava demasiado perto, fazia levantar as patas dianteiras dos cavalos. Mensageiros com ordens iam e vinham, e centenas de soldados e animais selados concentravam-se nos arredores. Era evidente que se tinha combatido duramente, pois havia muitos feridos e os homens que estavam sãos abriam caixas de munição para encherem as cananas vazias.

– Filhos da mãe! – gritava Pancho Villa. – Digam-me nomes, que os mando fuzilar!

Apesar de a jornada lhe ser favorável, o general estava de péssimo humor. Os canhões da Divisão do Norte – vinte e dois Saint Chaumont franceses e Mondragón mexicanos – não tinham munição adequada, pois os fabricantes norte-americanos, fornecedores habituais, enviavam-na agora para a guerra da Europa. Os projéteis quase artesanais, feitos em Chihuahua com fulminantes de cartuchos de pistola, falhavam muito.

– Mando-os fuzilar! – repetia Villa.

A ira do general fazia empalidecer o seu estado-maior, agrupado em torno de uma mesa com mapas colocada debaixo do telheiro do apeadeiro. Estavam ali o coronel Ochoa, uns tais Canuto Reyes e Estrada, o índio Sarmiento e outra gente de confiança. Para lá da planície verde cortada por linhas de árvores e canais, onde, a intervalos, se erguia a poeira de morteiros, adivinhava-se a cidade de Celaya, diante das colinas que a circundavam por levante. A tarde encontrava-se nas suas últimas horas e o céu mudava de azul intenso para cinzento pálido.

– Ah, já chegaram – disse Villa, ao ver aparecer Genovevo Garza e Martín. – Que raio andavam vocês a fazer?

Habitado aos arrebatamentos do seu chefe, Garza respondeu muito sereno.

– Cumpríamos as suas ordens, meu general. A fazer reconhecimento pelo rio.

– E até onde foram?

– Até uma légua de Celaya.

– Aqui tivemos cavalaria inimiga, mas fizemo-la retirar quinze quilómetros. Fugiram que nem veados. Depois houve outra tentativa que o Estrada desbaratou e a partir de então não se aproximou nenhum cavaleiro carrancista... Viram algum?

– Quase nenhum. – Garza tinha-se aproximado do mapa e indicava o

lugar. – Só uma patrulha pequena, e chegámos-lhe a valer. Se me permite, meu general, parece-me estranho tão pouca cavalaria.

– É bom sinal. Isso significa que o Obregón se vê apertado e usa a acavalaria dele *pa* lutarem apeados, como infantaria.

– Ah, pois.

Mantendo-se um pouco à parte, Martín pôs-se a par da situação: os carrancistas tinham sido derrotados no rancho El Guaje, com pelo menos meio milhar de mortos e feridos, mas, apesar do desastre, tinham conseguido retirar-se para o rancho de Crespo; e depois, perdido este, para as suas linhas defensivas em volta de Celaya, onde canais de rega, trincheiras e covas de lobo de um lado e do outro da linha do caminho de ferro e do caminho real lhes davam proteção.

– Cairemos em cima deles amanhã, ao amanhecer. Assim que houver luz, vamos atacar só de investida, sem movimentos táticos, nem manobras, nem paneirices. E nada de tropas de reserva... Todos a lutar em frente, a peito descoberto.

– Vão causar-nos estragos, meu general – objetou o coronel Ochoa.

– Isso já eu sei, caralho!

– O terreno é plano e descoberto – insistiu Ochoa. – É cortado por canais e as metralhadoras carrancistas estão colocadas cruzando os seus fogos... Já sofremos isso esta tarde. E não temos granadas de fragmentação para lhes fazermos agachar a cabeça. Quase tudo o que os nossos canhões atiram é de percussão.

Villa trespassava-o com o olhar.

– Não me falem de canhões, caralho... Ainda para mais, a artilharia é o menos. Vamos entrar em força, todos juntos, de um só golpe, numa frente de cinco ou seis quilómetros. À *charro*. Quando é que isso nos falhou, *muchachitos*?

O coronel olhou para os outros chefes, mas todos se mantinham em silêncio. Ochoa encolheu os ombros.

– Nunca, meu general.

– Pois toca a repetir isso amanhã, e à noite jantamos em Celaya. Pedi tábuas *pá* infantaria passar pelos cortes. Os nossos comboios podem aproximar-se até três quilómetros daqui; vai chegar um com munições e com esse material *pa* estender durante a noite. – Olhou para Genovevo Garza. – Encarrega-te disso, compadre.

O major ergueu-se levando dois dedos à testa, sob o chapéu.

– Às suas ordens.

Villa continuava a olhar para Garza e para Martín. De repente, tinha um ar hesitante, como se não tivesse dito tudo. Aclarou a garganta e cuspiu para o chão, entre as suas botas.

– Tu e o engenheiro fiquem por aí perto – disse ele, por fim. – Tenho outro assuntozinho para conversar com vocês.

Obedientes, o jovem e o major afastaram-se uns passos ao longo da via-

férrea. Pelo caminho real, que corria em paralelo, passavam longas filas de homens, carros e réguas de mulas com caixas de munições. De vez em quando estourava nas imediações um projétil de artilharia, levantando poeira que se dissipava devagar na tarde sem vento. Para leste continuava o combate: uma sucessão de estampidos semelhantes a trovões pontilhados pelo tiroteio.

– O que acha, meu major? – perguntou Martín.

Genovevo Garza dava voltas a um cigarro, pensativo.

– Tanto faz o que eu achar.

– Para mim não é tanto faz. Parece preocupado.

O mexicano fez um movimento de cabeça indicando o telheiro do apeadeiro.

– Já viu os que estão aí.

– São homens valentes, não são?

– Pois claro, mas não é isso... Dos que pensam, dos que se atreviam a discutir uma ordem de Pancho Villa, desses restam poucos. O Toribio Ortega e o Trinidad Rodríguez estão mortos, e nem o Felipe Ángeles, nem o Urbina, nem o Raúl Madero andam por aqui... Esta Divisão do Norte não é a mesma que lutou em Torreón ou em Zacatecas.

– Mas estamos a ganhar, meu major... O que o preocupa?

Do mesmo modo que antes, Garza apontou para a infantaria que caminhava pela estrada.

– Amanhã não vamos ter um terreno fácil – respondeu depois de tirar o isqueiro e acender o cigarro. – Já viu: canais e muita planície, sem cobertura para ninguém nosso. Mau de atacar e bom *pa* defender... Se o que general procura é dar nos carrancistas de uma vez só, à macho, vai custar-nos caro.

Martín olhou para o telheiro.

– O que é que ele querará de nós?

– Já vamos saber.

O major ficou calado, a fumar.

– Você deitou abaixo algum dos que abatemos no rio, engenheiro? – perguntou passado um momento.

– Não tenho a certeza – duvidou Martín. – Fomos muitos os que atirámos ao mesmo tempo.

– Estou a ver. Desembainhou rapidamente a trinta trinta, hã?

– Tudo se aprende.

– Pois, é claro... Tudo.

Pouco depois, Pancho Villa saiu do telheiro e dirigiu-se a eles. Vinha sozinho, a andar ao seu passo oscilante característico e de pernas arqueadas, próprios de quem passava mais tempo a cavalo do que a pé. Trazia o chapéu levantado para trás, o revólver no cinto e as polainas e as botas cheias de pó, com as esporas que ecoavam ao roçarem nas pedras do chão. Ao chegar, secou o suor do rosto com o *paliacate* vermelho do pescoço. Estava muito sério e falou em voz baixa, como se o bigode lhe velasse as palavras.

– Conhecias o Margarito Viñas, compadre?

O major procurou na memória.

– Conheço-o sim, meu general. É um dos seus dourados. Tem andado toda a vida na revolução, desde os tempos de *don* Panchito Madero. Esteve connosco em Juárez... Está a falar-me desse?

– Sim, desse mesmo.

– E o que é feito dele, meu general?

– Esta manhã, os carrancistas abateram-no em El Guaje. Um tiro nas tripas, sem remédio... Demorou a morrer.

– Eh pá! Lamento.

– Espera um bocadinho, *pa* ouvires... A coisa é que enquanto ia e não ia, pediu *pa* falar comigo. Queria contar-me uma coisa, disse ele. Por isso chamaram-me, fui vê-lo e contou-ma.

Enquanto falava, Villa tirou do bolso um papel dobrado. Batia com ele nos dedos, sem o desdobrar.

– Lembras-te do nosso ouro? Das moedas do Banco de Chihuahua?

– Como é que me ia esquecer?

– O Margarito Viñas foi um dos que armaram a cilada *pa* roubarem tudo. O major ficou com o rosto transtornado.

– O que é que me estás a dizer, meu general?

– O que estás a ouvir... Fizeram-no ele, esse fulano que vocês encontraram no seu rancho e mais dois.

– Que dois?

– Um era um tal Chemita Murguía. Pelos vistos, mataram-no há tempos, num bordel de Chihuahua.

– Sei quem era – concordou Garza –, um baixote, loirito... Sargento, parece-me.

– Será esse, eu não me lembro. Mas o Viñas referiu o nome dele.

– E o outro?... O quarto?

Villa fez um gesto, pedindo paciência.

– A ideia – prosseguiu – era esconder o ouro nos Estados Unidos, e assim fizeram. Como segurança para o caso de quando acabasse a revolução estarem mortos de fome tal como quando começaram... Repartiram um bocadinho *pa* não chamar a atenção e enterraram o resto naquela mina de Sierra Diablo. Era gente precavida. Mas, graças a vocês, a coisa deu para o torto.

Garza ainda duvidava.

– O meu general dá crédito a isso?

Villa disse que sim, severo.

– Tu e eu vimos morrer muito cristão, meu Geno. Quem está com um pé no estribo costuma dizer a verdade. O que é que o Margarito podia ganhar com isso?... Disse que lhe pesava ter feito o que fez, sobretudo porque não teve proveito de nada. Agarrava-me no braço, sufocado em sangue, e dizia-me aquilo a olhar *pa* mim nos olhos e diretamente. *Pa* ir em paz, dizia ele. E eu acreditei nele... Depois dei-lhe umas palmadinhas no ombro e meti-lhe o

chumbo *pa* abreviar o trâmite.

Olhou em volta como se procurasse mais pessoas em quem aliviar alguma coisa, mastigando a ira.

– Mataram seis dos nossos, esses ladrões e traidores – acrescentou passado um momento. – Seis dos nossos a quem eles emboscaram. E tenho o quarto nome, o que engendrou tudo.

– E continua connosco? – espantou-se Garza.

– Completamente.

– *Újole!* – impacientou-se o major. – Diga lá de uma vez, meu general.

Rebentou um morteiro atrozamente perto, levantando terra e entulho. A fumaça filtrou o sol. Garza e Martín tinham-se agachado um pouco mal o ouviram chegar, por simples hábito, mas Villa manteve-se impassível. Agitava no ar o papel, abanicando-se com ele para afastar o pó.

– Aqui tens uma ordem escrita pelo meu punho. – Indicou uma casa meio destruída em cima de uma lomba próxima. – Agora mesmo, formas um piquete de seis homens teus, prendes aquele que está anotado aqui, leva-lo *pa* lá e esperas por mim. Não tenho muito tempo, mas assim que puder aproximo-me. Nem te passe pela cabeça aviá-lo antes de eu chegar.

Desdobrou o papel com parcimónia e entregou-o a Garza. Depois olhou para Martín.

– Faça-me a mercê de ir com o meu compadre, engenheiro... Aquilo do ouro também foi obra sua. – Dirigiu-lhe um sorriso amargo. – Merece ver como acaba a história.

Genovevo Garza lia o papel com dificuldade, mexendo os lábios. De repente, arqueou as sobrancelhas, surpreso. Para se certificar, entregou-o a Martín:

No campo de batalha por traidor e ladrao ordeno o imediato afuzilamento de...

O jovem ergueu a cabeça e olhou para Villa, estupefacto.

– Sarmiento?

O general assentia, sombrio como a morte.

– Sim, esse mesmo... O quarto homem, o que engendrou tudo, foi esse apache cabrão, grande filho de uma índia e de vinte pais.

.

Sentado no chão, com as costas apoiadas na parede de adobe da qual espreitavam os tijolos, Sarmiento mantinha-se em silêncio. Só tinha protestado ao princípio, mais espantado do que furioso, quando, com um pretexto qualquer, Villa o fez sair do telheiro do apeadeiro e deparou com um piquete de seis homens armados e o major a apontar-lhe um revólver à cabeça.

– Anda *pá* frente – tinha-lhe dito Garza.

Passada a primeira surpresa, Sarmiento tinha permitido que o desarmassem, estoico, deixando-se levar sem resistência para a casinha. Agora o piquete estava lá fora, e Genovevo Garza e Martín vigiavam o preso enquanto este, que tirara do bolso um charuto grande e grosso, o acendia com parcimónia.

Ninguém falava. Metade do teto tinha desaparecido e através do buraco chegavam sons distantes do combate, que parecia afrouxar um pouco, com algumas explosões de artilharia mais próxima. De vez em quando, ouviam-se gritos de homens e barulho de cavalos que passavam.

Martín constatou que Sarmiento evitava os seus olhares. Até quando dirigia a vista para eles o fazia de forma casual, como se não os visse e os seus olhos, mais amarelos do que negros, estivessem absortos em algo situado longe e atrás de si. O rosto era uma máscara de cobre inexpressiva, impassível, exceto quando aproximava o charuto e o retirava entre o fumo que deixava sair pelo nariz e pela boca. Martín só reparou uma vez que se fixava nele com atenção, obscuro e perigoso como sempre; mas quando aguentou o olhar, o índio afastou o dele.

Pancho Villa chegou batendo os pés com força, com passos violentos e longos. Secava o suor da cara sombria. Martín tinha-o visto fuzilar homens com metade daquela ira nos olhos.

– Seu morto de fome desgraçado – cuspiu. – Traidor, assassino e ladrão.

Sarmiento olhava para ele sentado no chão, sem descolar os lábios senão para fumar. Villa fulminava-o com o olhar. O colarinho apertado da camisa parecia oprimir-lhe o pescoço largo e congestionado pela fúria. Desabotoou-o com um só golpe.

– Estou a ganhar uma batalha e não tenho tempo, mas antes de te mandar empandeirar quero saber uma coisa... Porque é que fizeste aquilo?

Pela primeira vez, Sarmiento manifestou um vago interesse.

– Porque fiz o quê?

– O ouro de Juárez. Aqueles seis homens mortos pela tua gente.

O índio inclinou o rosto, como que para procurar na memória.

– Por quem, dizes tu?

– Pelos que mandaste passarem-me a perna: o Viñas, o Murguía e aquele outro fulano a quem o Genovevo e o engenheiro caçaram no rancho dele.

– Não sei de que caralho falas, Pancho.

– Não me chames assim – Villa deu uma palmada no seu revólver –, ou sou eu mesmo a limpar-te o sebo com um tiro.

– Faz o que te der na real gana.

Sarmiento fumava sem se perturbar. Villa deu uns passos em direção a ele e acorrou-se à sua frente, olhando-o como se quisesse penetrá-lo até à alma.

– Conhecemo-nos ainda antes de entrarmos na revolução, quando andávamos com o Genovevo, o Urbina e outros pela serra. Sempre foste da

minha confiança. Deteve-se esperando uma reação do outro, mas este permaneceu calado, com o charuto fumegante. Villa apontou-lhe com um dedo entre os olhos.

– Olha, índio imundo. Vais morrer, porque os sem-vergonha como tu estão a mais... Não vim aqui para tu confessares que fizeste aquilo, porque isso já eu sei.

O outro animou-se ligeiramente.

– Quem é que te disse, para estares assim tão seguro?

– Disse-o um morto, e os mortos dizem a verdade.

Sarmiento retorceu a boca, sardónico.

– Nada disso. Os mortos mentem tanto como os vivos.

– Isso vais tu averiguar agora mesmo.

Villa levantou-se devagar. Agora olhava para o índio de cima para baixo.

– Não preciso de pormenores, grande filho da mãe.

Um breve relâmpago atravessou-lhe os olhos impassíveis. Só foi um instante, e apagou-se rapidamente.

– Não é de macho insultar homens sem pistola – disse o outro, equânime.

Villa fazia visíveis esforços por dominar a ira. A sua mão ia e vinha da coronha do revólver. Por fim, imobilizou-a junto da fivela do cinto.

– Só quero saber porque é que me atraíste em Juárez.

– O que importa? – Sarmiento deu uma passa no charuto. – Se hoje me calha o paredão, é igual ao litro. Afinal de contas, a pele de um homem não serve nem *pa huaraches*.

O general abanou a cabeça.

– Acabar contigo a tiro seria honroso, e há maneiras de poupar os trinta e sete centavos de cada bala... Posso enforcar-te junto dos carris da linha, *pa* que quem passar te veja negro e comido de moscas, com um cartaz ao peito a dizer *traidor e ladrão*. Ou empalar-te à moda apache, no teu ambiente, com as pálpebras cortadas *pa* que não feches os olhos enquanto os corvos tos debicam.

Parou aqui, dando tempo para pensar naquilo. Depois insistiu novamente.

– Porque fizeste aquilo, cabrão?... Achaste-me com cara de parvo?

Sarmiento deixou sair mais fumo. Parecia tão calmo, observou Martín, que nem sequer se lhe alterava a pulsação. A cinza continuava sem cair, na ponta do charuto.

– Eu sabia o que ia acontecer, Pancho.

– Já te disse que não me chames assim.

O índio assentiu.

– Eu sabia, meu general. Soube-o desde o princípio, quando vi os que se juntavam ao Maderito, cada um pensando em si. A revolução só lhes importava enquanto estivessem em baixo; uma vez em cima, iam acomodar-

se... E foi assim, ou não?

– Eu estou aqui, a lutar – objetou Villa, cravando-lhe um polegar no peito.

– Era o que mais faltava... Fazes isso porque o Carranza e o Obregón te andam a chatear, mas tens as tuas fazendas em Chihuahua... o Urbina e outros generais roubaram à mão-cheia, e aqueles que nunca lutaram andam a fazer política com discursos finórios de botins bordados, encostando-se a quem manda ou pode mandar.

Sarmiento fumou novamente o charuto e olhou, pensativo, para a cinza intacta.

– Vi tudo isso antes de acontecer – acrescentou, por fim. – E disse para mim que este cristão não ia ficar descalço quando tudo acabasse. De maneira que, para o que desse e viesse, decidi garantir alguma coisa: uma reforma, um pequeno fundo. Quando ainda não sabia se íamos ganhar ou perder.

– Mas depois as coisas correram bem – disse Villa.

– Não te sei dizer como é que correm. – Sarmiento apontou para o exterior. – Todos esses infelizes morrem com a mesma fome que tinham há quatro anos. Os únicos que enchem a pança são os chefes, como tem sido e foi sempre. – Olhou para Garza e para Martín. – Pergunta ao teu compadre Genovevo, que é tão honrado, para ver o que acha ele.... Ou ao *gachupín*, que se juntou a nós como um turista sem que ninguém lhe desse vela no nosso velório.

Villa abanava a cabeça, espantado, sem dar crédito ao que ouvia.

– Nunca te ouvi falar tão seguido, cabrão.

– Nunca me perguntaste, meu general.

Fez-se um novo silêncio enquanto Sarmiento dava outra chupadela no charuto. A sua pulsação, verificou Martín, mantinha-se inalterada: nem a mais pequena tremura lhe agitava a mão. Cinco centímetros de cinza continuavam no charuto, ainda sem cair no chão.

– Estou cansado, sabes? – O índio apoiou a cabeça na parede e fechou os olhos. – Sempre soube que alguma vez estaria. É uma pena aquele ouro que eu perdi... Devia ter saído nessa altura, quando ainda o tinha.

– E o que esperavas? – Villa arrebatou-se. – Ter mais?

– Pois claro. Como todos.

O general bateu no peito.

– Isso de *como todos* é mentira. Eu acredito na causa do povo. Na revolução.

Sarmiento continuava de olhos fechados. Abanou a cabeça, indiferente.

– Não digo que não... Mas a tua revolução anda norteadada. Isto é uma grande merda, Pancho.

.

Villa não ficou a ver a execução, e Martín supôs que, apesar da sua ira, faltava ao Centauro do Norte estômago para ver morrer o seu antigo

companheiro de correrias bandoleiras. O general afastou-se a passos largos, sem olhar para trás, enquanto se formava o pelotão para Sarmiento: seis homens alinhados com a coronha da Mauser apoiada no chão, diante da parede onde o réu fora colocado.

Este avançava com muita calma, observou Martín. Não lhe tinham atado as mãos nem vendado os olhos, e continuava com o grosso charuto entre os dedos e a cinza ainda por cair, aparentemente indiferente ao que o esperava. Quando Genovevo Garza se aproximou dele para trocar as últimas palavras, o índio limitou-se a pedir o seu chapéu, porque o sol, disse ele, lhe dava na cara.

– Não quero – comentou ele com frieza – piscar os olhos e que pareça o que não é.

Genovevo Garza estava muito sério: o habitual tom tisonado da sua pele parecia desvanecido. Há uma década que ele e o sentenciado se conheciam e lutavam juntos. Nunca gostaram um do outro, mas unia-os o passado comum, os perigos corridos e a figura de Villa. Não era um momento agradável para ele.

– Tens um último desejo?

O olhar obscuro de Sarmiento, que parecia absorto na distância, reparou no major. Levou lentamente o charuto à boca, deu uma chupadela e deixou sair o fumo.

– Tenho dois desejos... Um é que não disparem contra a minha cara.

– Conta com isso – tranquilizou-o Garza.

– O outro é que digas ao Pancho Villa que é um filho da puta.

– Dir-lho-ei da tua parte.

O índio assentiu, satisfeito.

– Então acabemos de uma vez por todas, que se faz tarde. Com sorte hei de chegar ao inferno antes de fecharem as *cantinas*.

Garza retirou-se alguns passos, deu uma ordem e as seis espingardas ficaram apontadas. Com uma mão num bolso das calças e o charuto na outra, Sarmiento deu uma última chupadela neste, afastou-o da boca e olhou para a ponta: quase sete centímetros de cinza intacta. Desde que o acendera que o pulso não lhe tinha tremido um momento sequer. Como se até então não tivesse reparado nisso, sorriu, e era a primeira vez que Martín o via fazer aquilo: uma expressão avessa, insolente, quase divertida. A de alguém que de nada se arrependia e que, se tivesse ocasião, voltaria a fazer tudo da mesma maneira várias vezes.

– Apontar! – ordenou Garza, enquanto preparava o seu revólver para o tiro de misericórdia.

Com o chapéu inclinado sobre os olhos e o sorriso inalterado na boca, Sarmiento levantou a mão que segurava o charuto em jeito de um brinde irónico para as espingardas que apontavam para ele. E depois, batendo suavemente com o indicador, fez cair a cinza um segundo antes de se ouvir a descarga.

Foi uma noite longa, incerta, de escaramuças ligeiras e movimentos de tropas na escuridão. Os Guias de Durango mal descansaram em busca das defesas inimigas, à procura de passagens para estenderem sobre os canais as tábuas que permitissem à infantaria atacar com as primeiras luzes. O amanhecer encontrou o esquadrão desmontado e à espera de ordens atrás do pequeno talude de um canal de rega, a levante da fazenda de Crespo e perto da via-férrea e do caminho real. Os cavalos pastavam, mas os cavaleiros estavam há quase vinte horas sem comer, a não ser o que cada um levava, ou tinha levado, nos alforjes da sua sela.

Martín estava deitado no chão perto do *Láguena*, ao qual tinha travado as patas e pendurado o bernal com espiga de milho. Tapava-se com o seu poncho de campanha e apoiava a cabeça numa pedra, com o chapéu em cima da cara para a proteger do orvalho noturno, mais perceptível pela proximidade dos canais. Não tinha conseguido dormir, embora tivesse tentado, por causa do corpo dorido pelas longas galopadas do dia anterior. Limitava-se a descansar um pouco, tal como a maior parte dos homens que o rodeavam, vultos imóveis na escuridão que parecia querer aclarar para leste, atrás de Celaya e das linhas carrancistas mais próximas. Genovevo Garza tinha-se afastado quando era noite cerrada para receber instruções do general Villa e ainda não estava de regresso. Tinha levado o relógio de Martín, por isso de vez em quando este erguia um pouco o chapéu e olhava para o céu. Pela posição das estrelas e pela débil linha azulada de levante calculou que deviam ser cinco da madrugada.

Uma sucessão de fortes estampidos fê-lo levantar a cabeça. Pareciam muito próximos. Era a artilharia do seu lado a abrir fogo, e dali a um momento começou a ouvir-se o retumbar dos seus projéteis à distância. Martín pôs-se de pé, tal como outros homens, e, subindo o talude, conseguiu ver os relâmpagos dos morteiros do seu lado e os resplendores dos impactos que salpicavam a noite a um quilómetro dali. Ao longo de toda a frente, que se estendia em forma de meio arco a oeste de Celaya, as seis baterias villistas antecipavam-se contra as posições inimigas.

– Vamos a eles, rapazes – disse alguém. – Metralhando todos juntos.

Uma massa escura e em movimento, tropa de infantaria, destacou-se entre as sombras, atravessando o canal uma centena de metros mais abaixo. Martín podia ouvir os gritos dos chefes, o barulho metálico de espingardas e machados, o chapinhar dos que atravessavam o canal de rega com a água pela cintura. A artilharia continuava a disparar, e nos seus resplendores recortavam-se as silhuetas de homens e cavalos. Um crepitar intenso, prolongado e por fim interminável, semelhante a pirilampos fugazes, correu por toda a linha da frente à medida que as avançadas tomavam contacto com o inimigo.

Quando Martín desceu do talude, Genovevo Garza estava de volta. Ouviu a sua voz a chamá-los, a ele e aos outros oficiais. Aproximou-se do grupo, círculo de vultos e sombras.

– Ataca-se em toda a linha ao mesmo tempo – dizia Garza. – Acendam-me um fósforo.

Alguém riscou um fósforo. O major tirou o relógio e viu as horas.

– Iremos a eles assim que houver alguma luz. É preciso estar em posição dentro de quarenta minutos, por isso preparem-se, rapazes.

Antes de o fósforo se apagar, Garza olhou para Martín. Quando tudo ficou escuro de novo, tocou-lhe no braço.

– Descansou alguma coisa, engenheiro?

– Um pouco.

– Vai-nos cair um dia cruel, isso é que é verdade... Não há manobras previstas, nem outra ordem a não ser carregar de frente várias vezes até os carrancistas cederem.

– Pois, pelo que sabemos, estão bem fortificados – objetou Martín. – E todos esses canais cortarão a passagem à cavalaria.

– Raios... Fomos vários a dizer ao meu general Villa que não ia ser pera doce. Eu mesmo lhe falei dos campos enlameados que vimos. Mas ele anda teimoso e quer um ataque frontal, todos à uma. Não deixa nem tropas de reserva. Quer-nos a todos *pafronte*, em força.

– Isso vai custar-nos muito sangue.

– Pois sabe o que ele disse?... Se for difícil, façam-no logo; e se for impossível, esperem um bocadinho por mim.

– Não me agrada, meu major.

– Nem a mim. O Villa pensa que de uma rajada nos metemos em Celaya, como doutras vezes. Mas a coisa está muito logo se vê.

Estavam as duas sombras frente a frente enquanto villistas e cavalos rumorejavam em volta a preparar a cavalgada.

– Temos de partir – disse Garza.

Martín reprimiu o impulso de lhe dar um abraço ou de lhe apertar a mão, pois já se sabia comportar há algum tempo; assumindo que na Divisão do Norte eram mal vistos os gestos solenes quando se ia entrar em combate. O tom habitual era de ir dançar com a morte com naturalidade, sem lhe dar importância. Ou dando essa ideia.

– Há algo que eu possa fazer, meu major?

– Nada, engenheiro. Desta vez não há nada para dinamitar. Só nos querem para fazer volume no ataque. A cavalaria vai entrar em massa... Fique perto de mim, se puder. Para ver como é que nos corre.

Enquanto o mexicano falava, sentiu o seu tato na escuridão. Garza pretendia devolver-lhe o relógio.

– Não, por favor... Guarde-o.

– Ah, pois. Muito agradecido.

Martín enrolou o poncho no arção traseiro da sela – ainda estava frio, mas ia estorvar na cavalgada – e agachou-se para verificar se as correias das esporas estavam bem apertadas às suas botas. Depois fez o mesmo com a correia da sela de montar, fechou o blusão de bombazina e colocou nos

ombros, cruzadas no peito, duas cananas com sessenta balas cada uma. Também cingiu a Colt 45 e verificou se a carabina tinha munição e se se encontrava na bainha que ficaria debaixo da sua perna direita quando estivesse sentado na sela.

À volta dele, tudo eram agora sons metálicos de armas, relinchos de cavalos e comentários em voz baixa dos homens que urinavam pela última vez antes de montar. Desabotoou a braguilha das calças enrugadas e fez o mesmo, entre dúzias de jatos que se ouviam na escuridão. Uma bexiga cheia era má companhia entre as balas de um combate.

O sol subia devagar, dando à paisagem uma claridade azulada, ainda violeta, que evaporava o orvalho em forma de neblina baixa, remexida pelas patas dos cavalos. Os projéteis de artilharia rasgavam o ar com som de tecido rasgado, levantando ao rebentar repuxos de terra, pó e lama. Havia crepitar de disparos por todo o lado e inúmeros cadáveres salpicavam a planície, de trigais e hortas, cortada por canais e pequenas linhas de árvores.

Martín aguardava montado, a descoberto. Quase duzentos Guias de Durango se estendiam em duas filas à sua direita e esquerda, e a linha de cavalaria imóvel prolongava-se ainda mais para além, com esquadrões de outros regimentos. Calculou que naquele setor deviam ser um milhar de cavaleiros que iriam carregar. Já estavam há um bocado à espera da ordem: quase toda a tropa villista a pé, que desde o amanhecer tinha tentado três vezes, inutilmente e com grandes perdas, romper a linha de defesa inimiga, limitava-se a manter o fogo de espingardas enquanto a artilharia e a cavalaria abriam caminho. Mas a primeira não conseguia desalojar os carrancistas das suas trincheiras, e a segunda aguardava que um ataque contra quatro metralhadoras que batiam a zona silenciasses estas. No entanto, a tentativa, valerosa e frontal, tinha fracassado. Os sobreviventes retiravam-se desordenadamente com as cartucheiras vazias, a correr pelos campos, enquanto os atiradores inimigos os caçavam como coelhos.

– Ai, os que regressam – disse Genovevo Garza. – Sem remédio... Não há quem cale essas malditas Hotchkiss.

Olhava pelos binóculos. Martín estava perto, quase estribo com estribo. Notou o tom sombrio do major, e quando este guardou os binóculos e se voltou para olhar para ele, pôde ver no seu rosto, habitualmente impassível, a tensão do momento.

– Não há outro remédio. – Garza semicerrava os olhos para examinar a paisagem, enquanto abanava a cabeça, desanimado. – Temos de entrar na fomalha seja como for... Ainda por cima, com o sol pela frente.

Tapando a luz com o chapéu, Martín observou os peões que retrocediam. De duas centenas, apenas regressava metade.

– Demasiado plano, demasiado exposto – reiterou. – E a nós os canais vão-nos travar a galopada.

O mexicano concordava, estoico.

– É mesmo assim.

– Para não falar das metralhadoras.

– *Uta!*

– A sério que não tem medo, meu major? – brincou Martín.

Uma sombra de sorriso esvoaçou, breve, sob o grande bigode grisalho.

– Tenho algum, mas só até aí.

– Pois há algum tempo disse-me que nunca tinha.

– Há algum tempo era mais novo.

Garza acariciava o pescoço do seu castanho, que cabeceou, nobre, ao sentir a mão.

– Nunca tivemos a vida comprada, engenheiro – acrescentou, mostrando a sua jaquetilha bordada sob as cartuchearas que lhe cruzavam o peito, e as calças justas de abotoadura. – Por isso me vesti hoje de domingo... *Pa* morrer como *charro*.

Martín teria continuado a falar, mas não o fez. Sabia por experiência que distrair-se com palavras não resolvia nada, pois o receio do iminente ia continuar ali: tremiam-lhe as virilhas e sentia vazios incómodos no coração, que tanto batia lento, quase desfalecido, como de repente acelerava. Acontecia-lhe sempre isso antes de cada combate; como se, alheio à sua vontade, o corpo receasse uma próxima mutilação pelo ferro e pelo fogo. Depois, diluído na violência da ação, aquilo desaparecia. No entanto, os momentos prévios, a inatividade, a espera prolongada que tanto espaço cedia à imaginação – acontecia até aos muito acostumados a lutar –, podiam ocasionar uma tensão quase insuportável.

Ouviu-se um clarim à esquerda, por onde estava o coronel Ochoa, e Genovevo Garza virou-se para ver o corneteiro do esquadrão, cujo cavalo estava colado à sua garupa: um rapaz de catorze anos, magricela, cara de índio, com chapéu largo de palma, espingarda na sela e cartuchearas cruzadas no peito.

– Dá-lhe, Juanito.

O miúdo levou o reluzente latão aos lábios e inchou as bochechas. Soou a ordem vibrante e metálica, cobrindo por alguns segundos o tiroteio próximo e o retumbar das explosões. Martín viu que alguns homens se benziam e outros, como ele, se limitavam a firmar-se nos estribos e ajustar a correia do queixo dos chapéus. Esporeou o cavalo como todos, afrouxando um pouco as rédeas do animal, posto a passo. Os vazios do coração tornaram-se mais espaçados, mais longos.

Um pouco adiante, o major Garza olhava para um lado e para o outro, atento à velocidade que os outros esquadrões iam atingindo.

– A trote! – ordenou ao corneteiro.

Quando Juanito fez soar o segundo toque de clarim, a dupla fila de cavaleiros acelerou o passo, trotando em direção às linhas inimigas. As armas e as ferragens tilintavam. Da direita e da esquerda, em diagonal, começou a

chegar fogo de metralhadora, ao princípio disperso e esporádico, a seguir concentrado. Um momento depois, assobiaram granadas antes de rebentarem sobre as suas cabeças em nuvenzinhas cor de enxofre, e a metralha salpicou o chão.

– Viva Villa! Que viva Villa! – gritavam todos, audaciosos, animando-se.

As balas passavam com o som de arames sacudidos no ar, afundavam-se na neblina redemoinhada pelos cavalos e impactavam nestes e nos seus cavaleiros. Faziam *ziaaang*, *ziaaang*, *ziaaang*, ou ecoavam ao baterem com estalidos secos. Algumas montadas fincavam a cabeça e caíam a escoicear e outras corriam já com as selas vazias.

Inclinado sobre o pomo da sua, com os estribos abertos, picando com as esporas as ilhargas do *Láguena*, que corria com a cabeça esticada e a crina ao vento, Martín não pensava em nada. O fogo das metralhadoras era horroroso, como se centenas de moscas varejeiras metálicas enchessem o ar com uma nuvem espessa. Crispado à espera da bala que o desmontasse, despida a mente de tudo o que não fosse percorrer no menor tempo possível a distância que o separava das posições inimigas, o jovem tirou a carabina da bainha, pôs as rédeas nos dentes, empurrou o seguro da arma e meteu um cartucho na câmara.

O chão estremecia, retumbando sob os cascos dos cavalos. O seu, enlouquecido pelo tiroteio, pelos golpes de espora e pela cavalgada, já corria a galope antes de o corneteiro fazer soar o toque de sem quartel.

.

A quarta descarga tinham-na dado com o sol já bem alto, depois do meio-dia, através de um terreno coberto de cadáveres de homens e animais. Nessa altura, do esquadrão restavam sessenta e quatro cavaleiros em condições de combater. E dos mil que desde as nove da manhã tinham estado a atacar a sul da ferrovia e do caminho real, só um terço continuava a cavalo, com os olhos extraviados, desgrenhados, cobertos de terra, suor e gordura. O resto eram mortos e feridos, desde o coronel Ochoa até Juanito, o jovem corneteiro. As últimas ordens tiveram de ser dadas pelo major Garza, aos gritos. Montava um cavalo malhado que não era dele, porque já lhe tinham matado dois.

– Não desistam, rapazes! – tinha gritado, caracoleando quando os sobreviventes se reagrupavam para atacar de novo. – Não há pior castigo *pa* um valente do que morrer entre cobardes!

E assim, depois de reporem a munição – só trinta cartuchos por homem – e de se prepararem para cavalgar outra vez através daquela planície infernal, os villistas tinham carregado pela quarta vez a trote dos seus animais exaustos, já incapazes de alcançar o galope, sempre fustigados pelas metralhadoras inimigas. Sem outro resultado além de ficarem exangues diante dos canais de rega a partir dos quais lhes infligiam um fogo terrível.

Agora, a passo, com as mãos apoiadas na sela, bêbedo de pó e poeira, tão sedento que teria matado por um golo de água, Martín observava aturdido os cavalos cobertos de espuma poeirenta e os homens de olhos inchados, sujos, maltratados, que a pé ou encurvados sobre as suas montadas, alguns levando-as pelas rédeas, se retiravam como ele do campo de batalha.

– Caíram-nos em cima e lixaram-nos – ouviu dizer a um que falava sozinho, enquanto caminhava cambaleante, sem chapéu e com as cananas vazias, segurando um braço oscilante, partido por uma bala.

Noutros lugares ainda continuava o combate, constatou Martín. Ecoavam disparos e explosões longínquas, os campos incendiados ardiam para lá dos carris do caminho de ferro e o seu fumo era uma bruma amarelada que, suspensa no ar, velava a luz vertical e esfumava as sombras curtas.

De momento, o jovem tinha que chegasse. Por algum capricho do acaso – as suas regras cruéis não o incluíam nessa jornada –, estava ileso: nem uma arranhadela. Apesar de ter chegado em quatro ocasiões até a uns trinta metros das posições inimigas. Entre a poeirada tinha visto as caras dos carrancistas, os seus uniformes caquis, os fogachos das espingardas que disparavam contra ele, antes de puxar as rédeas e se retirar como os outros, impotente perante o muro de estampidos e de chumbo. E agora, incapaz de pensar, de cabeça baixa e chapéu inclinado sobre os olhos, com a rédea solta, retirava-se devagar com o resto dos derrotados.

Quase com sobressalto, recordou Genovevo Garza. Tinha-o visto pela última vez durante a carga, pois cavalgavam perto um do outro, perdendo-o na poeirada final, quando villistas e carrancistas se fuzilavam quase à queimadura mesmo à beira do canal de rega, entre rugir de disparos, relinchos de cavalos e gritos de homens que matavam e morriam. Olhou em volta procurando-o, e o seu coração – o que dele restava sensível nesse momento – encolheu-se de inquietação ao não o ver. Direito nos estribos, observou com mais atenção os grupos que se congregavam debaixo de uma linha de árvores que dava sombra aos feridos. Viu assim o sargento Chingatumadre, que com olhos vidrados, sentado diante das patas do seu cavalo, apertava um lenço ensanguentado no maxilar partido por um disparo. Preparava-se para desmontar para o socorrer quando, ao olhar para trás, viu Garza.

O major aproximava-se no meio dos últimos que vinham em retirada. O animal coxeava ferido, com o pelo húmido de sangue desde a espádua até à canela esquerda. Surpreendia que o seu cavaleiro continuasse montado em vez de ir a pé levando-o pelas rédeas, e Martín reparou nisso com estupefação. Garza cavalgava sem chapéu, estranhamente inclinado em cima da sela, com a cabeça agachada. Trazia as rédeas soltas e um pé fora do estribo.

– Meu major! – gritou Martín, saindo ao encontro de Garza com o seu cavalo.

O mexicano levantou um pouco o rosto ao ouvir chamar e voltou a baixá-lo. Quando Martín chegou junto dele, viu que o sangue saía abundante pelo mesmo lado que o cavalo, encharcando-lhe a roupa debaixo da jaquetilha

e as cananas vazias de balas para se derramar pela anca e pela coxa até à sela de montar, à polaina de couro e à espora.

Martín ficou sem fôlego.

– Acertaram-lhe, meu major?

Garza levantou novamente o rosto para o encarar com estranheza lenta, como se lhe custasse reconhecê-lo. A pele do rosto sulcado de rugas e a cicatriz vertical, cobertas de pó, mostravam-se tão cinzentas como o cabelo e o bigode amassados e sujos. Por fim, depois de um longo silêncio, o mexicano revelou apenas os dentes num sorriso intenso enquanto articulava debilmente quatro palavras:

– Já me deram, compadre.

Genovevo Garza morreu vinte e duas horas depois, num comboio-hospital, na estação de caminho de ferro de Salamanca. A sua agonia e morte passaram inadvertidas a quase todos. Extinguiu-se devagar entre centenas de feridos, e em nenhum momento recuperou a consciência para pronunciar outras palavras além das ditas a Martín no campo de batalha. Foi Maclovía Ángeles quem o viu morrer, que contou ao jovem quando, depois de uma penosa retirada com os restos do esquadrão – quinze quilómetros com a cavalaria carrancista colada à garupa –, este chegou ao acampamento da retaguarda onde se reagrupavam os villistas derrotados em Celaya.

– Morreu sem me reconhecer – disse a *soldadera*. – Só olhava com olhos muito abertos, fixamente, como se tentasse lembrar-se. Mas nem se mexeu um bocadinho, nem disse nada... Peguei-lhe na mão até ela ir ficando fria.

Depois de dizer isto, Maclovía ficou um bocado calada, observando a matança amontoada nas valetas. A uns cadáveres tinham-lhes tapado a cara com *paliacates* ou mantas e outros estavam como os deixavam, de qualquer maneira, com os membros rígidos e enegrecidos pelo sol, com o sangue do cabelo coagulado e a roupa sob enxames de moscas. Com os abutres a planar muito alto no céu, à espera de uma oportunidade.

Maclovía pôs nas mãos de Martín o relógio de prata. Havia restos de sangue seco na corrente. Tinha o vidro partido e estava parado na hora da última carga do dia anterior.

– Morreu como os verdadeiros homens – disse ela com uma voz tão seca como os seus olhos.

Apesar das ordens de queimar com petróleo todos os cadáveres, Martín e a *soldadera* envolveram o corpo do major com um poncho militar, e antes que anoitecesse transportaram-no no lombo do *Láguena* para o levarem até uma colina próxima, onde o enterraram depois de cavar uma campa debaixo de um alto pinheiro-manso, bem pisada para que os coiotes não pudessem escavá-la.

Ao terminar, nada disseram, nem puseram cruz, sinal nem nome nenhum. Regressaram a caminhar juntos, em silêncio, com o cavalo pela

brida, entre a luz vermelha e última do dia.

Em Salamanca corriam rumores de que Pancho Villa não se dava por vencido, e de que quando chegassem reforços, a Divisão do Norte atacaria novamente Celaya. Também circulou a ordem de que, no dia seguinte, todos os homens em condições de combater se reagrupassem nas suas antigas unidades ou se apresentassem, aqueles que as tivessem perdido, para serem alistados noutras novas.

Já era noite cerrada, e o campo villista iluminou-se de fogueiras; mas desta vez não houve gritos, nem guitarras, nem canções. Ninguém estava com humor para entoar *La Adelita*: as verdadeiras *adelitas* iam e vinham levando comida aos seus homens, quando os encontravam, ou dando consolo às que os tinham perdido. Do comboio-hospital, que resfolegava na linha como um monstro noturno, ecoavam gritos de feridos que eram amputados.

Martín estendeu o xairel do seu cavalo no chão, e à luz de uma fogueira ficou a limpar a sua carabina e a sua pistola. Depois deitou-se com a sela de montar em jeito de almofada. A sombra das nuvens sob o luar salpicava o acampamento de manchas negras que se moviam devagar, com a brisa que trazia cheiro a fumo de algarobeira, esterco de cavalos, suor, sujidade e o ressonar dos que dormiam perto. Martín não queria pensar em nada nem em ninguém. Por entre as nuvens espreitavam algumas estrelas, e esteve um bocado concentrado em identificá-las a partir da Polar até que uma sombra se interpôs. Era Maclovía, que trazia umas tortilhas com *tamales* fritos e café numa velha lata de feijão.

– Pensei que terias fome.

– Sim, obrigado... Tu não queres uma?

– Já comi.

Sentou-se a seu lado enquanto ele dava conta do jantar. Comeu com verdadeira urgência, sentindo uma necessidade súbita, selvagem, de encher o estômago vazio. A seguir ficou a olhar para a *soldadera*. Esta trazia o *rebozo* em cima da cabeça e continuava imóvel na contraluz das fogueiras. No seu rosto só se via reluzir, negro azeviche sobre negro de pedra mate, o reflexo mineral dos olhos.

– O que vais fazer agora? – perguntou Martín.

Não respondeu. Ela era uma sombra silenciosa e imóvel.

– Eu gostaria de chorar – confessou ele, de repente.

A *soldadera* demorou a responder.

– Ele teria chorado por ti.

Então Martín deixou-se ir. Permitiu, por fim, que a sua angústia se libertasse em forma de choro, não só por Genovevo Garza, mas sim por todos os que tinha visto morrer, pelos seus próprios sobressaltos e incertezas, pelo medo e pela raiva que se tinham alternado no seu interior enquanto lutava por algo em que nem sequer acreditava. Ou talvez sim, pois para ele a revolução

era o sentido pessoal de um estranho dever: a lealdade para com homens e mulheres que admirava, em cujas palavras, silêncios e atitudes tinha conhecido coisas que nunca esqueceria, úteis para observar o mundo, a existência e o possível, ou inevitável, final de tudo.

Foi o abandonar-se a tais pensamentos que cobriu de lágrimas o rosto do jovem. Deixou-as correr livremente, deslizarem-lhe pelas faces ainda sujas do combate, caírem até ao bigode e ao queixo por barbear e ficarem suspensas ali antes de se perderem nas sombras. E como se Maclovio o tivesse visto, ou adivinhado na penumbra, sentiu os dedos da mulher a tocar na sua cara e a humedecerem com o choro.

Afastou com brusquidão o rosto e estendeu-se de costas, envergonhado, tapando-se outra vez com o *sarape*. Mas em vez de se retirar, a *soldadera* fez algo inesperado. Encolheu-se junto dele e meteu-lhe a mão dentro das calças: uma mão fria que se foi tornando morna, muito quieta ao princípio, e depois começou a mover-se devagar, suavemente, até a carne do jovem se derramar nela. Depois, sem pronunciar uma palavra, os dois mantiveram-se quietos, abraçados, até adormecerem.

Quando a luz do sol o despertou, descobriu que a *soldadera* já não estava ao seu lado. Encontrou-a mais tarde, a meio da manhã, a carregar volumes e de pistola no cinto, a caminhar atrás de um homem com três barrinhas de latão no chapéu: um capitão de infantaria que ele não conhecia.

Aquela foi a última vez que Martín Garret viu Maclovio Ángeles.

15. A última missão

O próprio Pancho Villa os acompanhou a cavalo até ao começo do desfiladeiro, ao sol-pôr. Era a segunda batalha por Celaya e combatia-se muito duramente, com os mesmos resultados de uma semana antes: os ataques contínuos da infantaria e da cavalaria continuavam a embater nas defesas carrancistas nas trincheiras e canais de rega. De um lado ao outro da frente, o retumbar do duelo de artilharia era ensurdecedor.

– É importante que lhes dê uma ajudinha, engenheiro. Se acudirem ao Obregón os comboios com reforços e munições, estamos mesmo bem lixados. – Villa olhava para ele entre a esperança e o receio enquanto mordiscava uma maçaroca cozida. – Vai obedecer-me ou não me vai obedecer?

– Farei o que puder, meu general.

– Não fique por aí, caralho. Faça mais do que puder.

O céu estava de um cinzento carregado, escuro a leste, e caía uma chuvinha suave, intermitente, que enlameava o chão e reluzia sobre cavaleiros e animais fazendo-os cheirar a pelo e a couro molhados. O pequeno grupo contava com doze homens a cavalo e cinco mulas carregadas com material e latas de petróleo, e a ordem era penetrar na retaguarda inimiga e destruir um troço da linha da via-férrea que ligava Celaya a Querétaro. Para se infiltrarem iam aproveitar a noite e um longo desfiladeiro que se estendia de oeste para leste, a sul do rio Laja. Tinham assinalado tudo a Martín num mapa que ele levava dobrado no blusão, debaixo das cananas de balas que lhe cruzavam o peito.

Villa atirou o coração limpo da maçaroca e limpou o bigode com a mão.

– Não há luar nem estrelas – disse ele, olhando preocupado para o céu. – Poderá continuar o caminho às escuras quando saírem do desfiladeiro?

– Confio que sim, meu general.

Depois de pensar por um momento, o outro rebuscou no bolso e entregou-lhe uma bússola metida numa caixinha de latão.

– Cuide bem dela, hã?... Foi-me oferecida por *don* Panchito Madero em pessoa.

Martín protestou, indeciso.

– Vai fazer-lhe mais falta a si.

– Não se ponha cá com mas nem meio mas, pegue nela. E parta tudo o que lhe apetecer ao *carrancianes*; carris, instalações, postes... A intenção é não chegarem comboios e nem o telégrafo funcionar.

O jovem observava a sua gente a meter-se com as bestas no desfiladeiro. Villa também ficou a olhar para eles.

– Vamos lá ver se tal como rugem, também mordem – disse.

Com eles ia Tom Logan, que ao passar diante de Villa tocou na aba do chapéu descaído da chuva. Martín tinha-o encontrado por acaso, quando se dirigia ao quartel-general para receber ordens. O mercenário estava sentado numa caixa de munição, ligando uma mão ligeiramente ferida no dorso por um ricochete de bala. Três horas antes, tinha perdido as suas metralhadoras e quase todos os seus homens. E quando o general atribuiu a Martín um piquete montado para a incursão, este pediu que incluísse o norte-americano. Seria útil como reforço, pois a maior parte do pessoal que lhe davam era de recrutamento recente, com pouca experiência.

– É pena não termos o meu compadre Genovevo – lamentou-se o general.

Martín olhava, entristecido, e o seu pesar parecia sincero. Estranho, é claro, em quem tinha mandado matar ou visto morrer milhares de seres humanos.

– Chega a vez de todos nós – replicou o jovem.

Os duros olhos cor de café exploraram-no com muita atenção.

– Nunca sei o que na verdade pensa, engenheiro. – Sem virar o rosto, Villa indicou o desfiladeiro na direção de levante. – Se calhar lá mandam-no desta para melhor, e sairá deste mundo sem eu chegar a penetrar no seu interior.

Martín riu-se. Há muito que o Centauro do Norte não o intimidava.

– Surpreender-se-ia com o pouco que há cá dentro... Sou só um homem que olha, meu general.

– Pois daqui a pouco não se queixará do que vê.

O estalido muito próximo de um projétil de artilharia fez com que os cavalos levantassem as patas da frente, inquietos. Felizmente, a terra húmida absorveu o impacto quase todo; só umas bolas de lama chegaram perto deles, salpicando-os.

Com puxões das rédeas, Villa acalmava a sua montada.

– Algumas vezes perguntei por si ao meu compadre... Diz-me só a verdade, meu Geno, picava-o eu. Tu que lidas com ele, que raio é que esse *gachupín* procura? E ele encolhia sempre os ombros.

– O major Garza nunca foi de muitas falas.

– Só uma vez, que eu me lembre, é que disse uma coisa. Procura ou que o matem ou compreender as coisas... Foi isso que disse o meu compadre.

Villa olhou para os cavaleiros da sua escolta, que se impacientavam. Ia picar esporas para se afastar, mas parou por um momento, com ar curioso.

– E diga-me só, amiguito... Já compreendeu?

– É no que estou, meu general.

O outro soltou uma gargalhada das suas, jovial e poderosa.

– Então procure continuar vivo, *pa* compreender tudo. E assim que compreender, venha cá e conte-me.

– Prometo.

– Nem todo o cristão assoma aos dois lados da cerca.

– Tomarei isso como um elogio, meu general.

Villa concordou, aprovador.

– Ainda tem essa moedinha de ouro?

Martín apalpou a roupa.

– Levo-a aqui.

– Não a perca, hã?... Talvez nos tenha trazido sorte aos dois desde Juárez. E esta noite, a sua sorte é a minha.

Martín sorriu.

– Vocês, os mexicanos, já assim dizem. O que for para ti, nem que tu não queiras; o que não for, nem que tu te esforces.

Villa continuava a olhar para ele com muita atenção.

– Agora sei porque é que o meu compadre gostava de si.

Acabou por se virar para o combate, que continuava a ouvir-se encarniçado.

– Regresso à porrada – despediu-se. – Ainda tenho uma batalha para ganhar.

O seu tom tinha mudado: voltava a ser o Pancho Villa de sempre. Já não estava realmente ali. Estendeu a mão a Martín com ar distraído, e deram um passou-bem. Luvas molhadas pela chuva.

– Boa sorte, engenheiro.

– Boa sorte, meu general.

Villa afastou-se a trote, esbatido na luz cor de chumbo do anoitecer. Mais além, no céu escuro e baixo destacavam-se cada vez mais os fogachos da artilharia que retumbava sem cessar. Parecia que uma tormenta de trovões e relâmpagos percorria o horizonte.

Martín puxou as rédeas e conduziu o *Láguena* para o desfiladeiro, atrás da fila de cavaleiros que já desaparecia por ali, com os apetrechos tilintando na penumbra. Voltava a chover, desta vez com mais força, e a água molhava-lhe as coxas e os ombros do blusão até à camisa, gotejando pela aba do chapéu. Enquanto descia para o desfiladeiro, atento a que as patas do cavalo não escorregassem na lama, estremeceu de repente. Dirigia-se devagar, molhado e desconfortável, em direção ao incerto da noite. E oxalá, pensou, se trate de frio e não de um pressentimento.

.

Durante o amanhecer da manhã seguinte, depois de fazer seis léguas de caminho a descrever um arco para leste, Martín e os seus homens rebentaram

carris, cortaram fios telegráficos e queimaram dormentes de caminho de ferro entre Celaya e Querétaro. Até puseram uma carga de dinamite no depósito de água para locomotivas do apeadeiro do rancho Trapote, fazendo-o saltar pelos ares. Depois, esgotado o material de sabotagem, regressaram entre as colinas, deixando para trás colunas de fumo, à procura do desfiladeiro por onde tinham ido. Não chovia, mas o chão continuava enlameado. Os doze cavaleiros cavalgavam em fila indiana, a passo para não cansarem os cavalos, procurando não serem vistos nas alturas sob a luz plúmbea do meio-dia.

– Fizemos um bonito trabalho – disse Tom Logan, emparelhando a sua montada.

Até àquele momento, ele e Martín não tinham falado muito. Só para este dar ordens que o norte-americano cumpria eficientemente, com boa vontade. A sua única reticência era que nunca se dirigia a Martín pelo seu grau de tenente; mas a este tanto lhe fazia.

– O que achas? – insistiu Logan.

– Não é uma questão de achar... Cumprimos o nosso dever. Cada um cumpre o seu.

– Achas que no fim entraremos em Celaya?

– Isso é o que procuramos todos.

– Pois não sei o que te diga. Tantos ataques frontais várias vezes, ao preço de tanto sangue, estão a dizimar-nos. – Piscou-lhe o olho, baixando a voz para que os que cavalgavam atrás não o ouvissem. – O nosso general Villa não é homem de manobras, não é verdade?

– Não – admitiu Martín. – Realmente não é.

– Está acostumado às acometidas ferozes e a que o inimigo se venha abaixo. Mas agora a coisa não tem esse aspeto. – Logan olhou para a mão vendada. – Ontem passei o dia a ver os nossos a retirarem-se à procura de munição, com as cananas vazias, e voltarem ao ataque cada vez mais cansados e cada vez menos. O mesmo no dia anterior e há uma semana... Caíam como moscas, e Villa só ordenava atacar de novo e fuzilar os que fugiam.

A Martín voltava a incomodar-lhe a velha ferida da anca. Para se aliviar, inclinava o corpo de lado para o apoiar no estribo oposto, cavalgava assim um bocado e mudava de posição sobre o outro lado.

O combate continuava a ouvir-se a norte. Crepitar de espingardas e retumbar de morteiros. Logan, que tinha estado a assobiar *La Valentina*, olhou nessa direção.

– Eu diria que se combate mesmo em Celaya, ou quase... O que é que pensas?

– Que é possível – aceitou Martín. – Parece que é na ponte sobre o Laja.

– Se calhar os nossos conseguiram meter-se lá dentro.

– Talvez.

Chegavam ao desfiladeiro. Martín ordenou que parassem e avançou para dar uma olhadela. Tudo parecia calmo. Quando fez sinal para avançar e o grupo chegou aonde ele estava, Logan continuava a olhar preocupado para

norte.

– Não gosto disto... Já me vi noutras. E não gosto.

Martín dirigiu-lhe uma expressão sarcástica.

– Podes sempre voltar para os Estados Unidos.

O *gringo* sobressaltou-se.

– Não me ofendas. – Parecia realmente incomodado. – Assinei um contrato ao alistar-me e cobro um salário... O que é um homem se não cumprir o que assina?

– Bom, pois. Mas não é a tua guerra.

– Visto assim, companheiro, também não é a tua.

Martín pensou naquilo um momento.

– Não sei o que dizer-te. De certo modo é.

O céu gotejava outra vez. Logan levantou o rosto para olhar com desagrado para as nuvens baixas e escuras. Subiu a gola do casaco.

– És um tipo esquisito.

– Diz o roto ao nu... Ou como dizem aqui, o *comal* disse à panela.

O outro estalou a língua.

– Ouve lá, estou a falar a sério. Para mim é claro: no México pagam-me bem, o álcool é barato e é fácil arranjar mulheres...

– Que mais pode pedir um irlandês?

Logan desatou a rir. Cavalgaram um bocado em silêncio, até por fim falarem de novo.

– Contigo é diferente. Quase não te conheço, mas de cada vez que nos cruzamos, penso: eis um tipo que anda de passagem. Como se estivesses aqui sem estar totalmente, a caminho sabe Deus de onde.

Martín respondeu sem afastar o olhar das margens do desfiladeiro. Ainda faltava um bocado para o deixar para trás. De noite, no caminho de ida, tinha sido um bom resguardo, mas agora tornava-se perigoso. Cada arbusto ou irregularidade do terreno podia esconder uma ameaça.

– Faço a revolução, como a fazes tu e os outros. É o que importa.

– Pois, mas olha no que se converteu o que começámos em Juárez com o falecido Madero... Agora cada um vai à sua vida, procurando poder e dinheiro, e do povo outro dia nos ocuparemos. A mim tanto me faz; mas tu, que acreditas nisso, estarás dececionado.

Martín olhou para os seus homens. Quase todos eram recrutas novos, à exceção de dois antigos *rurales* e um villista veterano. Cavalgarem ocultos pelo desfiladeiro fazia-os sentir-se a salvo. Sentiam-se animados, satisfeitos por regressar.

– Não disse que acreditava na revolução – disse, por fim. – Disse que a faço.

Começava a chover a sério. Incomodado, Logan sacudiu o chapéu e pô-lo outra vez.

– Voltaste a ver aquela *gringa* que escoltei em Juárez?

– Não – mentiu Martín.

– Eu também não. Depois li coisas dela num jornal. Pergunto-me se...

O primeiro estampido soou próximo; e quando o eco repetiu o som, a cabeça de Tom Logan tinha-se aberto como uma melancia atingida por uma bala expansiva. O irlandês caiu como se o arrancassem da sela sobre um desconcertado Martín, salpicando-o de sangue. Este puxou as rédeas para afastar o seu cavalo, e o corpo inerte deslizou pelo flanco até ao chão, ainda com um pé enganchado no estribo. Agora crepitavam mais disparos, uma multidão deles. Martín ficou com pele de galinha.

– Emboscada! – gritou aos seus homens. – Corram!

Combater desmontados teria sido uma loucura. Foi a única coisa que teve serenidade para pensar. O cavalo de Logan, espantado, tomava a dianteira arrastando o cavaleiro pelo chão, ou o que restava dele. Martín agachou a cabeça até quase se deitar no pescoço do *Láguena* e esporeou com tanta violência que o animal relinchou dorido antes de se lançar numa correria louca. O seu chapéu voou, e ficou para trás.

– Corram, corram!

Não havia outras ordens para dar. Um rosário de fogachos percorria o rebordo da ravina e moscardões de chumbo zuniam por todo o lado, repicando como granizo depois de rasgarem o ar húmido. Olhando para trás de si pela última vez, Martín viu que homens, cavalos e mulas caíam em desordem e só cinco ou seis iam atrás dele.

Não, não, não, martelava-lhe o seu cérebro, insistente. Assim não, meu Deus. Desta maneira não.

O chão cheio de lama tornava difícil a galopada. O cavalo avançava com a água a correr-lhe no pelo, e essa mesma chuva cegava os olhos do cavaleiro. A única opção de Martín, a do seu instinto, era sair do desfiladeiro para chegar a campo aberto, afastando-se dali. Mas a saída praticável mais próxima era uma encosta de uns vinte metros, enlameada e cheia de arbustos. Puxou as rédeas para a esquerda, tentando desviar-se, e conseguiu-o com muito esforço. Continuava a ouvir-se disparos e o zunir de balas. Um dos villistas, que se tinha adiantado, inclinou-se para trás na sela, deitado sobre a garupa, e caiu ao chão enquanto o cavalo, livre do cavaleiro, corria velozmente.

– Sobe, *Láguena*!... Sobe, maldito seja!

A encosta estava enlameada e as patas do animal escorregavam nela. Esporeava-o sem piedade até o fazer sangrar das ilhargas, fustigando-o com as rédeas. Outro cavaleiro que chegou aonde ele estava rolou encosta abaixo, coberto de lama, e o cavalo a escoicear. Por fim, Martín viu-se lá em cima, com a planície cinzenta de chuva pela frente. Cravou outra vez as esporas e a sua montada retomou um galope enlouquecido.

De repente, umas figuras imprecisas que tinham permanecido ocultas ergueram-se no véu brumoso da paisagem e delas brotaram fogachos de disparos. Então, como se as suas patas tivessem tropeçado num obstáculo invisível, *Láguena* fincou a cabeça e atirou o seu cavaleiro ao chão, por cima das orelhas.

Continuava a cair chuva, que repicava salpicaduras no chão enlameado. Arrastou-se para alcançar a carabina que estava na bainha da sela; mas tinha ficado debaixo do cavalo, imóvel com um tiro no peito e outro entre os olhos abertos, fixos em Martín como se lhe dirigissem uma desculpa. Este ergueu a cabeça, pois ninguém disparava agora. As figuras vislumbradas aproximavam-se cautelosas, regulamentarmente separadas umas das outras. Eram homens que sabiam combater, compreendeu, atordoado.

Com dedos sujos, precipitados, o coração a palpar-lhe com tanta violência que parecia sair-lhe pela boca, abriu o fecho do coldre da pistola e tirou a pesada Colt 45. Puxando para trás o percussor, pondo o cão para trás, aferrolhando a primeira das sete balas que o carregador levava. O ruído metálico soou com força no ar húmido, por cima do barulho da chuva. Os que se aproximavam pararam, ajoelhando-se, ou deitaram-se no chão. Eram pelo menos uns vinte.

– Levanta as patas ou liquidamos-te, cabrão!

Martín ponderou por um momento. Não tinha a menor oportunidade, concluiu. E, de repente – foi esse o seu primeiro pensamento coerente – disse para si mesmo que não desejava morrer daquela maneira: sujo, molhado e só. Desse modo não. Por isso, arrancou as duas barrinhas de latão do blusão, e depois de as esconder na lama atirou para longe a pistola e pôs-se de pé muito devagar, com os braços no ar e a chuva a fazer sulcos na lama que lhe sujava a cara.

O chão estava coberto de restos do combate: cápsulas vazias, envoltórios de granadas de artilharia, pentes de metralhadora vazios e material abandonado pelos villistas em fuga. Tinha deixado de chover e o dia agonizava entre nuvens que, ao abrirem-se vermelhas no horizonte, pareciam tingidas da cor do sangue que salpicava tudo. Os campos e canais de rega pareciam sarapintados de corpos de homens e cavalos, e junto do caminho real ardiam pilhas de cadáveres que exalavam um cheiro penetrante a petróleo e a carne queimada. O barulho do combate tinha-se afastado até se extinguir a poente, onde a cavalaria de Obregón perseguia os restos dispersos da Divisão do Norte. Dizia-se que um contingente isolado em Las Trojes tinha lutado até ao último homem, e que um comboio-hospital, capturado em Crespo, ardia com todo o pessoal de saúde e os feridos lá dentro.

– Vamos lá ver, filhos da mãe, os oficiais!... Os oficiais que se identifiquem!

Em Celaya, os únicos tiros que se ouviam eram os dos piquetes de execução. Carrancistas fardados ou vestidos de ganga e algodão com chapéus de palha, esfarrapados, indistinguíveis dos do lado contrário, iam e vinham levando gente para o paredão. Tinham fuzilado o general Bracamonte, o coronel Bauche e dúzias de chefes villistas capturados entre os que não

conseguiram retirar-se a tempo, e continuava a busca de comandos militares escondidos na tropa. Três centenas de prisioneiros agrupavam-se entre as cercas de madeira de um curral, sob a vigilância severa de homens que disparavam ao menor pretexto.

– Os oficiais!... Que saiam!

Sentado no chão, Martín mantinha a cabeça baixa. Rodeava os joelhos com os braços, tentando passar inadvertido. E não era o único; perto dele havia três ou quatro homens que conhecia de vista, incluindo um capitão da brigada Guerrero com quem algumas vezes se encontrara no passado. O capitão – feições camponesas, olhos como charcos de água suja – estava ferido no pescoço, que cobria com um *paliacate* sujo de coágulos de sangue; e tal como Martín, tinha tirado as insígnias antes da sua captura.

– Os oficiais! – continuavam os carrancistas a exigir.

Escarmentados pelo destino de quem respondia ao chamamento, ninguém abria a boca. Com graduação ou sem ela, mantinham-se calados e imóveis, cabisbaixos, confiando no anonimato do número. Às vezes, Martín olhava para o capitão prisioneiro e este olhava para ele. Também o tinha reconhecido.

– Saiam, maricas!... Com o Villa não havia machos?

Não era receio o que Martín sentia. Não exatamente. Já não era medo, ou não completamente. Era invadido por um cansaço extremo, para lá do físico. Doía-lhe o corpo todo e era milagroso não ter partido nada na queda do cavalo; mas não era isso que lhe abatia o ânimo. Estava coberto de lama seca, o cabelo, a cara, a roupa e as têmporas martelavam como se uma coisa monstruosa lhe obstruísse as veias. Mantinha a cabeça baixa, embora não por receio da morte, que sabia próxima. Não era, de todo, ânsia de sobrevivência. Tinha a certeza de que, mais tarde ou mais cedo, acabariam por identificá-lo, talvez denunciado por algum dos prisioneiros. O que o mantinha calado e quieto era uma preguiça intensa. Uma fadiga indiferente: até mesmo pôr-se de pé e percorrer a distância que o separava do paredão de fuzilamento lhe parecia um excesso. Estava cansado até para se sustentar diante de um piquete de execução. Teria querido simplesmente deitar-se de costas, dormir e morrer com o mínimo esforço possível.

Um major carrancista, fardado de caqui e com bigode curvado até às maçãs do rosto, passeava com os polegares no cinto com uma pistola Mauser. Sob a pala do quépi, onde trazia uns óculos de automobilista, os seus olhos escuros e turvos olhavam para os prisioneiros um a um, perscrutando-lhes a alma. De vez em quando apontava para um e os seus homens faziam-no levantar para o juntar aos que, em fila do outro lado da cerca, esperavam resignados o seu destino.

– Vamos lá ver! Esses oficiais! – gritava o major. – Deixam que fuzilemos uns peões imundos?... Se são homens, ponham-se em pé e digam, caralho!

Tinha parado diante de um indivíduo corpulento, vestido com

casquinha *charro* e polainas sujas de lama.

– O que és tu, desgraçado?... Tenente? Capitão?

O outro olhava para ele do chão, impassível. No fim, com um suspiro profundo, dorido, pôs-se lentamente de pé.

– Tenente de cavalaria Aurelio Elizondo – disse com voz firme.

O major indicou a fila dos sentenciados.

– Embora, *pali*, galo. *Pa* que o fuzilem.

– Parece-me bem – respondeu com calma o villista. – Assim os *carranclanes* saberão quem é o seu grande chefe.

E depois de cuspir um escarro que não acertou nas botas do outro por centímetros, afastou-se a coxear para se juntar ao grupo fatal.

O major dirigiu-se aos outros prisioneiros. Assentia, aprovador.

– Sigam o exemplo, meninas!... É assim que os homens sabem morrer!

Martín e o capitão ferido no pescoço observaram-se de novo. Este tinha mantido o olhar baixo, fugidio; mas quando o ergueu, nos olhos avermelhados palpitava algo diferente; uma mistura de cansaço e desafio.

Esse infeliz, pensou o jovem, está tão farto de tudo como eu.

Era verdade, ou parecia ser. Quase não se surpreendeu ao ver que o villista se punha em pé e, sem dizer uma palavra, passava entre os prisioneiros para se juntar ao tenente e aos outros.

Martín olhou em volta. As caras barbudas e sujas dos três ou quatro homens que o conheciam estavam viradas para ele. Observavam-no com rude expectativa, como que a censurá-lo por continuar ali sentado. Compreendeu, então, envergonhado, que não tinha escolha. O seu coração deteve-se num prolongado vazio e voltou a palpar. Há preços a pagar, disse para si, resignado. Estas também são as regras.

Respirou fundo três vezes, com o rosto levantado para o céu roxo que declinava pelo oeste. O último crepúsculo da sua vida.

Não me arrependo de nada, concluiu.

Pôs-se em pé e caminhou para a fila de homens que iam morrer.

*

A cada cinco minutos, com precisão militar, soava uma descarga. Conduziam-nos ao paredão três a três e, uma vez fuzilados, arrastavam os corpos até a uma valeta onde os borrifavam com petróleo. Os que aguardavam passada uma esquina da parede do cemitério a verem passar os cadáveres eram ainda uma dúzia: alguns choravam, outros rezavam e a maioria mantinha-se razoavelmente calada e serena. Tinham levado o capitão ferido e o tenente de cavalaria na vez anterior, e Martín encabeçava o resto da fila.

– Mexam-se.

Uma Mauser pressionou-o nas costas, fazendo-o avançar. Caminhou com um ombro encostado ao longo da cerca, dobrando a esquina que o tinha separado da parede onde se fuzilava, enquanto o último rasto de sol se extinguia no horizonte tal como uma brasa que arrefecesse depressa. O astro

invisível manteve por momentos a claridade do céu e de repente tudo se tornou sombrio.

– Alumiem com alguma coisa – ordenou uma voz.

Martín esperou, de costas contra a parede. Tinha um villista à sua direita e outro à esquerda. Era tal a resignação com que os mexicanos assumiam aquele tipo de final que nem sequer lhes atavam as mãos. Não era necessário.

A noite tinha chegado com mais pressa do que a morte. A parede do cemitério e as cruzes das campas próximas já não eram mais do que traços e ângulos escuros. De súbito, foram interrompidos por uma luz oscilante. Ouviu-se o petardar de um automóvel e dois faróis gémeos pararam atrás do piquete de execução, recortando silhuetas e alongando sombras.

Ofuscado pela luz, Martín queria conservar a mente serena para não cair na tentação de se apiedar de si mesmo. Ia ser o seu último gesto e desejava mantê-lo com decoro, imitando a indiferença dos muitos que tinha visto cair. O seu horror era tranquilo. Afinal de contas, pensou, os seres humanos andavam a morrer há centenas de milhares de anos, desde que o mundo existia, e isso não alterava o resultado final. O universo continuava a girar impassível, como uma coisa normal. Nesse instante, em todos os lugares do planeta nasciam novas vidas que haveriam de morrer mais cedo ou mais tarde.

– Preparar! – gritou a voz de antes.

Procurando manter-se erguido, Martín sacudiu a sujidade da roupa. E a seguir, recordando o gesto que vira anos antes num oficial federal nas mesmas circunstâncias, levantou a mão para abotoar o colarinho da camisa, enquanto observava a noite, sereno.

Não me arrependo de nada, pensou de novo.

– Apontar!

Pareceu-lhe que a ordem final demorava uma eternidade a chegar. Passado um momento, afastou o olhar do céu completamente negro para observar as silhuetas do piquete na contraluz dos faróis do automóvel, tão longas as suas sombras no chão que a ponta das espingardas chegava aos pés.

Pestanejou, desconcertado.

Não sei de que estão à espera, pensou, esses filhos da puta.

Duas novas silhuetas interpuseram-se diante das outras, indo até ele. Cheirou o suor das suas roupas e o óleo metálico das suas armas. Uma apoiou-lhe o cano de uma carabina num dos lados e outra agarrou-o por um braço. Depois, com rudeza, afastaram-no da parede.

– Fogo!

A descarga ensurdeceu-o. Ao olhar para trás, espantado, viu que os dois villistas caíam entre o repicar de balas que levantavam nuvenzinhas de pó na sua roupa e na parede. Caíram desarticulados, um de costas e o outro de frente, e um oficial destacou-se do piquete, de pistola na mão, para lhes disparar o tiro de misericórdia.

O fulano que apontava para Martín deu-lhe um empurrão.

– Anda, cabrão – disse ele.

Não conseguia ver-lhe o rosto nem o do seu companheiro. Deixou-se levar, obediente, sem compreender o que estava a acontecer. O que iam fazer com ele. Caminharam um trecho curto até pararem junto da lápide de uma campa. O mármore branco e a cruz caiada destacavam-se na escuridão.

– Sente-se um bocadinho.

Obedeceu novamente. Tinha a certeza de que o iam matar, mas não compreendia por que lhe reservavam um final diferente. De repente, o cansaço que a força de vontade tinha mantido nos limites apoderou-se dele. Deixou cair a cabeça para a apoiar nas mãos, repentinamente exausto. Mantinha-se assim quando ouviu os passos de uma sombra parar diante dele, com o rascar de um fósforo. E ao levantar o olhar, antes que se apagasse a breve chama com que o recém-chegado acendia um charuto, viu no colarinho do seu blusão três estrelas de coronel.

– O mundo é tão pequeno, senhor Garret – disse Jacinto Córdova.

.

Estavam sentados juntos um do outro, em cima da lápide. Duas sombras quase imóveis, negras como a noite. Há um bocado que no panteão tinham acabado as descargas.

– Conheci-o à luz dos faróis. Trouxeram o meu automóvel para iluminar a execução... Quando o vi ali, nem queria acreditar.

A brasa do charuto resplandecia de vez em quando, quando Córdova o levava à boca. Martín sentiu muito próximo o cheiro do tabaco cubano.

– Foi um desastre para vocês – prosseguiu o militar. – Vinte ou trinta cargas de cavalaria sem romperem as nossas linhas: ataques suicidas, muito próprios desse animal fanfarrão que é Pancho Villa. Carne e mais carne para o matadouro e nem uma única manobra. Causámos-lhes milhares de baixas, por isso você tem a sorte de continuar vivo... Onde é que o apanharam?

– Não sei – respondeu Martín, evasivo. – Por aí.

No céu não espreitavam a Lua nem as estrelas. A única claridade, distante, provinha da valeta onde ardiam os corpos dos fuzilados. Os dois soldados que tinham trazido Martín da parede mantinham-se perto: às vezes vislumbrava as suas sombras entre as ténues manchas claras de cruzeiros, nichos e lápides.

– Que diabo faz metido nisto? – perguntou Córdova.

– Já estava metido antes.

– Sim, claro... Disseram-me isso. Torreón e Zacatecas, não é verdade?... E depois, a cidade do México: um dia de glória, imagino. Eu estive no Sul, a combater os zapatistas. Depois calhou-me ir contra os *gringos* em Veracruz.

Calou-se, fumando o charuto. A brasa iluminou-lhe os dedos e o bigode.

– Vou casar com a Yunuen.

Disse-o em tom neutro, sem nenhuma emoção. Soava a simples notícia sucinta, objetiva. E, passado um momento, falou novamente.

– Soube o que fez pelo pai dela.
– Na realidade, não fiz nada.
– Mais do que muitos se atreveriam na altura. Talvez lhe tenha salvado a vida.

Avivou-se outra vez o ponto vermelho entre os seus dedos.

– Você desconcerta-me, Garret... Continua no México, apesar de tudo o que aconteceu.

A escuridão velou o sorriso cansado de Martín.

– Não tinha melhor lugar para onde ir – respondeu.

Em silêncio, Córdova parecia refletir sobre o que acabava de ouvir. Fez um movimento e, às apalpadelas, ofereceu a Martín uma estreita garrafa de bolso metálica.

– Acredita a sério neste disparate, em Pancho Villa e nos seus? Ou no que vai ficar dele a partir de agora?

Martín desenroscou a tampa e bebeu um golo. Era conhaque e era forte. O líquido ardente queimou-lhe o estômago, mas sentiu-se tonificado.

– Diga-me o que será isso.

– Pois acabará refugiado nos Estados Unidos, como outros. Ou a negociar. Talvez lhe deem um rancho, dinheiro... A revolução já não sabe o que fazer com ele. Irá manter-se à margem ou acabarão por matá-lo.

Martín devolveu-lhe a garrafa de bolso.

– E acredita que Venustiano Carranza é melhor do que Villa, ou do que Zapata?

– Não se engane. Carranza é o futuro. Uma revolução, sim, mas institucional. De cima e dentro de uma ordem. Não um sobressalto contínuo de saqueadores e bandoleiros.

A brasa do charuto tinha-se avivado duas vezes antes de Córdova falar de novo.

– Você nada tem a fazer aqui. Na realidade, suspeito que nunca foi um verdadeiro revolucionário.

– Nem eu mesmo sei o que sou.

– Parece sincero... Por isso me desconcerta, como disse antes.

– O que vão fazer comigo?

Martín julgou ouvir Córdova suspirar, mas não tinha a certeza disso.

– Naquela noite, na rua Cuauhtemotzin... Lembra-se?... Um assunto de cavalheiros.

Depois de dizer isso, o militar ficou calado outro bom bocado, avivando, a intervalos, a brasa do charuto.

– O que faria se vivesse? – inquiriu, de repente.

A pergunta encontrou Martín desprevenido.

– Não sei. – Quis pensar naquilo por instantes. – Não entrava nos meus planos viver para lá desta noite.

Córdova voltava a chupar o seu charuto.

– A um quilómetro daqui está o rio Laja.

Dito isto manteve-se em silêncio, dando tempo a Martín para penetrar nas suas palavras. A brasa do charuto moveu-se indicando as duas sombras próximas.

– Esses homens que o custodiam são da minha confiança – acrescentou, por fim.

Martín conteve a respiração, incapaz de acreditar no que parecia ouvir.

– Não sei se...

– Sabe nadar? – interrompeu o mexicano.

Martín estava paralisado de estupefação. Sentia mais perplexidade do que alívio.

– Mantenho-me a boiar.

A voz do militar era baixa, muito tranquila.

– Se eu fosse a si e atravessasse o rio, aproveitando a noite, não tentaria procurar o que resta do pessoal de Villa... Continuaría para sudeste. Até à capital do México, ou até ao porto de Veracruz. – A brasa do charuto virou-se para ele. – O que é que acha?

– Não sei. – Martín ouvia, ainda aturdido. – Posso tentar.

– Suponho que seria ridículo pedir-lhe a sua palavra de honra.

Ficaram calados por momentos. Em seguida, o jovem encolheu os ombros.

– Seria.

Ouviu o riso suave do militar, ou talvez fosse só a sua respiração enquanto exalava o fumo.

– Não terá nada de valor, imagino. Ter-lhe-ão tirado tudo o que trazia.

Martín tocou no colete. Espantosamente, o maximiliano de ouro continuava ali. Tinham-no revistado à pressa quando o fizeram prisioneiro, roubando-lhe tudo, mas sem descobrirem a moeda cosida numa bainha.

– Ainda me resta alguma coisa.

– Caramba... Você é mesmo um afortunado.

Córdova atirou para longe a beata do charuto, que descreveu um último arco avermelhado. Depois pôs-se de pé e desapareceu na escuridão.

.

Quando Martín chegou ao cimo da colina, ficou ofuscado por um raio de sol nascente, horizontal e vermelho. Parou ali, com os olhos semicerrados cegos pela luz, sentindo com alívio o primeiro calor do dia na roupa ainda húmida. Depois inclinou-se até ficar agachado, enquanto recuperava o fôlego.

Olhou em volta, orientando-se. As primeiras cigarras cantavam. O céu virava do violeta pálido para o azul, com algumas nuvens dispersas, imóveis, suspensas sobre umas colinas cinzentas e longínquas. Um vale ficava entre elas, e a linha do caminho de ferro, distante linha reta que refletia o sol, parecia dirigir-se para ali.

Bebeu água de uma poça de chuva na concha de uma rocha. Estava há vinte e quatro horas sem comer nada, por isso acalmou o estômago vazio com

dois figos-da-índia que viu num nopal; depois de lhes arrancar os espinhos, rebentou-os com uma pedra e comeu a polpa carnosa e ácida. Então, ficou um bocado deitado no chão, recuperando forças. Ao levantar-se, os seus olhos treinados durante anos de guerra voltaram a examinar a paisagem. A via-férrea era uma boa referência, mas quando descesse à planície perdê-la-ia de vista. Podia ser perigoso manter-se perto, pois ainda se encontrava próximo de Celaya. O mais prático seria caminhar com o sol um pouco à esquerda, enquanto este continuasse baixo, procurando dirigir-se para as colinas.

Deixou para trás o cerro e andou por um caminho sinuoso entre rochas, arbustos e árvores dispersas. Começava a fazer calor e o blusão estorvava-lhe, por isso cingiu-o à cintura com as mangas, e cobriu a cabeça atando um lenço. Não encontrou mais charcos e a sede atormentava-o. Mais adiante, com o sol já alto, atravessou um *mesquital* ²⁵ verde-negro, denso. Do outro lado havia um telheiro sobre uma pequena elevação: uma casa de adobe com teto de palha. Ouvia-se ladrar um cão, por isso decidiu evitá-lo. Saiu do caminho para dar uma volta. Ao fazê-lo ouviu um chocalho, e antes de poder evitá-lo deparou-se-lhe um rebanho de cabras.

Um homem olhava para ele: um camponês de meia-idade. Estava vestido de branco, com roupa grosseira e *huaraches*. Apoiava-se numa vara comprida e cobria a cabeça com um chapéu de *suyate* cujas abas largas, disformes, faziam sombra a um rosto bronzeado com rugas como cicatrizes e pelos brancos no queixo.

Martín compreendeu que ir-se embora sem mais nada era pouco prático. Até arriscado. Dali a pouco podia ter uma patrulha de soldados ou *rurales* no seu encalço.

Sorriu, procurando conservar a calma.

– Bom dia.

O outro retribuiu-lhe a saudação com uma mistura de curiosidade e receio. Tinha uma botelha de água pendurada a tiracolo e Martín apontou para ela, esperançado.

– Por favor, podia dar-me de beber?

O cabreiro entregou-lhe a botelha e Martín tirou a tampa, bebendo com ânsia. Quando a devolveu, o mexicano continuava a observá-lo com atenção: as botas de montar, as calças amarrotadas e sujas, a camisa caqui descolorida com grandes bolsos militares sob o colete com metade dos botões arrancados.

– Pa onde vai, amigo? – perguntou.

Martín indicou uma direção imprecisa, para sudeste.

– Para além – disse.

O outro assentiu como se ele lhe tivesse dado uma referência concreta. Apoiando ambas as mãos na vara, voltava o rosto na direção de Celaya.

– Houve pancadaria por esses lados, não?

Martín hesitou um momento.

– Sim – respondeu, por fim.

– Pareceu forte... Foi uma luta grande?

– Muito.

O cabreiro não perguntou quem tinha ganhado ou perdido. Limitou-se a assentir novamente, com indiferença. Quase por cortesia. Depois apontou para o seu rebanho.

– Pois a mim pariu-me uma cabrinha – disse ele.

25. Terreno de mesquite (algaroba). (*N. dos T.*)

16. Epílogo

Era a hora do chá no hotel Palace. A luz da tarde iluminava em tons azuis, verdes e dourados a cúpula de vidro do salão circular central, filtrando uma agradável claridade multicolor entre quem ocupava as mesas: homens elegantes, mulheres como que desenhadas por Penagos, chapéus e túnicas de crepe, colarinhos Arrow, gravatas, fumo de cigarros turcos e americanos, perfume de Coty, vestidos de Worth, de Paquin, de Chanel. Empregados com jaqueta negra impecável moviam-se ágeis entre as mesas, de bandejas no ar. As tardes do Palace competiam com as do Ritz, do outro lado da praça Neptuno, de Madrid.

Martín Garret deixou a sua taça vazia em cima da mesa e esfregou com os dedos a têmpora direita. Desde a queda do cavalo em Celaya, há oito anos, que tinha enxaquecas frequentes. Ao notar isso, a mulher que estava a seu lado pôs a mão sobre a dele. Era uma jovem magra, elegante. Vestia em ligeiros tons creme, muito na moda, com um chapéu *cloche* que lhe afilava o rosto ressaltando a claridade dos seus olhos cor de erva. Na mão exibia um anel de noivado.

– Estás bem, querido?

– Oh, sim... Claro – disse ele.

Martín dirigiu-lhe um sorriso distraído e olhou em redor. Nos cadeirões de vime conversavam homens elegantes, meninas bem e senhoras de bom aspeto: umas em toda a sua frescura, outras em plena beleza ou sustendo a maturidade com os andaimes habituais. Elas conversavam ou namoriscavam, abanicando-se. Os homens discutiam sobre Joselito e Belmonte ou ponderavam as vantagens mecânicas do Packard Single Six perante o Hispano-Suiza de seis cilindros. Do outro lado das colunas e dos grandes vasos com fetos, a orquestra atacou um *jazz* e vários casais novos entraram na pista para dançar enquanto as mães, matronas, aborrecidas, falavam dos chás do Ritz, do Armenonville, do Negresco, dos jantares do *Ciro's* e dos grandes duques russos fardados de porteiros em Paris. Rumor de conversas sobre o fundo da música, entre risos e golos de *long-drinks*.

– Desculpa-me deixar-te sozinha por uns momentos. Vou refrescar-me

um pouco.

Depois de ajustar o nó da gravata, Martín pôs-se de pé, abotoando o casaco do fato cinzento escuro bem cortado. Caminhou sem pressa em direção ao *hall* de entrada, até aos lavabos. Pediu ao encarregado uma toalha, e depois de a molhar numa torneira humedeceu as têmporas. Enxugou o rosto com outra toalha seca, voltou a retocar a gravata e passou as mãos pelo cabelo que, penteado para trás com brilhantina, lhe desanuviava a testa. Observou o seu rosto no espelho: havia leves rugas nas comissuras das pálpebras, e a pequena cicatriz da maçã do rosto direita – estava tão habituado que quase não reparava nela – continuava ali, apesar do tempo decorrido. Os anos e a vida deixavam marcas, pensou dirigindo a si mesmo uma expressão crítica. Tinha feito trinta e seis anos há quatro meses.

Deu uma gorjeta ao encarregado e regressou ao salão circular. Ao fundo, animada pela juventude de quem dançava, a orquestra tocava um atrevido *hawaïen* com muito contrabaixo e saxofone. Martín percorria o corredor central quando, ao olhar casualmente para a esquerda, reparou num grupo que conversava na entrada do bar americano. Eram três homens e uma mulher que o descobriu ao mesmo tempo que, tão surpreendido como ela, ele a observava. Parou indeciso, mas um sorriso animou-o a aproximar-se.

– Meu Deus – ouviu dizer, quando ficou perto.

Continuava a ser magra, mais para o alto. O rosto tinha-se suavizado um pouco com os anos, mas ainda era anguloso e duro, agora com rugas minúsculas em torno dos olhos grandes cor de canela e da boca sem batom. Trazia um vestido *bleu nattier* algo mais comprido do que a moda, o cabelo apanhado num turbante de seda e um colar de pequenas contas de coral.

– Senhora Palmer – disse Martín, apertando a mão que ela lhe oferecia.

– Diana, por favor.

– Oh, claro... Desculpe. Diana.

Ficaram em frente um do outro, observando-se irresolutos. Passado um momento ela reagiu, virada para os cavalheiros, e fez as apresentações. Martín tinha ouvido falar de um dos nomes: diretor de uma revista ilustrada espanhola de grande tiragem, muito popular.

– O senhor Garret é um velho amigo. – Ela pareceu vacilar. – Quando o conheci, era engenheiro de minas.

– Continuo a ser – disse ele.

A norte-americana afastou-se dos seus acompanhantes, que entraram no bar. Martín e ela mantiveram-se de pé, a sorrir.

– Está alojada no hotel? – perguntou Martín.

– Cheguei ontem.

– Em trabalho?

– Saio amanhã para Santander, onde entrevistarei o rei D. Alfonso... Agora escrevo para a *Life*. – Apontou para o bar. – O diretor da *Blanco y Negro* é tão amável que me proporciona um automóvel, um mecânico e um fotógrafo.

Observava-o com um sorriso pensativo, talvez de aprovação. No fim mexeu os ombros, como se se desembaraçasse de uma recordação.

– E você?

– Trabalho numa companhia mineira hispano-belga.

– Está a correr bem?

– Sim, claro. Não me posso queixar.

– Tem bom aspeto. Está mais...

– Velho?

– Oh, nada disso, que palermice. Mais feito. O tempo melhorou-o, queria eu dizer. Até o acho mais bonito.

– Também eu a si.

– Não seja adulator. – Tocava no próprio rosto com um gesto vagamente coquete. – O tempo é implacável.

Continuavam a observar-se, ainda perplexos. Quando ela sorria, multiplicavam-se as pequenas rugas das pálpebras e da boca. No fim, fez um gesto sugerindo uma mesa livre, mas Martín desculpou-se com ar desolado, virado para o lugar onde o esperavam. Diana seguiu a direção do seu olhar.

– A sua esposa?

– Ainda não.

– É muito linda.

– Sim, eu também acho.

– Não seja tonto... Realmente é.

Voltaram a olhar-se, sem saber que outra coisa dizer. Diana suspirou, preparada para a despedida.

– Não o entretenho mais... Foi um prazer inesperado, voltar a vê-lo depois de tanto tempo.

– Também para mim.

Ela ia estender-lhe a mão, mas parou. Pareceu lembrar-se de algo.

– Já sabe do Pancho Villa?

Martín pestanejou, surpreso.

– A que é que se refere?

– Então não soube.

– O quê?

Ela demorou a responder.

– Mataram-no há dois dias, em Parral.

– O quê?

– Está confirmado. Soube-se ontem, por telegrama.

Martín sentiu como se lhe arrefecessem as veias. Há anos que não sentia o antigo vazio no coração. A sua voz soou rouca.

– Quem é que fez isso?

– Ainda não se sabe. Foi uma emboscada, segundo parece. Crivaram-no de tiros, a ele e à sua escolta.

Depois de dizer isto, manteve-se calada, deixando-o digerir a notícia.

– Há quatro anos, assassinaram o Zapata – acrescentou, passado um

momento. – E agora foi a vez do Villa... Dizem que no governo temiam que ele voltasse a pegar em armas.

Martín continuava sem dizer nada e ela olhou em volta. Sorria com amargura.

– Fico contente de o ver aqui, e não no México... Aquele país é maldito, e boa parte da culpa temo-la nós, os norte-americanos.

– O Logan também morreu – disse Martín de repente.

Ela olhou para ele, com estranheza.

– Quem?

– Tom Logan, o *gringo* ruivo que a escoltava em Juárez.

Ela tentou recordar, sem aparente resultado.

– Lamento, não me lembro... Passou demasiado tempo.

– E demasiadas guerras?

– Também. Estes anos todos foram de conflitos e revoluções: Alemanha, Itália, Rússia, Marrocos... Quase não saí da Europa.

Dirigiu um longo olhar para a mesa de Martín, observando a mulher que o esperava. Continuava sentada e parecia impacientar-se.

– Contaram-me que depois de nos separarmos em Veracruz, você ficou por lá.

– É verdade – concordou ele.

– Com o Villa, disseram.

– Sim.

– E o México valeu a pena, para si?

– Claro que valeu a pena.

Diana sorriu para ele com ar absorto, quase misteriosa.

– Tem graça. Parece inofensivo, mas basta olhar para os seus olhos para saber que não. Agora tem a sua biografia neles... Nunca lho disseram?

– Felizmente, as pessoas olham cada vez menos nos olhos.

– É verdade – admitiu ela. – Voltaria lá outra vez?

– Se fosse o mesmo que era na altura, provavelmente.

A norte-americana estendeu-lhe a mão, despedindo-se.

– Estou contente por tê-lo visto de novo, senhor Garret.

– Também eu, senhora Palmer.

Martín foi juntar-se à mulher que o amava. E enquanto se aproximava da beleza serena que prometia sossego e felicidade, embora não esquecimento, sentiu que o salão se esvaziava de música e de vozes, e crepitavam disparos distantes, galopar de cavalos, gritos daqueles que matavam e morriam com a simplicidade de quem intui as leis naturais do destino. E nas mesas por entre as quais ele andava, ou talvez para além delas e do mundo irreal que resumiam, viu sorrir Pancho Villa, Genovevo Garza, Maclovía Ángeles, Yunuen Laredo, Jacinto Córdova, Tom Logan e também o jovem Martín Garret que em Celaya se tinha posto de pé para se dirigir em silêncio para o paredão. Viu, por fim, agradecido, os rostos daqueles que tinham feito dele o que era, e também o que seria durante o resto da sua vida.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. 1. O Banco de Chihuahua
4. 2. As pontes de Ciudad Juárez
5. 3. O ouro do coronel Villa
6. 4. O barranco do Fraile
7. 5. A Casa dos Azulejos
8. 6. Encontro no Zócalo
9. 7. Notícias da revolução
10. 8. Um assunto de cavalheiros
11. 9. Dez dias de fevereiro
12. 10. A estrada de Veracruz
13. 11. Para lá do rio Bravo
14. 12. As colinas de Zacatecas
15. 13. Um pequeno-almoço no Sanborns
16. 14. As planícies de Celaya
17. 15. A última missão
18. 16. Epílogo

Landmarks

1. Cover
2. Title-Page
3. Table of Contents